Letras

Coleção Material Didático
SÉRIE EaD

Sintaxe da Língua Portuguesa

Edvaldo Balduino Bispo
José Romerito Silva



SEDIS UFRN

Edvaldo Balduino Bispo
José Romerito Silva

Letras

Sintaxe da Língua Portuguesa



SEDISUFRN

Natal – RN, 2023

Coleção
Material Didático
SÉRIE EaD

Catalogação da Publicação na Fonte.

Bispo, Edvaldo Balduíno.
Sintaxe da Língua Portuguesa [recurso eletrônico] / Edvaldo Balduíno Bispo e José Romerito Silva. – Natal: SEDIS-UFRN, 2023.
1 PDF (63.342kb)

ISBN 978-65-5569-402-4

1. Língua Portuguesa. 2. Sintaxe. I. Silva, José Romerito. II. Título.

CDU 811.134.3
B622s

Elaborada por Verônica Pinheiro da Silva CRB-15/692.

Todas as imagens utilizadas nesta publicação tiveram suas informações cromáticas originais alteradas a fim de adaptarem-se aos parâmetros do projeto gráfico. © Copyright 2005. Todos os direitos reservados a Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – EDUFRN.
Nenhuma parte deste material pode ser utilizada ou reproduzida sem a autorização expressa do Ministério da Educação – MEC.

Governo Federal

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Vice-Presidente da República
Geraldo Alckmin

Ministro da Educação
Camilo Santana

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Reitor
José Daniel Diniz Melo

Vice-Reitor
Henio Ferreira de Miranda

Diretoria Administrativa da EDUFRN
Maria das Graças Soares Rodrigues (Diretora)
Helton Rubiano de Macedo (Diretor Adjunto)

Conselho Editorial
Maria das Graças Soares Rodrigues (Presidente)
Judithe da Costa Leite Albuquerque (Secretária)
Adriana Rosa Carvalho
Alexandro Teixeira Gomes
Anne Christine Damásio
Cândida Maria Bezerra Dantas
Cassiano de Almeida Barros
Cícero Flávio Soares Aragão
Cláudio Marcos Teixeira de Queiroz
Eliane Santos Cavalcante
Euzébia Maria de Pontes Targino Muniz
Francisco Wildson Confessor
Ismenia Blavatsky de Magalhães
Jacqueline de Araújo Cunha
John Fontenele Araújo
Leonardo Mendes Alvares
Lígia Rejane Siqueira Garcia
Marcelo Gomes Pereira
Márcio Dias Pereira
Olívia Morais de Medeiros Neta
Rogério de Araújo Lima
Samuel Anderson de Oliveira Lima
Tarciro Nortarson Chaves Mendes
Tatyana Mabel Nobre Barbosa
Winifred Knox

Secretaria de Educação a Distância – SEDIS

Secretária de Educação a Distância
Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo

Secretária Adjunta de Educação a Distância
Ione Rodrigues Diniz Morais

Coordenadora de Produção de Materiais Didáticos
Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo

Coordenador Editorial
Mauricio Oliveira Jr.

Gestão do Fluxo de Revisão
Edineide Marques

Gestão do Fluxo de Editoração
Mauricio Oliveira Jr.

Conselho Técnico-Científico – SEDIS
Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo – SEDIS (Presidente)
Aline de Pinho Dias – SEDIS
André Morais Gurgel – CCSA
Antônio de Pádua dos Santos – CS
Célia Maria de Araújo – SEDIS
Eugênia Maria Dantas – CCHLA
Ione Rodrigues Diniz Morais – SEDIS
Isabel Dillmann Nunes – IMD
Ivan Max Freire de Lacerda – EAJ
Jefferson Fernandes Alves – SEDIS
José Querginaldo Bezerra – CCET
Lilian Giotto Zaros – CB
Marcos Aurélio Felipe – SEDIS
Maria Cristina Leandro de Paiva – CE
Maria da Penha Casado Alves – SEDIS
Nedja Suely Fernandes – CCET
Ricardo Alexsandro de Medeiros Valentim – SEDIS
Sulemi Fabiano Campos – CCHLA
Wicliffe de Andrade Costa – CCHLA

Revisão Linguístico-textual
Fabíola Barreto Gonçalves
José Claudio Gomes Dantas
Hudson Alves dos Santos

Revisão de ABNT
Edineide da Silva Marques
Lílian Nayara Pereira da Silva

Projeto Gráfico
Ivana Lima

Diagramação
Ian Medeiros

Sumário

Apresentação institucional 5

Apresentação da disciplina 6

Aula 1 Introdução à sintaxe: conceitos básicos 9

Aula 2 Estrutura sintagmática da sentença 33

Aula 3 Funções sintáticas no nível da oração: termos relacionados ao verbo – parte I 57

Aula 4 Funções sintáticas no nível da oração: termos relacionados ao verbo – Parte II 89

Aula 5 Funções sintáticas no nível da oração: termos relacionados ao nome 119

Aula 6 O período: tipologia e relações semântico-sintáticas conforme a NGB 145

Aula 7 O período em perspectiva funcionalista: tipologia e relações semântico-sintáticas 183

Aula 8 Orações paratáticas e orações hipotáticas 213

Aula 9 Orações subordinadas e orações correlatas 251

Aula 10 Sintaxe de concordância 291

Aula 11 Sintaxe de regência 331

Aula 12 Ensino de Sintaxe na Educação Básica 367

Perfil dos autores 397

Apresentação institucional

A Secretaria de Educação a Distância – SEDIS da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, desde 2005, vem atuando como fomentadora, no âmbito local, das Políticas Nacionais de Educação a Distância em parceira com a Secretaria de Educação a Distância – SEED, o Ministério da Educação – MEC e a Universidade Aberta do Brasil – UAB/CAPES. Nessa direção, duas linhas de atuação têm caracterizado o esforço em EaD desta instituição: a primeira está voltada para a Formação Continuada de Professores do Ensino Básico, sendo implementados cursos de licenciatura e pós-graduação lato e stricto sensu; a segunda volta-se para a Formação de Gestores Públicos, por meio da oferta de bacharelados e especializações em Administração Pública e Administração Pública Municipal.

Para dar suporte à oferta dos cursos de EaD, a SEDIS tem disponibilizado alguns meios didáticos e pedagógicos, entre os quais se destacam os materiais impressos, que são elaborados por disciplinas, utilizando linguagem e projeto gráfico específicos para atender as necessidades de um aluno que aprende a distância. Quanto ao conteúdo desses materiais, é elaborado por profissionais qualificados e que têm experiência relevante na área, contando ainda com o apoio de uma equipe multidisciplinar. Além do material impresso, que é a referência primária para o aluno, são indicadas outras mídias, como videoaulas, livros, textos, filmes, videoconferências, materiais digitais e interativos e webconferências, que possibilitam ampliar os conteúdos e a interação entre os sujeitos do processo de aprendizagem.

Com isso, a UFRN, por meio da SEDIS, integra-se ao grupo de instituições que assumiram o desafio de contribuir com a formação desse "capital" humano, tendo incorporado a EaD como modalidade capaz de superar as barreiras espaciais e políticas que tornaram cada vez mais seleto o acesso à graduação e à pós-graduação no Brasil. No Rio Grande do Norte, a UFRN está presente em polos presenciais de apoio localizados nas mais diferentes regiões, interiorizando e tornando o Ensino Superior uma realidade que contribui não só para diminuir as diferenças regionais como também para transformar o conhecimento em uma possibilidade concreta para o desenvolvimento local.

Nesse sentido, este material que você recebe é resultado de um investimento intelectual e econômico assumido por diversas instituições que se comprometeram com a Educação e com a reversão da seletividade do espaço quanto ao acesso e ao consumo do saber, bem como REFLETE O COMPROMISSO DA SEDIS/UFRN COM A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, como modalidade estratégica para a melhoria dos indicadores educacionais no RN e no Brasil.

Secretaria de Educação a Distância
SEDIS/UFRN

Apresentação da disciplina

Prezado(a) aluno(a),

Bem-vindo(a) à disciplina *Sintaxe da Língua Portuguesa*. Nela, estudaremos noções básicas gerais referentes à sintaxe do português, seu campo de investigação e seus limites em relação às demais áreas dos estudos linguísticos. Nessa direção, contemplaremos o exame dos componentes internos da sentença, observando seus constituintes imediatos (os sintagmas) e as relações entre eles. É também de interesse da sintaxe a análise dos processos que governam a articulação de sentenças na formação de períodos.

Para esse empreendimento, ocupamo-nos, inicialmente, de alguns conceitos-chave. Veremos, nas duas primeiras aulas, o conceito de sintaxe, o conceito de sintagma e sua constituição interna, os tipos de sintagmas, as relações de dependência e hierarquia entre os constituintes oracionais, além das evidências da estrutura de constituintes. Também serão objeto de estudo as noções de frase, sentença, oração e período e a tipologia frasal.

As aulas de 3 a 5 serão dedicadas às funções sintáticas no nível da oração. Para tanto, estudaremos a estrutura argumental da oração. Focalizaremos, primeiramente, os termos relacionados ao verbo. Em seguida, serão tratados os termos relacionados ao nome. Discutiremos as formas de codificação desses elementos e as relacionaremos a fatores semânticos e pragmáticos.

O estudo do período composto conforme a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) será objeto da sexta aula. Examinaremos a tipologia do período e a (sub) classificação das orações que o integram com base em gramáticos alinhados à NGB. Abordaremos, ainda, como são consideradas as relações hierárquicas, os modos de articulação entre as orações do período composto bem como as formas de estruturação oracional desse tipo de período.

Nas aulas de 7 a 9, nosso foco recai sobre o estudo do período na perspectiva da Linguística Funcional. Faremos uma breve caracterização geral dessa vertente teórica e de como é visto o processo de articulação de orações nessa abordagem. Em seguida, examinaremos os tipos de período, considerando as relações de (in)dependência e interdependência semântico-sintática estabelecidas entre as orações que constituem o período composto. Estudaremos, na oitava e nona aulas, as orações paratáticas, hipotáticas, subordinadas e correlatas, considerando suas propriedades semântico-sintáticas, seus subtipos e a correspondência com a tipologia oracional prevista na NGB.

A sintaxe de concordância é o foco da décima aula. Estudaremos os dois tipos de *concordância morfossintática* do português, a saber, a *verbal* e a *nominal*. Revisitaremos, além do conceito de concordância, as regras subjacentes às relações morfossintáticas entre o verbo e termos a ele relacionados (sintaxe de concordância verbal) e entre o nome e constituintes a ele ligados (sintaxe de concordância

nominal). Também contemplaremos fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem a concordância, seja verbal, seja nominal.

A aula 11 será dedicada à sintaxe de regência. Para tanto, veremos o conceito de regência e retomaremos as relações morfossintáticas entre o verbo e seus argumentos internos (regência verbal) e entre o nome e seu argumento interno (regência nominal). Focalizaremos alguns verbos cujo regime varia em decorrência do sentido com que são empregados, resultando daí sua (in)transitividade. Trataremos, por fim, de casos de variação no domínio da regência.

Na última aula, discutiremos questões atinentes ao ensino de Língua Portuguesa (LP) na Educação Básica (EB), com foco em aspectos da sintaxe do português. Procederemos a uma breve explanação das diretrizes curriculares nacionais para o ensino de LP nessa etapa da escolaridade, do tratamento da sintaxe nos níveis fundamental e médio. Contemplaremos, em seguida, a perspectiva funcionalista para o estudo da sintaxe, explicitando pontos de convergência entre essa abordagem e as orientações curriculares nacionais. Finalizando, apresentaremos sugestões para o tratamento da sintaxe em sala de aula nos níveis fundamental e médio.

O material ora apresentado contempla um conjunto de saberes de importância crucial tanto no processo de sua formação acadêmica quanto no exercício do magistério. Esperamos que o aproveite bem, de modo que obtenha uma sólida preparação, quer para a atuação docente, quer para a continuidade dos estudos na área de sintaxe em nível de pós-graduação.

Bons estudos!
Os autores



Introdução à sintaxe: conceitos básicos

Aula

1



Apresentação

Prezado(a) aluno(a), nesta aula, vamos estudar algumas noções básicas de sintaxe. Trata-se de alguns conceitos-chave que servirão de fundamento – bem como de orientação teórica e operacional – aos demais conteúdos que serão vistos sobre a estrutura sintática do português. Entre as noções básicas a ser consideradas neste estudo, estão o conceito, o objeto e o alcance da sintaxe; o conceito de sintagma e sua constituição; as evidências da estrutura de constituintes; as distinções entre frase, sentença, oração e período; por fim, os tipos de frases.

Objetivos

1. Conceituar *sintaxe*, circunscrevendo seu campo de investigação e seus limites em relação às demais áreas dos estudos linguísticos.
2. Definir *sintagma*, descrevendo sua estrutura básica.
3. Identificar os sintagmas na estrutura frasal, considerando as evidências de sua constituição.
4. Explicitar as diferenças entre frase, sentença, oração e período.
5. Caracterizar os diferentes tipos de frases.



1 Conceito de sintaxe e delimitação do seu objeto de estudo

O termo "sintaxe" é oriundo do vocábulo de origem grega *syntaxis*, que significa "ordem", "disposição" (BERLINK *et al.*, 2001). Esse termo, tradicionalmente, refere-se ao plano da gramática que trata da estrutura interna da oração, considerando as regras de hierarquia, combinação e funções de seus constituintes bem como das relações inter-sentenciais.

Cabe a esse campo de estudo o exame dos componentes internos da sentença, observando seus constituintes imediatos (os sintagmas) e as relações entre eles. É também de interesse da sintaxe a análise dos processos que governam a articulação de sentenças na formação de períodos. Para compreendermos mais essas questões, observemos o excerto textual a seguir:

O amor é cego – literalmente

Cérebro dos apaixonados tem mecanismo para evitar o adultério

Camilla Costa

Quem está apaixonado fica em estado de graça: meio aéreo, sem prestar muita atenção no que está se passando a sua volta. Isso todo mundo já sabe. Mas cientistas da Universidade da Flórida acabam de descobrir que a coisa pode ir muito além: o amor torna o cérebro humano literalmente incapaz de prestar atenção em rostos muito bonitos.

Fonte: http://super.abril.com.br/ciencia/amor-cego-literalmente-543169.shtml. Acesso em: 18 set. 2021.

No trecho "O amor é cego", encontramos quatro palavras que são combinadas da seguinte forma: [o + amor]; [é + cego]; [o amor + é cego]; [o amor + cego], articulados por *é*. Cada combinação desses elementos forma um agrupamento sintático (ou um sintagma) ao qual corresponde um significado. Além disso, a essa combinação subjazem relações de hierarquia entre as palavras, em que há um elemento nuclear (central) e outro(s) periférico(s). Por exemplo: no agrupamento *o amor*, o substantivo *amor* é o elemento nuclear e o

artigo "*o*" é o elemento periférico; na combinação *o amor é cego*, o agrupamento *é cego* figura como constituinte nuclear e *o amor* como periférico, pois o atributo "ser cego" implica uma entidade à qual se aplica esse atributo. Analisar esses elementos e suas respectivas combinações é uma das tarefas da sintaxe.

Outra ocupação da sintaxe, conforme mencionada anteriormente, é a relação entre sentenças para compor o período. Como ilustração, tomemos o trecho *Cérebro dos apaixonados tem mecanismo para evitar o adultério*. Nesse excerto, encontramos a combinação de duas sentenças: (i) *Cérebro dos apaixonados tem mecanismo* e (ii) *para evitar o adultério*. Essa combinação também envolve hierarquia entre elas: a primeira exerce papel nuclear, enquanto a segunda é periférica, uma vez que apresenta informação complementar do conteúdo da primeira sentença (a de que a funcionalidade do mecanismo cerebral dos apaixonados é evitar o adultério). Assim, percebemos que a mesma relação hierárquica existente entre os constituintes de uma sentença ocorre também entre sentenças.

Dessa maneira, uma análise sintática contempla, por um lado, a identificação dos constituintes de uma sentença, a combinação e as relações de dominância/dependência entre esses constituintes bem como as funções delas decorrentes; por outro lado, envolve também essas mesmas operações aplicadas na articulação entre sentenças. A sintaxe representa um dos planos da descrição linguística, ao lado da fonologia (que se refere aos sons distintivos – ou fonemas – da língua) e da morfologia (que trata da estrutura interna da palavra, analisando seus constituintes mórficos). Assim, o componente sintático associa-se a ambas as dimensões, formando com elas um todo integrado e o núcleo formal dos estudos linguísticos. A sintaxe articula-se, ainda, ao domínio funcional da língua – o qual inclui os **planos semântico, discursivo e pragmático** –, sendo fortemente influenciada por esses domínios quanto à sua configuração estrutural. A separação de cada uma dessas dimensões para exame individual representa apenas um procedimento metodológico, visando a uma melhor apreensão de suas particularidades.

Ficando apenas no domínio formal, consideremos, por exemplo, o termo *amor* em "O amor é cego" no excerto já visto. Ele pode ser analisado sob diferentes aspectos: no plano fonológico, temos a segmentação dos fonemas /a/, /m/, /o/, /R/; no morfológico, podemos identificar os elementos constitutivos da palavra (*am-*, radical; *-or*, sufixo) ou sua categoria gramatical, nesse caso, *substantivo*; sintaticamente, esse termo funciona como núcleo do sintagma nominal (SN) *o amor* e, em sua relação com o predicado (*é cego*), é o núcleo do sujeito (*O amor*).

Planos semântico, discursivo e pragmático

O plano semântico refere-se ao significado/sentido dos constituintes e do(s) enunciado(s) no co(n)texto em que se encontram; já o plano discursivo, à distribuição e à organização dos enunciados no texto, considerando as demandas informacionais; o pragmático, à natureza da interação, ao perfil/papel dos interlocutores e aos propósitos comunicativos. Todos esses fatores orientam, em boa medida, a codificação morfossintática.

Atenção

Sintaxe: estudo da estrutura interna da sentença e da articulação intersentencial, considerando as relações de hierarquia e de combinação entre seus elementos bem como suas respectivas funções.

Antes de prosseguirmos nosso estudo, vamos fazer um pequeno exercício.

Atividade 1

Escreva "V" (para *verdadeira*) ou "F" (para *falsa*) nas afirmativas a seguir, conforme sua adequação ao que foi exposto sobre sintaxe.

( ) A sintaxe se ocupa do estudo da estrutura linguística.
( ) O alcance da sintaxe é a frase.
( ) Uma análise sintática considera a estrutura interna dos vocábulos.
( ) A sintaxe articula-se com outros planos de análise linguística.
( ) Na sintaxe, analisam-se os constituintes oracionais e as relações intersentenciais.
( ) As relações de hierarquia entre os elementos frasais também constituem objeto de estudo da sintaxe.

2 Sintagma: conceito e constituição

Sintagma é a unidade de análise da sintaxe, representando o constituinte imediato da sentença (KANTHACK, 2011). Ele consiste em uma unidade de nível superior à palavra, constituindo o elemento fundamental para a formação da sentença.

O sintagma tem como elemento básico de formação um item linguístico, que constitui seu núcleo dominante. Nesse sentido, o sintagma pode ser formado por um só elemento ou por um conjunto de palavras, compondo um todo de forma e função (PERINI, 2006).

Tomemos, a título de exemplo, a sentença "Isso todo mundo já sabe", retirada do texto "O amor é cego – literalmente". Nela, podemos identificar os seguintes sintagmas: *Isso*, *todo mundo*, *já* e *já sabe isso*. Observe que o primeiro sintagma dessa sequência (*Isso*) é representado por um constituinte gramatical, nesse caso, um pronome demonstrativo, cuja função é de complemento (objeto direto) do verbo *saber*. O sintagma *todo mundo*, constituído de duas palavras, tem como núcleo um elemento lexical (o substantivo *mundo*) e como elemento periférico um item gramatical (o pronome indefinido *todo*), funcionando, juntos, como sujeito da sentença. *Já* é um sintagma também formado por um constituinte gramatical (um advérbio de tempo) cuja função é de adjunto adverbial. O conjunto *já sabe isso* é um sintagma constituído de três elementos, tendo como núcleo o verbo *saber,* funcionando como predicado da sentença. Temos, nesse último caso, um sintagma complexo pelo fato de abrigar dois outros sintagmas (*já* e *isso*).

Um ponto a considerar acerca da articulação do advérbio *já* e do pronome *isso* com o verbo *saber* é o grau de integração/dependência daqueles em relação a este. Enquanto *já* é menos integrado/dependente, por exprimir uma circunstância temporal de *saber*, *isso* é mais integrado/dependente, por ser o complemento requerido pelo verbo.

Como você pôde observar, os sintagmas têm não apenas relações hierárquicas (de dominância e dependência) no interior da sentença mas também constituições variadas e funções distintas. Nessa direção, outro ponto a considerar é que seus componentes se agrupam e se encadeiam conforme regras internas da própria estrutura do português e também, a depender do caso, para atender a certas demandas comunicativas. Esses mesmos princípios valem igualmente para as relações intersintagmáticas.

Retomemos a sequência sintática "o amor torna o cérebro humano literalmente incapaz de prestar atenção em rostos muito bonitos". Dela, vamos destacar os sintagmas *o cérebro humano* e *muito bonitos*: no primeiro caso, o artigo definido *o* não poderia ser colocado após o substantivo *cérebro* e o adjetivo *humano* não poderia anteceder tal substantivo pelo fato de delimitar esse termo conceitualmente; no segundo caso, o advérbio de intensidade *muito* não poderia vir posposto ao adjetivo *bonitos*. Como se pode ver, a articulação entre os componentes dos sintagmas bem como sua organização sequencial/linear na sentença obedecem a regras relativamente predeterminadas. O mesmo procedimento se aplica para a relação entre os sintagmas.

Atenção

Sintagma: unidade mínima da sintaxe, responsável pela formação da estrutura frasal, com estatuto superior à palavra.

Atividade 2

Identifique e destaque os tipos de sintagmas da sequência sintática abaixo:

Eu hoje acordei meio deprimido, sem saber exatamente o motivo [...]

Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/now/. Acesso em: 18 set. 2021.

3 Evidências da estrutura sintagmática da sentença

De acordo com Negrão, Scher e Viotti (2010), existem algumas evidências para a constituição sintagmática da sentença, as quais podem ser utilizadas como parâmetros para identificarmos os sintagmas nela existentes. As evidências são as que seguem: topicalização, clivagem, pronominalização, elipse, fragmento de sentença e passivização. Para verificarmos tais evidências, consideremos o recorte textual que segue:

A médica Luiza Morato conheceu o marido holandês, o químico Fabian Nederpelt, no *Tinder* em janeiro de 2018. Na ocasião, ele estava na Holanda e ela no Brasil. [...]

Em julho, quando ela teve férias da faculdade, os dois viajaram pelo país e se apaixonaram ainda mais. [...]

"Ele foi embora no final de agosto. Fiquei muito mal e ele também. Foi nesse momento que a gente viu que tinha que ficar junto, morar junto, que não dava para viver separado. Ele decidiu vir pro Brasil, porque ia ser meio difícil eu ir para a Holanda", relatou.

Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/now/. Acesso em: 22 set. 2021.

Desse excerto, vamos destacar o trecho – período com duas orações – *Em julho, quando ela teve férias da faculdade, os dois viajaram pelo país*. Nele, vemos que a expressão de valor temporal *Em julho* (adjunto adverbial) começa o período, estando colocado no início da primeira oração, embora não seja o sujeito desta. Esse termo pode(ria) ocorrer em outra posição, invertendo-se a ordem das orações do período: O*s dois viajaram pelo país* ***em julho****, quando ela teve férias da faculdade*. Nessa nova ordenação sintática, o sujeito da primeira oração (*Os dois*) inicia o período e o adjunto adverbial (*em julho*) vem posicionado no final do predicado dessa oração. Com isso, podemos dizer que o constituinte *Em julho* é um sintagma que se encontra topicalizado no trecho destacado. Portanto, a evidência de que o adjunto em questão constitui um sintagma é a *topicalização*, que diz respeito ao fato de um constituinte poder ser colocado no início da frase, servindo como ponto de partida do enunciado. Esse mesmo princípio também se aplica ao sujeito *Os dois* quando este passou para o início da sentença no novo arranjo sintático dado ao período em questão.

Outra evidência para a estrutura sintagmática da sentença é a *clivagem*. Trata-se de uma estratégia discursiva por meio da qual se põe em foco dado constituinte da oração. Em termos formais, a clivagem propriamente dita se caracteriza pela sequência *ser + constituinte focalizado + oração relativa*. Recorrendo ao excerto textual, destacamos o trecho *Foi nesse momento que a gente viu que tinha que ficar junto*. Nele, vemos que, para realçar a importância do tempo em que o casal ficou distante um do outro e a dor causada por essa separação, tornando-se o ponto crucial para decidirem ficar juntos, a informante pôs em foco o adjunto adverbial de tempo *nesse momento*, produzindo uma estrutura clivada. Em uma sequência mais

convencional, o sintagma realçado viria no final do período: *A gente viu que tinha que ficar junto* ***nesse momento***. Assim, constata-se que esse constiuinte adverbial é um sintagma.

Vejamos outra evidência da estrutura sintagmática. Para tanto, tomemos o período *Na ocasião, ele estava na Holanda e ela no Brasil*. Os sujeitos, em ambas as orações desse período, são expressos, respectivamente, pelos pronomes *ele* e *ela*: o primeiro referindo-se a *Fabian Nederpelt*; e o segundo, a *Luiza Morato*. A esse fenômeno de "substituição" de um item lexical pleno por uma pró-forma gramatical (ou seja, um pronome) chamamos *pronominalização*, que se vincula aos processos de progressão e coesão textuais. Portanto, o fato de se poder utilizar um pronome em lugar de um nome, remetendo a este, constitui uma prova de que o nome retomado pela pró-forma é um sintagma.

Outra demonstração da existência de sintagmas tem a ver com a *elipse*. Esta se refere à omissão de um constituinte por ele ser facilmente recuperável do cotexto precedente, evitando, com isso, repeti-lo. Para ilustrar esse procedimento, recorremos ao mesmo período de amostragem do parágrafo anterior: *Na ocasião, ele estava na Holanda e ela no Brasil*. Perceba que, na primeira oração, o núcleo do predicado (a forma verbal *estava*) encontra-se explícito; entretanto, na segunda, esse verbo não se realiza (ou seja, está elíptico – *e ela [estava] no Brasil*). Logo, o fato de um constituinte poder ser elidido em uma sentença por já ser conhecido (dado na informação anterior) é uma evidência de que se trata de um sintagma. O mesmo procedimento se aplica a um conjunto informacional maior expresso por um sintagma complexo. Veja, por exemplo, o período *Fiquei muito mal e ele também*, em que foi feita a elipse de parte do predicado da segunda oração devido a este ter o mesmo conteúdo semântico do predicado da oração anterior: *Fiquei muito mal e ele também [ficou muito mal]*.

Ainda pode ser uma evidência da estrutura de constituintes sintagmáticos o *fragmento de sentença*. Esse recurso é muito comum em respostas, sendo utilizado pelo interlocutor para concentrar a informação apenas no conteúdo que interessa, isto é, limitar-se a fornecer tão somente a informação nova após a pergunta. Voltando ao excerto textual dado, imaginemos que um entrevistador fizesse as seguintes indagações a Luiza Morato: "Quando Fabian foi embora do Brasil?" e "Como você ficou após a partida dele?" Para responder à primeira pergunta, Luiza poderia simplesmente dizer: "No final de agosto". Para a segunda, a resposta poderia ser apenas: "Muito mal". Desse modo, a informante se valeria unicamente dos constituintes que se restringem às informações necessárias, sem precisar repetir o conteúdo de cada pergunta. Isso mostra mais uma vez que a sentença se estrutura por meio de blocos sintagmáticos de informação.

Por fim, outra prova da estruturação sintagmática da sentença é a *passivização*. Esse recurso associa-se à transitividade e se caracteriza pela promoção do paciente a sujeito da oração, ficando o verbo na voz passiva, seguido, em certos casos, do agente da passiva. Assim, pela passivização, o locutor organiza a informação focalizando o paciente da ação expressa no verbo, o que se reflete não apenas na reordenação de constituintes da sentença mas também em sua codificação morfossintática. Trata-se, portanto, de uma estratégia discursiva por meio da qual o falante/escrevente focaliza um evento utilizando o paciente como ponto de partida da informação para atender a determinado propósito comunicativo. Para exemplificar isso, podemos pensar na seguinte afirmação sobre o relato de Luiza Morato: *Luiza relatou o caso ao repórter* (estrutura oracional ativa). Organizando-se essa afirmação em uma estrutura passiva, temos: *O caso foi relatado por Luiza ao repórter*. Observe que, na estrutura ativa, *Luiza* é agente/sujeito e *o caso* é paciente/objeto posposto ao verbo. Na passiva, o constituinte paciente (*O caso*) assume a função de sujeito, iniciando a oração, o verbo principal vem no particípio passado (*relatado*) após o auxiliar (*foi*), ambos codificando a estrutura verbal da voz passiva, e o constituinte *por Luiza* aparece como agente da passiva, que é sempre preposicionado.



Atenção

Evidências da estrutura sintagmática da sentença

- **Topicalização**: transposição de um sintagma para o início da sentença.
- **Clivagem**: foco dado a um constituinte oracional utilizando-se a sequência sintática *ser + contituinte focalizado + oração relativa*.
- **Pronominalização**: recurso a um pronome em lugar de um ou mais constituintes plenos.
- **Elipse**: omissão de um ou mais constituintes da sentença por ser informação já dada.
- **Fragmento de sentença**: uso de apenas um elemento ou parte de uma sentença.
- **Passivização**: transformação do paciente de uma oração ativa em sujeito da oração na voz passiva.

Veremos, a seguir, mais alguns conceitos básicos da sintaxe. Trata-se das noções de frase, sentença, oração e período.

4 Distinções entre frase, sentença, oração e período

Antes de explicitarmos cada uma dessas noções, cabe assinalar que elas têm em comum o fato de se constituírem basicamente de sintagma(s). No caso de haver mais de um sintagma, a articulação entre eles se dá mediante relações hierárquicas de dominância (sintagma nuclear, ou subordinante) e dependência (sintagma(s) periférico(s), ou subordinado(s)).

4.1 Frase

Frase pode ser entendida como a realização de um **enunciado**. Combina forma (um ou mais sintagmas) e função (comunicativa), constituindo uma unidade de sentido. Vejamos as amostras destacadas do fragmento textual a seguir:



Enunciado

Enunciado diz respeito ao ato comunicativo verbal (ou ato de fala), oral ou escrito.

> Pare! Até quando você quer mandar
> E mudar minha vida?
> Pare! Meus desejos e suas vontades
> Estão divididas.
> Solidão está matando a gente,
> Sufocando a nossa paixão.
> Então, pare! Liberta o meu coração!
>
> CAMARGO, Zezé di; LUCIANO. *Pare*. **Fonte:** http://www.vagalume.com.br/zeze-di-camargo-e-luciano/pare.html. Acesso em: 4 jun. 2015.

Desse fragmento, destacamos: (i) "Pare!", (ii) "Até quando você quer mandar e mudar minha vida?" e (iii) "Meus desejos e suas vontades estão divididas [*sic*]". Cada um desses trechos constitui a realização de um enunciado, apresentando uma unidade de sentido. São, portanto, frases. No primeiro caso (*Pare*!), a frase é composta por um só sintagma; no segundo, ela se compõe de um conjunto de

sintagmas – *até quando*, *você*, *quer mandar e mudar minha vida* e *minha vida*; no último, a frase é igualmente formada por sintagmas variados – *meus desejos*, *suas vontades*, *estão divididas* e *divididas*.

A depender da estrutura sintagmática, a frase pode ser *verbal* ou *nominal*. A primeira delas é identificada pela presença de verbo (o que equivale a uma oração); a segunda caracteriza-se por não possuir verbo, estando, portanto, centrada em um substantivo, um adjetivo ou um advérbio (CARONE, 1986). Observe o texto da Figura 1 a seguir:



Figura 1 – Amostra de frase nominal.

Fonte: http://www.afigueira.com.br/blog/blog/casa-de-ferreiro-espeto-de-pau/. Acesso em: 2 jun. 2015.

Em "Casa de ferreiro, espeto de pau", temos duas frases nominais: *casa de ferreiro* e *espeto de pau*, ambas nucleadas por substantivo (*casa* e *espeto*). "Conecte-se" representa uma frase verbal, pois se fundamenta em um verbo (*conectar*). É o que igualmente ocorre em "Liberta o meu coração!" (na canção de Zezé di Camargo e Luciano), em que o verbo (*libertar*) serve de base à estruturação da frase.

Convém assinalar que é possível haver frase expressa unicamente por interjeição. Azeredo (2002) denomina esse tipo de frase como "frase de situação" e Bechara (2009) o considera como "palavra-oração". É o que se observa, por exemplo, no fragmento textual a seguir, em que a interjeição "Oba!" equivale, relativamente, a frases como "Que bom!" (nominal), "Isso é ótimo!" (verbal) e similares.

O macaco reúne a bicharada no meio da floresta e anuncia:
– Vai haver uma festa no céu!
E o sapo responde:
– **Oba!**
[...]

Fonte: https://exame.com/colunistas/ideia-publica/a-festa-no-ceu/. Acesso em: 13 out. 2023. Grifo nosso.

4.2 Sentença

Sentença corresponde à frase verbal (período), cuja estruturação se dá conforme os princípios sintáticos da língua. Envolve, portanto, relações de hierarquia e combinação entre seus constituintes. Como ilustração, observemos o trecho "Solidão está matando a gente, sufocando a nossa paixão". Na primeira parte desse trecho, identificamos uma estrutura frasal composta por elementos que se articulam de acordo com as regras sintáticas do português: sujeito (*solidão*), predicado (*está matando a gente*) e objeto (*a gente*), estando o sujeito e o objeto em relação de dependência com o núcleo verbal (*matando*). Na segunda parte, temos igualmente a combinação de elementos em consonância com essas mesmas regras: predicado (*sufocando a nossa paixão*) e objeto (*a nossa paixão*). Observe que o sujeito do verbo *sufocar* (*solidão*) e o auxiliar (*está*) foram omitidos nessa segunda parte por constituírem informações já dadas no cotexto precedente. Perceba que o sintagma *a nossa paixão* apresenta a seguinte estrutura: termos adjuntos (*a*, *nossa*) seguidos do núcleo (*paixão*), sendo respeitada a ordem dos constituintes de acordo com suas regras combinatórias (o artigo antecede tanto o pronome possessivo quanto o substantivo/núcleo).

4.3 Oração

A *oração* é a frase organizada em torno do verbo (frase verbal), constituindo uma proposição. Trata-se, na maioria dos casos, de uma estrutura bimembre, composta de sujeito (normalmente, o tema/tópico) e predicado (o comentário). Entretanto, há situações em que a oração parece ser unimembre. Isso ocorre nos casos em que ela se compõe apenas de predicado. Nessas situações, o sujeito é inexistente, pois não apresenta realidade sintático-semântica, de modo que o conteúdo do predicado é atemático (não aplicável a um referente/tema). Atente para o trecho da canção "Me chama" posto a seguir.

Chove lá fora e aqui, tá tanto frio
Me dá vontade de saber

Aonde está você?
Me telefona
Me chama, me chama, me chama

LOBÃO. *Me chama*. **Fonte:** http://letras.mus.br/lobao/47036/. Acesso em: 4 jun. 2015.

No verso "Chove lá fora e aqui, tá tanto frio", temos duas orações unimembres com apenas o predicado ("Chove lá fora" e "aqui, tá tanto frio"). Já em "Aonde está você", identificamos uma oração bimembre: com sujeito *(vo*cê) e predicado *(aonde es*tá).

Há também casos em que o sujeito tem realidade semântica, mas não se realiza sintaticamente, como ocorre, por exemplo, em "Me telefona" e "Me chama". Nessas orações, o sujeito (*você*) foi omitido por ser uma informação recuperável pelo co(n)texto.

4.4 Período

Período é uma estrutura sintática complexa, que pode ser formada por uma ou mais orações. À semelhança da oração, a base do período é o verbo. Quando constituído de uma só oração, o período denomina-se simples; havendo mais de uma oração, o período é considerado composto.

Retomando a canção "Me chama", temos, no verso "Me telefona", um período simples, pois contém apenas um verbo principal (*telefona*). Já no verso "Chove lá fora e aqui, tá tanto frio", existem duas orações (*Chove lá fora* e *aqui, tá tanto frio*), nucleadas, respectivamente, pelos verbos *chover* e *estar*, formando um período composto.

Atenção

Frase: manifestação linguística que constitui um enunciado, formando uma unidade de comunicação.
Sentença: frase verbal (período), cuja estruturação se dá conforme os princípios.
Oração: frase que tem como núcleo um verbo.
Período: frase verbal complexa, constituída de uma ou mais orações.

Para verificar o que foi assimilado a respeito desse conteúdo, propomos a realização da atividade que segue após o texto "O socorro", o qual lhe servirá de base.

Atividade 3

O socorro

Millôr Fernandes

Ele foi cavando, cavando, cavando, pois sua profissão – coveiro – era cavar. Mas, de repente, na distração do ofício que amava, percebeu que cavara demais. Tentou sair da cova, e não conseguiu. Levantou o olhar para cima e viu que, sozinho, não conseguiria sair. Gritou. Ninguém atendeu. Gritou mais forte. Ninguém veio. Enrouqueceu de gritar, cansou de esbravejar, desistiu com a noite. Sentou-se no fundo da cova, desesperado.

A noite chegou, subiu, fez-se o silêncio das horas tardias. Bateu o frio da madrugada e, na noite escura, não se ouvia mais um som humano, embora o cemitério estivesse cheio dos pipilos e coaxares naturais dos matos.

Só pouco depois da meia-noite é que lá vieram uns passos. Deitado no fundo da cova o coveiro gritou. Os passos se aproximaram. Uma cabeça ébria apareceu lá em cima, perguntou o que havia: "O que é que há?" O coveiro então gritou, desesperado: "Tire-me daqui, por favor. Estou com um frio terrível!". "Mas, coitado!" – condoeu-se o bêbado. – "Tem toda razão de estar com frio. Alguém tirou a terra toda de cima de você, meu pobre mortinho!". E, pegando a pá, encheu-a de terra e pôs-se a cobri-lo cuidadosamente.

Moral: *nos momentos graves é preciso verificar muito bem para quem se apela.*

Fonte: http://www.citador.pt/textos/o-socorro-millor-fernandes. Acesso em: 2 jun. 2015. Texto adaptado.

Considerando o texto dado, analise as assertivas a seguir e assinale a opção que apresenta o correto julgamento sobre elas.

I. Nas orações “Ninguém atendeu” e “Ninguém veio”, o sujeito é inexistente.
II. “Mas, coitado!” não é uma frase, pois não contém verbo.
III. Na sequência “O coveiro então gritou, desesperado: ‘Tire-me daqui, por favor’.”, há três orações.
IV. “O que é que há?” constitui um período composto.

a) I e II estão corretas.
b) Estão corretas apenas I e III.
c) II e IV estão corretas.
d) Apenas III e IV estão corretas.

5 Tipologia frasal

Existem formas distintas de frases com que se realizam diferentes tipos de enunciados. São estruturas entonacionais convencionalizadas por meio das quais expressamos atos de fala diversos, com finalidades discursivo-interacionais específicas. Vejamos a seguir os tipos de frases:

- **assertiva**: afirma ou nega um estado de coisas;
- **declarativa**: cria/institui um estado de coisas;
- **exclamativa**: exprime sentimentos/emoções;
- **injuntiva/imperativa**: indica comando, direta ou indiretamente;
- **interrogativa**: realiza uma indagação direta ou indireta;
- **optativa/desiderativa**: expressa desejo.

Retomemos o trecho da canção “Pare”, de Zezé di Camargo e Luciano, para ilustrar parcialmente esses tipos de frases.

Pare! Até quando você quer mandar
E mudar minha vida?
Pare! Meus desejos e suas vontades
Estão divididas.
Solidão está matando a gente,
Sufocando a nossa paixão.
Então, pare! Liberta o meu coração!

CAMARGO, Zezé di; LUCIANO. *Pare*. **Fonte:** http://www.vagalume.com.br/zeze-di-camargo-e-luciano/pare.html. Acesso em: 4 jun. 2015.

Nesse fragmento textual, podemos identificar, por exemplo, três diferentes tipos de frases: *assertiva*, em que o falante faz uma afirmação (*Solidão está matando a gente* [...]); *interrogativa*, em que o falante questiona o(a) ouvinte (*Até quando você quer mandar e mudar minha vida?*); e *injuntiva*, em que o falante expressa um(a) pedido/ordem (*Liberta o meu coração!*).

Cabe ressaltar que, em certos casos, um tipo de frase pode realizar um ato de fala diferente da estrutura frasal. Trata-se do ato de fala indireto, em que o falante/escrevente intenta provocar um efeito de sentido distinto daquilo que expressa verbalmente. Vejamos esta imagem a seguir:



Figura 5 – Faixa de manifestantes.

Fonte: https://ufscaesquerda.com/2020/10/page/2/. Acesso em 15 set. 2021.

Perceba que a frase expressa na faixa (*Defender a Petrobras é defender o Brasil!*), em sua estrutura, é do tipo assertivo afirmativo. Entretanto, o ato de fala que os manifestantes (contrários à venda de refinarias da empresa) de fato realizam é de caráter injuntivo, ou seja, uma forma pela qual procuram convocar a sociedade brasileira para defender a Petrobras. A frase, portanto, embora formalmente se configure como uma asserção, representa, na verdade, um enunciado de comando indireto.

Atividade 4

Leia a tirinha que segue e depois explicite qual o tipo de frase expresso na fala de Mafalda em cada quadrinho:

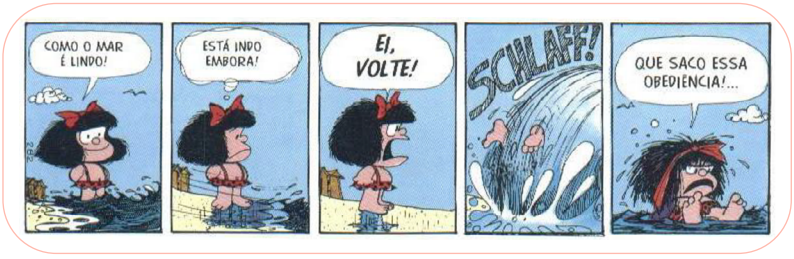


Figura 6 – Tirinha da Mafalda.

Fonte: Cardoso e Mengarda (2011, p. 8).

a) Frase no quadrinho 1:
b) Frase no quadrinho 2:
c) Frase no quadrinho 3:
d) Frase no quadrinho 5:

Leituras complementares

Para que você complemente/reforce os conhecimentos construídos e/ou (re)lembrados nesta aula, indicamos a leitura dos seguintes textos:

AZEREDO, José Carlos de. **Iniciação à sintaxe do português**. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Nesse livro, o autor contempla, entre outros elementos, o objeto de estudo da sintaxe, categorias da descrição gramatical e estrutura sintagmática do português. Azeredo faz um reexame crítico do modelo tradicional de análise sintática e aponta encaminhamentos que podem contribuir com a prática pedagógica do professor de português. Sugerimos, para o momento, a leitura do capítulo V (A estrutura sintagmática do português), em que o autor aborda os constituintes imediatos da sentença e suas propriedades.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. **Novo manual de sintaxe**. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2007.

Trata-se de uma obra que, conforme destacam os autores, detém-se em mostrar, com certo detalhamento, a estrutura de uma sentença; como se representa a estrutura da sentença em árvore (por meio da Teoria X-barra); como é explicitada a combinação de um núcleo com seus argumentos ou de um sintagma com seus adjuntos (Teoria Temática); o que regula o movimento para posição argumental (Teoria do Caso) ou não argumental; como é que se podem combinar as expressões referenciais, os pronomes e as anáforas (Teoria da Vinculação); o que regula a movimentação de núcleos e sintagmas (Mova α).



Resumo

Nesta aula, vimos que a sintaxe trata da estrutura interna da sentença e da articulação intersentencial, considerando as relações de hierarquia e de combinação entre seus elementos. Nessas relações, existem elementos nucleares e periféricos. Vimos, ainda, a noção de sintagma, que representa o constituinte imediato da sentença, bem como as evidências da estrutura sintagmática da sentença. Em seguida, estabelecemos as diferenças entre frase, sentença, oração e período, que dizem respeito às configurações sintáticas num plano superior ao dos sintagmas. Por fim, identificamos os diferentes tipos de frase.

Autoavaliação

Leia o trecho a seguir, extraído do conto *Venha ver o pôr do sol*, de Lygia Fagundes Telles, para responder às questões de 1 a 3.

Venha ver o pôr do sol

Lygia Fagundes Telles

Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira. À medida que avançava, as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios. No meio da rua sem calçamento, coberta aqui e ali por um mato rasteiro, algumas crianças brincavam de roda. A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde.

Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante.

– Minha querida Raquel.

Ela encarou-o, séria. E olhou para os próprios sapatos.

– Vejam que lama. Só mesmo você inventaria um encontro num lugar destes. Que ideia, Ricardo, que ideia! Tive que descer do táxi lá longe, jamais ele chegaria aqui em cima.

Ele sorriu entre malicioso e ingênuo.

– Jamais, não é? Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância… Quando você andava comigo, usava uns sapatões de sete-léguas, lembra?

[…]

Fonte: http://www.beatrix.pro.br/index.php/venha-ver-o-por-do-sol-lygia-fagundes-telles/. Acesso em: 2 jun. 2015.

1 Identifique os sintagmas presentes nas sentenças abaixo.

a) Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira.

_____

b) [...] jamais ele chegaria aqui em cima.

_____

2 Analise os sintagmas identificados na questão anterior, indicando os elementos nucleares e os periféricos.

a) _____

b) _____

3 Esclareça o que se pede em relação aos trechos destacados a seguir.

a) Qual o valor discursivo dos sintagmas adjetivais (SA) destacados no trecho "Ele a esperava **encostado** a uma árvore. **Esguio** e **magro**, metido num **largo** blusão **azul-marinho**, cabelos **crescidos** e **desalinhados**, tinha um jeito **jovial** de estudante."?

_____

b) Por que razão os SN plenos foram substituídos pelos respectivos pronomes destacados em "**Ela** encarou-**o**, séria"?

_____

c) Que circunstâncias exprimem os sintagmas adverbiais (SAdv) em negrito no parágrafo "– Vejam que lama. **Só** mesmo você inventaria um encontro num lugar destes. Que ideia, Ricardo, que ideia! Tive que descer do táxi lá **longe**, **jamais** ele chegaria **aqui** em cima"?

d) Do ponto de vista discursivo, qual a importância, no texto, de sintagmas como "Minha querida Raquel" (SN) e "lembra?" (SV)?

4 Escreva FN para "frase nominal", PS para "período simples" ou PC para "período composto" nos trechos destacados a seguir, conforme o caso.

( ) Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira.
( ) – Minha querida Raquel.
( ) Que ideia, Ricardo, que ideia!
( ) Quando você andava comigo, usava uns sapatões de sete-léguas, lembra?
( ) No meio da rua sem calçamento, coberta aqui e ali por um mato rasteiro, algumas crianças brincavam de roda.

Referências

AZEREDO, José Carlos de. **Iniciação à sintaxe do português**. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BERLINK, Rosane de Andrade *et al*. Sintaxe. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 207-244. v. 1.

CARDOSO, Chayenne; MENGARDA, Elias José. Os atos de fala e as intencionalidades comunicativas em tirinhas da Mafalda. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 12., 2011, Londrina. **Anais** [...]. Londrina: Intercom, 2011. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-0147-1.pdf. Acesso em: 15 set. 2021.

CARONE, Flávia de Barros. **Morfossintaxe**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Fundamentos, 12).

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael J. (org.). **O corpus do português:** NOW (2012-2019). [*S. l.*]: Corpus do português, 2018. Disponível em: https://www.corpusdoportugues.org/xp.asp. Acesso em: 4 fev. 2022.

KANTHACK, Gessilene Silveira. **Letras vernáculas**: sintaxe da língua portuguesa. Ilhéus, BA: UAB/UESC, 2011. mód. 4. v. 2.

ME chama. Intérprete: Lobão. *In*: LOBÃO. **Acústico MTV**: Lobão. [*S. l.*]: Sony, 2007. Faixa 12.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. **Novo manual de sintaxe**. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2007.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati; SCHER, Ana Paula; VIOTTI, Evani de Carvalho. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. *In*: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística II**: princípios de análise. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 81-109.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

PERINI, Mário Alberto. **Princípios de análise descritiva**: introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola, 2006. (Col. Lingua[gem], 17).

PISKA. Pare! Intérpretes: Zezé di Camargo e Luciano. Compositor: César Augusto. *In*: ZEZÉ DI CAMARGO E LUCIANO. Zezé di Camargo e Luciano: seleção essencial, grandes sucessos. [*S. l.: s. n.*], 2011. Faixa 2.

Estrutura sintagmática da sentença

Aula

2



Apresentação

Prezado(a) aluno(a), nesta aula, vamos ampliar e aprofundar um pouco mais nossos conhecimentos sobre o sintagma, assunto abordado introdutoriamente na aula anterior. Nessa direção, veremos os tipos de sintagmas bem como sua constituição interna, considerando a hierarquia entre seus componentes e suas formas de combinação/organização. Veremos, ainda, os modos de articulação entre sintagmas, levando em conta, além disso, as relações de dominância e dependência.

Objetivos

1. Identificar os tipos de sintagmas.
2. Especificar os constituintes sintagmáticos, considerando as relações entre eles.
3. Distinguir os modos de articulação entre sintagmas e suas relações hierárquicas.



1 Sintagmas: tipologia, constituição e relações entre seus componentes

De acordo com o que estudamos na Aula 1, o sintagma consiste na unidade mínima de forma e função no nível frasal. É, portanto, o constituinte fundamental para a formação de orações.

A esse respeito, vimos que o sintagma tem como base de constituição um item linguístico (o núcleo), que lhe dá identidade própria. O sintagma pode se constituir de um só elemento ou por mais de um, desde que componha um constituinte oracional com uma unidade de forma e sentido coerentemente organizada.

Em havendo mais de um componente no sintagma, um deles constitui o elemento nuclear dominante (base do sintagma) e outro(s), elemento(s) satélite(s) integrado(s) ao núcleo. Esse(s) componente(s) satélite(s) pode(m) ser forma(s) dependente(s) – isto é, elemento(s) gramatical(is) que, por si só(s), não pode(m) formar sintagma(s) à parte – ou outro(s) constituinte(s) que pode(m) ser analisado(s) como sintagma(s) *per se*. Nesse caso, temos um sintagma complexo, ou seja, um constituinte sintagmático que abriga e domina outro(s).

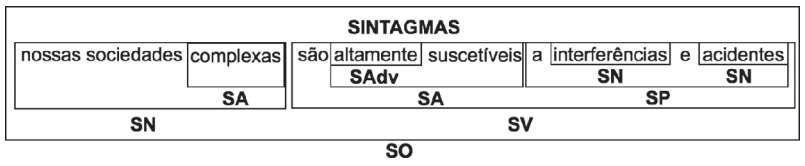
Para entender mais a constituição interna do sintagma, vamos utilizar novamente a sequência *o amor torna o cérebro humano literalmente incapaz de prestar atenção em rostos muito bonitos*, do texto "O amor é cego – literalmente" (de Camilla Costa), visto na Aula 1. O sintagma *o cérebro humano*, por exemplo, é composto por três elementos, a saber, artigo definido *o*, substantivo *cérebro* e adjetivo *humano*. Como a base desse sintagma é o substantivo/nome, então, *cérebro* é o elemento central (nuclear), ficando o artigo e o adjetivo como elementos satélites, dominados pelo núcleo nominal. Esses elementos satélites, por sua vez, exibem estatuto distinto na estrutura desse constituinte: o artigo *o*, por ser uma forma gramatical dependente, não constitui sintagma por si mesmo; já o adjetivo *humano*, visto ser um item lexical de conteúdo pleno, consiste em outro sintagma, de base adjetival. Assim, podemos considerar *o cérebro humano* um sintagma complexo.

Existem diferentes tipos de sintagmas, quais sejam: sintagma nominal (SN), que tem como núcleo um nome (substantivo ou termo equivalente); sintagma adjetival (SA), nucleado por um adjetivo; sintagma verbal (SV), cujo núcleo é um **verbo pleno**; sintagma adverbial (SAdv), centrado em um advérbio; sintagma preposicional (SP), que tem por núcleo uma preposição. Há também o sintagma oracional (SO), constituído de elementos que compõem uma oração, figurando como constituinte vinculado a outro sintagma (PERINI, 2005). Vejamos o seguinte excerto textual:

Verbo pleno
Chamamos verbo pleno o de conteúdo lexical, que pode designar evento, ação, processo, situação etc. Ele constitui o verbo principal da oração, distinto do(s) verbo(s) auxiliar(es).

> "Tecnicamente falando, uma vez que nossas sociedades complexas são altamente suscetíveis a interferências e acidentes, elas certamente oferecem oportunidades ideais para uma rápida interrupção das atividades normais. [...]"
>
> Disponível em: https://citacoes.in/autores/jurgen-habermas/. Acesso em: 20 set. 2021.

Desse excerto, destacamos a oração *nossas sociedades complexas são altamente suscetíveis a interferências e acidentes*, a fim de identificarmos os sintagmas nele existentes:



Considerando essa sentença no enunciado de onde foi extraída, por si só, ela consiste em um sintagma oracional (SO) pelo fato de ser um constituinte do período composto, vinculado à oração seguinte pelo conectivo causal *uma vez que*. No interior dessa sentença, encontramos os seguintes sintagmas:

- **SN** – *nossas sociedades complexas/interferências/acidentes*;
- **SA** – *complexas/altamente suscetíveis a interferências e acidentes*;
- **SV** – *são altamente suscetíveis a interferências e acidentes*;
- **SAdv** – *altamente;*
- **SP** – *a interferências* e *[a] acidentes*.

Ao examinar os elementos internos em alguns desses sintagmas, vemos as respectivas constituições: no SN *nossas sociedades complexas*, há o núcleo *sociedades* bem como os adjuntos *nossas* (pronome) e *complexas* (adjetivo), sendo que este constitui outro sintagma (o SA); no SV, existem o núcleo *são* e o predicativo *altamente suscetíveis a interferências e acidentes*; no SA *altamente suscetíveis a interferências e acidentes*, identificamos o núcleo *suscetíveis* (adjetivo), o advérbio adjunto *altamente* (um SAdv) e os complementos *a interferências e [a] acidentes*, que são SP. No primeiro SP (*a interferências*),

encontram-se o núcleo (a preposição *a*) e o SN *interferências*; no segundo, o núcleo preposicional é nulo (não realizado), mas há o SN *acidentes*, estando ambos os complementos interconectados pela conjunção aditiva *e*.

Conforme você pode ver, em sintagmas compostos por mais de um elemento, além do núcleo, que é sua base e lhe dá identidade particular, existe(m) o(s) componente(s) satélite(s)/periférico(s) vinculado(s) ao item nuclear dominante, que estabelece(m) com esse item nuclear relação de dependência variada, apresentando *status* sintático(s) diverso(s). Para deixar isso mais evidente, tomemos como amostras dois casos presentes na sentença sob análise: o SN *nossas sociedades complexas* e o SA *altamente suscetíveis a interferências e acidentes*. O SN tem como elementos satélites o pronome *nossas* e o adjetivo *complexas*, os quais são adjuntos. Entretanto, nessa adjunção, o adjetivo *complexas*, por ser um item lexical de conteúdo pleno, consiste em outro sintagma e, por isso, tem *status* superior ao do pronome *nossas* na relação com o núcleo *sociedades*. No caso do SA *altamente suscetíveis a interferências e acidentes*, os constituintes relacionados ao núcleo (*suscetíveis*) são o SAdv *altamente* e os SP *a interferências* e *[a] acidentes*. Quanto aos SP, por atuarem como complementos do adjetivo, são mais integrados a este, tendo *status* superior ao do SAdv, que tem função adjuntiva.



Atenção

Tipos de sintagmas

1. **Nominal (SN)**: tem por núcleo um nome (substantivo ou equivalente).
2. **Adjetival (SA)**: tem por núcleo um adjetivo.
3. **Verbal (SV)**: tem por núcleo um verbo lexical (de conteúdo pleno).
4. **Adverbial (Sadv)**: tem por núcleo um advérbio.
5. **Preposicional (SP)**: tem por núcleo uma preposição (em geral, seguida de SN).
6. **Oracional (SO)**: tem por núcleo uma oração equivalente a um termo da oração.

Para checar seus conhecimentos acerca do que discutimos, resolva a Atividade 1.

Atividade 1

Identifique e destaque os tipos sintagmas da sequência sintática a seguir:

Eu hoje acordei meio deprimido, sem saber exatamente o motivo [...]

Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/now/. Acesso em: 18 set. 2021.

SN: _____
SA: _____
SV: _____
SAdv: _____
SP: _____
SO: _____

2 Estruturas, hierarquia e funções intra e intersintagmáticas

Vamos examinar mais detalhadamente questões concernentes às relações entre os elementos do sintagma (relações intrassintagmáticas) e entre os sintagmas (relações intersintagmáticas). Nessa direção, veremos aspectos relativos a combinações, hierarquia e funções entre os componentes internos dos diferentes tipos sintagmáticos e entre estes, considerando, ainda, sua distribuição na estrutura frasal. Em outras palavras, trata-se de uma análise da estrutura sintagmática.

2.1 Estrutura do SN

O *sintagma nominal* (SN) caracteriza-se por apresentar como núcleo um elemento de natureza substantiva (substantivo ou termo equivalente). Conforme já assinalamos, o SN pode ser constituído apenas pelo núcleo ou conter outro(s) elemento(s) além do item nuclear, sendo esse(s) elemento(s) componente(s) periférico(s)/satélite(s). Consideremos o seguinte recorte textual:

[...]
Me dê um beijo, meu amor
Eles estão nos esperando
Os automóveis ardem em chamas
Derrubar as prateleiras
As estantes, as estátuas
As vidraças, louças, livros, sim

E eu digo sim
E eu digo não ao não
E eu digo
É! Proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir

Caí no areal na hora adversa que Deus concede aos seus
Para o intervalo em que esteja a alma imersa em sonhos
[...]

VELOSO, C. *É proibido proibir*. Fonte: http://letras.mus.br/caetano-veloso/395621/. Acesso em: 25 set. 2015.

Dessa amostra, destacamos as sentenças (i) *Me dê um beijo, meu amor*; (ii) *Eu digo não ao não*; (iii) *É proibido proibir*; e (iv) *que Deus concede aos seus*. Na primeira sentença, podemos identificar dois SN plenos (isto é, centrados em um substantivo): *um* ***beijo*** e *meu* ***amor***, ambos codificados por núcleo nominal (*beijo* e *amor*, respectivamente) precedido por um elemento periférico (o artigo indefinido *um*, no primeiro; e o pronome possessivo *meu*, no segundo).

Entretanto, conforme já esclarecemos, o SN pode ser nucleado por elementos de classes distintas do substantivo, porém equivalentes a este, ou seja, exercendo a mesma função nominal. Assim, em *Eu digo não ao não*, existem os SN que têm como núcleos, respectivamente, *eu* (pronome) e *não* (advérbio); em *É proibido proibir*, há o SN nucleado por *proibir* (verbo); e em *que Deus concede aos seus*, tem-se o SN *os seus*, com *seus* (pronome) como núcleo. Esses termos constituem SN, pois funcionam como equivalentes a substantivos: *eu* substitui o locutor, identificando-o; *não, proibir* e *seus* adquirem estatuto nominal por derivação imprópria.

Quando formado por mais de um elemento, o SN apresenta, além do núcleo, constituinte(s) periférico(s). Esse(s) constituinte(s) pode(m) ser: determinantes (Det) e/ou modificadores (Mod).

O Det pode ser artigo (definido ou indefinido), pronome (demonstrativo, possessivo ou indefinido) ou numeral (cardinal ou ordinal), os quais, via de regra, antecedem o núcleo nominal sempre na condição de adjuntos. Como amostra, tomemos a sentença *Me dê um beijo, meu amor*, na qual encontramos os Det ***um*** (artigo indefinido), antes do núcleo *beijo*, no SN *um beijo*; e ***meu*** (pronome possessivo), precedendo o núcleo *amor*, do SN *meu amor*.

É também possível haver a combinação de mais de um Det no SN, desde que respeitadas certas restrições e formas de ordenação. Segundo Koch e Silva (2012), trata-se do determinante complexo, o qual pode conter, além do Det-base (artigo ou pronome demonstrativo, sendo ambos mutuamente excludentes), pré-Det (pronome indefinido) e/ou pós-Det (pronome possessivo e/ou numeral, podendo estes coocorrerem no SN). Vejamos ilustração desses casos no recorte textual a seguir:

> — O funcionário do banco disse que eu ainda teria um troco. Fiz a portabilidade de todos os meus contratos de empréstimos em outros bancos para um só. Acho que valeu a pena. Peguei um saldo e pude pagar minhas contas.
>
> **Fonte:** https://www.corpusdoportugues.org/now/. Acesso em: 25 set. 2021.

Desse recorte textual, destacamos o SN *todos os meus contratos de empréstimo em outros bancos*, chamando a atenção para o Det complexo *todos os meus*, que se antepõe ao núcleo *contratos*: nele, encontramos o Det-base *os* (artigo definido), precedido pelo pré-Det *todos* (pronome indefinido) e seguido pelo pós-Det *meus* (pronome possessivo). Nesse Det, poderia ser inserido, ainda, o numeral *dois*, por exemplo, após o possessivo, ficando ***todos os meus dois*** *contratos […]*. Essa sequência do Det complexo demonstra que as combinações entre seus componentes não são aleatórias; antes, obedecem a certas regras de seleção e de posição na estrutura sintagmática do SN.

Quanto ao Mod, este pode ser um adjunto, representado por adjetivo (SA), locução adjetiva (SP) ou oração adjetiva restritiva (SO); um complemento, codificado sempre por SP; ou um aposto espe-

cificativo, expresso por um SN. Voltando ao excerto textual de "É proibido proibir", vemos o SN *a hora adversa que Deus concede aos seus*, cuja formação inclui, além do Det *a* e do núcleo *hora*, os Mod *adversa* (SA) e *que Deus concede aos seus* (SO – representado pela adjetiva restritiva), ambos na condição de adjuntos. Para exemplificar o Mod-complemento, retomamos o SN complexo *a portabilidade de todos os meus contratos de empréstimos em outros bancos para um só*, extraído do recorte textual anterior. Nesse SN, cujo núcleo é *portabilidade*, identificamos os SP-complementos *de todos os meus contratos de empréstimos em outros bancos* e *para um só*, os quais funcionam como complemento do substantivo transitivo *portabilidade*. No caso do Mod-aposto especificativo, podemos citar como exemplo os SN *a médica Luiza Morato* e *o químico Fabian Nederpelt* (do texto visto na Aula 1), nos quais, respectivamente, *Luiza Morato* (também SN) especifica o núcleo *médica* e *Fabian Nederpelt* (outro SN) especifica o núcleo *químico*.

Casos há em que outra categoria linguística, por derivação imprópria, pode exercer a função de Mod-adjunto. É o que se constata, por exemplo, neste recorte textual:

(1) "Deus fez-se ***totalmente*** *homem* [...]"
(2) "[...] está sendo acompanhada por *médico* ***cirurgião***"

Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/now/. Acesso em: 25 set. 2021. Grifo nosso.

No primeiro SN, em (1), o advérbio *totalmente* (SAdv) é Mod-adjunto do núcleo *homem*; no segundo, o substantivo *cirurgião*, em (2), é Mod-adjunto de *médico*.

2.2 Estrutura do SA

O *sintagma adjetival* (SA) é o constituinte responsável pela modificação ou pela predicação nominal, tendo por núcleo um adjetivo. Como modificador (Mod), o SA acompanha o substantivo (núcleo do SN), funcionando como adjunto adnominal; na condição de predicador, o SA integra uma oração nominal, exercendo a função de predicativo (do sujeito ou do objeto). Veja os elementos destacados nas amostras seguintes: (i) [...] *o amor torna o cérebro humano lite-*

ralmente incapaz de prestar atenção em rostos muito bonitos; (ii) *O amor é cego – literalmente*.

Em (i), *humano* e *muito bonitos* são SA, pois modificam os substantivos que acompanham (*cérebro* e *rostos*, respectivamente) na condição de adjuntos adominais. Já *literalmente incapaz de prestar atenção em rostos muito bonitos*, em (i), e *cego*, em (ii), são igualmente SA. Isso pelo fato de predicarem um atributo aos respectivos SN *o cérebro humano* e *o amor*, funcionando como predicativos (do objeto, no primeiro caso; do sujeito, no segundo).

Quando constituído por mais de um elemento, nesse caso, um SA complexo, este pode apresentar o(s) seguinte(s) elemento(s) periférico(s): Mod-adjunto, representado por advérbio ou por SP, e/ou por complemento, codificado por SP. Em se tratando do Mod-adjunto, temos as amostras ***muito*** *bonitos*, em que o advérbio de intensidade *muito* modifica o adjetivo *bonitos* (núcleo do SA), e ***literalmente*** *incapaz*, em que o advérbio modalizador *literalmente* modifica o núcleo *incapaz*. Já o SP *de prestar atenção em rostos muito bonitos* funciona como complemento do adjetivo *incapaz*.

Vamos testar o que você conseguiu assimilar sobre o que acabamos de ver?

Atividade 2

Leia o recorte textual a seguir.

Passeios virtuais em lugares históricos: você tem que fazer com sua turma

Que tal apresentar a arte renascentista conduzindo o olhar dos alunos pelas paredes da Capela Sistina? E por que não contar a história da França do alto da Torre Eiffel? Com o auxílio da tecnologia, isso já é totalmente possível.

Museus, instituições e empresas já disponibilizam na internet dezenas de visitas virtuais a lugares de grande importância histórica. O formato é similar ao do Google Street View.

[...]

Os impressionantes afrescos de Michelangelo no teto da famosa capela do Palácio Apostólico podem ser contemplados em sua riqueza de detalhes. As imagens em alta definição permitem aproximar a visualização das paredes.

Fonte: http://revistaescola.abril.com.br/blogs/tecnologia-educacao/2015/05/12/passeios-virtuais-em-lugares-historicos-voce-tem-que-fazer-com-sua-turma/. Acesso em: 26 maio 2015.

1 Identifique, nas orações a seguir, os SN e os SA, especificando-os.

a) Passeios virtuais em lugares históricos: você tem que fazer com sua turma.

SN: _____

SA: _____

b) Com o auxílio da tecnologia, isso já é totalmente possível.

SN: _____

SA: _____

c) O formato é similar ao do Google Street View.

SN: _____
SA: _____

d) Museus, instituições e empresas já disponibilizam na internet dezenas de visitas virtuais a lugares de grande importância histórica.

SN: _____
SA: _____

2 Analise os sintagmas identificados na questão anterior, indicando os elementos nucleares e os periféricos.

a) _____
_____

b) _____
_____

c) _____
_____

d) _____
_____

Em continuidade ao nosso estudo, passemos à caracterização do sintagma verbal.

2.3 Estrutura do SV

O *sintagma verbal* (SV) é o constituinte oracional que tem como núcleo um verbo. Apresenta configuração variada pelo fato de poder ser composto por apenas um elemento (no caso, o verbo) ou por um conjunto de elementos (sintagmáticos ou não). Para entender mais esse conceito, observe as orações que seguem, extraídas do recorte textual da Atividade 2.

(i) Museus, instituições e empresas *já disponibilizam na internet dezenas de visitas virtuais a lugares de grande importância histórica*.

(ii) O formato *é similar ao do Google Street View*.

(iii) Os impressionantes afrescos de Michelangelo no teto da famosa capela do Palácio Apostólico *podem ser contemplados em sua riqueza de detalhes*.

Nas sentenças destacadas, identificamos os seguintes sintagmas verbais: (i) *já disponibilizam na internet dezenas de visitas virtuais a lugares de grande importância histórica*; (ii) *é similar ao do Google Street View*; e (iii) *podem ser contemplados em sua riqueza de detalhes*. Os sintagmas em destaque apresentam como núcleos as respectivas formas verbais: *disponibilizam* (i), *é* (ii) e *contemplados* (iii).

Nos três casos, o SV contém, além do núcleo verbal, um conjunto de elementos sintagmáticos periféricos relacionado ao verbo. Em (i), temos *já* (SAdv), *na internet* (SP) e *dezenas de visitas virtuais a lugares de grande importância histórica* (SN); em (ii), *similar ao do Google Street View* (SA); em (iii), *em sua riqueza de detalhes* (SP).

No primeiro caso, os sintagmas *já* e *na internet* exprimem, respectivamente, as circunstâncias de tempo e lugar em relação ao fato *disponibilizam dezenas de visitas virtuais a lugares de grande importância histórica*, atuando como seus adjuntos adverbiais; o sintagma *dezenas de visitas virtuais a lugares de grande importância histórica* serve de complemento ao verbo (*disponibilizar*), desempenhando a função de objeto direto.

No segundo, *similar ao do Google Street View* é o sintagma principal, exercendo a função de predicativo do sujeito (*o formato*). Nesse caso, o verbo (*ser*) é o elemento de ligação entre sujeito e predicativo, por isso se denomina verbo copulativo (ou de ligação).

No último, o sintagma *em sua riqueza de detalhes* indica circunstância de modo em relação ao evento *podem ser contemplados*, funcionando como adjunto adverbial. Uma observação a ser feita sobre a locução verbal ***podem ser*** *contemplados* diz respeito ao papel dos elementos que a constituem: *contemplados* é o núcleo, enquanto *podem* e *ser* são auxiliares.

Pelo que observamos, o SV é o constituinte sentencial que se relaciona, direta e/ou indiretamente, com diversos outros tipos de sintagmas que se vinculam a ele, em graus variados de dependência, como complemento(s) ou adjunto(s). Pode(m), ainda, associar-se ao núcleo verbal outro(s) verbo(s) em função de auxiliaridade (para marcar tempo, aspecto, modo ou voz), como é o caso em (iii), no qual os auxiliares *podem* e *ser* exercem as respectivas funções de

modo habilitativo e voz passiva. Tais verbos são periféricos em relação ao principal/nuclear (*contemplar*), não possuindo por si sós estatuto sintagmático.

2.4 Estrutura do SAdv

O *sintagma adverbial* (SAdv) é o constituinte cujo núcleo codifica-se por advérbio. Semanticamente, expressa, em geral, uma circunstância em relação ao verbo da sentença, ao SA ou a outro SAdv, servindo como Mod-adjunto. Pode também, em certos casos, modificar um SN, um SP ou um SO. Vejamos as amostras no fragmento textual a seguir:

Agora está tão longe
Vê, a linha do horizonte me distrai:
Dos nossos planos é que tenho mais saudade,
Quando olhávamos juntos na mesma direção

Aonde está você agora
Além de aqui dentro de mim?

Agimos certo sem querer
Foi só o tempo que errou
Vai ser difícil sem você
Porque você está comigo o tempo todo

Quando vejo o mar
Existe algo que diz:
– A vida continua e se entregar é uma bobagem

Já que você não está aqui,
O que posso fazer é cuidar de mim
Quero ser feliz ao menos
Lembra que o plano era ficarmos bem?

LEGIÃO URBANA. *Vento no litoral*. Fonte: http://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/vento-no-litoral.html. Acesso em: 4 jun. 2015.

No texto, encontramos, em (i) *Agora está* ***tão longe***, os SAdv *agora* e *tão longe* exprimindo as circunstâncias de tempo e lugar, respectivamente, em relação a *está*; em (ii) *Já que você* ***não*** *está* ***aqui***, encontramos *não* e *aqui*, sendo que o primeiro (*não*) indica negação do fato *você está aqui*, e o segundo (*aqui*) designa lugar em relação a *está*; em (iii) *Lembra que o plano era ficarmos* ***bem****?*, o termo *bem* expressa circunstância de modo em referência a *ficarmos*.

Quando composto por mais de uma palavra, o SAdv (complexo) pode apresentar como elemento(s) periférico(s) um advérbio e/ou um SP como adjunto, um advérbio e/ou um SP como aposto especificativo, os quais atuam como Mod do núcleo, ou, ainda, um SP-complemento. É o que ocorre, por exemplo, nos SAdv (i) ***tão*** *longe* e (ii) *além* ***de aqui dentro de mim***: no primeiro caso, *tão* (advérbio de intensidade) modifica o advérbio *longe* (núcleo); no segundo, *dentro de mim* funciona como aposto especificativo de *aqui*, enquanto *de aqui* e *de mim* são os respectivos SP-complementos de *além* e *dentro*. É preciso assinalar que o intensivo *tão* é um adjunto, não podendo formar sintagma por si mesmo; já *de aqui*, *aqui*, *dentro* e *de mim* são, por si sós, constituintes sintagmáticos, ou seja, SP, SAdv, SAdv e SP, respectivamente.

Cabe frisar que o SAdv também pode ser representado por uma forma adjetival, num caso de derivação imprópria. Em geral, esse tipo de SAdv expressa circunstância de modo em relação ao verbo a que se liga. Esse fenômeno pode ser verificado, por exemplo, em *Agimos certo sem querer* (do texto sob análise). Nele, a forma adjetival *certo* é um SAdv de modo, cuja semântica incide sobre o verbo *agir*.

2.5 Estrutura do SP

O s*intagma preposicional* (SP) é o constituinte cujo núcleo é uma preposição. Ele representa sempre um sintagma complexo, pois a seu núcleo preposicional vincula-se outro sintagma, no caso, um SN (ou algum outro elemento de valor nominal). Observemos os seguintes casos, extraídos da canção do Legião Urbana:

(i) Vê, a linha *do horizonte* me distrai;
(ii) *Dos nossos planos* é que tenho mais saudade;
(iii) Quando olhávamos juntos *na mesma direção*;
(iv) O que posso fazer é cuidar *de mim*.

Nesses versos, encontramos os SP *do horizonte,* em (i); *dos nossos planos,* em (ii); *na mesma direção*, em (iii); e *de mim*, em (iv).

Perceba que todos eles são constituídos de uma preposição mais um SN/termo equivalente: (i) *de + o horizonte*; (ii) *de + os nossos planos*; (iii) *em + a mesma direção*; (iv) *de + mim*, sendo, neste último caso, o SN representado por um pronome (*mim*).

O SP desempenha funções sintáticas variadas, quais sejam: adjunto adnominal, adjunto adverbial, complemento nominal, complemento relativo, objeto indireto, predicativo (do sujeito ou do objeto), aposto e agente da passiva. Nos casos ilustrados anteriormente, temos as seguintes funções desempenhadas pelos SP: (i) adjunto nominal (*do horizonte*), (ii) complemento nominal (*dos nossos planos*), (iii) adjunto adverbial (*na mesma direção*) e (iv) complemento relativo (*de mim*).

É também possível, em um SP, haver outro elemento na condição de adjunto, no caso, um advérbio. É o que se encontra, por exemplo, em "Ela ficou ***muito*** *sem graça*" (Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/now/. Acesso em: 30 set. 2021), no qual o SP *sem graça* vem com o advérbio de intensidade *muito* como seu adjunto modificador (Mod).

2.6 Estrutura do SO

Conforme já explicado, o *sintagma oracional* (SO) compõe-se de uma oração, que é centrada em um verbo pleno. Para se classificar como tal, o SO deve figurar como um constituinte oracional vinculado a outro sintagma (oracional ou não), exercendo função semântico-sintática idêntica à de um constituinte na estrutura frasal (PERINI, 2005).

O SO pode ser exemplificado pelas seguintes amostras, da canção "Vento no litoral" (Legião Urbana), analisada há pouco:

(i) *Agimos certo sem* ***querer***;
(ii) ***se entregar*** *é uma bobagem*;
(iii) *Lembra* ***que o plano era ficarmos bem****?*.

Em (i), *querer* é o SO participante do SP *sem querer*, que funciona como adjunto adverbial de modo em relação ao verbo *agir*. Em (ii), *se entregar* é um SO, exercendo a função de sujeito do predicado *é uma bobagem*. Em (iii), há dois SO: o primeiro, *que o plano era ficarmos bem*, é a oração-complemento (objeto direto) do predicado *lembra*; o segundo, *ficarmos bem*, atua como predicativo do sujeito *o plano*.

A seguir, vamos para mais um pequeno teste para verificar o que você apre(e)ndeu?

Atividade 3

Leia o texto “O socorro”, de Millôr Fernandes, para responder às questões dadas em seguida.

O socorro

Millôr Fernandes

Ele foi cavando, cavando, cavando, pois sua profissão – coveiro – era cavar. Mas, de repente, na distração do ofício que amava, percebeu que cavara demais. Tentou sair da cova, e não conseguiu. Levantou o olhar para cima e viu que, sozinho, não conseguiria sair. Gritou. Ninguém atendeu. Gritou mais forte. Ninguém veio. Enrouqueceu de gritar, cansou de esbravejar, desistiu com a noite. Sentou-se no fundo da cova, desesperado.

A noite chegou, subiu, fez-se o silêncio das horas tardias. Bateu o frio da madrugada e, na noite escura, não se ouvia mais um som humano, embora o cemitério estivesse cheio dos pipilos e coaxares naturais dos matos.

Só pouco depois da meia-noite é que lá vieram uns passos. Deitado no fundo da cova o coveiro gritou. Os passos se aproximaram. Uma cabeça ébria apareceu lá em cima, perguntou o que havia: “O que é que há?”. O coveiro então gritou, desesperado: “Tire-me daqui, por favor. Estou com um frio terrível!”. “Mas, coitado!” – condoeu-se o bêbado. – “Tem toda razão de estar com frio. Alguém tirou a terra toda de cima de você, meu pobre mortinho!”. E, pegando a pá, encheu-a de terra e pôs-se a cobri-lo cuidadosamente.

Moral: n*os momentos graves é preciso verificar muito bem para quem se apela.*

Fonte: http://www.citador.pt/textos/o-socorro-millor-fernandes. Acesso em: 2 jun. 2015. Texto adaptado.

1 Identifique, nas sentenças seguintes, os SV (sintagma verbal), SAdv (sintagma adverbial), SP (sintagma preposicional) e SO (sintagma oracional), especificando-os.

a) [...] sua profissão – coveiro – era cavar.

b) Sentou-se no fundo da cova, desesperado.

c) Bateu o frio da madrugada [...]

d) [...] pôs-se a cobri-lo cuidadosamente.

e) Uma cabeça ébria apareceu lá em cima [...]

2 Considere as afirmações a respeito da "Moral" da narrativa (*nos momentos graves é preciso verificar muito bem para quem se apela*) e depois indique a opção que faz o correto julgamento sobre elas.

(i) No enunciado da *Moral*, não se encontra nenhum Det(erminante).
(ii) O trecho *verificar muito bem para quem se apela* representa dois SO.
(iii) Em *verificar muito bem*, há um Mod(ificador) de SV e um Mod(ificador) de SAdv.

a) Estão corretas apenas as afirmativas (i) e (ii).
b) Estão corretas apenas as afirmativas (i) e (iii).
c) Estão corretas apenas as afirmativas (ii) e (iii).
d) Todas as afirmativas estão corretas.

Leituras complementares

Para que você complemente/reforce os conhecimentos construídos e/ou (re)lembrados nesta aula, indicamos a leitura dos seguintes textos:

AZEREDO, José Carlos de. **Iniciação à sintaxe do português**. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Nesse livro, o autor contempla, entre outros elementos, o objeto de estudo da sintaxe, categorias da descrição gramatical e estrutura sintagmática do português. Azeredo faz um reexame crítico do modelo tradicional de análise sintática e aponta encaminhamentos que podem contribuir com o professor de português em sua prática pedagógica. Sugerimos, para o momento, a leitura do capítulo V (A estrutura sintagmática do português), em que o autor aborda os constituintes imediatos da sentença e de suas propriedades.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. **Novo manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

Trata-se de uma obra que, conforme destacam os autores, detém-se em mostrar, com certo detalhamento, a estrutura de uma sentença; como se representa a estrutura da sentença em árvore (por meio da Teoria X-barra); como é explicitada a combinação de um núcleo com seus argumentos ou de um sintagma com seus adjuntos (Teoria Temática); o que regula o movimento para posição argumental (Teoria do Caso) ou não argumental; como é que se podem combinar as expressões referenciais, os pronomes e as anáforas (Teoria da Vinculação); o que regula a movimentação de núcleos e sintagmas (Mova α).

Resumo

Nesta aula, vimos a noção de sintagma, que representa o constituinte imediato da sentença, responsável pela estruturação frasal, bem como a classificação dos sintagmas, a saber: SN, SA, SV, SAdv, SP e SO. O SN é o constituinte cujo núcleo é um substantivo ou equivalente; o SA tem como núcleo um adjetivo; o SV é nucleado por um verbo principal; o SAdv tem o advérbio por núcleo; o SP é um constituinte complexo, tendo por núcleo uma preposição e outro sintagma (com função nominal); o SO é uma oração com função de um constituinte sintagmático. Vimos, ainda, que os sintagmas têm uma estrutura interna, a qual pode constituir-se de um só item ou de mais de um componente, e se articulam conforme relações de hierarquia e de sequenciação entre seus elementos. Nessas relações, existem elementos nucleares e periférico(s), podendo este(s) representar(em) ou não outro(s) sintagma(s).

Autoavaliação

Leia o trecho a seguir, extraído do conto *Venha ver o pôr do sol*, de Lygia Fagundes Telles, para responder às questões de 1 a 4.

Venha ver o pôr do sol

Lygia Fagundes Telles

Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira. À medida que avançava, as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios. No meio da rua sem calçamento, coberta aqui e ali por um mato rasteiro, algumas crianças brincavam de roda. A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde.

Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante.

– Minha querida Raquel.

Ela encarou-o, séria. E olhou para os próprios sapatos.

– Vejam que lama. Só mesmo você inventaria um encontro num lugar destes. Que ideia, Ricardo, que ideia! Tive que descer do táxi lá longe, jamais ele chegaria aqui em cima.

Ele sorriu entre malicioso e ingênuo.

– Jamais, não é? Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância…Quando você andava comigo, usava uns sapatões de sete-léguas, lembra? [...]

Fonte: http://www.beatrix.pro.br/index.php/venha-ver-o-por-do-sol-lygia-fagundes-telles. Acesso em: 2 jun. 2015.

1 Julgue como verdadeira (V) ou falsa (F) cada uma das afirmativas a seguir.

( ) Em "Venha ver o pôr do sol", temos dois SN e um SP.
( ) Na sentença "[...] tinha um jeito jovial de estudante", o núcleo do SN é modificado por dois sintagmas.
( ) Podemos identificar quatro SA em "A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde".
( ) Há, pelo menos, três SAdv na sentença "Tive que descer do táxi lá longe, jamais ele chegaria aqui em cima".
( ) No período "Pensei que viesse vestida esportivamente [...]", *que viesse vestida esportivamente* é um SO, predicado em relação ao sujeito *Pensei*.

2 Identifique todos os sintagmas presentes nas seguintes sentenças.

a) Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira.

_____

b) [...] jamais ele chegaria aqui em cima.

_____

3 Analise os sintagmas identificados na questão anterior, indicando os elementos nucleares e os periféricos.

a) _____

_____

b) _____

_____

4 Relacione os termos em destaque na segunda coluna à sua respectiva classe sintagmática.

a) SN ( ) Ela ***encarou-o***, séria.
b) SA ( ) Pensei que viesse vestida ***esportivamente*** [...]
c) SV ( ) Ele a esperava encostado ***a uma árvore***.
d) SAdv ( ) [...] coberta aqui e ali por um mato ***rasteiro*** [...]
e) SP ( ) Só mesmo você inventaria ***um encontro num lugar destes***.

Referências

AZEREDO, J. C. **Iniciação à sintaxe do português**. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. J. (org.). **O corpus do português**: NOW (2012-2019). [*S. l.*]: Corpus do português, 2018. Disponível em: https://www.corpusdoportugues.org/xp.asp. Acesso em: 4 fev. 2022.

É PROIBIDO proibir. Intérprete: Caetano Veloso. *In*: CAETANO VELOSO. **A arte de Caetano Veloso**. [*S. l.*]: Polygram, [1968?]. Faixa 6.

FERNANDES, M. O socorro. *In*: FERNANDES, Millôr. **Pif-paf**. [*S. l.*]: Citador, 1964. Disponível em: https://www.citador.pt/textos/o-socorro-millor-fernandes. Acesso em: 4 fev. 2022.

KOCH, I. V.; SILVA, M. C. P. S. **Linguística aplicada ao português**: sintaxe. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. **Manual de sintaxe**. Florianópolis: Insular, 1999.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

TELLES, L. F. Venha ver o pôr do sol. *In*: TELLES, L. F. **Antes do Baile Verde**. [*S. l.*]: Página da Beatrix, 1970. Disponível em: http://www.beatrix.pro.br/index.php/venha-ver-o-por-do-sol-lygia-fagundes-telles/. Acesso em: 4 fev. 2022.

VENTO no litoral. Intérprete: Renato Russo. Compositores: R. Russo e D. Villa-Lobos. *In*: LEGIÃO URBANA. V. [*S. l.*]: Emi, 1991. Faixa 7.

Funções sintáticas no nível da oração: termos relacionados ao verbo – Parte I

Aula

3



Apresentação

Prezado(a) aluno(a), nesta aula, vamos iniciar o estudo da estrutura argumental da oração, ou seja, da relação entre o verbo e os termos a ele vinculados, dos quais focalizaremos o *sujeito*. Nessa direção, vamos considerar a relação hierárquica entre o verbo e seus argumentos, a transitividade e os tipos de predicado.

Objetivos

1. Caracterizar a estrutura argumental da oração, considerando as relações hierárquicas dos termos vinculados ao verbo.
2. Distinguir os tipos de predicado e os tipos de verbo conforme a transitividade.
3. Identificar o argumento externo (sujeito) e sua constituição interna.
4. Reconhecer os papéis desempenhados pelos constituintes internos do argumento externo.
5. Identificar fatores semântico-pragmáticos implicados nas formas de expressão do argumento externo.



1 Estrutura argumental da oração: relação entre verbo e argumentos

A *estrutura argumental* da oração diz respeito à relação entre o verbo e os elementos a ele vinculados. Essa relação é de hierarquia, no sentido de que o verbo seleciona (determina) a presença de alguns termos na oração. A seleção desses elementos se deve a propriedades semânticas do verbo. Vejamos o texto seguinte.

Narrativa recontada

Isto aconteceu com uma amiga minha.

Certo dia, uma amiga minha pegou sua irmã e foi fazer umas compras na Tijuca. Pegaram o ônibus e sentaram-se no banco de trás. O ônibus corria normalmente e a certa altura sentou um homem ao seu lado.

A minha amiga viu dois lugares na frente e abriu a bolsa para pegar o dinheiro da passagem, até que o homem em voz baixa chamou a sua atenção, mostrou-lhe uma pequena arma e disse para ela passar para ele o dinheiro, relógio e pulseira. Ela não sabe como fez, mas olhou para ele e bem alto berrou: "Está amarrado, em nome de Jesus!"

Pegou a mão da irmã, passaram a roleta, não pagaram e pediram ao motorista que parasse. Saltaram e deixaram todos sem entender nada, até o ladrão. Isso em questão de segundos.

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/. Trecho adaptado. Acesso em: 18 nov. 2021.

No primeiro período do texto, "Isto aconteceu com uma amiga minha", o verbo *acontecer* seleciona um elemento (*isto*) que corresponde ao que aconteceu; ou seja, a ideia é que "algo aconteceu". Esse algo (*isto*, no caso do período em questão) funciona como sujeito do verbo *acontecer*. Já no trecho "A minha amiga viu dois lugares na frente e abriu a bolsa para pegar o dinheiro da passagem [...]", os verbos *ver* e *abrir* selecionam, cada um, dois elementos: *A minha amiga* e *dois lugares na frente*, na primeira oração; *A minha amiga* (elíptico) e *a bolsa*, na segunda. Isso se deve ao fato de que *ver* im-

plica aquele que vê (*A minha amiga*) e o que é visto (*dois lugares na frente*); do mesmo modo, *abrir* pressupõe alguém que abre (*A minha amiga*) e algo que é aberto (*a bolsa*). Em ambos os casos, temos um sujeito (*A minha amiga*) e um objeto direto (*dois lugares na frente* e *a bolsa*, respectivamente).

Os elementos selecionados pelo verbo são denominados *argumentos*, que podem ser *externo* (o sujeito) ou *internos* (os complementos). Os argumentos internos podem ser: objeto direto, objeto indireto, complemento relativo. Assim, nas orações analisadas anteriormente, *Isto* (sujeito de *aconteceu*) e *A minha amiga* (sujeito de *viu*) são argumentos externos, enquanto *dois lugares na frente* (objeto direto de *viu*) e *a bolsa* (objeto direto de *abriu*) são argumentos internos.



Atenção

Argumento externo: sujeito da oração. É assim chamado, pois está fora do sintagma verbal (SV).

Argumento interno: complemento do verbo; pode ser objeto direto (OD), objeto indireto (OI) ou complemento relativo (CR). Esse elemento é interno ao SV.

1.1 Verbos intransitivos, verbos transitivos e verbos de ligação

Conforme mostrado na seção anterior, o verbo, que é o elemento central da oração, pode selecionar termo(s) para acompanhá-lo. Retomemos as orações já comentadas:

- *Isso aconteceu com uma amiga minha.*
- *A minha amiga viu dois lugares na frente e abriu a bolsa para pegar o dinheiro da passagem [...]*

Observemos que o verbo *acontecer* seleciona apenas o argumento externo (o sujeito *isto*), que representa aquilo que acontece. Já os verbos *ver*, *abrir* e *pegar*, além do argumento externo (sujeito), selecionam um argumento interno, objeto direto (OD) nos três casos:

dois lugares na frente (OD de *ver*), *a bolsa* (OD de *abrir*) e *o dinheiro* (OD de *pegar*). Essa situação se deve ao fato de *ver*, *abrir* e *pagar* implicarem alguém (sujeito) que *vê*, *abre* e *pega* e algo (OD) que é *visto*, *aberto* ou *pegado*.

Os verbos que não requerem argumento interno (complemento) são tradicionalmente considerados **intransitivos**, como é o caso de *acontecer*, que seleciona apenas argumento externo (sujeito). Aqueles que demandam argumento interno são chamados **transitivos**, situação de *ver*, *abrir* e *pegar*, os quais exigem OD.

Há também um conjunto específico de verbos que seleciona o sujeito e é acompanhado de um elemento que representa uma propriedade (condição, qualidade, estado, atributo, identidade) desse sujeito. É o que ocorre com *estar* e *ser*, destacados neste fragmento textual:

> [...] então a minha casa **está** mesclada... a parte de fora da casa tem uma cor meio... assim... acinzentada... um verde... quaze cinza... a área... de baixo né... a varanda de baixo **é** branca e as salas **são** brancas... a cozinha **é** toda de azulejo e não tem... é de cor bege [...]
>
> **Fonte:** http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 18 nov. 2021. Grifo nosso.

Na oração "então a minha casa está mesclada", o verbo *estar* ocorre com o sujeito (*a minha casa*) e com um elemento que indica uma condição momentânea ou estado desse sujeito (*mesclada*). Nas orações "a varanda é branca e as salas são brancas... a cozinha é toda de azulejo", o verbo *ser* relaciona cada sujeito (*a varanda de baixo, as salas, a cozinha*) a uma característica que é destacada (*branca/s* e *de azulejo*). Verbos com esse funcionamento são chamados **verbos de ligação** (ou **copulativos**/**predicativos**).

Os verbos de ligação constituem uma classe limitada e indicam nuances aspectuais e semânticas em relação à propriedade atribuída ao sujeito. Assim, por exemplo, consideremos uma das orações destacadas no parágrafo precedente e outras versões, com a substituição do verbo copulativo:

- *A varanda **é** branca...*
  A varanda **está** branca.
  A varanda **ficou/tornou-se** branca.
  A varanda **permanece/continua** branca.
  A varanda **parece** branca.

No primeiro caso, o uso de *ser* remete a uma propriedade tomada como permanente; com *estar*, destaca-se o caráter momentâneo da condição (ou seja, a cor da varanda pode ser alterada em outro instante); *ficar* e *tornar-se* assinalam mudança de condição/estado (antes a varanda não tinha essa cor); os verbos *permanecer* e *continuar* marcam permanência de propriedade (a cor da varanda ainda é a mesma); já *parecer* indica uma atitude ou ponto de vista do locutor em relação ao conteúdo veiculado, funcionando como recurso modalizador (o locutor não tem certeza da cor da varanda: não sabe se é realmente branca).

Os verbos transitivos subclassificam-se conforme a natureza semântica e morfossintática de seus complementos. Vejamos os excertos de 1 a 4:

Excerto 1

Relato de procedimento

A primeira coisa que faço é pensar no cardápio. Como minha família **gosta** muito de peixe, normalmente **escolho** peixe. Vou a geladeira para saber se tem tudo o necessário, encontrando **começo** o trabalho.

Primeiro **limpo** bem o peixe e o tempero com sal e limão, deixo descansando enquanto preparo o que vai acompanhar. Limpo bem o arroz e o lavo, deixo escorrer um pouco, enquanto o arroz escorre, douro a cebola e o alho no óleo quente, descasco os legumes como: cenoura, repolho, beterraba e chuchu. **Coloco** os legumes ralados na panela com a cebola e o alho dourado, ponho o arroz e água até cobrir tudo. Em seguida descasco umas batatas e ponho para cozinhar; estando cozidas faço um purê com queijo ralado, manteiga, gema de ôvo (*sic*), leite e as batatas bem amassadas.

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 4 dez. 2021. Grifo nosso.

Excerto 2

Audi expõe S4 Avant de Senna em SP

Os fãs de Ayrton Senna terão um motivo especial para visitar o Audi Lounge, espaço temático da marca localizado em São Paulo (SP). O local exibe até outubro a S4 Avant 1994 que **pertenceu** ao tricampeão mundial de Fórmula 1.

Com menos de cinco mil quilômetros rodados desde sua fabricação, a perua é toda original e se mantém preservada graças à família Senna, que a mantém guardada em uma garagem. As iniciais da placa da S4 Avant entregam o dono famoso: as letras BSS fazem alusão a "Beco" (apelido do piloto) Senna da Silva.

[...]

Fonte: https://quatrorodas.abril.com.br/noticias/audi-expoe-s4-avant-de-senna-em-sp/. Acesso em: 11 dez. 2021. Grifo nosso.

Excerto 3

Relato de opinião

As opções para se assistir um programa de televisão são muitas. Quase todos os canais oferecem o mesmo produto: jornais, novelas, filmes, seriados, musicais, etc. Quando a escolha é a de assistir um filme, no final da noite, temos que fazer uma jornada através dos canais à cata daquele que irá preencher o nosso tempo.

Pessoalmente, **acho** as programações de filmes muito fracas, no que diz respeito à qualidade. A maioria dos filmes que são oferecidos são os famosos "enlatados" americanos onde a temática se desenvolve num misto de lutas violentas ou tramas macabras. Raramente encontramos um cujo desenrolar tenha um mínimo de falas inteligentes ou mesmo que explore o lado psicológico dos personagens.

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 4 dez. 2021. Grifo nosso.

Excerto 4

Quando eu estudava no Atheneu em 1980, eu costumava ajudar na limpeza dos laboratórios.

Um dia o professor Edson me convidou para ajudá-lo e neste ínterim me **mostrou** algo mágico, ou seja, me **mostrou** como fazia fogo na água. Achei fantástico! Ele pegou uma pitada de clorêto de sódio em estado natural (pastoso) e pôs num pequeno becker com água foi aquele fogo desfilando dentro do becker. [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 4 dez. 2021. Grifo nosso.

No Excerto 1, os verbos *escolher*, *começar* e *limpar*, destacados em negrito, requerem um sujeito (não explícito, no caso, *eu* = Ø, que remete ao narrador: eu escolho, eu começo e eu limpo) e um complemento representado sem preposição obrigatória (objeto direto – OD): *peixe* (OD de *escolho*), *o trabalho* (OD de *começo*) e *o peixe* (OD de *limpo*). Esses verbos são considerados **transitivos diretos**.

Já o verbo *gostar*, também em destaque no Excerto 1, seleciona, além do sujeito (*minha família*), um complemento introduzido por preposição obrigatória (*de peixe*, complemento relativo – CR). *Gostar* implica um ser que gosta (sujeito) e algo/alguém de que(m) se gosta (complemento com preposição, "alvo" desse gostar). Verbo com essas características é denominado **transitivo relativo**.

Ainda no primeiro trecho, está negritado o verbo *colocar*, o qual seleciona o sujeito não explícito *eu* = Ø e dois complementos: aquilo que é colocado (*os legumes ralados*, OD) e onde é colocado (*na panela com a cebola e o alho dourado*, complemento relativo). Verbos com essas características são **transitivos diretos e relativos**: selecionam um OD e um complemento preposicionado, geralmente com valor circunstancial.

No Excerto 2, o verbo *pertencer* seleciona o sujeito (*que = a S4 Avant 1994*) e um complemento introduzido pela preposição "*a*" (*ao tricampeão de Fórmula 1*), este que tem um referente humano. Esse tipo de complemento (introduzido pela preposição "a" e com referente humano) é considerado objeto indireto (OI), e o verbo que demanda esse tipo de objeto é chamado **transitivo indireto**.

O verbo *achar*, no segundo parágrafo do Excerto 3, é utilizado na acepção de *considerar*, *avaliar*, demanda um sujeito (*eu* = Ø), que representa aquele acha/considera, algo que é considerado (*as programações de filmes*, OD) e como esse algo é considerado (*muito fracas*, predicativo do objeto). Verbos desse tipo são chamados de **transobjetivos**: requerem um complemento (OD ou OI) e um atributo (qualidade/estado) para esse complemento (predicativo do objeto). Representam uma classe restrita, a qual inclui *considerar, avaliar, julgar, nomear.*

Por fim, no Excerto 4, o verbo *mostrar*, em negrito, seleciona, em suas duas ocorrências, três elementos: alguém que mostra (o sujeito elíptico *o professor Edson* = Ø), aquilo que é mostrado (os OD *algo mágico* e *como fazia fogo na água*) e a quem se mostra (o objeto indireto *me*). Esse verbo é considerado **transitivo direto e indireto**, justamente por demandar esses dois complementos: objeto direto e objeto indireto.

Cabe destacar que a classificação do verbo quanto à transitividade deve levar em conta o uso efetivo desse verbo, pois, a depender da acepção com que é empregado e dos elementos com que ele se relaciona, pode apresentar comportamento sintático distinto. É o que acontece com *deixar* nos fragmentos 1, 2 e 3 adiante.



Ø

Símbolo que representa o morfema zero, que indica a elipse (omissão) de um termo.



Transitivo relativo

A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) considera esse tipo de verbo como **transitivo indireto**, por assumir que todo complemento verbal introduzido por preposição é **objeto indireto**. Defendemos, contudo, que o objeto indireto é o complemento introduzido pela preposição ***a*** ou, mais raramente, pela preposição ***para***; é substituível, na terceira pessoa, por *lhe(s)*; tem por referente um ser animado (geralmente humano) ou tomado como tal; e representa o recipiente/beneficiário da ação expressa pelo verbo.

Excerto 1

Gilmar Dal Pozzo enaltece desempenho de Jefferson em empate do Náutico contra o ABC

O empate entre Náutico e ABC, nos Aflitos, teve um gosto amargo para torcedores e jogadores, mas serviu para mostrar que o Alvirrubro tem segurança debaixo das traves mesmo depois da saída de Bruno, que foi titular da posição ao longo de 2019, e **deixou** o clube rumo ao futebol português. Em seu terceiro jogo pelo clube após voltar de empréstimo ao Joinville, o goleiro Jefferson fez boas defesas e acabou recebendo elogios do técnico Gilmar Dal Pozzo.

Fonte: https://www.superesportes.com.br/app/18,98/2019/06/30/noticia_nautico,56447/gilmar-dal-pozzo-enaltece-desempenho-de-jefferson-em-empate-do-nautico.shtml. Acesso em: 11 dez. 2021. Grifo nosso.

Excerto 2

Professor faz disparo acidental em sala de aula na Califórnia

Um professor fez um disparo acidental de arma de fogo durante uma aula sobre segurança em uma escola da Califórnia, em um incidente que **deixou** um estudante levemente ferido, informou a polícia nesta quarta-feira.

O professor de matemática e ex-policial Dennis Alexander, da escola secundária Seaside de Monterey, disparou uma arma semiautomática apontada para o teto, revelou o chefe da polícia Abdul Pridgen.

Fonte: https://istoe.com.br/professor-faz-disparo-acidental-em-sala-de-aula-na-california/. Acesso em: 11 dez. 2021. Grifo nosso.

Excerto 3

Quinze famílias mais ricas do Brasil são donas de 5% do PIB

Economia & negócios – 15 mai. 2014

[...]

Segundo a revista, o número de bilionários no País cresceu significativamente desde 1987, quando a primeira lista de bilionários *da Forbes* foi publicada.

Na época, apenas três brasileiros estavam no grupo dos bilionários do mundo: Sebastião Camargo, fundador do grupo Camargo Correa e dono da marca sandálias Havaianas; Antônio Ermírio de Moraes, um dos acionistas do Grupo Votorantim; e Roberto Marinho, que herdou o jornal *O Globo* e **deixou** para os filhos as Organizações Globo, maior império de mídia do continente.

[...]

Fonte: https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,quinze-familias-mais-ricas-do-brasil-sao-donas-de-5-do-pib,184946e. Acesso em: 15 dez. 2021. Grifo nosso.

Em cada um desses excertos textuais, o verbo *deixar* apresenta comportamento distinto. No primeiro, esse verbo é empregado na acepção de *desligar-se/abandonar* e demanda um complemento sem preposição (*o clube*, objeto direto), comportando-se, pois, como *transitivo direto*. No Excerto 2, *deixar* apresenta semântica de "tornar/fazer algo/alguém ficar em certo estado/condição", seleciona um objeto direto (*um estudante*) e um estado/condição resultante para esse objeto (*levemente ferido*); funciona, assim, como *verbo transobjetivo*. No último excerto, o mesmo verbo é utilizado com o sentido de *transmitir/legar* e requer dois complementos: um objeto direto (*as Organizações Globo*), que representa o que é transmitido/legado, e um objeto indireto (*para os filhos*), que designa a quem é transmitido; atua, portanto, como verbo *transitivo direto e indireto*.

Também registramos que, entre gramáticos (tradicionais ou não), há variação na tipologia dos verbos quanto à predicação. Alguns seguem a classificação da NGB, como Cunha e Cintra (1985), considerando verbos intransitivos, transitivos (diretos, indiretos, bitran-

Objeto indireto, complemento relativo, complemento circunstancial

A distinção entre objeto indireto, complemento relativo e complemento circunstancial será detalhada na Aula 4.

sitivos) e verbos de ligação. Lima (1994), conquanto não apresente de forma clara a tipologia dos verbos, distingue os complementos introduzidos por preposição (**objeto indireto, complemento relativo, complemento circunstancial**). Azeredo (2008) explicita uma classificação detalhada dos verbos com base na predicação: verbo intransitivo, verbo de ligação (copulativo), transitivo (direto, relativo, indireto, direto e indireto, direto e relativo, direto e predicativo, relativo e predicativo e birrelativo).

Entre os linguistas, também encontramos oscilação quanto à terminologia empregada para os tipos verbais em termos da transitividade. Castilho (2010), por exemplo, classifica-os quanto ao número de argumentos selecionados: monoargumentais (um argumento, seja sujeito seja complemento), biargumentais (sujeito e um complemento), triargumentais (sujeito e dois argumentos). Acompanhando a NGB, Neves (2018), por sua vez, menciona, de forma breve, a classificação dos verbos, com foco nos complementos por eles demandados: verbos de ligação ou copulativos, intransitivos (que não têm complemento), transitivos diretos (que requerem apenas OD), transitivos indiretos (que têm apenas OI) e transitivos diretos e indiretos, ou bitransitivos (que demandam os tipos de complemento).

Diretamente relacionado à transitividade está o conceito de valência verbal, o qual diz respeito, grosso modo, à quantidade de elementos participantes que um verbo demanda. Portanto, em termos numéricos, um verbo que seleciona apenas um argumento (sujeito ou complemento) tem valência 1; aquele que demanda dois argumentos (sujeito e um complemento) apresenta valência 2; o verbo que requer três argumentos (sujeito e dois complementos) tem valência 3.

Atenção

Para saber mais

Para a Linguística Funcional norte-americana (GIVÓN, 1995; CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015), a transitividade não é uma propriedade exclusiva do verbo, mas da oração como um todo (HOPPER; THOMPSON, 1980; CUNHA; SOUZA, 2011). Assim, não se classifica o verbo como transitivo ou intransitivo, por exemplo. Analisa-se a transitividade da oração completa, considerando o verbo (emento central) e os termos por ele selecionados (sujeito de objeto). Para essa perspectiva teórica, a transitividade é uma propriedade gradiente, escalar, daí ser analisada em termos de grau. A oração é vista, assim, como possuindo grau mínimo, grau baixo, grau médio, grau alto e grau máximo de transitividade.

A aferição do grau de transitividade da oração se dá pela análise de dez parâmetros, de natureza sintática e semântica, relacionados ao verbo, ao sujeito, ao objeto e à oração como um todo. São estes os parâmetros: participantes (sujeito/objeto); cinese, perfectividade, pontualidade (relativos ao verbo); agentividade, intencionalidade (ligados ao sujeito); modalidade, polaridade (vinculados à oração completa); afetamento/efetuamento, individuação (voltados ao objeto).

Para mais detalhes, recomendamos a leitura de Cunha e Souza (2011) e de Cunha e Bispo (2012).

A seguir, vamos praticar um pouco o que estudamos sobre a estrutura argumental da oração e sobre a classificação dos verbos quanto à predicação.

Atividade 1

O texto a seguir é referência às questões de 1 a 3.

A Corrente do Golfo pede socorro

*Ela **nasce** no México e atravessa o Oceano Atlântico carregando 110 bilhões de litros de água – mais do que todos os rios do mundo somados. **Leva** calor para a Europa e regula as chuvas na América do Sul. Mas novos estudos revelam que a corrente vem perdendo intensidade e **alcançou** o ponto mais fraco em 1.600 anos. Veja por que isso está ocorrendo – e o que pode acontecer se ela **parar**.*

Por Tiago Cordeiro e Bruno Garattoni
Publicado em 17 nov 2021

Uma corrente oceânica que vai do Atlântico Sul até o Ártico começa a perder força. Cientistas alertam o governo americano, mas não são ouvidos. Isso só acontece quando ela finalmente para de circular, desencadeando uma série de fenômenos climáticos extremos: furacões varrem os EUA, um tsunâmi inunda Nova York e uma nova era glacial **torna** o país inabitável, com a população tendo de **fugir** para o México. Eis o enredo do filme O Dia Depois de Amanhã, um blockbuster de 2004 dirigido pelo alemão Roland Emmerich. Ele é um festival de exageros e coisas puramente ficcionais, bem ao estilo do chamado "cinema catástrofe" – Emmerich, um expoente do gênero, já havia dirigido Independence Day (1996) e Godzilla (1998).

Mas, ao contrário deles, O Dia tem algum fundamento científico. Tanto que o oceanógrafo Moacyr Araújo, professor e vice-reitor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), imediatamente se lembra do filme ao ser perguntado sobre a Corrente do Golfo. "Apesar de se tratar de uma obra de ficção, é bom lembrar que a AMOC está no seu ponto mais fraco em mais de um milênio", diz. AMOC é a sigla em inglês para "Circulação de Revolvimento Meri-

dional do Atlântico", o nome técnico da Corrente do Golfo: um fluxo monstruoso, que tem 100 km de largura e desloca inacreditáveis 110 bilhões de litros de água por segundo – isso é 500 vezes a vazão do Rio Amazonas, ou mais do que todos os rios do planeta somados.

A corrente se forma no Golfo do México e sobe pelo litoral dos EUA levando água quente, para então atravessar o Atlântico e se dividir em duas: uma parte banha a Europa, enquanto a outra vai até a Groelândia e o Oceano Ártico. Ela **é** um grande mecanismo de distribuição de calor, diretamente responsável pela regulação do clima na Terra – inclusive porque **funciona** conectada a outros fluxos oceânicos. Se a Corrente do Golfo deixasse de existir, o mar avançaria sobre a costa da América do Norte, e a Europa **ficaria** mais fria e sujeita a grandes tempestades. Mas não só isso: Índia, África e América do Sul receberiam menos chuva, comprometendo sua produção agrícola.

Seria, em suma, um desastre. Um eventual fim da Corrente do Golfo mudaria bastante a vida na Terra. E essa possibilidade já não **pertence** ao campo da ficção. Uma série de estudos publicados nos últimos anos mostraram que a corrente vem perdendo força e pode estar começando a dar sinais de colapso. E o motivo disso é outro pesadelo climático: o aquecimento global.

Fonte: https://super.abril.com.br/sociedade/a-corrente-do-golfo-pede-socorro/. Acesso em: 14 dez. 2021. Grifo nosso.

1 Tomando por base o título do texto, explicite:

a) os elementos selecionados pelo verbo *pedir*;
b) a função sintática desses elementos;
c) que outro elemento esse verbo pode requerer, qual a função sintática desse elemento e por que motivo provavelmente ele não ocorreu na oração sob análise.

2 Considerando os verbos em negrito no texto e a relação que eles mantêm com outros elementos que a eles se ligam (argumentos internos e externo), indique a tipologia de cada um quanto à predicação: intransitivo (VI), transitivo direto (VTD), transitivo indireto (VTI), transitivo relativo (VTR), transitivo direto e relativo (VTDR), transitivo direto e indireto (VTDI), verbo transobjetivo (VTO), verbo copulativo ou de ligação (VL).

3 Observe as duas ocorrências do verbo *lembrar* no segundo parágrafo do texto. Comente o comportamento desse verbo quanto à transitividade em cada caso.

4 Observe a oração que inicia o último parágrafo: "Seria, em suma, um desastre" e desenvolva as questões a seguir:

a) qual o argumento externo (sujeito) do verbo?
b) qual a relação do elemento apontado na questão anterior para o conteúdo do texto?
c) qual a provável razão para o uso do verbo *ser* no futuro do pretérito?

1.2 O argumento externo

Conforme dito, o *argumento externo* corresponde ao sujeito. Ele é normalmente representado por um sintagma nominal (SN), cujo núcleo é um substantivo ou termo equivalente. Além do núcleo, pode(m) aparecer no SN-sujeito outro(s) elemento(s): determinante(s) – Det – e/ou modificador(es) – Mod. Observe os SN em destaque nos períodos seguintes, extraídos da "Narrativa recontada".

- ***Isto*** *aconteceu com uma amiga minha.*
- ***O ônibus*** *corria normalmente [...].*
- *Certo dia,* ***uma amiga minha*** *pegou sua irmã [...].*

Em cada período, o SN-sujeito possui composição distinta: no primeiro caso, o SN é formado apenas pelo núcleo (*isto*); no segundo, além do núcleo (*ônibus*), há um Det (o artigo *o*); no último, temos o núcleo (*amiga*), um Det (*uma*) e um Mod (*minha*).

Diferentemente dessas amostras, pode haver casos em que o sujeito não é realizado explicitamente, ou seja, está elíptico (tradicionalmente conhecido como sujeito oculto), representado pelo símbolo *Ø* (morfema zero). Ele pode ser identificado por meio de pistas fornecidas no texto ou na situação comunicativa. Vejamos o seguinte trecho da Narrativa:

- *Certo dia, uma amiga minha pegou sua irmã e foi fazer umas compras na Tijuca. Pegaram o ônibus e sentaram-se no banco de trás.*

A primeira oração desse trecho (*Certo dia, uma amiga minha pegou sua irmã*) vem com o sujeito explícito: *uma amiga minha*, conforme já identificamos. Entretanto, na segunda (*foi fazer umas compras na Tijuca*), o sujeito, que é o mesmo da oração anterior, não se realiza, ou seja, está elíptico. Nas duas últimas orações (*Pegaram o ônibus e sentaram-se no banco de trás.*), o sujeito (*uma amiga minha* e *sua irmã*) também está elíptico.

Há casos em que o sujeito não se realiza devido ao fato de o conteúdo semântico do verbo não poder ser atribuído a um determinado referente, como se dá com os verbos que indicam fenômenos ou estados meteorológicos e cronológicos. É o que ocorre com *fazer*, *ser*, *chover* e *estar*, destacados nos excertos textuais seguintes.

Excerto 1

Faz tanto tempo que ele não liga pra mim
Faz tanto tempo que tudo deixou de existir
Agora que eu aprendi a viver esquecendo esse amor
Ele aparece bem tarde na noite e me diz que voltou.
– Quem é?
– Sou eu.
– Que é que você quer?
– Você.
– ***É*** tarde.
– Por quê?
– Porque hoje sou eu quem não quer mais você.

Fonte: PIMPINELA. Siga seu rumo. Disponível em: http://www.vagalume.com.br/pimpinela/siga-seu-rumo.html. Acesso em: 18 nov. 2021. Grifo nosso.

Excerto 2

Chove lá fora e aqui, ***tá*** tanto frio
Me dá vontade de saber

Aonde está você
Me telefona
Me chama, me chama, me chama

Fonte: LOBÃO. Me chama. Disponível em: http://www.vagalume.com.br/lobao/me-chama.html. Acesso em: 18 nov. 2021. Grifo nosso.

No primeiro excerto, *faz* (em *Faz tanto tempo* [...]) e *é* (em *É tarde*) indicam tempo cronológico; no segundo excerto, *chove* (em *Chove lá fora* [...]) e *tá* (em [...] *aqui tá tanto frio*) denotam fenômeno meteorológico. Em todos esses casos, o sujeito não se realizou, pois o conteúdo semântico dos verbos *fazer*, *ser*, *chover* e *estar* não se aplica a um referente identificável. Em outras palavras, não é possível identificar algo ou alguém como responsável por esses fenômenos.

Também representam sujeito não realizado sintaticamente alguns casos do que tradicionalmente se chama de "sujeito indeterminado". Observemos amostras desses casos nos excertos textuais a seguir.

Excerto 3

Não me **convidaram**
Pra essa festa pobre
Que os homens armaram pra me convencer
A pagar sem ver
Toda essa droga
Que já vem malhada antes de eu nascer

Fonte: CAZUZA. Brasil. Disponível em: http://www.vagalume.com.br/cazuza/brasil.html. Acesso em: 18 nov. 2021. Grifo nosso.

Excerto 4

A noite cai, o mesmo barco surge para outro mar.
Junto à lareira **contam**-se histórias antigas.
Sons vindos do mar são ecos em terra.
Gaivotas que aterram, ventos que se tocam.

Fonte: STA CRUZ. Gota. Disponível em: http://www.letrasdemusicas.fm/gota/sta-cruz#junto-a-lareira-contam-se-historias-antigas. Acesso em: 18 nov. 2021. Grifo nosso.

Excerto 5

Não se **vive** sozinho, você está sempre rodeado por pessoas que fazem parte da sua vida. Existem pessoas que são mais distantes e outras mais próximas de você. Algumas delas são mais queridas, outras mais alegres, outras mais comunicativas, outras mais bem de vida, e outras não são assim. Cada uma tem seu jeito de ser. [...].

Fonte: LETRAS DA VIDA. Ninguém vide sozinho! Disponível em: http://www.letrasdavida.com.br/ninguem-vive-sozinho/. Acesso em: 18 nov. 2021. Grifo nosso.

Nas orações "Não me convidaram" (Excerto 3), "Junto à lareira contam-se histórias antigas" (Excerto 4) e "Não se vive sozinho [...]" (Excerto 5), os sujeitos dos respectivos verbos *convidar*, *contar* e *viver* não se realizam. Na primeira oração, sabemos que alguém executou a ação de *convidar*, mas esta não é atribuída a um agente identificável que esteja verbalmente explicitado por meio de um SN-sujeito. No segundo, alguém é responsável por contar histórias antigas, contudo, também não é possível identificar quem. No terceiro, da mesma forma, sabe-se que *não viver sozinho* é aplicável ao ser humano em geral, mas foi omitido o SN-sujeito que poderia realizar o argumento externo ao qual o conteúdo do enunciado diz respeito.

Tradicionalmente, classifica-se o sujeito em simples, composto, oculto (ou elíptico), indeterminado e inexistente (oração sem sujeito). Essa classificação é problemática pelo fato de se misturarem critérios sintáticos e semânticos. Para os três primeiros tipos, tomam-se por base parâmetros sintáticos, quais sejam: quantidade de núcleo(s), para a distinção entre simples e composto; ausência do argumento externo, mas com a possibilidade de sua identificação por meio da morfologia verbal, auxiliada pelo co(n)texto, para o sujeito oculto (ou elíptico). Para os dois últimos tipos (indeterminado e inexistente), consideram-se critérios semânticos: não identificabilidade do elemento a que o conteúdo do verbo se refere, para o caso de sujeito indeterminado; não possibilidade de atribuição do conteúdo do verbo a um referente para o sujeito inexistente (ou oração sem sujeito). Neste estudo, a classificação tradicional não será considerada, pois, além de incoerente, tem pouco valor explanatório.

No que diz respeito à posição do argumento externo na oração, no português, ele é normalmente colocado antes do verbo (ou seja, anteposto), como na oração "[...] *tudo* deixou de existir", retirada do Excerto 1. Há, porém, situações em que esse argumento pode ser colocado após o verbo (isto é, posposto), conforme se dá na oração "[...] a certa altura sentou *um homem* ao seu lado", extraída da "Narrativa recontada" e na qual o sujeito *um homem* ocorre depois do verbo *sentar*.

Atenção

De acordo com a gramática tradicional, em casos como "contam-se histórias antigas", tem-se voz passiva sintética, marcada pelo pronome apassivador "se" vinculado a um verbo transitivo direto (no caso, *contar*). Essa oração equivaleria, na voz passiva analítica, a *histórias antigas são contadas*, o que leva a interpretar os SN na mesma condição do SN *histórias antigas* como o sujeito da oração na passiva sintética. Daí o entendimento de que os SN em "Alugam-se *casas*", "Vendem-se *apartamentos*", "Consertam-se *eletrodomésticos*" e similares são sujeitos dessas orações. Na verdade, esses SN (*histórias antigas*, *casas*, *apartamentos* e *eletrodomésticos*) são objetos diretos, uma vez que complementam o significado de seus respectivos verbos (*contar*, *alugar*, *vender* e *consertar*). Em todos esses casos e em outros semelhantes, o argumento externo (ou SN-sujeito) não é realizado.

Atividade 2

Leia a anedota a seguir e desenvolva as questões 1 e 2.

Questão de Sobrevivência

Dois amigos aventureiros percorrem de mochila às costas uma savana africana. De repente, atrás de uma árvore veem um leão a rugir, nitidamente esfomeado.

— Santo Deus! Estamos lixados! Vamos acabar na barriga desta fera! Meu Deus, ajudai-nos! — diz um.

Enquanto ele invoca os céus, o outro abre a mochila e tira uns tênis da melhor marca, que calça rapidamente, perante o espanto do companheiro.

— Tu não estás bom da cabeça! Achas que com esses tênis corres mais do que o leão?

— Mais depressa do que o leão, não acredito. Mas mais depressa do que tu, tenho certeza.

Fonte: Adaptado de: http://www.citador.pt/anedotas.php?op = 10&anedid = 482&theme = 68&piada = Amigos_Questao_de_Sobrevivencia. Acesso em: 18 nov. 2021.

1 Identifique os argumentos selecionados pelos verbos destacados nas orações a seguir, classificando-os em externo ou interno.

a) Dois amigos aventureiros **percorrem** de mochila às costas uma savana africana.
b) De repente, atrás de uma árvore **veem** um leão a rugir, nitidamente esfomeado.
c) Enquanto ele **invoca** os céus, o outro **abre** a mochila e **tira** uns tênis da melhor marca [...]
d) **Vamos** acabar na barriga desta fera!

2 Considerando os argumentos externos identificados na questão anterior, especifique os elementos que o constituem, a saber: núcleo, Det e/ou Mod. No caso de o argumento externo não ser realizado, indique-o por meio do símbolo **Ø** (morfema zero).

3 Considerando os possíveis casos de argumento externo não realizado apontados na questão anterior, explique a razão pela qual ele não foi explicitado.

2 Tipos de predicado

Tradicionalmente, o predicado da oração é classificado em verbal, nominal e verbo-nominal em função da natureza do elemento predicador (núcleo). É considerado *verbal* o predicado cujo núcleo é um verbo pleno (ou seja, um verbo de conteúdo lexical); *nominal*, quando o verbo da oração tem apenas *status* relacional (de ligação, ou copulativo), sendo o núcleo um nome (adjetivo, substantivo ou termo equivalente), que funciona como predicativo do sujeito; *verbo-nominal*, no caso de haver dois núcleos: um verbal e outro nominal. Neste último tipo, o núcleo nominal (predicativo) pode referir-se ao sujeito ou ao objeto. Analisemos os períodos a seguir, extraídos do texto "Questão de sobrevivência".

- *Dois amigos aventureiros* ***percorrem de mochila às costas uma savana africana***.
- *– Santo Deus!* ***Estamos lixados***!
- *De repente, atrás de uma árvore veem um leão* ***a rugir, nitidamente esfomeado***.

No primeiro período, o trecho destacado é um predicado verbal, uma vez que tem como núcleo o verbo *percorrer*, de valor lexical. No segundo, o predicado é nominal, visto que é nucleado por um adjetivo (*lixados*), que funciona como predicativo do sujeito *nós*, não explicitado. No terceiro, o predicado em destaque é verbo-nominal, devido ao fato de apresentar dois núcleos: um verbal (*rugir*) e outro nominal (*esfomeado*).

No caso do predicado verbo-nominal, defende-se a ideia de que ele resulta da união de dois predicados: um com núcleo verbal e outro com núcleo nominal. Tomando-se como exemplo a oração "[...] um leão *a rugir, nitidamente esfomeado*", o predicado decorre da fusão do predicado verbal *a rugir* com o predicado nominal *estando nitidamente esfomeado*. Com a fusão, o verbo do predicado nominal (*estar*) é omitido.

A posição adotada neste estudo, concordando com Bechara (2009), é que todo verbo constitui núcleo do predicado. Assim, todo predicado é *verbal*; portanto, a distinção entre tipos de predicado não é necessária.



Atenção

Verbo copulativo (ou de ligação): funcionam como verbo copulativo *ser estar*, *ficar*, *parecer*, *permanecer*, *continuar*, *tornar-se*, *andar, virar* quando usados para relacionar o sujeito a um estado/condição/qualidade que lhe é atribuído.

Ex.: Os alunos de Letras *estão/ficam/continuam/andam* preocupados com o Enade.

Leituras complementares

Para que você complemente/reforce os conhecimentos construídos e/ou (re)lembrados nesta aula, indicamos a leitura dos seguintes textos:

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira de. A transitividade segundo a linguística funcional norte-americana. *In*: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e seus contextos de uso**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 29-52.

Nesse capítulo, as autoras discutem o fenômeno da transitividade sob a perspectiva da Linguística Funcional norte-americana, seguindo a proposta de Hopper e Thompson (1980). Conforme essa abordagem, a transitividade é vista como uma propriedade da oração como um todo (e não do verbo), comporta um componente sintático e um componente semântico, associados à manifestação discursiva da língua, e a oração deve ser estudada em termos gradientes. Por meio de um conjunto de dez parâmetros semântico-sintático, é possível aferir o grau de transitividade das orações, o qual vai do mínimo ao máximo, passando pelo grau baixo, mediano e alto.

DUARTE, Maria Eugênia. Termos da oração. *In*: VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007. p. 186-204.

Nesse capítulo, Duarte estabelece, primeiramente, um contraponto entre a abordagem tradicional e "outras perspectivas" (como a de MATEUS *et al.*, 2003) sobre a estrutura argumental da oração. Nesse contraponto, a autora opta por uma abordagem que contemple a estrutura projetada pelos predicadores. Por fim, Duarte tece algumas considerações sobre o trabalho com os termos da oração em sala de aula, mostrando a importância do ensino desse tema para propiciar ao aluno mais conhecimento sobre o funcionamento da língua.

Resumo

Nesta aula, iniciamos o estudo da estrutura argumental da oração, focalizando a relação hierárquica entre o verbo e os elementos por ele selecionados, a transitividade verbal e os tipos de predicado. Dos termos relacionados ao verbo, ocupamo-nos, mais detidamente, do argumento externo (o sujeito), especificando sua constituição interna, suas formas de expressão e classificação. Em relação à transitividade, apresentamos a tipologia dos verbos relativamente aos elementos que eles demandam e comentamos a diversidade de classificações, seja por gramáticos, seja por linguistas. Por fim, tratamos dos tipos de predicado segundo a proposta da NGB, optando pela ideia defendida por Bechara (2009) de que todo predicado é verbal.

Autoavaliação

Leia o trecho a seguir; depois, com base nele, responda as questões de 1 a 4.

O mito das gerações

Millennials, X, Z. A ideia de classificar a sociedade em caixinhas geracionais ganhou aura científica. Mas trata-se de algo tão sem fundamento quanto a astrologia. Entenda por quê.

Por Rafael Battaglia
Publicado em 18 nov 2021

Em junho, o embate entre millennials (nascidos entre 1981 e 1996) e jovens da geração Z, que nasceram a partir de 1997, tomou conta da internet – e de tudo quanto é conversa. Começou com uma lista inofensiva de atitudes millennials consideradas vergonhosas pelos mais novos: ser

fã de Harry Potter, usar emojis (e calça skinny). A discussão **saturou** tão rápido, aliás, que começar um texto com ela hoje já **é** algo *cringe* (inglês abrasileirado para o termo "constrangedor"; o correto é *cringe worthy*).

Seja como for, o recente episódio **trouxe** à tona algo que há tempos está arraigado – a ideia de **dividir** as pessoas em caixinhas geracionais, de acordo com o ano de nascimento. Você as **conhece**: **existem** os *baby boomers* (1946-1964), um termo criado nos EUA para descrever aqueles que nasceram na explosão demográfica pós-Segunda Guerra (o baby boom); a geração X (1965-1980), a Y (os millennials) e a Z, dos tiktokers.

Por décadas, a divisão geracional é tratada como algo sacrossanto. Consultores a utilizam para classificar e analisar funcionários de uma empresa. Profissionais do marketing fazem pesquisas com base nela para detectar padrões de consumo. Meios de comunicação **estampam** as classificações geracionais em suas manchetes, na tentativa de antecipar a próxima tendência.

Mas isso pode **mudar**. Especialistas têm vindo a público para questionar a validade científica (e a eficácia) dessa divisão. O episódio mais recente desse movimento **aconteceu** em maio, quando 170 cientistas sociais **enviaram** uma carta aberta ao Pew Research Center, que realiza pesquisas demográficas, de opinião e sobre tendências no mundo todo. No documento, eles pedem que o instituto pare de usar os rótulos geracionais.

"São caricaturas, estereótipos embaraçosos com a mesma imprecisão da astrologia", escreveu no jornal Washington Post Philip N. Cohen, professor de sociologia da Universidade de Maryland, nos EUA, que encabeça a carta. Vejamos aqui por que a afirmação de Cohen faz todo o sentido.

Fonte: https://super.abril.com.br/sociedade/o-mito-das-geracoes/. Acesso em: 15 dez. 2021. Grifo nosso.

1 Julgue como correta (C) ou errada (E) cada uma das afirmativas a seguir.

( ) No período "A ideia de classificar a sociedade em caixinhas geracionais ganhou aura científica", o verbo *classificar* seleciona dois argumentos internos.
( ) O verbo *nascer* (linha 2) é intransitivo, pois seleciona apenas argumento interno.
( ) Em "Consultores a utilizam para classificar e analisar funcionários de uma empresa", os três verbos presentes têm como sujeito o mesmo referente.
( ) No trecho "Vejamos aqui por que a afirmação de Cohen faz todo o sentido", temos um sujeito não realizado (elíptico) e um sujeito explícito.
( ) O último período do penúltimo parágrafo apresenta um verbo transitivo direto e um verbo copulativo.

2 Classifique os verbos destacados em negrito no texto quanto à transitividade em: intransitivo (VI), transitivo direto (VTD), transitivo indireto (VTI), transitivo relativo (VTR), transitivo direto e relativo (VTDR), transitivo direto e indireto (VTDI), verbo transobjetivo (VTO), verbo copulativo ou de ligação (VL).

3 Identifique os argumentos externos e internos dos verbos referidos na questão anterior. Em seguida, indique a função sintática de cada um desses argumentos: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento relativo.

4 Analise o argumento externo das formas verbais *tomou* (linha 3), *começou* (linha 4) e *saturou* (linha 7), no primeiro parágrafo, e indique:

a) o que eles têm em comum;
b) qual o papel deles para o conteúdo do texto.

Referências

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**: atualizada pelo novo Acordo ortográfico. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e seus contextos de uso**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira de. A transitividade segundo a linguística funcional norte-americana. *In*: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e seus contextos de uso**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 29-52.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; BISPO, Edvaldo Balduino. Relações sintático-semânticas da oração. *In*: PALOMANES, Roza Maria; BRAVIN, Angela Marina. **Práticas de ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 143-164.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura Pressupostos teóricos fundamentais. *In*: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Linguística Funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola, 2015. p. 21-47.

DUARTE, Maria Eugênia. Termos da oração. *In*: VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. (org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007. p. 186-204.

GIVÓN, Talmy. **Funcionalism and grammar**. Amsterdam: Philadelphia: John Benjamins, 1995.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, [*S. l.*], v. 56, n. 2, p. 251-299, jun. 1980.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al*. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.



Funções sintáticas no nível da oração: termos relacionados ao verbo – Parte II

Aula

4



Apresentação

Prezado(a) aluno(a), nesta aula, vamos continuar o estudo da estrutura argumental da oração, ou seja, da relação entre o verbo e os termos a ele vinculados. Desses termos, focalizaremos *objeto direto*, *objeto indireto*, *complemento relativo*, *agente da passiva* e *adjunto adverbial*. Faremos o estudo detalhado de cada um desses elementos, considerando sua representação morfossintática e sua relação com o conteúdo das orações em que ocorrem.

Objetivos

1. Caracterizar os termos argumentais e não argumentais associados ao verbo.
2. Distinguir os tipos de argumento interno do verbo.
3. Especificar as funções sintáticas atribuídas pelo verbo a seus argumentos internos.
4. Reconhecer os papéis desempenhados pelos constituintes internos dos complementos verbais.
5. Identificar fatores semântico-pragmáticos implicados nas formas de expressão dos argumentos verbais e nos usos de adjuntos adverbiais.
6. Cotejar valores semântico-pragmáticos de estruturas ativas e passivas.



1 Argumentos internos

Os *argumentos internos*, de acordo com o que estudamos na Aula 3, são os complementos. Trataremos, nesta aula, apenas dos relacionados ao verbo, ou seja, os complementos verbais (objeto direto, objeto indireto e complemento relativo). Eles podem ser representados por um SN ou por um sintagma preposicional (SP), conforme o caso. Esses sintagmas podem conter outro(s) elemento(s) além do núcleo: determinante(s) – Det – e/ou modificador(es) – Mod.

Vejamos o seguinte trecho, de uma crônica de Paulo Mendes Campos, do qual destacamos alguns períodos.

Lagartixa

Paulo Mendes Campos

Sinto nojo e medo de lagartixas domésticas, acabei odiando o pobre bicho. Outro dia vi um menino brincar com uma, das menores, por sinal, e estremeci como se a criança estivesse a cutucar um violento jacaré.

Meu apartamento vinha sendo a residência de três enormes lagartixinhas. Noites mal dormidas. Pensei: preciso matá-las para livrar-me do receio de que me caiam na cara durante o sono.

Ontem liquidei duas. A primeira foi mais fácil. Para começar, fitei-a longamente, como a convencer-me de minha superioridade física e moral. Armado de um cabo de vassoura, aproximei-me cauteloso, enquanto ela me olhava, a duvidar de minhas reais intenções. "Não é possível" – pensou a lagartixa – "que esse sujeito vai me dar, a mim, que nada lhe fiz, uma cacetada". Como eu continuasse avançando, recuou um pouco; mas, pejando-se da covardia, tornou a refletir que eu não teria motivos para maltratá-la.

Seu nobre raciocínio custou-lhe o rabo. O rabo porque, no desconcerto da emoção, o golpe desviou-se alguns centímetros do alvo. [...]

Fonte: Adaptado de CAMPOS, P. M. Lagartixa. Disponível em: http://contobrasileiro.com.br/?p=1387. Acesso em: 18 nov. 2021.

(i) *Sinto* ***nojo*** *e* ***medo*** *de lagartixas domésticas, acabei odiando* ***o pobre bicho***.

(ii) *Não é possível – pensou a lagartixa – que este sujeito vai me dar, a mim, que* ***nada lhe*** *fiz, uma cacetada.*

(iii) *O rabo porque, no desconcerto da emoção, o golpe desviou-se alguns centímetros* ***do alvo***.

(iv) *[...] mas, pejando-se da covardia, tornou a refletir* ***que eu não teria motivos para maltratá-la***.

No primeiro período, o verbo *sentir* seleciona os argumentos internos *nojo* e *medo*, e *odiar* seleciona o argumento interno *o pobre bicho*. Em ambos os casos, os argumentos são objeto direto (OD), pois complementam o verbo sem necessidade de preposição (sentir o quê? *nojo e medo*; odiando o quê? *o pobre bicho*). No segundo período, o verbo *fazer* seleciona dois argumentos internos: o que foi feito (*nada*), que corresponde ao OD; e a quem se fez (*lhe* = a/para ele), que representa o objeto indireto (OI), em geral regido por preposição (fez o quê? *nada*; a/para quem? a/para ele = *lhe*). No terceiro período, o verbo *desviar-se* seleciona o argumento interno *do alvo*, que funciona como complemento relativo (CR), também introduzido por preposição (desviar-se de quê? *do alvo*). No último, o verbo *refletir* seleciona o argumento interno *que eu não teria motivos para maltratá-la*, o qual funciona como OD. Note que, neste caso, o OD tem natureza oracional, sendo representado por um período composto por duas orações, uma nucleada pelo verbo *ter* (*eu não teria motivos*), outra pelo verbo *maltratar* (*para maltratá-la*).

Você deve ter percebido que tanto OI quanto CR são regidos por preposição. Como diferenciá-los, então? No caso do OI, existem quatro parâmetros para sua identificação, conforme Bechara (2009):

a) apresenta a propriedade semântica de ser animado ou concebido como tal;

b) representa o recipiente (destinatário/beneficiário) do processo verbal (normalmente de transferência, concreta ou abstrata);

c) pode ser substituído, na terceira pessoa, pelo pronome *lhe(s)*;

d) é introduzido pela preposição *a* ou, mais raramente, *para*.

Assim, em "[...] a mim, que nada *lhe* fiz [...]", do texto *A lagartixa*, o pronome em itálico (*lhe*) reúne as características listadas: tem como referente um ser animado (o narrador-personagem), representa o destinatário da ação verbal (*fazer*), ou seja, a quem se fez algo, e equivale a "*a ele*" (regido pela preposição *a*).

Com relação ao CR, ele representa o alvo do processo verbal (assim como o OD), é introduzido por um conjunto variado de preposições (inclusive a preposição *a*) e é substituível por um Sintagma Preposicional (SP) pronominal (*dele, com ele, por ele, a ele* etc.), mas não por *lhe*. Em "[...] o golpe desviou-se alguns centímetros *do alvo*", por exemplo, o termo em destaque representa o alvo da ação de desviar-se, é introduzido pela preposição *de* e pode ser substituído pelo SP *dele* (= de + ele), ficando "desviou-se dele".

Atenção

O *complemento relativo* (CR) é o complemento verbal introduzido por preposição (de, com, em, a, por...), representa o alvo do conteúdo do verbo e é substituível por um SP pronominal (dele/a, com ele/a, nele/a, a ele/a, por ele/a etc.), mas não por *lhe*.

Ex.: Preciso do livro /Preciso dele.
Concordo com seu irmão/ Concordo com ele.
Pensei em sua proposta/ Pensei nela.
Assisti ao show inteiro/ Assisti a ele.
Meu irmão anseia por uma vaga na universidade/
Meu irmão anseia por ela.

A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) não emprega a denominação *complemento relativo*, pois considera todo complemento verbal introduzido por preposição como objeto indireto. Ou seja, não faz a distinção entre CR e OI. Alguns linguistas gramáticos, a exemplo de Mateus *et al.* (2003) e Castilho (2010), usam o rótulo *complemento oblíquo* para designar o que neste estudo consideramos complemento relativo.

Verbos que pressupõem relação com a ideia de um local, como *morar*, *residir*, *pernoitar*, e alguns que designam movimento/direção, tais como *chegar, ir, entrar, sair, partir*, podem selecionar um argumento com valor circunstancial (de lugar, no caso) introduzido por preposição. Vejamos algumas ocorrências nos trechos adiante.

Excerto 1

A história da foto rara do traficante mais procurado do Rio

30 de junho de 2019

Eu acredito que o jornalismo não serve apenas para alimentar massas com "informação". Deveria ser usado para criar pontes, estimular o debate e o civismo. Foi por isso que, como fotógrafo independente durante dez anos, **fui** ao Rio de Janeiro fotografar violência urbana. E aí pude ver e ouvir o medo, a angústia e o choro de centenas de pessoas, entre elas traficantes, policiais, familiares e cidadãos comuns que todos os dias são vítimas da violência na cidade maravilhosa.

Disponível em: https://oglobo.globo.com/epoca/a-historia-da-foto-rara-do-traficante-mais-procurado-do-rio-opiniao-23773778. Acesso em: 21 dez. 2021. Grifo nosso.

Excerto 2

Ave invasora *chega ao Brasil* e preocupa especialista

A espécie, que pode estar relacionada à extinção do pica-pau nos EUA, ***chega*** *ao território brasileiro*

Publicado em 09/12/2021

Pesquisadores brasileiros estão em alerta em razão do aparecimento de uma nova espécie de ave na região Sul do Brasil. O Sturnus vulgaris, conhecido popularmente como estorninho, pode ser encontrado em grande quantidade nos continentes europeu e asiático, além da região do norte da África, e é conhecido por destruir lavouras, caçar pequenos animais e, ainda, transmitir doenças.

A primeira vez em que um pássaro da espécie foi encontrado em território brasileiro se deu em 2014, na cidade gaúcha de Lavras do Sul. Muito provavelmente, a ave **chegou** ao país por meio da fronteira com o Uruguai e,

hoje, pode ser avistada nas cidades de Aceguá, Bagé, Chuí e Santa Vitória do Palmar.

[...]

Disponível em: https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/ave-invasora-chega-ao-brasil-e-preocupa-especialistas.phtml. Acesso em: 21 dez. 2021. Grifo nosso.

Excerto 3

STF: Brasileiros que saírem do país terão que apresentar passaporte vacinal na volta

14 de dezembro de 2021

Em resposta à Advocacia-Geral da União (AGU), o ministro Luís Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal (STF), afirmou que a cobrança do chamado passaporte deve valer para brasileiros que deixaram o país a partir desta terça-feira (14). O órgão, que representa o governo Jair Bolsonaro na Corte, havia pedido, na véspera, esclarecimentos sobre o alcance da decisão do magistrado.

[...]

Disponível em: https://valor.globo.com/brasil/noticia/2021/12/14/stf-brasileiros-que-sairam-do-pais-ate-dia-14-estao-dispensados-de-apresentar-passaporte-vacinal.ghtml. Acesso em: 21 dez. 2021. Grifo nosso.

Observe que, no Excerto 1, o verbo "ir" (*fui*) implica alguém que vai (sujeito elíptico *eu* = Ø) e o lugar a que se vai (complemento de valor circunstancial: *ao Rio de Janeiro*). No excerto seguinte, de forma parecida, o verbo "chegar", em suas três ocorrências (*chega, chega, chegou*) requer alguém/algo que chega (os sujeitos *ave invasora, a espécie, a ave*) e o destino/local a que se chega (os complementos de valor circunstancial *ao Brasil, ao território brasileiro, ao país*, respectivamente). No último excerto, o verbo "sair" (*saíram*) também demanda alguém/algo que sai (o sujeito *que* = brasileiros) e o lugar de onde sai (o complemento *do país*). Em todas as três situações, os elementos de valor circunstancial (no caso, indicam lugar) são requeridos pelos verbos *ir*, *chegar* e *sair*, desse modo, são complementos desses verbos.

Esse termo de valor circunstancial é tomado como adjunto adverbial pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) e pelos gramáticos que a seguem, a exemplo de Cunha e Cintra (1985). Em nosso entendimento, porém, trata-se de complemento do verbo. Alguns gramáticos o rotulam de *complemento circunstancial*, como é o caso de Kury (1991) e de Lima (1994). Para evitar proliferação desnecessária de terminologia para os complementos, consideramos esse termo argumental de valor circunstancial introduzido por preposição como *complemento relativo* (CR), conforme assumido por Azeredo (2008) e Bechara (2009).

1.1 Argumentos internos e pronominalização

Quando os argumentos internos são representados por pronomes, estes correspondem a funções específicas, de acordo com a tradição gramatical: *o(a), os(as), -lo(a), -los(as), -no(a), -na(s)* funcionam como OD; *lhe(s)* representa(m) o OI; os pronomes *me, te, se, nos, vos* podem exercer as funções de OD ou de OI; e as formas *mim*, *ti*, *si*, *ele(a)*, *nós*, *vós* e *eles(as)*, precedidas de preposição, podem funcionar como OI ou como CR. Vejamos os períodos a seguir, extraídos do texto "Lagartixa", de Paulo Mendes Campos.

- *Pensei: preciso matá-**las** para livrar-me do receio de que me caiam na cara durante o sono.*
- *Para começar, fitei-**a** longamente, como a convencer-**me** de minha superioridade física e moral.*
- *"Não é possível" – pensou a lagartixa – "que esse sujeito vai **me** dar, **a mim**, que nada **lhe** fiz, uma cacetada".*

As formas em destaque podem ser analisadas conforme o que segue: *-las*, no primeiro período; *a* e *me,* no segundo, funcionam como OD dos verbos *matar*, *fitar* e *convencer*, respectivamente; *me*, *a mim* e *lhe*, no terceiro período, exercem a função de OI dos respectivos verbos *dar* e *fazer*.

É oportuno registrar que, na linguagem informal e mesmo em situações de fala formal, os pronomes *lhe, lhes* são comumente empregados como complementos de verbos transitivos diretos, conforme se dá no fragmento a seguir, em que a forma pronominal *lhe* funciona como objeto direto do verbo *levantar*. Observe que, imediatamente depois, esse mesmo pronome atua como OI do verbo *dar* (*lhe* desse uma força).

Narrativa recontada

[...] e caiu ali na... na estrada... e chorando sem alimento... sem... sem nenhuma cobertura no:: sem nenhuma cobertura do sol e começou a se sentir fraco... e nessa fraqueza ele caiu... e ao cair ele:: o pai dele muito grosso né... disse... "levanta menino"... e ele:: e o pai dele mandou que ele se levantasse e quando eu:: nesse momento quando alguém é:: essa pessoa me falou dessa história me comoveu muito... porque imagine você... uma criança pobre... mal nutrida... ali no chão precisando de alguém que lhe levantasse... que lhe desse uma força... e ao invés disso não... o pai dele chegou pra ele e disse... "levanta menino"... come se:: fosse ruindade daquela criança... [...]

Disponível em: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 22 dez. 2021.

Vale destacar que, do mesmo modo que o argumento externo, os argumentos internos também podem ser omitidos. Isso se dá quando o referente desses argumentos pode ser identificado no contexto linguístico imediato ou no contexto discursivo-pragmático (que envolve o momento e o lugar da produção, os interlocutores, suas expectativas, conhecimentos partilhados, inferências etc.) ou quando se trata de informação de conhecimento geral. Para ilustrar essa omissão, considere a piada a seguir.

Um homem deixou as ruas frias do inverno de Curitiba para umas férias na ensolarada Fortaleza. Sua esposa estava viajando a negócios e combinou encontrá-lo no Ceará, no dia seguinte.

Quando chegou ao hotel, o homem resolveu enviar-lhe um e-mail. Como não anotara o endereço eletrônico, tirou da memória o que lembrava e ficou torcendo para que estivesse correto. Infelizmente ele errou uma letra, e a mensagem foi para uma senhora, cujo marido havia morrido recentemente.

Ao checar seus e-mails, ela deu um grito de profundo horror e caiu morta no chão. Ao ouvir o grito, sua família correu para o quarto. Na tela do monitor, estava a seguinte mensagem: "Querida, acabei de chegar. Foi uma longa viagem. Apesar de só estar aqui há poucas horas, já estou gostando muito. Falei aqui com o pessoal e está tudo preparado para sua chegada amanhã. Tenho certeza que você também vai gostar. Beijos do seu eterno e amoroso marido. PS: Está fazendo um calor infernal aqui!"

Fonte: http://www.piadasnet.com/. Acesso em: 23 nov. 2021.

No trecho "Apesar de só estar aqui há poucas horas, já estou gostando muito. Falei aqui com o pessoal e está tudo preparado para sua chegada amanhã", os verbos *gostar* e *falar* selecionam argumentos internos. Isso porque *gostar* implica um ser que gosta (o sujeito) e algo ou alguém de que(m) se gosta (no caso, o complemento relativo, pois é introduzido pela preposição *de: gostar de quê/quem?*), enquanto *falar* pressupõe o conteúdo da fala (que corresponde ao OD) e a quem esse conteúdo é dirigido (que equivale ao OI – *falar o quê e a quem?*). Observe que o CR de *gostar* e o OD de *falar* não foram explicitados no trecho em análise, uma vez que podem ser recuperados por informações dadas no próprio texto: *gostar* tem como complemento o local (Fortaleza) aonde o personagem havia chegado; o objeto direto de *falar* é a informação sobre a ida da mulher do personagem a Fortaleza.

Atividade 1

Leia os dois textos seguintes para responder à questão 1.

Texto 1

Narrativa recontada

Certa vez, um amigo que era muito tímido me mostrou um poema que tratava de um pato. Quando ele era pequeno, sua família resolveu pescar; na volta, deixaram no lado de fora da fazenda os caniços com anzóis e iscas. Quando voltaram, perceberam que os patos haviam comido esses objetos. Os patos tiveram de ser sacrificados.

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/niteroi.pdf. Texto adaptado. Acesso: 23 nov. 2021.

Texto 2

Uma bebida diferente

Um bêbado entra no bar e pede uma bebida diferente. O barman lhe oferece uma nova bebida chamada "gafanhoto". O bêbado fica espantado com a bebida.

Saindo do bar, ele encontra um gafanhoto na rua e diz:

— Ei, gafanhoto! Sabia que tem uma bebida com seu nome?

O gafanhoto diz:

— É sério? Tem uma bebida chamada Godofredo?

Fonte: http://piadasengracadas.net/piadas-de-bebados/. Acesso em: 20 nov. 2021.

1 Identifique os argumentos internos dos verbos destacados nas orações a seguir, classificando-os em OD, OI ou CR. No caso de o argumento interno não ser realizado, indique-o por meio do símbolo ***Ø*** (morfema zero).

a) Certa vez, um amigo que era muito tímido me **mostrou** um poema que **tratava** de um pato.

b) [...] na volta, **deixaram** no lado de fora da fazenda os caniços com anzóis e iscas.

c) Quando **voltaram**, **perceberam** que os patos haviam comido esses objetos.

d) Um bêbado **entra** no bar e **pede** uma bebida diferente.

e) O barman lhe **oferece** uma nova bebida chamada "gafanhoto".

f) **Saindo** do bar, ele **encontra** um gafanhoto na rua [...].

g) — Ei, gafanhoto! **Sabia** que tem uma bebida com seu nome?

2 Considerando os possíveis casos de argumentos internos (OD, OI, CR) não realizados apontados na questão anterior, explique a razão pela qual eles não foram explicitados.

1.2 Vozes verbais e agente da passiva

O conteúdo proposicional de uma oração pode vir expresso por meio de diferentes configurações morfossintáticas, dentre as quais destacamos as estruturas ativa e passiva. Tais estruturas ligam-se diretamente às chamadas vozes verbais. Conforme Azeredo (2008), a noção de *voz* diz respeito à forma sintática que o predicado (verbo) assume para atribuir papel semântico (agente, causador, paciente) ao sujeito. Consideremos as orações destacadas nos Excertos 1 e 2.

Excerto 1

Flamengo demite Renato Gaúcho
após perder final da Libertadores

29 nov. 2021

O Flamengo anunciou nesta segunda-feira (29) que Renato Gaúcho não é mais o técnico do time. O treinador, que já há algum tempo não era bem visto pelos torcedores do clube rubro-negro, não resistiu à derrota para o Palmeiras na final da Libertadores, disputada no último sábado (27), em Montevidéu, no Uruguai.

[...]

Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/11/flamengo-demite-renato-gaucho-apos-perder-final-da-libertadores.shtml. Acesso em: 22 dez. 2021. Grifo nosso.

Excerto 2

Renato Gaúcho é demitido do comando do Flamengo
Técnico deixou o cargo após o vice-campeonato da equipe carioca na Libertadores

Por Redação da TNT Sports - 29 nov. 2021

Fim da linha. Após o vice-campeonato na Libertadores da América, em derrota para o Palmeiras no último sábado (27), o técnico Renato Gaúcho foi demitido do comando do Flamengo, nesta segunda-feira (29). Depois de quatro meses no clube, o treinador não resistiu a mais uma pressão na equipe.

Disponível em: https://tntsports.com.br/futebolbrasileiro/Renato-Gaucho-e-demitido-do-comando-do-Flamengo-20211129-0003.html. Acesso em: 22 dez. 2021. Grifo nosso.

Observemos que as notícias dos Excertos 1 e 2 dizem respeito ao mesmo evento: a demissão de Renato Gaúcho do comando do Flamengo. No título do Excerto 1, esse evento é codificado por uma estrutura ativa, em que a ação expressa pelo verbo (*demitir*) é atribuída ao referente do sujeito (*Flamengo*), ou seja, o sujeito é agente; já o título do Excerto 2 apresenta uma estrutura passiva, na qual a ação de demitir é sofrida pelo ser codificado pelo sujeito (*Renato Gaúcho*), sendo este paciente, alvo da ação.

As orações com verbo na voz passiva exibem particularidade morfossintática e semântico-discursiva em relação àquelas na voz ativa. Em primeiro lugar, são formadas pelo verbo *ser* mais o particípio do verbo principal. No caso do Excerto 1, temos *foi demitido* (verbo *ser* no pretérito perfeito seguido do particípio de *demitir*). Em segundo lugar, o sujeito é paciente/alvo do conteúdo comunicado pelo verbo.

Ademais, a opção por uma estrutura ativa ou por uma passiva está relacionada aos efeitos de sentido que provoca e aos propósitos comunicativos envolvidos na interação. Assim, por exemplo, considerando os casos em questão, no Excerto 1, destaca-se o fato de o clube ter encerrado o contrato com o então técnico, ou seja, toma-se como ponto de partida o agente; note que o time é o tópico discursivo (fala-se sobre o que o Flamengo realizou após perder a final da Libertadores). No Excerto 2, por sua vez, o conteúdo é comunicado

tomando-se como referência o alvo da demissão, Renato Gaúcho, que é o tópico de que se trata: veja que a sequência de orações após o título da notícia tem como sujeito o referente "Renato Gaúcho" ("*Técnico deixou o cargo...*", "*Após o vice-campeonato na Libertadores da América* [...] *o técnico Renato Gaúcho foi demitido do comando do Flamengo* [...]", "[...] *o treinador não resistiu* [...]"). Conforme Furtado da Cunha (1989, 1994), a passiva desempenha importante papel na manutenção de um mesmo tópico discursivo.

Nos casos em que a estrutura oracional se apresenta na voz passiva, o agente ou o causador da ação designada pelo verbo recebe a denominação de *agente da passiva*. Em termos formais, o agente da passiva é codificado por um sintagma preposicional (SP), normalmente introduzido pela preposição *por* "e", mais raramente, pela preposição "*de*". Observemos o trecho a seguir.

Se há vida inteligente fora da Terra, por que ainda não fomos contactados?

Fomos condicionados pela televisão e pelos filmes a aceitar a possibilidade de que há vida inteligente em outro lugar no universo. "Claro que existe vida inteligente por aí, eu vi na semana passada em Star Trek". Acompanhamos tudo, desde o fofo ET de Spielberg até a monstruosidade que é o Alien.

[...]

Fonte: http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Espaco/noticia/2015/06/se-ha-vida-inteligente-fora-da-terra-por-que-ainda-nao-fomos-contactados.html. Acesso em: 23 nov. 2021.

No período "*Fomos condicionados pela televisão e pelos filmes a aceitar a possibilidade de que há vida inteligente em outro lugar no universo*", o argumento externo (*nós*), não realizado verbalmente, é afetado pelo ato de condicionar, ou seja, o sujeito é paciente/alvo do conteúdo designado pelo verbo. Os termos *pela televisão* e *pelos filmes* representam os referentes aos quais se atribui a responsabilidade desse ato. Tais termos funcionam, pois, como *agente da passiva*.

O agente da passiva assemelha-se a um CR, pelo fato de representar, em certa medida, um complemento verbal e ser codificado por um SP. Por codificar o responsável pelo ato verbal, o agente da

passiva corresponde, semanticamente, ao argumento externo (sujeito) da oração na voz ativa. Assim, transpondo-se o período na voz passiva *"Fomos condicionados pela televisão e pelos filmes a aceitar a possibilidade de que há vida inteligente em outro lugar no universo"* (no parágrafo anterior) para a voz ativa, teremos a seguinte estrutura *A televisão e os filmes nos condicionaram a aceitar a possibilidade de que há vida inteligente em outro lugar no universo*. Nesse caso, os elementos *a televisão* e *os filmes* figuram como argumento externo (sujeito) de *condicionar*.

Cabe observar que, embora codifique um participante previsto na moldura semântica do predicado, qual seja, o responsável pelo ato expresso no verbo, o agente da passiva nem sempre se realiza na estrutura oracional. A omissão desse termo se dá, em geral, pelo fato de se constituir uma informação pressuposta ou de não ser discursivamente relevante no contexto comunicativo. É o que acontece, por exemplo, no período *"Se há vida inteligente fora da Terra, por que ainda não fomos contactados?"*, em que o agente da passiva da oração *por que ainda não fomos contactados?* não foi explicitado em razão de constituir informação pressuposta (*os extraterrestres*, inferidos com base em *vida inteligente fora da Terra*).

2 Adjunto adverbial

O *adjunto adverbial* é um termo de natureza circunstancial, que exprime as noções de lugar, tempo, modo, intensidade, companhia, instrumento, meio, causa, finalidade e comparação, entre outras. Pode ser representado por um sintagma adverbial (SAdv), por um sintagma preposicional (SP) ou por um sintagma nominal (SN). Consideremos os períodos seguintes:

- *Se há vida inteligente fora da Terra, por que ainda não fomos contactados?*
- *Fomos condicionados pela televisão e pelos filmes a aceitar a possibilidade de que há vida inteligente em outro lugar no universo.*
- *"Claro que existe vida inteligente por aí, eu vi na semana passada em Star Trek".*

No primeiro período, os termos *fora da Terra*, *ainda* e *não* exprimem noções de lugar, tempo e negação, respectivamente. No segundo, *em outro lugar no universo* indica circunstância de lugar. No terceiro período, *por aí*, *na semana passada* e *em Star Trek*, designam lugar, tempo e lugar, respectivamente. Os adjuntos adverbiais do

primeiro período são representados por SAdv; o do segundo e os do terceiro períodos são codificados por SP.

Numa mesma oração, é possível haver adjuntos adverbiais em sequência, seja da mesma natureza ou não, como se dá nos períodos analisados: *ainda* (tempo) e *não* (negação), no primeiro; *em outro lugar* (lugar) e *no universo* (lugar), no segundo; *na semana passada* (tempo) e *em Star Trek* (lugar), no terceiro. No segundo período, temos um adjunto adverbial (*no universo*) inserido em outro adjunto adverbial (*em outro lugar no universo*).

Menos comumente, o adjunto adverbial pode ser codificado por um SN, conforme se dá no fragmento a seguir. Observe que o sintagma nominal *semana passada*, sublinhado, expressa o momento em que se deu determinado evento (anúncio de produtos específicos para veículos híbridos e elétricos); funciona, portanto, como adjunto adverbial de tempo.

> SEGURADORA Zurich anunciou semana passada produtos específicos para veículos híbridos e elétricos, incluindo opção de cobertura de cabos de carregamento e oficinas especializadas. Nesta semana, o Itaú Unibanco lança financiamento a juros reduzidos para essa categoria. Operações do tipo começaram com Jaguar i-Pace e agora para todas as outras marcas esses nichos.
>
> **Fonte:** https://www.em.com.br/app/noticia/vrum/2019/06/29/interna_vrum,1065714/a-aposta-certa.shtml. Acesso em: 27 dez. 2021. Grifo nosso.

Diversas são as circunstâncias expressas pelo adjunto adverbial, seja ele codificado por um SAdv, por um SP, por um SN ou por uma oração transposta a SAdv. Entre essas circunstâncias, elencamos: tempo, lugar, modo, intensidade, causa, condição, comparação, concessão, finalidade, modo, instrumento, proporção, meio. Atente para os elementos destacados na piada retomada a seguir.

Um homem deixou as ruas frias do inverno de Curitiba para umas férias na ensolarada Fortaleza. Sua esposa estava viajando a negócios e combinou encontrá-lo no Ceará, no dia seguinte.

Quando chegou ao hotel, o homem resolveu enviar-lhe um e-mail. Como não anotara o endereço eletrônico, tirou da memória o que lembrava e ficou torcendo para que estivesse correto. Infelizmente ele errou uma letra, e a mensagem foi para uma senhora, cujo marido havia morrido recentemente.

Ao checar seus e-mails, ela deu um grito de profundo horror e caiu morta no chão. Ao ouvir o grito, sua família correu para o quarto. Na tela do monitor, estava a seguinte mensagem: "Querida, acabei de chegar. Foi uma longa viagem. Apesar de só estar aqui há poucas horas, já estou gostando muito. Falei aqui com o pessoal e está tudo preparado para sua chegada amanhã. Tenho certeza que você também vai gostar. Beijos do seu eterno e amoroso marido. PS: Está fazendo um calor infernal aqui!"

Fonte: http://www.piadasnet.com/. Acesso em: 23 nov. 2021. Grifo nosso.

No primeiro parágrafo, os SP *no Ceará* e *no dia seguinte* veiculam circunstância de lugar e de tempo, respectivamente. As orações *Quando chegou ao hotel* e *Como não anotara o endereço eletrônico*, presentes no segundo parágrafo, também têm valor adverbial e codificam, nessa ordem, noções de tempo e de causa: a primeira indica o momento em que o homem resolveu enviar e-mail para sua esposa; a segunda expressa a causa de esse homem "tirar da memória" o que lembrava ser o endereço eletrônico de sua mulher. O advérbio *recentemente*, no mesmo parágrafo, é de natureza temporal. No último parágrafo, os adjuntos adverbiais sublinhados são codificados por estruturas distintas e veiculam circunstâncias também diferentes: *Apesar de só estar aqui há poucas horas* é um complexo oracional de valor concessivo (ideia desfavorável a outra, mas que não a invalida), enquanto os advérbios *muito* e *aqui* indicam intensidade e lugar. É oportuno mencionar que, no interior desse complexo oracional, há adjuntos adverbiais de menor extensão, como é o caso de *aqui* (de lugar) e *há poucas horas* (de tempo).

Cabe relembrar que há termos de valor circunstancial que funcionam como argumento interno, conforme se dá com os SP *ao hotel* e *da memória*, presentes nos períodos a seguir, extraídos da mesma piada.

- *Quando chegou **ao hotel**, o homem resolveu enviar-lhe um e-mail.*
- *Como não anotara o endereço eletrônico, tirou **da memória** o que lembrava e ficou torcendo para que estivesse correto.*

Observe que tanto *chegar* quanto *tirar* selecionam um argumento interno: o lugar a que se chega e o lugar de onde se tira algo. Em ambos os casos, os argumentos internos funcionam sintaticamente como CR.

No entendimento da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), porém, esses complementos de valor circunstancial são sempre considerados "adjunto adverbial". Nesse ponto de vista, colocam-se sob o mesmo rótulo elementos de natureza semântico-sintática diversa. Comparemos os seguintes casos:

- *Fomos condicionados pela televisão e pelos filmes a aceitar a possibilidade de que há vida inteligente **em outro lugar no universo**.*
- *Quando chegou **ao hotel**, o homem resolveu enviar-lhe um e-mail.*

No primeiro período, o verbo *haver* seleciona unicamente o argumento interno *vida inteligente* (objeto direto), sendo a expressão em negrito uma informação suplementar de valor circunstancial não selecionada pelo verbo; trata-se, assim, de adjunto adverbial. Já no segundo período, o elemento em destaque (*ao hotel*), embora também apresente valor circunstancial, funciona como argumento interno (no caso, CR) de *chegar*, uma vez que é selecionado por esse verbo (Quem chega, chega a algum lugar). Vemos, pois, que os termos em negrito apresentam natureza semântico-sintática distinta e, portanto, não devem ser tomados como desempenhando a mesma função sintática.

Atividade 2

Leia o fragmento textual a seguir; depois responda às questões de 1 a 3.

Projeção holográfica 'reconstrói' estátuas de Buda dinamitadas no Afeganistão

Destruídos por fundamentalistas talibãs em 2001, os Budas de Bamiyan voltaram (virtualmente) à vida graças a um superprojetor comprado por casal de chineses

Apesar de o Vale de Bamiyan ser hoje uma região majoritariamente islâmica, o lugar, que fica a 230 quilômetros da capital afegã, Cabul, no passado já foi um importante centro do budismo. Ali, desde o século 2 d.C., um grande número de monges vivia em mosteiros e muitos eremitas moravam em cavernas, deixando uma rica produção religiosa e cultural. Um dos maiores exemplos deste legado eram as enormes estátuas de Buda esculpidas na pedra, construídas no século 6 e declaradas como patrimônio mundial da Unesco. Em março de 2001, elas foram taxadas como ídolos pelo regime talibã e destruídas com dinamites – uma perda irreparável para a humanidade. Catorze anos depois, os monumentos puderam novamente ser admirados em tamanho real, com a ajuda de uma projeção 3D a laser.

O projetor sofisticado foi adquirido por Janson Yu e Liyan Hu, um casal de aventureiros chineses que se disseram entristecidos com o ato de destruição. Segundo o site NDTV, eles pediram permissão ao governo afegão e à Unesco para realizar um evento de uma noite – com direito a dança e música – que iluminasse as cavidades vazias onde os Budas estiveram por 1500 anos. Cerca de 150 pessoas acompanharam o espetáculo que, de acordo com o departamento local de proteção a relíquias culturais, deve se repetir anualmente no mês de março, já que o casal doou o equipamento às autoridades.

[...]

Fonte: Adaptado de: http://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2015/06/projecao-holografica-reconstroi-estatuas-de-buda-dinamitadas-no-afeganistao.html. Acesso em: 23 nov. 2021.

1 Identifique os adjuntos adverbiais presentes nos períodos e informe se eles são representados por SAdv (advérbio ou oração de natureza adverbial), por SP ou por SN. Em seguida, indique a circunstância expressa por esses adjuntos (tempo, modo, lugar, intensidade, causa, condição, finalidade, proporção, conformidade etc.).

a) Apesar de o Vale de Bamiyan ser hoje uma região majoritariamente islâmica, o lugar que fica a 230 quilômetros da capital afegã, Cabul, no passado já foi um importante centro do budismo.

b) Ali, desde o século 2 d.C., um grande número de monges vivia em mosteiros e muitos eremitas moravam em cavernas, deixando uma rica produção religiosa e cultural.

c) Em março de 2001, elas foram taxadas como ídolos pelo regime talibã e destruídas com dinamites – uma perda irreparável para a humanidade.

2 Localize no trecho e dele transcreva dois agentes da passiva. Em seguida,

a) redija a versão ativa das orações em que eles aparecem;

b) indique que alteração semântica e/ou pragmática a versão ativa das orações referidas no item anterior causaria no texto.

3 Comente a relevância semântica e textual-discursiva das expressões *desde o século 2 d.C.*, *no século 6*, *em março de 2001* e *catorze anos depois*, presentes no primeiro parágrafo.

Leituras complementares

Para que você complemente/reforce os conhecimentos construídos e/ou (re)lembrados nesta aula, indicamos a leitura dos seguintes textos:

LUCENA, Nedja Lima de. Relação gramatical objeto direto: a interface entre sintaxe, semântica e pragmática. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 12-30, 2011.
Link: https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/view/7876. Acesso em: 18 fev. 2022.

Trata-se de um artigo no qual a autora discute a relação gramatical objeto direto (OD), com o objetivo de examinar como esse elemento se manifesta no uso da língua, explicitando suas propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas. Focaliza a codificação morfológica, o papel temático (paciente, tema etc.) e o status informacional do OD em dados reais de fala e de escrita. São investigados objetos expressos por um sintagma nominal (SN) lexical ou SN pronominal relacionados a quatro diferentes tipos semânticos de verbos, classificados por Chafe (1979) e Borba (1996; 2002): ação, processo, ação-processo e estado.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Motivações discursivas para o uso da passiva. **D.E.L.T.A.**, [*S. l.*], v. 10, n. 1, p. 21-27, 1994.

Nesse artigo, Angélica Furtado examina orações passivas em português com base na análise de Weiner e Labov quanto a fatores sintáticos que determinam a opção, no inglês, de uma estrutura passiva em vez de uma ativa. A pesquisadora verifica não só a atuação de fatores sintáticos e semânticos nessa escolha como, principalmente,

aspectos pragmáticos. Chega à conclusão de que, ainda que propriedades sintáticas tenham impacto no uso de uma estrutura passiva em lugar de uma ativa, elas não são determinantes. Seus achados mostram que motivações discursivas têm mais influência nessa escolha, particularmente o grau de topicidade dos argumentos agente e paciente da oração transitiva.

Resumo

Nesta aula, demos continuidade ao estudo da estrutura argumental da oração, focalizando termos argumentais e não argumentais vinculados ao verbo. Para tanto, tratamos da classificação dos verbos quanto à transitividade, comentando a tipologia atribuída, tanto por gramáticos (tradicionais ou não) quanto por linguistas. Contemplamos os argumentos internos do verbo (complementos), explicitando suas características e a nomenclatura utilizada neste estudo: objeto direto (OD), objeto indireto (OI) e complemento relativo (CR). Em relação aos termos não argumentais relacionados, vimos que o agente da passiva expressa, semanticamente, o responsável pelo conteúdo designado pelo verbo da oração e ocorre quando a oração exibe configuração morfossintática particular, com verbo apassivado (*ser* + particípio do verbo principal). Vimos também que o adjunto adverbial exprime uma circunstância (lugar, tempo, modo, intensidade, causa, condição, finalidade, conformidade etc.) em relação a um evento, a um estado de coisas ou a uma propriedade. Destacamos, ao longo desta aula, aspectos semânticos, discursivo-textuais e pragmáticos associados aos usos dos termos argumentais e não argumentais ligados ao verbo.

Autoavaliação

Leia o trecho a seguir; depois, com base nele, responda às questões 1 a 4.

Comparações culturais
entre ex-colônias portuguesas

Ana Rita Martins

Para Portugal chegar até o Oriente e comercializar as especiarias tão valorizadas na Europa, navegar era mesmo preciso. E foi com esse objetivo, nos séculos 15 e 16, que as caravelas chegaram a territórios como Angola, Brasil e Macau, transformando-os em fontes de riqueza para a coroa portuguesa. Mas, para proteger esses lugares de invasões e saques, a colonização era necessária.

Os colonizadores encontraram em cada local uma cultura própria. A interação entre essas estruturas, diferentes entre si, e a influência portuguesa deixaram marcas profundas em cada um desses lugares, impactando o passado e o presente de maneiras particulares.

Estudar como se deu a colonização portuguesa em diferentes regiões do globo ajuda a apontar semelhanças e diferenças no modelo colonial, contribuindo para que a turma entenda mais e melhor como as grandes navegações influenciaram os rumos não só do Brasil como também de outras partes do mundo.

[...]

Por aqui, a colonização começou por volta de 1530, com a monocultura latifundiária da cana-de-açúcar. Com sua decadência, sobreveio o ciclo do ouro, nos séculos 17 e 18. Nas duas atividades, a primeira mão-de-obra utilizada foi a indígena escravizada, que se revelou ineficiente. O problema, então, foi solucionado com o trabalho – igualmente escravo – dos negros da África. Assim, o tráfico negreiro foi, até o início do século 19, uma das atividades mais lucrativas de Portugal, que passou a capturar africanos para vender aos latifundiários no Brasil. E é nesse ponto que nossa história se cruza com a de Angola.

Quando chegaram em terras angolanas, em 1482, os portugueses usaram o território só como ponto de parada de uma rota comercial em direção ao Oriente. Mas, no fim do século 16 e início do século 17, escravizaram a população local para suprir a necessidade de mão-de-obra para a colônia brasileira e essa foi, definitivamente, a maior contribuição financeira de Angola para Portugal.

[...]

Em Macau, tudo foi bem diferente. Quando chegaram às terras asiáticas, em 1557, os portugueses tiveram de se submeter ao forte império chinês. Para estabelecer um entreposto comercial, comprar e revender especiarias, foram obrigados a pagar impostos. Essa situação perdurou três séculos e apenas em 1887, com os chineses enfraquecidos pela Guerra do Ópio, é que Portugal conseguiu a assinatura do Tratado de Amizade e Comércio Sino-Português, garantindo a esse país o direito da ocupação perpétua de Macau. Somente então teve início a colonização. Mas a região seguiu sendo tratada como uma porta de entrada importante para o comércio com a China e o Japão. E, como já era marcada pela cultura chinesa, Macau sentiu menos os efeitos da influência cultural portuguesa do que Brasil e Angola. Basta pensar que, enquanto nesses dois países a língua portuguesa é falada pela maioria da população, em Macau, mais de 90% do povo fala mandarim e cantonês, apesar de o português também ser uma língua oficial.

[...]

Fonte: Adaptado de: http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/comparacoes-culturais-ex-colonias-portuguesas-475207.shtml. Acesso em: 23 nov. 2021.

1 Julgue como verdadeira (V) ou falsa (F) cada uma das afirmativas a seguir.

a) ( ) No trecho "[...] as caravelas chegaram a territórios como Angola, Brasil e Macau, transformando-os em fontes de riqueza para a coroa portuguesa", os elementos sublinhados são argumentos internos do verbo *transformar*.

b) ( ) Há um verbo copulativo no período "Mas, para proteger esses lugares de invasões e saques, a colonização era necessária".

c) ( ) Em "Com sua decadência, sobreveio o ciclo do ouro, nos séculos 17 e 18", o termo destacado funciona como objeto direto.

d) ( ) O período "Quando chegaram às terras asiáticas, em 1557, os portugueses tiveram de se submeter ao forte império chinês" contém um verbo transitivo direto e indireto.

e) ( ) Em "Para estabelecer um entreposto comercial, comprar e revender especiarias, foram obrigados a pagar impostos", os verbos sublinhados são transitivos diretos.

f) ( ) O verbo da oração "[...] em Macau, mais de 90% do povo fala mandarim e cantonês, [...]" é biargumental.

2 Considerando a tipologia adotada neste manual, informe a classificação dos argumentos internos sublinhados nos períodos retirados do trecho, conforme esta indicação: OD (para objeto direto), OI (para objeto indireto), CR (para complemento relativo).

a) "Mas, para proteger esses lugares ( ) de invasões e saques ( ), a colonização era necessária".

b) "[...] que passou a capturar africanos para vender aos latifundiários ( ) no Brasil".

c) "[...] Quando chegaram às terras asiáticas ( ), em 1557, os portugueses tiveram de se submeter ao forte império chinês ( )".

d) "[...] é que Portugal conseguiu a assinatura do Tratado de Amizade e Comércio Sino-Português, garantindo a esse país ( ) o direito da ocupação perpétua de Macau ( )".

3 Destaque do último parágrafo dois exemplares de *agente da passiva*. Em seguida,

a) redija a versão ativa das orações em que eles aparecem;

b) indique se a versão ativa das orações referidas no item anterior causaria alteração semântica e/ou pragmática no texto. Em caso positivo, explicite-a(s).

4 Os elementos sublinhados nos períodos a seguir veiculam circunstâncias. Especifique cada uma delas (causa, concessão, condição, comparação, finalidade, tempo, modo, lugar, companhia, instrumento, meio etc.).

a) "Mas, <u>para proteger esses lugares de invasões e saques</u>, a colonização era necessária".

b) "<u>Com sua decadência</u>, sobreveio o ciclo do ouro, <u>nos séculos 17 e 18</u>".

c) "[...] uma das atividades mais lucrativas de Portugal, que passou a capturar africanos <u>para vender aos latifundiários no Brasil</u>".

d) "<u>Em Macau</u>, tudo foi <u>bem</u> diferente".

e) "Essa situação perdurou <u>três séculos</u> e apenas em 1887, <u>com os chineses enfraquecidos pela Guerra do Ópio</u>, é que Portugal conseguiu a assinatura do Tratado de Amizade e Comércio Sino-Português [...]".

f) "E, <u>como já era marcada pela cultura chinesa</u>, Macau sentiu menos os efeitos da influência cultural portuguesa do que Brasil e Angola".

g) "Basta pensar que, <u>enquanto nesses dois países a língua portuguesa é falada pela maioria da população</u>, em Macau, mais de 90% do povo fala mandarim e cantonês, <u>apesar de o português também ser uma língua oficial</u>".

5 Considerando a oração “Os colonizadores encontraram em cada local uma cultura própria”,

a) explicite os elementos relacionados ao verbo *encontrar*, especificando a função sintática (sujeito, OD, OI, CR, adjunto adverbial, agente da passiva) de cada um deles;

b) indique quais desses elementos são argumentos e qual não é, explicando por quê.

6 O advérbio *aqui* (primeira linha do quarto parágrafo) assume uma função sintática, possui valor semântico e desempenha papel textual-discursivo. Explicite cada um deles.

Referências

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**: atualizada pelo novo Acordo ortográfico. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BORBA, Francisco da Silva. **Uma gramática de valências do português**. São Paulo: Ática, 1996.

BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário de usos do Português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

CAMPOS, Paulo Mendes. **Lagartixa**. [*S. l.*]: Conto Brasileiro, 2013. Disponível em: https://contobrasileiro.com.br/lagartixa-cronica-de-paulo-mendes-campos/. Acesso em: 18 nov. 2021.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAFE, Wallace. **Significado e estrutura linguística**. Tradução: Maria Helena de Moura Neves, Odette Gertrudes Luíza Altmann de Souza Campos, Sônia Veasey Rodrigues. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Motivações discursivas para o uso da passiva. **D.E.L.T.A.**, [*S. l.*], v. 10, n. 1, p. 21-27, 1994.

KURY, Adriano da Gama. **Novas lições de análise sintática**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

LUCENA, Nedja Lima de. Relação gramatical objeto direto: a interface entre sintaxe, semântica e pragmática. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 12-30, 2011.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al*. **Gramática da língua portuguesa**. 7. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

Funções sintáticas no nível da oração: termos relacionados ao nome

Aula

5



Apresentação

Prezado(a) aluno(a), nesta aula, vamos continuar nosso estudo sobre a estrutura argumental da oração, focalizando os termos relacionados ao nome, a saber: *complemento nominal*, *predicativo*, *adjunto adnominal e aposto*. Nesse sentido, vamos examinar a relação hierárquica entre tais termos bem como especificar seus constituintes internos, considerando, ainda, aspectos funcionais a esse respeito.

Objetivos

1. Caracterizar as relações hierárquicas entre o nome e os termos a ele vinculados.
2. Identificar as funções sintáticas dos termos associados ao nome.
3. Reconhecer os papéis desempenhados pelos constituintes internos dos termos relacionados ao nome.



1 Termos associados ao nome

Da mesma forma que o verbo possui elementos (argumentos e adjuntos) que a ele se vinculam em razão de suas propriedades semânticas, a alguns nomes também se associam elementos que mantêm com eles relações de complementação ou de adjunção. Essas relações são igualmente de hierarquia pelo fato de haver graus de dependência entre o conteúdo nominal e a(s) ideia(s) a ele vinculada(s). Vejamos os períodos retirados do recorte textual a seguir.

60 anos da TV no Brasil:
da improvisação ao vivo à era digital

José Renato Salatiel

A primeira emissora de televisão no Brasil, a TV Tupi, foi inaugurada há 60 anos, em 18 de setembro de 1950. No começo, os programas eram ao vivo e caracterizados pela improvisação, experimentação em linguagem (adaptada do rádio e do teatro) e falta de aparelhos receptores, devido ao alto custo. Nessa época, o rádio era o principal meio eletrônico de informação e entretenimento dos brasileiros.

O idealizador da TV brasileira foi Assis Chateaubriand (1892-1968), dono dos Diários Associados, um império de comunicação que incluía dezenas de jornais, revistas e rádios. Ele importou equipamentos e técnicos dos Estados Unidos e instalou duas antenas em São Paulo, uma no prédio do Banespa e outra na sede da empresa, no bairro Sumaré.

Como não havia televisores no país, o empresário contrabandeou 200 aparelhos, que foram dados de presente a amigos e financiadores. Outros 22 receptores foram colocados em vitrines de 17 lojas do centro de São Paulo, para que as pessoas pudessem assistir da rua.

Na noite de estreia, o programa seria ao vivo – como era toda programação até os anos 1960. Para isso, foram feitos ensaios com semanas de antecedência. A inauguração teve direito a discurso presidencial e a bispo benzendo as máquinas. Contudo, pouco antes de o programa inaugural ir

ao ar, uma das três câmeras pifou, atrasando o evento em mais de uma hora.

[...]

Fonte: Adaptado de: http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/60-anos-da-tv-no-brasil-da-improvisacao-ao-vivo-a-era-digital.htm. Acesso em: 25 jun. 2015.

(i) *Nessa época, o rádio era* ***o principal meio eletrônico de informação e entretenimento dos brasileiros****.*

(ii) *A primeira emissora de televisão no Brasil,* ***a TV Tupi****, foi inaugurada há 60 anos, em 18 de setembro de 1950.*

(iii) *A inauguração teve direito* ***a discurso presidencial e a bispo benzendo as máquinas****.*

(iv) *Contudo, pouco antes de* ***o*** *programa* ***inaugural*** *ir ao ar, uma das* ***três*** *câmeras pifou, atrasando* ***o*** *evento em mais de* ***uma*** *hora.*

Em (i), o trecho em negrito (*o principal meio eletrônico de informação e entretenimento dos brasileiros*) relaciona-se ao elemento nominal *rádio* (o sujeito), atribuindo-lhe uma propriedade transitória (marcada no texto pela expressão *nessa época*). Tal propriedade, nesse caso, funciona como predicativo do sujeito.

Em (ii), o termo *a TV Tupi* serve de explicação à expressão *A primeira emissora de televisão no Brasil*, funcionando como aposto. Trata-se de uma informação que o locutor julga como necessária ao leitor para que este identifique mais especificamente o referente de *A primeira emissora de televisão no Brasil*.

A sequência *a discurso presidencial* e *a bispo benzendo as máquinas*, em (iii), serve de complemento ao substantivo *direito*, uma vez que este implica a ideia de *(ter) direito a algo* (no caso, ter direito *a discurso presidencial e a bispo benzendo as máquinas*). Em casos assim, o termo que completa o sentido de um nome transitivo funciona como complemento nominal.

Os termos "*o*" e "*inaugural*" (em *o programa inaugural*), "*três*" (em *três câmeras*) e "*uma*" (em *uma hora*), em (iv), acompanham os núcleos dos sintagmas nominais em que ocorrem, servindo de Det (*o*, *três* e *uma*) e de Mod (*inaugural*). Assim, conforme vimos na Aula 1, eles funcionam como adjuntos adnominais. Passemos, a seguir, ao estudo mais detido de cada uma das funções relacionadas ao nome.

1.1 O complemento nominal

O *complemento nominal* representa o argumento interno de um nome transitivo, ou seja, de um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) que requer complementação semântica. Esse termo é, em geral, codificado por um SP, que, conforme já explicitado em aulas anteriores, além da preposição (o núcleo), contém um sintagma nominal. Observe, a título de exemplificação, o período a seguir, extraído do texto "60 anos da TV no Brasil: da improvisação ao vivo à era digital".

- *O idealizador* ***da TV brasileira*** *foi Assis Chateaubriand (1892-1968), dono dos Diários Associados, um império de comunicação que incluía dezenas de jornais, revistas e rádios.*

O elemento em negrito complementa o nome *idealizador*. Esse substantivo designa um conteúdo que por si só não possui completude semântica, uma vez que a ideia é que *alguém é idealizador de algo*. Daí porque *da TV brasileira* funciona como complemento nominal. Note que esse termo é codificado por um SP, composto pela preposição *de* (núcleo) mais o SN *a TV brasileira* (constituído pelo núcleo *TV*, pelo Det *a* e pelo Mod *brasileira*).

Observe mais este período, também retirado do texto "60 anos da TV no Brasil: da improvisação ao vivo à era digital".

- *Contudo, pouco antes* ***de o programa inaugural ir ao ar****, uma das três câmeras pifou, atrasando o evento em mais de uma hora.*

A expressão em destaque complementa o sentido do advérbio de tempo *antes*, dado que esse elemento implica a ideia de que *algo acontece anteriormente a alguma coisa*. Assim, no caso do período em análise, *de o programa inaugural ir ao ar* funciona como complemento nominal do advérbio em foco.

Você deve ter percebido, pelas duas amostras examinadas, que esse tipo de argumento interno complementa o sentido de classes nominais distintas de natureza transitiva: substantivo e advérbio. Além dessas, pode também completar o sentido de um adjetivo. Convém destacar que substantivos e adjetivos que requerem complemento nominal, em sua maioria, são derivados de verbos transitivos, como é o caso de *idealizador* (derivado do verbo transitivo direto *idealizar*), presente na amostra anteriormente analisada.

Cabe assinalar ainda que, à semelhança dos argumentos internos verbais, o complemento nominal pode não vir explicitado. Isso se dá

quando o referente desse termo pode ser identificado no co(n)texto ou quando se trata de uma informação de conhecimento geral. Para ilustrar essa omissão, considere o período a seguir, também retirado do fragmento textual visto anteriormente.

- *Como não havia televisores no país, o empresário contrabandeou 200 aparelhos, que foram dados de presente a amigos e* ***financiadores****.*

Nesse período, o termo em negrito é um substantivo transitivo, visto que a ideia é que *alguém é financiador de algo*. Ocorre que, nesse caso, o complemento nominal do substantivo (importação de equipamentos e técnicos dos Estados Unidos) foi omitido pelo fato de pode ser recuperado no contexto (a informação está no parágrafo precedente).



Atividade 1

Leia o texto a seguir para responder às questões 1 e 2.

A ciência por trás do 'cheiro de mar'

André Jorge de Oliveira

Faça um exercício mental: pense na quantidade incontável de ondas que estão quebrando agora mesmo pelas praias do mundo todo. Agora imagine que, a cada uma dessas ondas que quebram, uma nuvem de partículas se desprende do mar e fica suspensa na atmosfera em forma de aerosóis. É o que chamamos de maresia. Podemos sentí-la por meio do cheiro agradável e úmido que vem com a brisa do mar e também observar seus efeitos através da corrosão de objetos metálicos nos lugares que ficam perto da praia. Até então, pouco se sabia a respeito dos impactos que essas nuvens de gotículas podem provocar no meio ambiente. Mas o trabalho de uma cientista de San Diego, nos EUA, tem revelado algumas informações surpreendentes – e alarmantes – sobre a maresia.

Em uma pesquisa recente, ela descobriu que as aparentemente inofensivas partículas podem até agravar o aquecimento global. "Uma partícula com uma determinada química vai absorver a luz e esquentar nosso planeta, enquanto outras vão refletir totalmente a luz e esfriá-lo", afirma Kimberly Prather, pesquisadora do departamento de química e bioquímica da Universidade da Califórnia. [...]

Para chegar a essas conclusões, ela liderou uma equipe que conduziu um experimento interessante: cerca de 12,8 mil litros de água do mar foram colocados em uma grande máquina artificial de criar ondas. Com o objetivo de tornar aquele ambiente o mais semelhante possível ao original, a água foi semeada duas vezes com fitoplânctons, que são a principal fonte de alimento de bactérias e outros organismos marinhos microscópicos.

Os resultados, publicados em um artigo da ACS, mostram que as propriedades dos aerosóis produzidos variaram consideravelmente de uma "florada" de fitoplânctons para a outra, o que indica que o processo é muito mais complexo do que parece. [...]

Fonte: Adaptado de: http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2015/06/ciencia-por-tras-do-cheiro-de-mar.html. Acesso em: 27 jun. 2015.

1 Identifique, nos períodos a seguir, os termos relacionados aos nomes em negrito.

a) Faça um **exercício** mental: pense na **quantidade** incontável de ondas que estão quebrando agora mesmo pelas praias do mundo todo.

b) Podemos senti-la por meio do **cheiro** agradável e úmido que vem com a brisa do mar [...]

c) [...] afirma **Kimberly Prather**, pesquisadora do departamento de química e bioquímica da Universidade da Califórnia.

d) Com o objetivo de tornar aquele ambiente o mais **semelhante** possível ao original, a água foi semeada duas vezes com fitoplânctons [...]

e) [...] que são a principal fonte de alimento de bactérias e outros **organismos** marinhos microscópicos.

2 Por que o substantivo “corrosão” (6ª linha) e o advérbio “perto” (7ª linha) – ambos no primeiro parágrafo do texto – requerem complementação?

3 Explique, em termos semânticos e sintáticos, o complemento nominal destacado em negrito no trecho “tornar aquele ambiente o mais semelhante possível **ao original**”.

1.2 O predicativo

Chamamos de *predicativo* o termo cuja função é atribuir uma propriedade, uma característica, um estado ou uma qualidade (permanente ou transitória) a um referente. Esse referente pode ser sujeito ou complemento verbal, ao qual se atribui a predicação. Por isso, é classificado como *predicativo do sujeito* ou *predicativo do objeto*.

O predicativo é normalmente expresso por um SA, porém, outras classes sintagmáticas (SN, SP, SAdv) também podem ser utilizadas para codificar essa função. Uma característica do predicativo é que ele, na maioria dos casos, vem precedido por um conjunto específico de verbos conhecidos como “verbos de ligação” (ou “copulativos”), do tipo *ser*, *estar*, *ficar*, *continuar* e similares, estudados na Aula 3. Vejamos os termos em destaque nos períodos retirados da “Descrição de local”, posta a seguir.

Descrição de local

Em casa, gosto muito de ficar na sala, que me agrada muito. Tanto na decoração como na arquitetura, é uma casa antiga, com muitas portas e janelas. É nessa sala onde estão minhas coisas: as estantes com meus livros, aparelho de som, discos, alguns enfeites que eu gosto, pirâmides, vídeo, muitas plantas, como samambaias e violetas, quadros de Chaplin que ganhei de algumas garotas. Tem também uma mancha no teto que lembra o mapa do Brasil, a qual fico olhando quando estou deitado no meu sofá favorito, onde fico assistindo TV. Acho muito agradável!

Fonte: Adaptado de: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/juiz_de_fora.pdf. Acesso em: 26 jun. 2015.

(i) *Tanto na decoração como na arquitetura, é* ***uma casa antiga****, com muitas portas e janelas.*
(ii) *Tem também uma mancha no teto que lembra o mapa do Brasil, a qual fico olhando quando estou* ***deitado*** *no meu sofá favorito, onde fico assistindo TV.*
(iii) *Acho* ***muito agradável****.*

No primeiro período, o elemento em negrito expressa uma característica atribuída ao sujeito elíptico (*casa*): a casa-alvo da descrição *é uma casa antiga*; no segundo, *deitado* indica o estado em que o locutor alega ficar em determinado momento (quando está no sofá); no terceiro, a expressão *muito agradável* qualifica a sala da casa descrita. Nos três casos, os elementos em destaque funcionam como predicativo: nos dois primeiros, por se aplicarem ao argumento externo, esses elementos desempenham papel de predicativo do sujeito; no último, *muito agradável* exerce a função de predicativo do objeto por se referir ao complemento (o argumento interno) do verbo *achar*.

Nos casos em que o verbo de ligação (copulativo) não se realiza, ele pode ser depreendido pela estrutura argumental da oração. É o que ocorre, por exemplo, nas seguintes amostras.

Amostra 1

Relato de opinião

Na minha opinião, a vida sexual das pessoas só interessa a elas. A não ser que elas queiram torná-la pública. A grande diferença é que se trata do presidente dos Estados Unidos, uma poderosa nação, e isso dá ibope e vende muitos jornais. Vários presidentes americanos foram cercados de escândalos sexuais, não sendo novidade para ninguém. Esse é um tipo de assunto que sempre causa muitos burburinhos, e, no caso do Clinton, não seria diferente. [...]

Fonte: Adaptado de: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/niteroi.pdf. Acesso em: 26 jun. 2015.

Amostra 2

Questão de sobrevivência

Dois amigos aventureiros percorrem de mochila às costas uma savana africana. De repente, atrás de uma árvore veem um leão a rugir, nitidamente esfomeado.

— Santo Deus! Estamos lixados! Vamos acabar na barriga desta fera! Meu Deus, ajudai-nos! — diz um.

Enquanto ele invoca os céus, o outro abre a mochila e tira uns tênis da melhor marca, que calça rapidamente, perante o espanto do companheiro.

— Tu não estás bom da cabeça! Achas que com esses tênis corres mais do que o leão?

— Mais depressa do que o leão, não acredito. Mas mais depressa do que tu, tenho certeza.

Fonte: Adaptado de: http://www.citador.pt/anedotas.php?op = 10&anedid = 482&theme = 68&piada = Amigos_Questao_de_Sobrevivencia. Acesso em: 11 jun. 2015.

No período "A não ser que elas queiram torná-la pública", da Amostra 1, o termo *pública* serve para indicar um possível estado da vida sexual das pessoas, funcionando, portanto, como predicativo do objeto direto (*-la* = a vida sexual das pessoas). Em "De repente, atrás de uma árvore veem um leão a rugir, nitidamente esfomeado",

o adjetivo *esfomeado* indica o estado em que se encontra(va) *um leão a rugir*, desempenhando, nesse caso, o papel de predicativo do sujeito (*leão*).

Observe que, em ambas as ocorrências, os verbos copulativos *ficar* e *estar* encontram-se implícitos. Desmembrados, esses períodos poderiam ser assim reescritos:

- *A não ser que elas queiram tornar a vida sexual das pessoas no estado que ela **fique** pública.*
- *De repente, atrás de uma árvore veem um leão a rugir. Ele **está/estava** nitidamente esfomeado.*

1.3 A adjunção nominal

Conforme vimos em aulas anteriores, o SN pode apresentar, além do núcleo, elementos periféricos (Det e Mod), os quais servem a variadas funções semântico-pragmáticas, entre elas, a de especificar, generalizar, indefinir, quantificar, avaliar, caracterizar ou situar o conteúdo do núcleo nominal. Esses elementos funcionam como adjunto adnominal.

Os Det podem ser representados por artigos (definidos e indefinidos), pronomes adjetivos (possessivos, demonstrativos e indefinidos) e/ou numerais cardinais. Já os **Mod** podem ser expressos por adjetivos, numerais ordinais, locuções adjetivas e/ou orações relativas (adjetivas). Vejamos, no trecho a seguir coletado da "Descrição de local", exemplares de adjunto adnominal.

- *É onde estão **minhas** coisas: **as** estantes **com meus livros**, aparelho **de som**, discos, **alguns** enfeites **que eu gosto**, pirâmides, vídeo, **muitas** plantas, como samambaias e violetas, quadros **de Chaplin que ganhei de algumas garotas**. Tem também **uma** mancha no teto **que lembra o mapa do** **Brasil**, a qual fico olhando quando estou deitado no **meu** sofá **favorito*** [...]

Fonte: Adaptado de: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/juiz_de_fora.pdf. Acesso em 25 jun. 2017.

Nesse trecho, podemos identificar diversas formas de manifestação de adjuntos adnominais: pronomes (*essa, minhas, meus, alguns, muitas, algumas, meu*), artigos (*as, uma, o*), locuções adjetivas



Mod

Cabe destacar que o Mod não se relaciona apenas ao nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) mas também ao verbo. Assim, pode assumir funções sintáticas distintas: quando associado ao nome substantivo, o Mod desempenha papel de *adjunto adnominal*; quando relacionado a adjetivo, advérbio ou verbo, ele se classifica como *adjunto adverbial*.

(*com meus livros, de som, de Chaplin, do Brasil*), orações adjetivas (*que eu gosto, que ganhei de algumas garotas, que lembra o Mapa do Brasil*) e adjetivo (*favorito*). Os Det *essa, minhas, meus, alguns, muitas, algumas, meu*, *as, uma* e *o* acompanham, respectivamente, os núcleos nominais *sala, coisas, livros, enfeites, plantas, garotas, sofá, estantes, mancha, mapa*. Os Mod *com meus livros, de som, de Chaplin, do Brasil*, *que eu gosto, que ganhei de algumas garotas, que lembra o Mapa do Brasil* e *favorito* delimitam o conteúdo dos referentes de *estantes, aparelho, quadros, mapa, enfeites, quadros de Chaplin, mancha* e *sofá*, nessa ordem.

A esse respeito, vale observar que, às vezes, pode também ocorrer de um adjunto adnominal modificador ser representado por substantivo e, mais raramente, por advérbio. Vejamos esses casos nos fragmentos textuais a seguir.

Excerto 1

E é sempre assim, porque a mulher vive à mil por hora, sempre com planos ambiciosos, mas o "atrasa lado" sempre morre de medo de arriscar: "Ai, amor (homem banana também adora começar uma frase com "ai")... Acho que a gente não devia comprar este apartamento porque é longe do centro e tem muita gente feia por aqui...". Então vocês não compram. Um ano depois, o imóvel valoriza 500%, e adivinha o que o "tanga frouxa" faz? Oras, pede desculpas!

Fonte: Texto adaptado de *A leoa e o cordeirinho*. Disponível em: http://www.revistaandros.com.br/homem_banana.html. Acesso em: 28 jun. 2015.

Excerto 2

Médico cirurgião é o profissional da medicina preparado para fazer cirurgias na sua área de atuação. Esse profissional pode ser especialista em qualquer área da medicina e nessa área realizar operações e intervenções cirúrgicas. É de sua responsabilidade orientar os pacientes no processo pré-operatório, pedir e analisar todos os exames necessários à execução da cirurgia e acompanhar a recuperação pós-cirúrgica, entre outras.

Fonte: http://www.brasilprofissoes.com.br/profissao/medico-cirurgiao/. Acesso em: 28 jun. 2015.

Excerto 3

E: é difícil falar de televisão sem falar de novela né? principalmente televisão brasileira...
I: Sim... novela é... as novelas hoje em dia são tão de... sem pé e sem cabeça rapaz... a... o horário nobre das oito... geralmente tem vindo é... nos últimos tempos... temas tão... tão fora da realidade [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 28 jun. 2015.

Excerto 4

Uma paixão assim Deus vai abençoar
E os anjos vão cantar em todas as canções
E o nosso amor será
O amor maior de todas as paixões

Fonte: COSTA, E. *Exemplo das paixões*. Disponível em: http://letras.mus.br/eduardo-costa/1576968/. Acesso em: 28 jun. 2015.

No primeiro excerto, identificamos a expressão *homem banana*, em que o substantivo *banana* delimita o conceito de *homem*, funcionando como um Mod adjunto adnominal. Do mesmo modo, em *médico cirurgião* (no segundo excerto), o substantivo *cirurgião* designa um tipo de *médico*, restringindo o conteúdo desse referente à função de adjunto adnominal. O terceiro excerto traz o SN as *novelas hoje em dia*, no qual a expressão adverbial *hoje em dia* (= *[dos dias] atuais/de hoje*) modifica restritivamente o sentido de *novelas*, sendo, assim, um adjunto adnominal. No último excerto, encontramos no verso "*Uma paixão assim Deus vai abençoar*" o advérbio *assim*, que especifica o referente de *paixão*, assumindo, nesse contexto, o papel de adjunto adnominal. Vamos praticar mais um pouco, resolvendo as questões da Atividade 2, proposta a seguir.

Atividade 2

Leia o recorte poético a seguir; depois, com base nele, responda às questões que seguem.

Quero beber o mel de sua boca
Como se fosse uma abelha rainha
Quero escrever na areia sua história
Junto com a minha
E no acorde doce da guitarra
Tocar as notas do meu pensamento
E em cada verso traduzir as fibras
Do meu sentimento
Que estou apaixonado
Que este amor é tão grande
Que estou apaixonado
E só penso em você a todo instante

Eu quero ser o ar que tu respiras
Eu quero ser o pão que te alimenta
Eu quero ser a água que refresca
O vinho que te esquenta
E se eu cair, que caia em seu abraço
Se eu morrer, que morra de desejo
[...]

Fonte: João Paulo e Daniel. *Estou apaixonado*. Disponível em: http://musica.com.br/artistas/daniel/m/estou-apaixonado/letra.html. Acesso em: 28 jun. 2015.

1 Considere as afirmativas a seguir e depois marque a opção que apresenta o correto julgamento sobre elas.

I. Em "Junto com a **minha**" (v. 4) e "Tocar as notas do **meu** pensamento" (v. 6), os pronomes possessivos funcionam como adjunto adnominal.
II. No verso "Como se fosse **uma abelha rainha**", o termo em negrito funciona como predicativo do sujeito.
III. Em "Quero beber o mel de sua boca" e "Se eu morrer, que morra de desejo", os SP sublinhados exercem a mesma função sintática.
IV. Nos quatro primeiros versos da última estrofe, todas as orações iniciadas com "que" restringem o conteúdo dos respectivos termos que as antecedem.

a) Apenas as afirmativas I e II estão corretas.
b) Apenas as afirmativas I e III estão corretas.
c) Apenas as afirmativas II e III estão corretas.
d) Apenas as afirmativas II e IV estão corretas.
e) Apenas as afirmativas III e IV estão corretas.

2 Assinale a opção em cujo verso **não** há predicativo.

a) Que estou apaixonado.
b) Que este amor é tão grande.
c) E só penso em você a todo instante.
d) Eu quero ser o ar que tu respiras.
e) O vinho que te esquenta.

3 Destaque dos versos transcritos a seguir os adjuntos adnominais, especificando os Det e os Mod.

"E no acorde doce da guitarra
Tocar as notas do meu pensamento".

Det: _____

Mod: _____

1.4 O aposto

O *aposto* é o termo que se aplica a um referente nominal ou a uma informação mais ampla de valor referencial, especificando, explicando ou comentando o conteúdo referencial sobre o qual incide. Mais comumente, o aposto é codificado por um SN (substantivo ou termo equivalente), mas também pode ser representado por um SP e, mais raramente, por um SA. Observemos os casos retirados do seguinte texto:

Belas praias, natureza exuberante:
Noronha, o paraíso é aqui

Ao aportar no arquipélago brasileiro, em 1503, o navegador italiano Américo Vespúcio disse a famosa frase: "O paraíso é aqui". E ele não estava errado. Fernando de Noronha, formado por 21 ilhas e com apenas 17 quilômetros quadrados, esbanja belezas naturais, com mar de águas claras, praias de areias douradas e ampla biodiversidade. O distrito, que pertence a Pernambuco, está dividido entre Área de Preservação Ambiental e Parque Nacional Marinho, sendo considerado Patrimônio Mundial Natural desde 2001 pela Unesco. [...]

Melhor ponto de mergulho do Brasil, procurado tanto por profissionais como por iniciantes, Noronha é privilégio de poucos, já que a entrada de visitantes é limitada, como forma de preservar as belezas naturais do arquipélago. Golfinhos rotadores, surfe, forró e a simpática Vila dos Remédios são outros atrativos imperdíveis de Noronha.

Fonte: Adaptado de: http://www.cvc.com.br/destinos/brasil/fernando-de-noronha.aspx. Acesso em: 16 jun. 2015.

(i) *Ao aportar no arquipélago brasileiro, em 1503, o navegador italiano* ***Américo Vespúcio*** *disse a famosa frase: "O paraíso é aqui".*

(ii) *Fernando de Noronha,* ***formado por 21 ilhas e com apenas 17 quilômetros quadrados****, esbanja belezas naturais, com mar de águas claras, praias de areias douradas e ampla biodiversidade.*

(iii) *O distrito,* ***que pertence a Pernambuco****, está dividido entre Área de Preservação Ambiental e Parque Nacional Marinho, sendo considerado Patrimônio Mundial Natural desde 2001 pela Unesco.*

(iv) ***Melhor ponto de mergulho do Brasil****,* ***procurado tanto por profissionais como por iniciantes****, Noronha é privilégio de poucos [...]*

Nos períodos destacados, identificamos os apostos explicitados a seguir. Em (i), o termo em negrito especifica o conteúdo da expressão *o navegador italiano*, indicando com mais detalhe a quem ela se refere; nesse caso, é codificado por um SN substantivo (*Américo Vespúcio*). Em (ii) e (iii), os trechos em destaque – *formado por 21 ilhas e com apenas 17 quilômetros quadrados*, em (ii); e *que pertence a Pernambuco*, em (iii) – servem como explicação aos respectivos elementos nominais *Fernando de Noronha* e *O distrito*. São representados, respectivamente, por um SA complexo e um SP coordenados (ii) e por um SO com função adjetival (iii). Em (iv), *Melhor ponto de mergulho do Brasil* e *procurado tanto por profissionais como por iniciantes* são apostos por meio dos quais se avalia o referente do termo *Noronha*; em ambas as ocorrências, temos um SN-substantivo no primeiro caso e um SA complexo no segundo.

Como você deve ter percebido, o aposto pode servir a diferentes funções semântico-pragmáticas, como especificação, explicação, avaliação. Em decorrência das funções que assume, o aposto apresenta classificação variada, conforme veremos a seguir, em relativa consonância com Lima (1994) e Bechara (2009).

Trata-se de *especificativo* (ou *denominativo*), quando serve à denominação de um referente genérico, individualizando-o em sua categoria. No excerto (i), por exemplo, *Américo Vespúcio* é o nome que especifica/individualiza *navegador italiano*. Esse tipo de aposto distingue-se formalmente dos demais por não se separar, em sua expressão (na fala, sem pausa; na escrita, sem sinal de pontuação), do nome cujo conteúdo delimita.

Já *explicativo* é o aposto cuja função é esclarecer o conteúdo de um nome. É o que acontece com *formado por 21 ilhas e apenas 17 quilômetros quadrados*, em (ii); e com *que pertence a Pernambuco*, em (iii). Esses termos introduzem informação de caráter explicativo em relação a *Fernando de Noronha* e a *O distrito*, respectivamente.

Quanto ao *enumerativo,* considera-se aquele utilizado para listar uma série de elementos ou de fatos, desdobrando o conteúdo de um referente nominal apresentado de forma resumida. Vejamos as amostras a seguir.

Excerto 1

A Feira de Caruaru,
Faz gosto a gente vê.
De tudo que há no mundo,
Nela tem pra vendê,
Na feira de Caruaru.
Tem massa de mandioca,
Batata assada, tem ovo cru,
Banana, laranja, manga,
Batata, doce, queijo e caju,
Cenoura, jabuticaba,
Guiné, galinha, pato e peru,
Tem bode, carneiro, porco,
Se duvidá... inté cururu.

Fonte: GONZAGA, L. *A feira de Caruaru*. Disponível em: http://letras.mus.br/luiz-gonzaga/204732/. Acesso em: 30 jun. 2015.

Excerto 2

Narrativa de experiência pessoal

Tudo aconteceu muito rápido. Era um domingo e eu e meu namorado fomos pro clube. Lá estava acontecendo o campeonato de Futebol e ele participava ativamente. Durante um dos jogos, enquanto eu conversava com uma amiga, ele teve uma parada cárdio-respiratória. Encaminhado para o hospital, acabou morrendo depois de ser reavivado várias vezes com choques. Sem dúvida, este trágico acontecimento acabou por modificar extremamente minha vida e também minha visão da morte.

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/juiz_de_fora.pdf. Acesso: 30 jun. 2015.

No Excerto 1, o conteúdo da expressão *tudo que há no mundo* é desdobrado na estrofe seguinte por meio da listagem de produtos encontrados na feira de Caruaru. No Excerto 2, o referente do pronome *tudo* é detalhado por uma sequência de eventos envolvendo a informante e seu namorado. Em ambos os casos, evidencia-se o caráter enumerativo desse tipo de aposto.

O *Distributivo* é o tipo de aposto cuja função é desdobrar e esclarecer, de forma organizada, isto é, distribuída, os referentes de dois ou mais elementos nominais. Vejamos o seguinte fragmento textual:

> Entre a personagem principal de Senhora, Aurélia, e de Dom Casmurro, Capitu, também há semelhanças: as duas mulheres são ativas e dominadoras e são elas que decidem quando o desejo deve se consumar. Enquanto a primeira controla seu marido, Seixas, e define quando acontecerá a noite de núpcias, a segunda é quem informa a Bentinho, seu futuro marido, que ele a deseja.
>
> **Fonte:** Adaptado de MOUTINHO, S. *Machado, pai de Alencar*? Disponível em: http://www.ufrj.br/detalha_noticia.php?codnoticia=5606. Acesso em: 30 jun. 2015.

Nesse fragmento, os termos *a primeira* e *a segunda* servem para distribuir informações sobre Aurélia e Capitu, esclarecendo modos de agir de cada uma dessas personagens. Por isso, esses elementos se constituem aposto distributivo.

O aposto *resumitivo* corresponde à recapitulação do conteúdo de um conjunto de referentes ou informações, sintetizando-o. Geralmente, ele é representado por pronome indefinido do tipo *tudo*, *nada*, *ninguém*. Observe o seguinte trecho extraído de uma Narrativa oral de experiência pessoal.

> [...] ele [o namorado da informante] precisava estar uma e meia em Pelotas... aí::/ eh... uma e meia... em seguida do almoço a gente precisava estar em Pelotas... aí a gente saiu dali... eh... tomamos café e tudo... e::... quando nós chegamos em Porto Alegre... tinha uma fila de vinte e três pessoas na minha frente... vinte e três pessoas... tu imagina... pra fazer uma inscrição... onde tu precisa de informação de::... de dados... tu precisa dar todos os teus dados pra pessoa... tu precisa conciliar horários... precisa tudo... né? [...]
>
> **Fonte:** http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/rio_grande.pdf. Acesso em: 2 jul. 2015.

Nesse trecho, a oração *precisa tudo*, na última linha, resume o conteúdo de informações precedentes relativas ao que era necessário para realizar inscrição em determinado concurso (fornecer os dados pessoais, dispor de tempo). Desse modo, a oração referida funciona como aposto resumitivo, recapitulando, de forma sintética/resumida e generalizante, o conteúdo anterior.

Denomina-se *circunstancial* o aposto que expressa uma relação semântica de natureza adverbial, como causa, concessão, condição, comparação etc., assemelhando-se a uma oração adverbial reduzida. Vejamos o fragmento textual em seguida, retirado do conto "O Saci", de Monteiro Lobato.

> [...] E como nas poças verdinhentas a traíra permanece imóvel e a rã muda, assim toda a legião dos diabos se apaga. Inutilmente tentaríamos surpreender unzinho sequer.
>
> O saci, por exemplo. Abundante à noite como o morcego, nunca se deixou pilhar de dia. Metido nas tocas de tatu, ou nos ocos das árvores velhas, ou alapado à beira-rio em solapões de pedra limosa com retrança de samambaias à entrada, o moleque de carapuça vermelha sabe como ninguém o segredo de invisibilizar-se. Não colhesse ele, todos os anos, nas noites de São João, a misteriosa flor da samambaia! [...]
>
> **Fonte:** http://contobrasileiro.com.br/?p=1918. Acesso em: 2 jul. 2015. Texto adaptado.

Nesse fragmento, o período "Abundante à noite como o morcego, nunca se deixou pilhar de dia" contém um aposto que exprime a circunstância adverbial de concessão (*abundante à noite como morcego*) relativa à informação *nunca se deixou pilhar de dia*. Por isso, é classificado como aposto circunstancial.

Por fim, chama-se *avaliativo* o aposto que consiste em um comentário apreciativo sobre dado conteúdo (referente ou segmento textual). Em geral, possui um viés argumentativo, no sentido de pretender conquistar a adesão do ouvinte/leitor em relação a determinada informação. Tomemos o período a seguir, extraído do excerto textual dado sobre Fernando de Noronha, para ilustrar esse tipo de aposto.

- ***Melhor ponto de mergulho do Brasil**, procurado tanto por profissionais como por iniciantes, Noronha é privilégio de poucos [...]*

Atente para o trecho *Melhor ponto de mergulho do Brasil*, por meio do qual o autor faz um comentário apreciativo sobre Fernando de Noronha. Esse comentário tem caráter valorativo, demonstrando uma avaliação subjetiva do autor, com vista a atrair visitantes para o arquipélago nordestino. Trata-se, então, de um aposto avaliativo.



Leituras complementares

Para fins de complementação dos conteúdos estudados nesta aula, indicamos a leitura dos seguintes textos:

NOGUEIRA, Márcia Teixeira. Indeterminações de fronteira da aposição: o chamado aposto circunstancial. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1., 2008, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: USP, 2008. p. 1-17. Link de acesso: https://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/S701.pdf.

Trata-se de um artigo em que a autora desenvolve algumas reflexões sobre os aspectos formais e funcionais do uso do chamado aposto circunstancial. Nogueira contempla abordagens de gramáticos e de outros estudiosos da Língua Portuguesa a respeito desse termo, explicitando diferentes interpretações sobre ele. Por fim, discute a caracterização desse elemento como um tipo de aposto, a partir de um tratamento escalar do conceito de construção apositiva.

CAMPOS, Anya Karina; TENUTA, Adriana Maria. Pós-modificadores de substantivos: a distinção entre complemento nominal e adjunto adnominal preposicionado. Revista do GEL, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 110-141, 2014.
Link de acesso: https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/195/278.

Nesse artigo, as autoras discutem a relevância da separação dos pós-modificadores de substantivos, tradicionalmente feita pelas gramáticas normativas, em dois grupos distintos: adjuntos adnominais e complementos nominais. Campos e Tenuta apresentam resultados de uma pesquisa com dados de um *corpus* de língua em uso. Os

achados dessa investigação indicam que o caminho mais apropriado para a referência a esses elementos oracionais é tratá-los, unificadamente, por pós-modificadores de núcleo substantivo, uma vez que os traços supostamente distintivos dos dois termos da oração não são levados em conta, ou não são acionados, pelos usuários da língua, ao fazerem o processamento dos sintagmas preposicionais que constituem esses pós-modificadores.



Resumo

Nesta aula, estudamos os termos da oração vinculados ao nome, a saber: complemento nominal, predicativo (do sujeito e do objeto), adjunto adnominal e aposto. Vimos que o complemento nominal vincula-se a um substantivo, a um adjetivo ou a um advérbio (todos de natureza transitiva), correspondendo ao argumento interno e representado por um SP. O predicativo designa um modo de ser (permanente ou provisório) atribuído ao sujeito ou ao complemento verbal, associando-se a esses termos por meio de um verbo de ligação (copulativo), expresso ou apenas inferido a partir da estrutura argumental da oração. O adjunto adnominal acompanha o núcleo de um SN na condição de Det ou de Mod. O aposto é o termo que incide sobre um SN ou sobre dado segmento informativo, assumindo funções variadas.

Autoavaliação

Leia o trecho a seguir; depois, com base nele, responda às questões 1 a 4.

Ilha de Marajó

Maior ilha fluviomarinha do mundo, a Ilha de Marajó é banhada pelo Oceano Atlântico e pelos rios Amazonas e Tocantins. Dividida em 12 municípios pontilhados por matas, rios, campos, mangues e igarapés, forma um cenário perfeito para quem pretende desvendar um pedaço quase intacto da selva amazônica. O ponto de partida da viagem é Belém, de onde saem barcos e balsas rumo a Soure, a "capital" da ilha, alcançada depois de cerca de três horas de navegação. É nessa área que estão as melhores praias – do Pesqueiro, Barra Velha e Joanes –, as melhores hospedagens e restaurantes, além de boa parte dos 250 mil habitantes da região. Com tanta diversidade, Marajó promove experiências únicas. A mais interessante delas é montar no lombo de um búfalo para um passeio. Símbolos da ilha, os animais são vistos em grandes manadas nas extensas planícies ou dispersos nas modestas áreas urbanas, onde são usados como táxi e montaria para a polícia. No Carnaval, fazem sucesso puxando carroças equipadas com caixas de som, o que parece uma versão local dos trios elétricos baianos. Habitat de grande variedade de peixes e pássaros, o arquipélago oferece muitas atividades em meio à natureza, realizadas nas fazendas. Entre elas estão observação de guarás – ave típica de penas vermelhas –, pesca, focagem de jacarés e passeios de barco pelos igarapés. Os fãs dos esportes de aventura também se divertem na área com a prática de caminhadas na selva, rafting e ciclismo pelas praias, tudo isso para proporcionar ao vistante momentos inesquecíveis. [...]

Fonte: Texto adaptado de Férias Brasil. *Ilha de Marajó*. Disponível em: http://www.feriasbrasil.com.br/pa/ilhademarajo/. Acesso em: 28 jun. 2015.

1 Assinale a opção cujo termo em destaque **não** representa um complemento nominal.

a) Dividida **em 12 municípios pontilhados por matas** [...]
b) O ponto de partida **da viagem** é Belém [...]
c) Entre elas estão observação **de guarás** [...]
d) Os fãs **dos esportes de aventura** também se divertem [...]
e) [...] com a prática **de caminhadas na selva** [...]

2 Destaque do trecho dado dois exemplares de *predicativo*.

a) _____

b) _____

3 Destaque do período a seguir os adjuntos adnominais, especificando os Det e os Mod.

"Dividida em 12 municípios pontilhados por matas, rios, campos, mangues e igarapés, forma um cenário perfeito para quem pretende desvendar um pedaço quase intacto da selva amazônica".

Det: _____

Mod: _____

4 Classifique o tipo de aposto que se encontra em negrito em cada um dos períodos a seguir, esclarecendo sua função informativa.

a) Maior ilha fluviomarinha do mundo, a Ilha **de Marajó** é banhada pelo Oceano Atlântico e pelos rios Amazonas e Tocantins.

_____

b) É nessa área que estão as melhores praias – **do Pesqueiro, Barra Velha e Joanes** –, as melhores hospedagens e restaurantes [...]

c) No Carnaval, fazem sucesso puxando carroças equipadas com caixas de som, **o que parece uma versão local dos trios elétricos baianos**.

d) **Habitat de grande variedade de peixes e pássaros**, o arquipélago oferece muitas atividades em meio à natureza, realizadas nas fazendas.

e) Os fãs dos esportes de aventura também se divertem na área com a prática de caminhadas na selva, rafting e ciclismo pelas praias, **tudo isso para proporcionar ao vistante momentos inesquecíveis**.

Referências

AZEREDO, José Carlos de. **Iniciação à sintaxe do português**. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**: atualizada pelo novo Acordo ortográfico. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

CAMPOS, Anya Karina; TENUTA, Adriana Maria. Pós-modificadores de substantivos: a distinção entre complemento nominal e adjunto adnominal preposicionado. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 110-141, 2014.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcellos. **Novo manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

NOGUEIRA, Márcia Teixeira. Indeterminações de fronteira da aposição: o chamado aposto circunstancial. *In*: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA. 1., 2008, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: USP, 2008. p. 1-17.

O período: tipologia e relações semântico-sintáticas conforme a NGB

Aula

6



Apresentação

Caro(a) aluno(a), nesta aula, vamos concentrar nossa atenção no estudo do período conforme entendido pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Em relação a esse tema, examinaremos como gramáticos alinhados à NGB (sub)classificam o período e as orações que o integram. Veremos, ainda, como são consideradas as relações hierárquicas, os modos de articulação entre as orações do período composto bem como as formas de estruturação oracional desse tipo de período.

Objetivos

1. Diferenciar período simples e período composto, tendo como base a configuração semântico-sintática de cada um desses tipos conforme entendimento da NGB.

2. Caracterizar as variadas relações de (in)dependência e interdependência semântico-sintática estabelecidas no período composto.

3. Distinguir os modos de articulação entre as orações do período composto bem como as formas de estruturação oracional desse tipo de período.



Antes de iniciarmos a explanação propriamente dita do objeto de estudo – o período e suas relações internas –, vejamos a seguinte nota esclarecedora a respeito da NGB, uma vez que esta serve de base para o conteúdo desta aula.

Atenção

O que é a NGB?

Segundo Queiroz e Gugoni (2019), a Nomenclatura Gramatical Brasileira – NGB – consiste em uma lei aprovada em 1959, através da Portaria nº 36, pelo então ministro da Educação e Cultura. Em linhas gerais, a NGB dispõe sobre a normatização e a padronização do ensino da Língua Portuguesa no Brasil. O documento, elaborado por uma equipe composta de eminentes professores de Língua Portuguesa, contempla três grandes áreas do português, a saber, Fonética, Morfologia e Sintaxe. Além dessas, há um "Apêndice" tratando de tópicos relacionados à semântica, à ortografia, à pontuação, entre outros. Ainda conforme os autores, esse guia, cujo objetivo principal era simplificar e uniformizar terminologias e conceitos sobre fatos linguísticos do português, acabou transformando-se em uma imposição do "bom uso" de uma de suas variantes – a "norma culta" –, de maior prestígio social, no estudo da língua materna no país.

Para o estudo do tópico desta aula, tomamos como base autores cujas gramáticas são bem representativas dessa tradição. São eles: Cegalla (1984), Cunha e Cintra (1985), Lima (1994) e Almeida (1999).

1 O período e sua tipologia

Conforme vimos na Aula 1, o período é uma estrutura sintática complexa, formada por uma ou mais orações. Quando constituído de uma só oração, o período denomina-se *simples*; havendo mais de uma oração, o período é considerado *composto* (CEGALLA, 1984;

Lima (1994, p. 321) parece ser o único a considerar o período apenas em termos de "duas ou mais orações", não contemplando, portanto, o período simples (formado por uma só oração).

CUNHA; CINTRA, 1985; ALMEIDA, 1999). O período é delimitado, na fala, por uma pausa anterior e outra posterior à sua enunciação; na escrita, esse limite é marcado pelos seguintes sinais de pontuação: ponto, interrogação, exclamação e reticências.

Observe que a unidade básica do período é a oração, a qual é, necessariamente, constituída por um verbo nuclear de conteúdo pleno. Portanto, de modo similar à oração, o período se caracteriza pela existência de verbo.

Nessa perspectiva – ainda segundo o que vimos na Aula 1 –, nem toda frase (enunciado de sentido completo) equivale a um período, uma vez que existem frases nominais (sem verbo). Assim, um enunciado que não corresponde a uma oração (ou mais), não possuindo verbo sequer recuperado da informação imediatamente anterior, não configura um período.

Para ilustrar o período, apresentamos a seguir exemplos fornecidos por dois dos autores citados.

(i) Período simples:
"Cai o crepúsculo." (Da Costa e Silva, PC, 281.) – Cunha e Cintra (1985, p. 135).

(ii) Período composto:
"O gato não nos afaga, afaga-se em nós." (Machado de Assis) – Cegalla (1984, p. 322).

Em (i), o enunciado é constituído de apenas uma oração, a qual é nucleada pelo verbo *cair*; trata-se, pois, de um período simples. Em (ii), constitui-se de duas orações, tendo ambas como núcleo o verbo *afagar*, o que caracteriza o período composto.

1.1 O período simples

De acordo com o exposto anteriormente, o *período simples* caracteriza-se por se constituir de apenas uma oração, a qual é nucleada por um verbo lexical (isto é, de conteúdo pleno). A oração que integra o período simples, conforme Cegalla (1984), Cunha e Cintra (1985) e Almeida (1999), denomina-se *absoluta*.

Todavia, cabe (re)lembrar que, além do núcleo verbal da oração, pode haver outro(s) verbo(s), sendo este(s) periférico(s), na condição de auxiliar(es). Desse modo, um período pode conter mais de um verbo, porém, ainda ser considerado simples. Vejamos o seguinte trecho, de uma descrição de local, do qual destacamos os períodos em (i) e em (ii).

[...]

No início, caminhava na beira da praia e, depois de algum tempo, esse percurso começou a me estressar. O trajeto começou a ficar pequeno demais. Precisava alçar voos maiores. Foi quando resolvi aumentar e mudar a trajetória, começando no calçadão da Praia de Icaraí até o Forte do Gragoatá, que dá em média uns 13Km ida e volta. Nas primeiras caminhadas, sentia o coração bater com muito mais força e, muitas vezes, ficava com medo de infartar. Mas, com o tempo, o meu organismo foi adquirindo uma maior resistência. Muitas pessoas idosas faziam esse percurso, e isso serviu de exemplo e incentivo para que eu prosseguisse. [...]

Fonte: Texto adaptado de http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/niteroi.pdf. Acesso em: 6 ago. 2015.

(i) *O trajeto* ***começou a ficar*** *pequeno demais.*
(ii) *Mas, com o tempo, o meu organismo* ***foi adquirindo*** *uma maior resistência.*

Note que esses períodos apresentam, cada um, dois verbos (*começar* e *ficar*; *ir* e *adquirir*, respectivamente), mas são ambos períodos simples por haver neles apenas um verbo pleno, constituindo assim um só predicado. Nas duas situações, os pares de verbos formam uma locução verbal: os primeiros verbos – *começar* em (i) e *ir* em (ii) –, auxiliares (ou verbos satélites/periféricos); os segundos – *ficar* em (i) e *adquirir* em (ii) – os núcleos (ou verbos principais).

Entretanto, é preciso ter cuidado, pois nem todo encadeamento de dois (ou mais) verbos significa tratar-se de uma locução verbal. Há casos em que o período também apresenta uma sequência de verbos vizinhos, sendo estes de conteúdo pleno e, portanto, constituindo, individualmente, uma oração. Assim, o período deve ser considerado composto, uma vez que cada verbo representa um predicado em particular. É o que se dá na amostra a seguir, extraída da descrição dada.

- ***Precisava alçar*** *voos maiores. Foi quando* ***resolvi aumentar*** *e mudar a trajetória, [...]*

Temos aí dois verbos plenos em sequência em ambos os períodos: *precisar* e *alçar* no primeiro período (***Precisava alçar*** *voos maiores*); *resolver* e *aumentar* no segundo (*Foi quando* ***resolvi aumentar*** *e mudar a trajetória, [...]*). Cada um desses verbos constitui núcleo de predicado, resultando, por isso, em duas orações dentro dos respectivos períodos. Dessa forma, apenas pela presença de tais verbos formando orações distintas, os períodos devem ser classificados como compostos.

Com base nessas considerações, podemos afirmar que a cada verbo pleno corresponde um predicado, formando, assim, uma oração. Daí o fato de que, havendo apenas uma oração (absoluta), o período é simples; se existe mais de uma, trata-se de um período composto. Tomemos, a título de exemplificação, o seguinte período.

- *Nas primeiras caminhadas,* ***sentia*** *o coração* ***bater*** *com muito mais força e, muitas vezes,* ***ficava*** *com medo de* ***infartar***.

Perceba que, nesse período, existem quatro verbos plenos (*sentir, bater, ficar, infartar*), os quais nucleiam, individualmente, um predicado, formando quatro orações distintas. Logo, temos um período composto.

Para revisar o que já vimos, resolva a atividade proposta a seguir.



Atividade 1

Leia o texto a seguir para responder às questões 1 a 3.

O homem trocado

Luís Fernando Veríssimo

O homem acorda da anestesia e olha em volta. Ainda está na sala de recuperação. Há uma enfermeira do seu lado. Ele pergunta se foi tudo bem.

– Tudo perfeito – diz a enfermeira, sorrindo.

– Eu estava com medo desta operação...

– Por quê? Não havia risco nenhum.

– Comigo, sempre há risco. Minha vida tem sido uma série de enganos...

E conta que os enganos começaram com seu nascimento. Houve uma troca de bebês no berçário e ele foi criado até os dez anos por um casal de orientais, que nunca entenderam o fato de terem um filho claro com olhos redondos. Descoberto o erro, ele fora viver com seus verdadeiros pais. Ou com sua verdadeira mãe, pois o pai abandonara a mulher depois que esta não soubera explicar o nascimento de um bebê chinês.

– E o meu nome? Outro engano.

– Seu nome não é Lírio?

– Era para ser Lauro. Se enganaram no cartório e...

Os enganos se sucediam. Na escola, vivia recebendo castigo pelo que não fazia. Fizera o vestibular com sucesso, mas não conseguira entrar na universidade. O computador se enganara, e seu nome não apareceu na lista.

– Há anos que a minha conta do telefone vem com cifras incríveis. No mês passado tive que pagar mais de R$ 3 mil.

– O senhor não faz chamadas interurbanas?

– Eu não tenho telefone!

Conhecera sua mulher por engano. Ela o confundira com outro. Não foram felizes.

– Por quê?

– Ela me enganava.

Fora preso por engano. Várias vezes. Recebia intimações para pagar dívidas que não fazia. Até tivera uma breve, louca alegria, quando ouvira o médico dizer:

– O senhor está desenganado.

Mas também fora um engano do médico. Não era tão grave assim. Uma simples apendicite.

– Se você diz que a operação foi bem...

A enfermeira parou de sorrir.

– Apendicite? – perguntou, hesitante.

– É. A operação era para tirar o apêndice.

– Não era para trocar de sexo?

VERÍSSIMO, L. F. O homem trocado. Fonte: http://pensador.uol.com.br/frase/MjMxNDk5/. Acesso em: 7 ago. 2015.

1 Nas opções abaixo, assinale apenas as que constituem período (simples ou composto).

a) Ele pergunta se foi tudo bem.
b) Fora preso por engano.
c) – E o meu nome? Outro engano.
d) Uma simples apendicite.
e) Eu não tenho telefone!

2 Nos casos a seguir, informe se o período é simples, colocando (PS), ou se é composto, usando (PC).

( ) O homem acorda da anestesia e olha em volta.
( ) – Tudo perfeito – diz a enfermeira, sorrindo.
( ) Descoberto o erro, ele fora viver com seus verdadeiros pais.
( ) No mês passado tive que pagar mais de R$ 3 mil.
( ) Mas também fora um engano do médico.
( ) – Não era para trocar de sexo?

3 Identifique o(s) verbo(s) pleno(s) de cada um dos períodos da questão anterior.

Atenção

Classes de períodos

Período simples: trata-se do período constituído de uma só oração, sendo esta nucleada por um verbo de conteúdo lexical (ou pleno). A oração que constitui o período simples é chamada de *absoluta*.

Período composto: diz-se do período constituído de duas ou mais orações, as quais são nucleadas, individualmente, por verbos plenos, formando predicados distintos. As orações do período composto inter-relacionam-se em graus variados de (in)dependência semântica e sintática.

1.2 Subclassificação do período composto

Segundo o que já foi explicitado – acompanhando o que se encontra em Cegalla (1984), Cunha e Cintra (1985), Lima (1994) e Almeida (1999) –, o *período composto* consiste na existência de *duas ou mais orações* com graus diferenciados de (in)dependência semântico-sintática entre si. Ainda conforme esses autores, o período composto pode ser *por coordenação* ou *por subordinação*.

Quando o período composto é por *coordenação*, as orações que o integram devem ser consideradas *independentes* em termos gramaticais (ou sintáticos). Contudo, embora cada uma tenha sentido completo em si mesma, elas aparecem sequencialmente juntas para formar um todo significativo (LIMA, 1994; ALMEIDA, 1999).

Sendo o período composto por *subordinação*, uma das orações nele existente classifica-se como *principal* (ou *subordinante*), a qual nucleia o período, e a outra, como *subordinada*, que é periférica e dependente em relação à principal, ampliando/completando o conteúdo desta (CEGALLA, 1984). Atentemos para as ocorrências retiradas do recorte textual que segue:

A fotossíntese nas plantas

Todas as plantas são capazes de produzir o seu próprio alimento, mas como será que isso acontece?

Elas conseguem produzir o próprio alimento através de um processo que chamamos de fotossíntese. As plantas precisam de três ingredientes básicos para realizar a fotossíntese: a luz solar, a água e o gás carbônico (CO2).

Na fotossíntese, as plantas absorvem água e sais minerais através de suas raízes e os transportam por meio de vasos condutores até suas folhas. Essa solução é chamada de seiva bruta.

Nas folhas das plantas há um pigmento que dá a elas a cor verde. Esse pigmento é chamado de clorofila e é o responsável por captar a luz solar. Nas folhas há também estruturas responsáveis por absorver o gás carbônico que fica disperso no ar. Essas estruturas se chamam estômatos.

Quando a planta tem água, gás carbônico e luz solar, ela consegue produzir o seu próprio alimento, que é a glicose (um açúcar). Durante a transformação da água e do gás carbônico em alimento, a planta libera oxigênio (O2) no ar.

Toda a glicose produzida no processo de fotossíntese é levada às outras partes da planta, através de vasos condutores. Essa solução é chamada de seiva elaborada.

Fonte: http://www.cnsr-ce.com.br/a-fotossintese-nas-plantas/. Com adaptações. Acesso: 21 dez. 2021.

(i) *Esse pigmento é chamado de clorofila e é o responsável por captar a luz solar.*

(ii) *As plantas precisam de três ingredientes básicos para realizar a fotossíntese: a luz solar, a água e o gás carbônico (CO2).*

Perceba que, em (i), existem duas orações encadeadas: (a) *Esse pigmento é chamado de clorofila*; (b) *é o responsável por captar a luz solar.* A primeira é nucleada pelo verbo *chamar* e a segunda por *ser*, estando ambas conectadas pela conjunção aditiva *e*. Deve-se observar, ainda, que, pelo fato de o sujeito da primeira oração (*Esse pigmento*) ser o mesmo da segunda e facilmente recuperável, nesta, ele está elíptico (não realizado). Considerando que ambas as orações

são gramaticalmente independentes, com sentido pleno em si, porém integrando um todo significativo, elas formam um período composto por coodenação, conforme o entendimento de Rocha Lima (1994) e Almeida (1999).

Em (ii), identificamos também duas orações: (a) *As plantas precisam de três ingredientes básicos*; (b) *para realizar a fotossíntese*. Inclui-se ainda, nessa sequência, o aposto enumerativo *a luz solar, a água e o gás carbônico (CO2)*, o qual expande o conteúdo antecendente, esclarecendo quais são os três elementos básicos necessários às plantas para a realização da fotossíntese. A primeira oração tem como núcleo o verbo *precisar;* e a segunda, o verbo *realizar*, sendo ambas conectadas pela conjunção *para*, indicativa de finalidade. Do mesmo modo que em (i), o sujeito da primeira oração (*As plantas*) é também o da segunda; daí o porquê de ele não se repetir nesta. Dado que a segunda oração tem sentido dependente do conteúdo da primeira e funciona como um termo de valor circunstancial (adjunto adverbial) em relação à primeira, esta é vista como principal e a segunda como subordinada (final). Com isso, tem-se um período composto por subordinação.

Dependendo do caso, é possível que, em um período composto, haja mais de uma relação de coordenação entre orações ou de subordinação (LIMA, 1994). Pode também haver relações de coordenação e subordinação ao mesmo tempo, o que, nas palavras de Cegalla (1984) e de Lima (1994), representa um caso de "período misto". Quando isso ocorre, uma mesma oração pode, por exemplo, ser subordinada em relação a uma e principal ou coordenada em relação a outra. Consideremos as seguintes amostras:

(i) "Peço-te que procedas como convém." (LIMA, 1994, p. 370);
(ii) "Examinei a árvore e constatei que nos seus galhos havia parasitas." (LIMA, 1994, p. 371).

No primeiro caso, o período é composto por mais de uma relação de subordinação: *Peço-te*, oração principal; *que procedas*, oração subordinada em relação à anterior (é objeto direto de *pedir*) e principal em relação à seguinte; *como convém*, subordinada em relação à anterior (funciona como adjunto adverbial de modo de *proceder*). No segundo caso, o período composto caracteriza-se por relações mistas (coordenação e subordinação): *Examinei a árvore*, oração coordenada; *e constatei*, oração coordenada em relação à anterior e principal em relação à seguinte; *que nos seus galhos havia parasitas*, subordinada em relação à anterior, funcionando como objeto direto do verbo *constatar*.



Atenção

Subclassificação do período composto

(i) período composto por coordenação: constitui-se de orações com sentido pleno em si mesmas, sintaticamente independentes, as quais, juntas, formam um todo significativo.

(ii) período composto por subordinação: é formado por orações cujas relações se caracterizam por ser uma principal (nuclear/dominante) e outra(s) subordinada(s)/dependente(s), que expande(m) ou completa(m) o sentido da principal.

Obs.: o **período composto** pode ser **misto**, incorporando, simultaneamente, orações coordenada(s) e subordinada(s).

Para testar um pouco seu conhecimento quanto ao que foi explicitado sobre o período composto, responda às questões da Atividade 2.

Atividade 2

Considere o que se destaca deste excerto textual para responder às questões dadas em seguida.

Posse e porte de arma no Brasil

Juliana Bezerra
Professora de História

[...]

Em 2003, foi sancionado o Estado do Desarmamento, que dificultava ainda mais a aquisição de armas de fogo por parte da população civil. Dois anos depois, o artigo 35 sobre a liberação de compras de armas foi levado a plebiscito e a proposta foi rejeitada.

Estudiosos que são contra a liberação da posse de armas alegam que o problema da violência decorre da profunda desigualdade social no Brasil. Assim, a posse de armas não solucionaria essa questão.

Especialistas em segurança pública alertam que o despreparo ao manusear uma arma pode ser mais letal do que não possuí-la. A sensação de falsa segurança que dá uma arma é perigosa.

Com mais armas em casa, teme-se o aumento dos feminicídios, pois os crimes cometidos contra as mulheres ocorrem em âmbito doméstico.

De igual maneira, muitos alegam que o Brasil não teria condições de aplicar e fiscalizar um possível aumento de cidadãos que possuam armas de fogo por falta de profissionais especializados.

[...]

Fonte: https://www.todamateria.com.br/porte-de-arma/. Com adaptações. Acesso: 21 dez. 2021.

1 Observando-se as relações entre orações nos dois períodos do primeiro parágrafo, podemos afirmar que

a) ambos os períodos são compostos por coordenação.
b) ambos os períodos são compostos por subordinação.
c) o primeiro período é composto por coordenação; e o segundo, por subordinação.
d) o primeiro período é composto por subordinação; e o segundo, por coordenação.
e) ambos os períodos são mistos.

2 Em relação ao segundo parágrafo, constatamos que, nele,

a) existem dois períodos compostos.
b) existe apenas um período composto por subordinação.
c) os dois períodos existentes são mistos.
d) o primeiro é misto e o segundo é composto por coordenação.
e) ambos os períodos são compostos por subordinação.

3 Com base no que se encontra no terceiro parágrafo, demonstre como se configura cada oração que compõe o primeiro período.

4 Como se classificam os períodos do quarto e do quinto parágrafos do texto?

2 Relações semânticas e estruturas formais no período composto

Neste tópico, vamos nos ater um pouco às relações semânticas e às estruturas formais que se estabelecem no interior do período composto, as quais o definem quanto à sua categoria gramatical (isto é, se por coordenação ou por subordinação). De acordo com Cegalla (1984), Cunha e Cintra (1985), Lima (1994) e Almeida (1999), à semelhança dos constituintes oracionais com o mesmo estatuto sintático que vêm inter-relacionados e dos constituintes associados ao verbo ou ao nome, existe uma hierarquia entre as orações em um período composto. Essa hierarquia corresponde, pois, às relações que há, no período simples, entre os elementos que o constituem.

Assim, pode haver tanto paridade/equivalência sintática entre termos em uma oração quanto paridade/equivalência entre orações – é o que se verifica no período composto por coordenação, cujas orações são hierarquicamente simétricas, ou seja, têm igual estatuto sintático. Ademais, em uma oração, existem elementos nucleares (especialmente verbos e nomes) e termos satélites/dependentes a eles associados, havendo, no período composto por subordinação, uma oração nuclear (principal) e outra(s) que está(ão) sob seu domínio.

2.1 Relações no período composto por coordenação

Para Cegalla (1984) e Almeida (1999), do ponto de vista semântico, as orações coordenadas podem exprimir as noções de *adição*, *adversidade*, *alternância*, *conclusão* ou *explicação*. Essas noções definem, pois, a relação coordenativa no período, a saber: *aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva* ou *explicativa,* respectivamente. De modo bastante resumido, expomos a seguir os tipos de orações coordenadas referidas no parágrafo anterior e exemplificação:



As relações semânticas das orações coordenadas serão alvo de estudo mais detalhado em aulas posteriores.

(1) *Aditiva*: expressa o acréscimo de um fato ou pensamento em relação a outro.
"A doença vem a cavalo *e volta a pé*." (CEGALLA, 1984, p. 374).

(2) *Adversativa*: exprime contraste, oposição ou ressalva ante um fato ou pensamento.
"A espada vence, *mas não convence*." (CEGALLA, 1984, p. 374).

(3) *Alternativa*: designa alternância, exclusão entre um e outro fato ou pensamento.
"Venha agora *ou perderá a vez*." (CEGALLA, 1984, p. 374).

(4) *Conclusiva*: apresenta conclusão, dedução ou consequência em relação a um fato ou pensamento.
"Vives mentindo; *logo, não mereces fé.*" (CEGALLA, 1984, p. 375).

(5) *Explicativa*: denota explicação, motivo/razão quanto a um fato ou pensamento.
"A criança devia estar doente, *porque chorava muito*." (CEGALLA, 1984, p. 375).

Quanto à estruturação sintática desse tipo de período (ou seja, a forma de articulação entre as orações coordenadas), ela pode ser *sindética*, quando o elemento que as une (conjunção/locução conjuntiva), indicando a relação semântica entre elas, está explícito; *assindética*, quando esse elemento conectivo é omitido. Neste caso, o nexo semântico estabelecido entre as orações é inferido a partir dos significados expressos por elas. Vejamos exemplos dados pelos autores mencionados:

(i) "Os vícios antecipam a velhice e as virtudes a retardam." (ALMEIDA, 1999, p. 322).
(ii) "Apertei-lhe a mão: estava gelada." (CARLOS DE LAET) (CEGALLA, 1984, p. 376).

Vemos que, em (i), a conexão de valor aditivo entre as orações (a) *Os vícios antecipam a velhice* e (b) *as virtudes a retardam* é estabelecida pela conjunção *e*. Trata-se, portanto, de uma estrutura interoracional pela via sindética. Diferentemente disso, em (ii), a conexão sintática entre as orações (a) *Apertei-lhe a mão* e (b) *estava gelada* está ausente. Nessa relação, a fronteira entre uma oração e outra se dá pela pontuação (os dois-pontos, no caso). Com isso, tem-se uma estrutura interoracional de forma assindética.

A seguir, responda às questões da Atividade 3.

Atividade 3

Leia o recorte textual a seguir.

Narrativa recontada

Meu pai andou me contando uma história que me impressionou bastante. Foi um homem que montou uma pequena empresa, com uns quatro caminhões. Chamou o irmão de sua esposa para dirigir o caminhão transportando gasolina. Ele pôs no caminhão um motorista particular, deu mais ou menos três viagens de Juiz de Fora a São Paulo, disse que já sabia tudo. Ele foi para São Paulo e tudo bem, mas na volta o pior aconteceu: entrou na pista errada, porque estava com muita neblina, perdeu os freios e bateu na ponte. O caminhão acabou indo para no ferro velho, o homem quase morreu. [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/juiz_de_fora.pdf. Texto adaptado. Acesso em: 3 jul. 2015.

1 Identifique a noção semântica (adição, adversidade, alternância, conclusão, explicação) expressa pela oração coordenada em negrito nos períodos que seguem.

a) Ele foi para São Paulo e tudo bem, **mas na volta o pior aconteceu**: [...]

b) [...] deu mais ou menos três viagens de Juiz de Fora a São Paulo, **disse que já sabia tudo.**

c) […] mas na volta o pior aconteceu: entrou na pista errada, **porque estava com muita neblina,** […]

---

d) […] entrou na pista errada, porque estava com muita neblina, perdeu os freios **e bateu na ponte.**

---

2 Considere o período destacado a seguir bem como as afirmativas sobre ele e depois indique a opção que expressa o correto julgamento a respeito delas.

"Ele foi para São Paulo e tudo bem, mas na volta o pior aconteceu: entrou na pista errada, porque estava com muita neblina, perdeu os freios e bateu na ponte."

(i) O período deve ser considerado misto, por haver coordenação e subordinação.
(ii) No período, há três orações coordenadas sindéticas e uma assindética.
(iii) No período, há três orações coordenadas sindéticas e duas assindéticas.
(iv) No período, há quatro orações coordenadas sindéticas e duas assindéticas.
(v) No período, existem apenas relações interoracionais por coordenação.

a) Estão corretas apenas as afirmativas (i) e (ii).
b) Estão corretas apenas as afirmativas (i) e (iii).
c) Estão corretas apenas as afirmativas (i) e (iv).
d) Estão corretas apenas as afirmativas (ii) e (v).
e) Estão corretas apenas as afirmativas (iii) e (v).

2.2 Relações no período composto por subordinação

Segundo Cunha e Cintra (1985) e Lima (1994), no período composto por subordinação, as orações que se vinculam à principal (ou subordinante) classificam-se como *substantivas*, *adjetivas* ou *adverbiais,* a depender do vínculo semântico-sintático que mantêm com aquela. Tais orações são, pois, subordinadas/dependentes em relação à oração nuclear, que lhe serve de suporte; e sua função sintática no período corresponde à dos termos que elas representam: substantivo, adjetivo ou advérbio, respectivamente. Eis amostras que ilustram essa compreensão no seguinte fragmento textual:

> [...] Se muitos jovens têm sido ousados o suficiente para cometer delitos e até mesmo homicídios, então já estão aptos a responder por tais crimes, e não devem ser tratados como meros adolescentes que não têm o mínimo discernimento de seus atos. [...]
>
> **Fonte:** http://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/lista/deve-se-reduzir-a-maioridade-penal-no-brasil.jhtm. Com adaptações. Acesso: 18 ago. 2015.

(i) *Se muitos jovens têm sido ousados o suficiente* ***para cometer delitos e até mesmo homicídios****, [...]*;
(ii) *[...] então já estão aptos* ***a responder por tais crimes****, [...]*;
(iii) *[...] e não devem ser tratados como meros adolescentes* ***que não têm o mínimo discernimento de seus atos****.*

Em (i), a oração subordinada *para cometer delitos e até mesmo homicídios* exprime a noção circunstancial de finalidade – marcada pelo conectivo *para* – em relação ao conteúdo da oração precedente (principal) sobre a grande ousadia de muitos jovens. Nesse caso, dado o valor equivalente a advérbio que essa oração exerce, diz-se que ela é uma *subordinada adverbial*.

Em (ii), a oração subordinada *a responder por tais crimes* complementa o sentido do adjetivo *aptos*. Assim, ela desempenha função similar à de um complemento nominal, cuja formação é, em geral, caracterizada por um SP (Prep + SN-substantivo). Perceba que a oração em foco tem como estrutura a Prep *a* + *responder por tais crimes*,

Em aulas subsequentes, essas classes de orações serão alvo de exame mais específico sob o viés do Funcionalismo linguístico.

equivalente a um SN. Daí por que tal oração deve ser entendida como uma *subordinada substantiva* (*completiva nominal*).

Em (iii), a oração subordinada *que não têm o mínimo discernimento de seus atos* delimita/restringe o sentido do substantivo *adolescentes*, atuando de modo semelhante a um(a) adjetivo/locução adjetiva restritivo(a). Por esse motivo, ela se classifica como *subordinada adjetiva* (*restritiva*).

Recorrendo a Cunha e Cintra (1985), explicitamos sucintamente as classes das orações *subordinadas substantivas*, seguidas de exemplos dos próprios autores.

(1) *Subjetiva*: exerce a função de sujeito, vinculada a um predicado.
"É certo *que a presença do dono o sossegava um pouco*. (M.Torga, B, 52-53)" (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 614).

(2) *Objetiva direta*: funciona como objeto direto, completando o sentido de um verbo transitivo direto.
"Respondi-lhe *que já tinha lido a receita em qualquer parte*. (J. Cardoso Pires, D, 295)" (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 614).

(3) *Objetiva indireta*: completa o sentido de um verbo transitivo indireto, funcionando como objeto indireto.
"Não me esqueço *de que estavas doente* quando ele nasceu. (J. Montello, SC, 31)" (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 614).

(4) *Completiva nominal*: equivale a um complemento nominal, completando o sentido de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio.
"Calipso! Ele tem a mania *de que alho faz bem à saúde*! (A. Abelaira, NC, 155)" (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 614).

(5) *Predicativa*: atua como um predicativo do sujeito.
"A verdade é *que eu ia falar outra vez de Noêmia*. (A. Bessa Luís, AM, 39)" (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 614).

(6) *Apositiva*: desempenha a função de um aposto.
"É preciso que o pecador reconheça ao menos isto: *que a Moral católica está certa e é irrepreensível*. (O. Lara Resende, BD, 163)" (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 615).

Cegalla (1984) e Cunha e Cintra (1985) registram, ainda, outro tipo de oração subordinada substantiva, a saber, o de *Agente da passiva*, não prevista na NGB. Essa classe de oração equivale a um agente da passiva, sendo exemplificada pelos autores citados, respectivamente, conforme o que segue:

"A obra foi apreciada *por quantos a viram*." (CEGALLA, 1984, p. 386).
"– As ordens são dadas *por quem pode*. (F. Namora, NM, 215)." (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 615).

Enquanto os demais autores consideram determinada oração como substantiva objetiva indireta, Rocha Lima (1994, p. 328), por seu turno, divergindo da NGB, apresenta a oração *Completiva relativa*. A postura do autor quanto a isso decorre de sua compreensão acerca das diferenças semânticas e morfossintáticas entre o objeto indireto e o complemento relativo. Segue exemplo fornecido pelo autor.



Essa questão é explicitada por Lima (1994, p. 311). É também contemplada na Aula 4, quando da explanação sobre os argumentos internos do verbo, mais especificamente o complemento relativo (CR).

"Lembro-me *de que saímos, de madrugada, de um restaurante*... (Dinah Silveira de Queirós)." (LIMA, 1994, p. 328).

Para as orações *subordinadas adjetivas*, baseamo-nos no que se encontra em Almeida (1999), incluindo os exemplos dados por esse autor.

(1) *Explicativa*: expressa uma qualidade inerente ao substantivo a que se refere, atribuindo-lhe uma propriedade permanente ou fazendo um esclarecimento adicional sobre ele. Na fala, caracteriza-se por uma breve pausa na voz, separando-a da informação precendente e, na escrita, é isolada por vírgula(s) ou travessões.
"O homem, *que é mortal*, passa rápido sobre a terra." (ALMEIDA, 1999, p. 527).

(2) *Restritiva*: delimita o significado do substantivo a que se refere, indicando-lhe um atributo acidental/particular. Equivale assim a um adjunto adnominal, modificador de SN. Na fala, não há pausa entre ela e o termo a que se vincula nem é separada por vírgula(s) na escrita.
"O homem *que é justo* deixa na terra memória abençoada." (ALMEIDA, 1999, p. 527).

No que concerne às orações *subordinadas adverbiais*, apresentamos, de modo bastante resumido, o que expõe Lima (1994), aproveitando, ainda, a exemplificação dada pelo autor.

(1) *Causal*: indica a causa determinante do fato declarado na oração principal.
"A formiga não receia o inverno *porque economiza no verão*." (LIMA, 1994, p. 341).

(2) *Concessiva*: expressa um fato que, mesmo sendo impeditivo, não frustra o que é declarado na oração principal.
"*Por mais que argumentes com talento*, o júri recusará tuas razões." (LIMA, 1994, p. 345).

(3) *Condicional*: apresenta a circunstância de que depende o fato expresso na oração principal.
"*Se eu tivesse vinte anos*, casar-me-ia com você." (LIMA, 1994, p. 346).

(4) *Conformativa*: exprime um fato com o qual está em consonância a asserção da oração principal.
"Os fatos se passaram *conforme a cigana os previra*." (LIMA, 1994, p. 348).

(5) *Comparativa*: estabele um cotejo de semelhança ou de dissemelhança com o que está contido na oração principal.
"O cirurgião fez tanto *quanto seria possível*." (LIMA, 1994, p. 349).

(6) *Consecutiva*: indica o resultado de um fato cujo desencadeamento está expresso na oração principal.
"A rã inchou tanto *que estourou*." (LIMA, 1994, p. 350).

(7) *Final*: designa a finalidade com que o fato contido na oração principal se realiza.
"Trabalha muito, *a fim de que nada falte à família*." (LIMA, 1994, p. 352).

(8) *Proporcional*: denota aumento ou diminuição que se dá no mesmo sentido ou inversamente do que ocorre na oração principal.
"A inundação aumentava *à medida que subiam as águas do rio*." (LIMA, 1994, p. 354).

(9) *Temporal*: traz à cena um fato ocorrido antes, ao mesmo tempo ou depois do que é afirmado na oração principal.
"*Enquanto morou aqui*, procedeu com muita correção." (LIMA, 1994, p. 354).

Lima (1994) – bem como Cegalla (1984) – postula outra classe de oração subordinada adverbial, qual seja, a *Modal*, que não é levada em conta pela NGB. Semanticamente, essa oração exprime a ideia de *modo*, equivalente a *desse modo/jeito, dessa maneira*. Segue exemplo apresentado por Cegalla (1984, p. 402).

"Entrou na sala *sem que nos cumprimentasse*."

Cegalla (1984) dá conta, ainda, de outra classe de oração subordinada adverbial, a saber, a *Locativa*, a qual designa *lugal*. O conectivo que marca esse tipo de oração é, em geral, o advérbio *onde*, significando *no lugar/local em que*. Segue um exemplo apresentado pelo autor à p. 402.

"*Onde me espetam*, fico. (Machado de Assis)."

Cabe enfatizar que, em um mesmo período, pode haver certa variedade de nexos subordinativos (CEGALLA, 1984; LIMA, 1994). Assim, tanto é possível existirem, no período, duas ou mais orações do mesmo estatuto sintático (apenas substantivas, por exemplo, ou somente adverbiais) como haver a combinação entre orações de estatutos distintos (substantivas, adjetivas e/ou adverbiais). Apontamos, ainda conforme esses mesmos autores, a existência de períodos mais complexos, em que ocorre articulação simultânea de orações subordinadas e coordenadas, com graus diversos de dependência entre si (o período *misto*). Seguem exemplares destacados após o texto:

A assembleia dos ratos

Um gato de nome Faro-Fino deu de fazer tal destroço na rataria de uma casa velha que os sobreviventes, sem ânimo de sair das tocas, estavam a ponto de morrer de fome.

Tornando-se muito sério o caso, resolveram reunir-se em assembleia para o estudo da questão. Aguardaram para isso certa noite em que Faro-Fino andava aos mios pelo telhado, fazendo sonetos à Lua.

— Acho – disse um eles – que o meio de nos defendermos de Faro-Fino é lhe atarmos um guizo ao pescoço. Assim que ele se aproxime, o guizo o denuncia e pomo-nos ao fresco a tempo.

Palmas e bravos saudaram a luminosa ideia. O projeto foi aprovado com delírio. Só votou contra um rato casmurro, que pediu a palavra e disse:

— Está tudo muito direito. Mas quem vai amarrar o guizo no pescoço de Faro-Fino?

Silêncio geral. Um desculpou-se por não saber dar nó. Outro, porque não era tolo. Todos, porque não tinham coragem. E a assembleia dissolveu-se no meio de geral consternação.

Moral: Dizer é fácil, fazer é que são elas!

Fonte: LOBATO, Monteiro. https://www.culturagenial.com/fabulas-pequenas-com-moral-e-interpretacao/. Acesso: 3 jan. 2022.

(i) *Um gato de nome Faro-Fino deu de fazer tal destroço na rataria de uma casa velha* ***que os sobreviventes****, sem ânimo* ***de sair das tocas****,* ***estavam a ponto de morrer de fome****.*

(ii) *Só votou contra um rato casmurro,* ***que pediu a palavra*** *e disse:* ***— Está tudo muito direito****. […]*

(iii) ***Assim que ele se aproxime****, o guizo o denuncia* ***e pomo-nos ao fresco a tempo****.*

Na amostra (i), temos um período composto por subordinações de ordem diversa: a primeira relação entre orações é de valor adverbial – de causa e consequência –, em que a oração (a) *Um gato de nome Faro-Fino deu de fazer tal destroço na rataria de uma casa velha* funciona como a principal (designativa de causa), regendo a oração (b) *que os sobreviventes, […] estavam a ponto de morrer de fome*, que é sua subordinada, de sentido consecutivo; a segunda relação ocorre no interior do aposto explicativo, o SP *sem ânimo de sair das tocas*, em que a oração (c) *de sair das tocas* é uma subordinada de natureza substantiva em relação ao nome *ânimo*, servindo-lhe de complemento (nesse caso, portanto, é uma completiva nominal).

Semelhantemente à ocorrência em (i), há também certa diversidade nas relações subordinativas das orações em (ii): a primeira delas se dá entre a oração (a) *Só votou contra um rato casmurro*, que é a principal, e a oração (b) *que pediu a palavra*, sendo esta subordinada de valor adjetival, vinculada ao referente *um rato casmurro*; a segunda ocorre entre a oração principal (c) *e disse* e sua subordinada (d) *Está tudo muito direito*, esta na função de objeto direto (ou substantiva objetiva direta) do verbo *dizer*. Cabe, ainda, esclarecer que a oração (c) *e disse* é, ao mesmo tempo, subordinada adjetiva em relação à oração (a) *Só votou contra um rato casmurro* – tal como sua antecedente (b) *que pediu a palavra* – e coordenada a esta de modo aditivo,

marcado pela conjunção *e*. Assim, esse período caracteriza-se como misto, por abrigar relações subordinativas e coordenativa.

Em (iii), temos igualmente um período composto por subordinação e coordenação. O vínculo subordinativo se mostra entre as orações (a) *Assim que ele se aproxime*, que é uma subordinada adverbial de acepção temporal (expressa pela locução conjuntiva *assim que*) relacionada à oração principal (b) *o guizo o denuncia*. A articulação coordenativa se estabelece entre a oração (c) *pomo-nos ao fresco a tempo* e a que lhe antecede (b) *o guizo o denuncia*, ambas conectadas pela conjunção *e*.

Considerando a configuração estrutural do período sob enfoque, as orações que o integram, conforme Lima (1994), podem ser articuladas por meio de um **conectivo** subordinativo (conjunção/locução conjuntiva) ou se encontrarem justapostas, isto é, sem um conectivo explícito. Ilustramos esse fenômeno por meio de dois períodos destacados do texto anterior ("A assembleia dos ratos"):

(i) ***Assim que*** *ele se aproxime, o guizo o denuncia [...]*
(ii) *Tornando-se muito sério o caso, resolveram reunir-se em assembleia para o estudo da questão.*

Observe que, em (i), existe um conectivo explícito – em negrito na amostra – que marca a relação semântico-sintática entre a oração subordinada adverbial temporal (a) ***Assim que*** *ele se aproxime* e a principal subsequente (b) *o guizo o denuncia*. Cabe assinalar que esse modo de articulação é assim considerado mesmo que a oração subordinada anteceda a principal, como é o caso em questão.

Na amostra (ii), a oração subordinada adverbial causal (a) *Tornando-se muito sério o caso*, codificada com o verbo em sua forma reduzida (não finita) de gerúndio (*tornando*), vincula-se à principal que a segue (b) *resolveram reunir-se em assembleia para o estudo da questão* sem o auxílio de um conectivo. Dizemos, então, que elas se encontram justapostas. Caso a oração subordinada estivesse em sua versão desenvolvida (com verbo finito), esta seria expressa com uma conjunção/locução conjuntiva de causa, mais ou menos nos seguintes termos: *Porque/Uma vez que/Já que/Visto que se tornou muito sério o caso, resolveram reunir-se em assembleia para o estudo da questão*.

A propósito do que foi referido no parágrafo anterior, tomando como base Cunha e Cintra (1985), as orações em um período composto (seja por coordenação, seja por subordinação) podem ser codificadas na forma *desenvolvida*, isto é, com o verbo – ou seu auxiliar – flexionado em algum tempo do indicativo ou do subjunto, ou



Conectivo

Utilizaremos nesse caso o termo "ligada" – na falta de um termo específico por parte dos gramáticos – para nos referirmos a esse modo formal de articulação subordinativa. Reconhecemos, todavia, que esse termo também se presta(ria) ao caso da oração coordenada sindética, uma vez que ela também se vale de um conectivo na relação com seu par oracional.

na forma *reduzida*, quer dizer, com um verbo não finito (infinitivo, gerúndio ou particípio, que são as formas nominais do verbo). Destacamos, a seguir, amostras de períodos do texto dado anteriormente ("A assembleia dos ratos").

(i) ***Aguardaram*** *para isso certa noite em que Faro-Fino* ***andava*** *aos mios pelo telhado,* ***fazendo*** *sonetos à Lua.*
(II) *Um* ***desculpou-se*** *por não* ***saber*** *dar nó.*

Na ocorrência em (i), podemos identificar, no período, duas orações na forma desenvolvida, isto é, com os respectivos verbos em tempos finitos: (a) ***Aguardaram*** *para isso certa noite*, com o verbo no pretérito perfeito do indicativo, e (b) *em que Faro-Fino* ***andava*** *aos mios pelo telhado*, com o verbo no pretérito imperfeito do indicativo. Já a oração (c) – ***fazendo*** *sonetos à Lua* – está na forma reduzida, ou seja, com o verbo no gerúndio, que é uma das expressões não finitas. A forma verbal reduzida nessa oração equivale à versão desenvolvida *e fazia*.

No período em (ii), constatamos uma oração desenvolvida – (a) *Um* ***desculpou-se*** –, com o verbo no pretérito perfeito do indicativo (nesse caso, um tempo finito), e outra reduzida – (b) *por não* ***saber*** –, com o verbo no infinitivo (uma forma não finita). Essa oração, em sua forma desenvolvida, seria *porque não sabia [dar nó]*.

Segundo observa Lima (1994), no período composto – quer por coordenação quer por subordinação –, é possível haver elipse do predicado. Isso se dá em razão de poder ser inferido/recuperado da informação precedente. Atentemos para as seguintes amostras:

Excerto 1

[...]
Ela também falou sobre a relação com a cozinha e o quanto tentou aprender com a mãe. "Eu tentava cozinhar tão bem quanto você e pedia desesperada o segredo. E nunca acertei. Sua comida era um carinho e a falta disso que eu vou sentir não dá para dimensionar", desabafou.
[...]

Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/now/. Acesso: 10 jan. 2022.

Excerto 2

[...]

"Não me preocupo com isso. Ela está muito feliz e eu também. A Globo sempre foi muito ética, tenho que dizer isso. Não tenho uma queixa em relação a eles. Autorizamos [Maisa ser convidada por programas da Globo] numa boa, a gente vai sem medo. Sabemos que não vai ter assédio ou convite escuso na Globo. Não temos medo porque a Globo sempre se mostrou muito ética conosco", afirma o executivo.

[...]

Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/now/. Acesso: 10 jan. 2022.

Excerto 3

[...]

Terra – Parece que a Mariana é a que tem mais aceitação no grupo. Por que? *[sic]*

Andrea de Nóbrega – É, exatamente. Tenho mais contato com ela. Porque ela não leva o reality para a vida real. Sabe separar e eu idem. Já pensou se fosse igual a vida real? Ia ser um programa de um ano. (risos)

[...]

Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/now/. Acesso: 10 jan. 2022.

Nos excertos 1 e 2, encontramos os respectivos períodos compostos: *Eu tentava cozinhar tão bem quanto você [...]* – em que há subordinação – e *Ela está muito feliz e eu também* – em que há coordenação. Note que, no primeiro, a oração subordinada adverbial comparativa *quanto você* encontra-se com o verbo *cozinhar* elíptico (não realizado). A oração completa seria *quanto você cozinha*. Nesse caso, o verbo foi omitido por ser o mesmo da oração precedente (a principal) e, por isso, facilmente recuperável, não necessitando, portanto, de repetição. No segundo, a oração coordenada aditiva *e eu também* está sem o predicado *estou feliz*. O predicado dessa oração poderia, ainda, estar parcialmente explícito, na forma *e eu também estou*, com o predicativo do sujeito (*feliz*) elíptico. No excerto 3, o predicado da oração coordenada aditiva *também [[sei] [separar o*

reality da vida real]] foi completamente substituído pelo termo vicário *idem* (que significa *o mesmo/a mesma coisa*). Com o uso desse termo substitutivo, Andrea de Nóbrega quer dizer que sabe agir da mesma forma: separar o reality show da vida real. Por essas ocorrências, podemos perceber que, embora uma oração (coordenada ou subordinada) esteja fragmentada/parcialmente posta, ela pode ser recuperada pelo contexto linguístico (sua adjacência textual).

Atenção

Período composto				
	Coordenação	Subordinação		
		Substantiva	Adjetiva	Adverbial
Quanto à função semântica	Aditiva Adversativa Alternativa Conclusiva Explicativa	Agente da passiva* Apositiva Completiva nominal Completiva relativa* Objetiva direta Objetiva indireta Predicativa Subjetiva	Explicativa Restritiva	Causal Comparativa Concessiva Condicional Conformativa Consecutiva Final Locativa* Modal* Proporcional Temporal
Quanto à forma de articulação	Sindética - com conectivo Assindética - sem conectivo	Ligada (termo não utilizado na NGB) - com conectivo Justaposta - sem conectivo		
Estruturas oracionais	Oração desenvolvida – com verbo finito Oração reduzida – com verbo não finito			
* Orações não postuladas pela NGB, mas admitidas por gramáticos a ela filiados.				

Quadro 1 – Período composto e sua tipologia oracional.

Para testar novamente seus conhecimentos sobre o que foi estudado, faça mais esta atividade.

Atividade 4

Para responder às questões 1 e 2, leia o texto a seguir.

> [...] O único castigo que ele [Steve McNicholson] merecia era a morte. Ele morreu na cadeira elétrica em 1979. Em países desenvolvidos onde têm uma justiça que realmente funciona, a pena de morte é bem aplicada não só para livrar a população de bandidos perigosos, mas também para inibir outros bandidos a não cometer um crime bárbaro. [...]
>
> **Fonte:** http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 2 jul. 2015.

1 Destaque do texto as três orações adjetivas nele existentes. Em seguida, indique: (i) o elemento nominal a que cada uma se vincula; (ii) a contribuição semântica dessas orações para o trecho em que elas ocorrem.

2 Considere o trecho em itálico no período "Em países desenvolvidos onde têm uma justiça que realmente funciona, *a pena de morte é bem aplicada não só para livrar a população de bandidos perigosos, mas também para inibir outros bandidos* a não cometer um crime bárbaro" e aponte a opção que indica corretamente as noções semânticas das orações que o integram.

a) Adição e finalidade.
b) Finalidade e adversidade
c) Qualificação e finalidade
d) Qualificação e adversidade
e) Adição e adversidade

Leia este outro texto para responder às questões 3 e 4.

Pesquisa genética revela que DNA de índios botocudos é da Polinésia

André Jorge de Oliveira

Descoberta reforça tese de que os polinésios participaram do povoamento da América e desembarcaram no continente séculos antes do que os europeus

Na época da colonização portuguesa, diversos grupos indígenas que ocupavam as regiões onde hoje se encontram os estados de Minas Gerais e Espírito Santo receberam o nome genérico de "botocudos", em referência aos botoques que utilizavam para ornamentar o rosto – aqueles grandes discos de madeira que alargavam a boca e as orelhas. Apesar de terem sido muito numerosos naquela época, hoje estão praticamente extintos.

Um artigo publicado na última quinta-feira (23/10) na revista *Current Biology* revelou os resultados obtidos a partir de testes genéticos realizados nos crânios de dois índios botocudos, que viveram por volta de 1800. Os pesquisadores não encontraram no DNA nenhum traço de ancestralidade de americanos nativos, mas sim de grupos originários da Polinésia.

[...]

Fonte: http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Biologia/noticia/2014/10/pesquisa-genetica-revela-que-dna-de-indios-botocudos-e-da-polinesia.html. Acesso em: 6 jul. 2015.

3 Coloque “V” para “Verdadeira” ou “F” para “Falsa” nas afirmativas a seguir.

( ) No período “Pesquisa genética revela <u>que DNA de índios botocudos é da Polinésia</u>”, a oração sublinhada exerce função completiva.

( ) No período “Descoberta reforça tese *de que os polinésios participaram do povoamento da América [...]*”, a oração em itálico complementa o sentido do predicado da oração anterior.

( ) No trecho “[…] e desembarcaram no continente séculos antes do que os europeus”, há tão somente a oração coordenada adversativa.

( ) A oração em negrito no período “**Apesar de terem sido muito numerosos naquela época**, hoje estão praticamente extintos” exprime a ideia de impedimento sem efeito em relação ao conteúdo da oração principal.

( ) O período “Os pesquisadores não encontraram no DNA nenhum traço de ancestralidade de americanos nativos, mas sim de grupos originários da Polinésia’’ deve ser considerado misto.

4 Tomando como base os períodos destacados na questão 3, identifique as orações subordinadas e esclareça a função que desempenham em termos semânticos.



Leituras complementares

Para complementar/reforçar o conteúdo estudado nesta aula, sugerimos que você faça a leitura dos textos indicados a seguir.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**: atualizada pelo novo Acordo ortográfico. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

A gramática de Bechara apresenta uma descrição cuidadosa da língua portuguesa, procurando articular, em seu estudo, contribuições de linguistas e da tradição da NGB, sem o teor normativo desta. Nessa direção, o autor fornece um panorama de fatos de nossa língua que, em cotejo com a abordagem dos gramáticos tradicionais, auxilia o estudante a adquirir uma compreensão mais abalizada do português. A respeito do tópico desta aula – o período e sua constituição –, recomendamos para leitura a seção sobre "Orações complexas e grupos oracionais: A Subordinação e a Coordenação".

AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de gramática do português**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

Quase que da mesma forma que Bechara, porém com referencial teórico distinto, essa gramática de Azeredo, embora pareça mais alinhada à Gramática Gerativa, guarda muitas semelhanças, em vários pontos, com o tratamento da NGB. Excetuam-se apenas aspectos referentes à explanação de certos tópicos bem como à terminologia adotada pelo autor. Por essa razão, recomendamos igualmente uma leitura comparativa com os estudos da tradição gramatical, particularmente dos gramáticos citados nesta aula, no que tange mais especificamente ao objeto desta aula. Nessa direção, indicamos, no capítulo sobre "Sintaxe", as seções a partir do tópico "Subordinação e coordenação".

Resumo

Nesta aula, estudamos o período, focalizando sua tipologia bem como as relações semântico-sintáticas do período composto conforme a NGB. Para tanto, tomamos como base as gramáticas de Cegalla (1984), Cunha e Cintra (1985), Lima (1994) e Almeida (1999). Nessa direção, vimos que o *período* tem como base a oração e pode ser *simples*, quando constituído de apenas uma oração, denominada absoluta; ou *composto*, formado por duas ou mais orações. Quanto ao período composto, vimos que as orações que o integram articulam-se entre si mediante graus variados de (in)dependência semântica e sintática. Nesse sentido, o *período composto* pode ser por *coordenação* ou por *subordinação*. No primeiro caso, as relações interoracionais se dão com relativa independência semântico-sintática; no segundo, as relações entre orações ocorrem com maior índice de vinculação semântico-sintática. Há, porém, a possibilidade de se estabelecerem relações coordenativas e subordinativas em um mesmo período, tornando-o *misto*. Em se tratando das relações semântico-sintáticas no período composto, foi feita uma breve explanação das classes de orações conforme o entendimento dos autores supracitados. Demonstramos também como se articulam as orações no período composto: de forma *sindética* ou assindética, no caso da *coordenada*; "*ligada*" ou *justaposta*, no caso da *subordinada*. Vimos, ainda, as formas de *estruturação* das orações, a saber, *desenvolvida* ou *reduzida*. Toda essa exposição é, por fim, sintetizada grosso modo no Quadro 1.

Autoavaliação

Leia os excertos textuais a seguir para responder às questões propostas.

> [...]
> Melhor ponto de mergulho do Brasil, procurado tanto por profissionais como por iniciantes, Noronha é privilégio de poucos, já que a entrada de visitantes é limitada, como forma de preservar as belezas naturais do arquipélago. Golfinhos rotadores, surfe, forró e a simpática Vila dos Remédios são outros atrativos imperdíveis de Noronha.
> [...]
>
> **Fonte:** Adaptado de: http://www.cvc.com.br/destinos/brasil/fernando-de-noronha.aspx. Acesso em: 16 jun. 2015.

1 No trecho "[...] Noronha é privilégio de poucos, *já que a entrada de visitantes é limitada*, como forma **de preservar as belezas naturais do arquipélago**", a oração em itálico exprime a noção de

a) causa
b) explicação
c) condição
d) restrição
e) conclusão

2 Ainda em relação ao trecho destacado na Questão 1, a oração em negrito

a) complementa a oração anterior (em itálico).
b) complementa um termo verbal.
c) complementa um termo nominal.
d) exerce a função de adjunto adnominal.
e) exerce a função de adjunto adverbial.

Narrativa de experiência pessoal

Tudo aconteceu muito rápido. Era um domingo e eu e meu namorado fomos pro clube. Lá estava acontecendo o campeonato de Futebol e ele participava ativamente. Durante um dos jogos, enquanto eu conversava com uma amiga, ele teve uma parada cárdio-respiratória. Encaminhado para o hospital, acabou morrendo depois de ser reavivado várias vezes com choques. Sem dúvida, este trágico acontecimento acabou por modificar extremamente minha vida e também minha visão da morte.

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/juiz_de_fora.pdf. Acesso: 30 jun. 2015.

3 Esclareça a função textual-discursiva do período simples que inicia a narração.

_____

_____

4 Escreva "V" para "Verdadeiro" ou "F" para "Falso" em relação ao que se afirma sobre as orações em negrito no período "**Encaminhado para o hospital, acabou morrendo** depois de ser reavivado várias vezes com choques".

( ) Trata-se de três orações pelo fato de haver três verbos lexicais (de conteúdo pleno).
( ) As orações se articulam de forma justaposta, sendo igualmente reduzidas.
( ) A primeira oração relaciona-se semanticamente à seguinte com ideia de tempo.
( ) A primeira oração relaciona-se semanticamente à seguinte com ideia de concessão.
( ) Entre as orações, podem ser identificadas relações causais e consecutivas.

[...] Com tanta diversidade, Marajó promove experiências únicas. A mais interessante delas é montar no lombo de um búfalo para um passeio. Símbolos da ilha, os animais são vistos em grandes manadas nas extensas planícies ou dispersos nas modestas áreas urbanas, onde são usados como táxi e montaria para a polícia. No Carnaval, fazem sucesso puxando carroças equipadas com caixas de som, o que parece uma versão local dos trios elétricos baianos. [...]

Fonte: Texto adaptado de Férias Brasil. Ilha de Marajó. Disponível em: http://www.feriasbrasil.com.br/pa/ilhademarajo/. Acesso em: 28 jun. 2015.

5 A oração em itálico "A mais interessante delas é *montar no lombo de um búfalo para um passeio*" tem função

a) predicativa
b) subjetiva
c) completiva nominal
d) apositiva
e) completiva nominal

6 No período "No Carnaval, fazem sucesso **puxando carroças equipadas com caixas de som**, o que parece uma versão local dos trios elétricos baianos", a oração em negrito exerce a função semântica de

a) causa
b) tempo
c) explicação
d) qualificação
e) modo

7 Esclareça a função sintático-semântica e discursiva da oração sublinhada na Questão 6.

Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 43. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de gramática do português**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**: atualizada pelo novo Acordo ortográfico. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 25. ed. São Paulo: Nacional, 1984.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.



O período em perspectiva funcionalista: tipologia e relações semântico-sintáticas

Aula

7



Apresentação

Caro(a) aluno(a), nesta aula, vamos concentrar nossa atenção no estudo do período sob olhar da Linguística Funcional. Faremos, incialmente, breves considerações sobre essa vertente teórica, sobre como são vistos os fenômenos linguísticos sob essa abordagem, em particular, o processo de articulação de orações. Em seguida, examinaremos os tipos de período, considerando seu conteúdo semântico e sua composição sintática. Veremos, ainda, as relações hierárquicas entre as orações do período composto bem como os modos de articulação oracional pelos quais esse tipo de período pode ser estruturado.

Objetivos

1. Caracterizar as variadas relações de (in)dependência e interdependência semântico-sintática estabelecidas no período composto.
2. Distinguir os diferentes modos de articulação oracional do período composto.
3. Comparar a tipologia oracional na perspectiva funcionalista com a classificação da NGB.



1 A Linguística Funcional e o estudo da sintaxe

O Funcionalismo em Linguística é uma vertente teórica que se caracteriza por procurar descrever e explicar a estrutura das línguas naturais com base em motivações/aspectos funcionais (semânticos, cognitivos, discursivo-pragmáticos, textuais). Assim, uma pesquisa funcionalista busca na situação comunicativa – que envolve os participantes da interação, seus propósitos comunicativos, o cotexto linguístico imediato e o contexto discursivo – a explicação para a forma da língua. Em uma situação como as indicadas a seguir em (i) e (ii), por exemplo, cabe identificar fatores, sob a ótica funcionalista, que expliquem o emprego de (i) em vez de (ii) e vice-versa.

(i) Você é preguiçoso.
(ii) Preguiçoso é você.

Em termos estruturais, as duas cláusulas diferem apenas quanto à ordenação de seus constituintes: sujeito – verbo de ligação – predicativo do sujeito; predicativo do sujeito – verbo de ligação – sujeito. Mas a que se deve essa mudança? Nas práticas interacionais, (i) corresponde a uma afirmação ao passo que (ii) representa uma réplica a dada declaração (possivelmente tomada como um insulto). Ou seja, a segunda frase só faz sentido em uma situação na qual o interlocutor revida um insulto que lhe foi dirigido por seu parceiro de interlocução.

Para o Funcionalismo, a estrutura linguística relaciona-se estreitamente às funções a que a língua se presta nas práticas comunicativas. Desse modo, uma investigação funcionalista procura trabalhar essencialmente com dados reais de uso(s) da língua produzidos por falantes engajados em tarefas comunicativas.

Sob o rótulo *Linguística Funcional*, são abrigadas diferentes correntes de estudos linguísticos desenvolvidos em diferentes espaços acadêmicos, principalmente na costa oeste norte-americana e na Europa. Nos Estados Unidos, destaca-se a vertente praticada por linguistas como Talmy Givón, Sandra Thompson, Paul Hopper, Wallace Chafe, entre outros. Na Europa, ganham relevo a Gramática Discursivo-Funcional (GDF) e a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF): a primeira, de origem holandesa, tem em Simon Dik um de seus expoentes e é hoje difundida por discípulos desse linguista, como Kees Hengeveld e Lachlan Mackenzie; a segunda, de tradição inglesa, é fortemente representada por Michael Halliday.

Neste estudo, a vertente adotada é a norte-americana, cujo expoente é Talmy Givón. Para esse autor, a sintaxe das línguas naturais deriva do discurso ou da pragmática (GIVÓN, 1979, 1984). Em outras palavras, os padrões sintáticos se formam por meio da fixação de estratégias discursivas que ocorrem com alta frequência em determinados contextos interacionais, cumprindo propósitos comunicativos específicos, como fazer perguntas, dar ordens, elogiar alguém, indicar transferência de posse, expressar mudança de estado de algo etc. A repetição desses eventos discursivos para os quais são mobilizados certos recursos linguísticos permite a sedimentação desses recursos em padrões regulares, gerando, assim, estruturas e categorias sintáticas, como orações interrogativas, imperativas, ditransitivas, resultativas, sujeito, objeto direto, orações subordinadas etc.

A Linguística Funcional assume que as categorias do mundo físico e social, incluindo as linguísticas, não são discretas, estanques, rigidamente definidas (CUNHA; BISPO, 2013). Esse postulado implica o entendimento de que a fronteira entre essas categorias não é tão nítida, de modo que há elementos mais representativos e outros menos representativos de dada categoria. Assim, por exemplo, enquanto *homem* e *gato* são facilmente caracterizados como pertencendo à categoria *mamífero*, uma vez que exibem propriedades marcantes (morfologia e hábitos) dessa subclasse de vertebrados, *golfinho* e *morcego* são elementos mais marginais em razão de apresentarem características que, normalmente, não são relacionadas aos mamíferos, tais como possuir nadadeiras e viver na água (*golfinho*) ou ter asas e ser voador (*morcego*).

Da mesma forma, entende-se que existem membros intermediários nas categorias linguísticas, ora exibindo características que os aproximam de dada categoria, ora que os enquadram em outra. É o que se dá com o item *juntinhos*, presente em (iii):

> **(iii)** ... eu tava assim de costa ... aí quando ele passou ... aí eu olhei ... menina ... todos dois se olharam **juntinhos** ... eu e ele ... (Corpus D&G Natal, p. 356).

Nessa amostra, *juntinhos* apresenta um comportamento híbrido, podendo ser incluído na classe do adjetivo ou na do advérbio. Do ponto de vista semântico, o termo equivale a *simultaneamente*, o que corresponde a uma interpretação adverbial. No plano morfológico, *juntinhos* está flexionado em gênero e número, concordando com a expressão *todos os dois*, comportando-se, pois, como um adjetivo. Ocorre, desse modo, uma sobreposição de traços de adjetivo e de

advérbio, contribuindo para tornar mais indefinida e fluida a fronteira entre essas classes gramaticais.

A ideia de fluidez categorial é muito cara às pesquisas funcionalistas e será essencial para o entendimento que assumimos neste material quanto aos processos de articulação de orações no âmbito do período composto. Nas seções seguintes, vamos estudar como a LF de vertente norte-americana analisa tais processos com base nas relações semântico-sintáticas entre orações que integram o chamado período composto.



Atenção

Para mais conhecimento sobre a Linguística Funcional, indicamos a leitura dos seguintes textos:

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. *In*: CUNHA, Maria Angélica Furtado; OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 21-47.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Revista do GELNE**, Natal, v. 15, n. 1/2, p. 53-78, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9410/6764.

2 Relações semântico-sintáticas do período composto na visão funcionalista

As orações que constituem o período composto mantêm entre si relações semânticas e sintáticas de naturezas distintas. Essas orações também exibem variados graus de hierarquia, decorrentes das relações de (in)dependência ou de interdependência entre si.

À semelhança dos constituintes oracionais (ou sintagmas) associados ao verbo ou ao nome, essa hierarquia corresponde às relações que ocorrem, no período simples, entre esses elementos nucleares e os termos a eles associados (sujeito, objetos direto e indireto, complemento relativo, complemento nominal, adjunto adverbial, adjunto adnominal, predicativo, aposto). Vejamos os casos a seguir, extraídos dos fragmentos textuais 1 a 4.

Excerto 1

Médico cirurgião é o profissional da medicina preparado para fazer cirurgias na sua área de atuação. Esse profissional pode ser especialista em qualquer área da medicina e, nessa área, realizar operações e intervenções cirúrgicas. É de sua responsabilidade orientar os pacientes no processo pré-operatório, pedir e analisar todos os exames necessários à execução da cirurgia e acompanhar a recuperação pós-cirúrgica, entre outras.

Fonte: http://www.brasilprofissoes.com.br/profissao/medico-cirurgiao/. Acesso em: 28 jun. 2015.

Excerto 2

[...] Era um domingo e eu e meu namorado fomos pro clube. Lá estava acontecendo o campeonato de Futebol e ele participava ativamente. Durante um dos jogos, enquanto eu conversava com uma amiga, ele teve uma parada cárdio-respiratória. Encaminhado para o hospital, acabou morrendo depois de ser reavivado várias vezes com choques. [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/juiz_de_fora.pdf. Acesso em: 8 jan. 2022.

Excerto 3

[...] O único castigo que ele [Steve McNicholson] merecia era a morte. Ele morreu na cadeira elétrica em 1979. Em países desenvolvidos que têm uma justiça que realmente funciona, a pena de morte é bem aplicada não só para livrar a população de bandidos perigosos, mas também para inibir outros bandidos a não cometer um crime bárbaro. [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 8 jan. 2022.

Excerto 4

[...] Fui para a fazenda com meus primos. Lá perto tem um povoado e, nesse dia, estava ocorrendo uma festa. Demos um pulo lá, sentamos numa mesa e ficamos vendo os homens dançando forró com as mulheres, não fomos dançar porque não sabíamos. Meu primo e minha prima beberam bastante e fizeram minha cabeça, bebi bastante também. [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/juiz_de_fora.pdf. Acesso em: 8 jan. 2022. Texto adaptado.

No Excerto 1, o período "*Esse profissional pode ser especialista em qualquer área da medicina e, nessa área, realizar operações e intervenções cirúrgicas*" é constituído por duas orações relativamente independentes semântica e sintaticamente. Do ponto de vista semântico, temos duas informações específicas (a de que o médico cirurgião pode ser especialista em qualquer área da medicina e a de que ele pode realizar operações e intervenções cirúrgicas). Sintaticamente, cada uma delas possui estruturas autônomas, embora a segunda demonstre retomada de termos da primeira, por meio de elementos anafóricos (*essa área*) e elipses (*esse profissional pode*).

Ainda no Excerto 1, o período "*Médico cirurgião é o profissional da medicina preparado para fazer cirurgias na sua área de atuação*" compõe-se de duas orações dependentes semântica e sintaticamente. Da perspectiva semântica, a segunda oração (*para fazer cirurgias na sua área de atuação*) complementa o sentido do termo *preparado*, servindo-lhe de argumento interno (no caso, complemento nominal: *preparado* para quê?). Sintaticamente, a dependência dessa oração decorre do fato de ela ser selecionada por um termo da oração precedente (*preparado*).

No segundo excerto, o período "*Durante um dos jogos, enquanto eu conversava com uma amiga, ele teve uma parada cárdio-respiratória*" também é formado por duas orações que mantêm entre si relação núcleo-modificador. Perceba que a oração "*enquanto eu conversava com uma amiga*" exprime circunstância temporal em relação ao evento da segunda oração (a parada cardiorrespiratória do namorado da informante). Nessa relação, a oração de valor circunstancial funciona como Mod (no caso, adjunto adverbial) da oração seguinte, que é a nuclear, tradicionalmente chamada de "**principal**". Em casos assim, ocorre dependência semântica, visto que uma oração traz informação adicional à outra, e relativa dependência sintática, já que a oração de valor circunstancial possui ligação adjuntiva com a oração matriz.



Acompanhando Castilho (2010), denominaremos como "oração matriz" o que a tradição chama "oração principal".

No Excerto 3, o trecho "[...] *a pena de morte é bem aplicada não só para livrar a população de bandidos perigosos, mas também para inibir outros bandidos a não cometer um crime bárbaro*" constitui-se de quatro orações. Observe que a segunda (*para livrar a população de bandidos perigosos*) e a terceira (*para inibir outros bandidos*) são ligadas por elementos correlatos (*não só... mas também*), os quais, em geral, ocorrem em pares. Esse tipo de ligação oracional exibe interdependência semântico-sintática no sentido de que a presença de uma informação (no caso, a de que a pena de morte bem aplicada serve NÃO SÓ para livrar a população de bandidos perigosos) pressupõe/implica a existência da outra (no trecho, a inibição de bandidos ao cometimento de crime bárbaro). Vale assinalar que essa interdependência não decorre do conteúdo de cada oração em si, mas dos elementos correlatos que as articulam (*não só/mas também*).

No último excerto, o período "*Meu primo e minha prima beberam bastante e fizeram minha cabeça, bebi bastante também*" possui três orações. Note que, entre a primeira (*Meu primo e minha prima beberam bastante*) e a segunda (*fizeram minha cabeça*), há relação semântica de adição, assinalada pelo conectivo "*e*". No entanto, entre a segunda e a terceira orações, embora existam vínculos semântico-sintáticos entre elas (a terceira oração exprime consequência em relação ao conteúdo das anteriores), tais vínculos não são marcados por elemento conectivo. Caso fosse explicitado, esse elemento seria algo do tipo *de modo que*, *de sorte que, por isso*, ficando "Meu primo e minha prima beberam bastante e fizeram minha cabeça, *de modo que/de sorte que* bebi bastante também".

Em razão dos diferentes vínculos semântico-sintáticos entre as orações e do modo como eles são marcados linguisticamente, existem variados graus de integração de sentido e de forma entre as orações de um período composto. Essa gradiência pode ser suscintamente ilustrada no Quadro 1, tomando-se como referência os períodos há pouco analisados.

	Dependência semântica	Dependência sintática	Interdependência semântico-sintática	Presença de conectivo
Fragmento 1, período 1	+ /-	-	-	+
Fragmento 1, período 2	+	+	-	+
Fragmento 2	+	+ /-	-	+
Fragmento 3	-	-	+	+
Fragmento 4	+	+	-	-

Quadro 1 – Graus de dependência semântico-sintática no período composto.

Esses diferentes graus de (in)dependência/interdependência semântico-sintática no período composto podem ser correlacionados a distintos processos de combinação entre as orações que integram o período. São eles: parataxe, hipotaxe, subordinação e correlação.



Atenção

Parataxe: processo de junção de orações que têm mesmo estatuto sintático, de sorte que uma oração não atua como parte de outra (seja por adjunção, seja por encaixamento) nem implica outra.

Hipotaxe: processo de adjunção de uma oração satélite/modificadora a uma oração núcleo (principal/matriz), veiculando relação circunstancial.

Subordinação: processo de articulação oracional em que uma oração se encaixa em um elemento de outra (a matriz), funcionando como parte desta.

Correlação: processo de combinação oracional em que as orações são interdependentes de tal modo que a presença de uma implica, necessariamente, a outra.

Atividade 1

Leia o excerto textual de uma *Narrativa recontada*, para responder às questões 1 e 2.

Narrativa recontada

[...] os meninos resolveram num dia que tava sozinho em casa... dar uma volta pra conhecer o cemitério... vamo lá ver o cemitério lá que a gente num conhece... aí quando entraram lá no cemitério né... aquela fumaça... aqueles negócio lá né ((riso)) de assombração... aí... ouvia também gemido e tudo né... e as crianças começaram a ficar com medo né... aí tentaram sair do cemitério... só que num acharam mais... o cemitério era muito grande... num acharam mais a saída... aí quanto mais eles iam andando mais eles entravam no cemitério... era muito grande... aí subiram nessa parte assim né... que é... fica na parte de baixo e tem a parte alta e nessa parte de... de... deram lá na... na... num campo bem grande assim ( ) bem grande onde os índios fazia os negócio dele lá... a... as reza dele lá... aí ficaram muito assustados... porque era um negócio bem diferente assim... ficaram muito assustado e voltaram pra casa... conseguiram sair de lá e voltaram pra casa num sei como... como... num sei como foi... meu irmão disse que também num entendeu não como... eles conseguiram voltar pra casa e contaram ao pai deles que tinham ido ao cemitério né... hoje à tarde tinha ido ao cemitério e tinha visto aquilo e aquilo outro... aí o pai deles brigou com eles porque eles tinham ido lá [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Texto adaptado. Acesso em: 8 jan. 2022.

1 Numere as orações destacadas nos períodos extraídos da *Narrativa recontada*, considerando o vínculo semântico/sintático entre elas estabelecido.

1) Equivalência
2) Modificação
3) Complementação
4) Interdependência

( ) […] os meninos resolveram num dia que tava sozinho em casa... **dar uma volta** pra conhecer o cemitério...
( ) […] os meninos resolveram num dia que tava sozinho em casa... dar uma volta **pra conhecer o cemitério...**
( ) […] tentaram sair do cemitério ... **só que num acharam mais**...
( ) […] quanto mais eles iam andando mais eles entravam no cemitério...
( ) […] ficaram muito assustados ... **porque era um negócio bem diferente assim**...
( ) […] eles conseguiram voltar pra casa e **contaram ao pai deles** que tinham ido ao cemitério...
( ) […] contaram ao pai deles **que tinham ido ao cemitério**...
( ) […] o pai deles brigou com eles **porque eles tinham ido lá**...

3 Modos de articulação no período composto

As diferentes relações semântico-sintáticas estabelecidas entre orações no período composto correspondem a variados modos de articulação entre elas. Em razão dessas diferenças, os períodos podem ser organizados por meio dos seguintes modos de articulação oracional: parataxe (ou coordenação), hipotaxe (ou adjunção), subordinação (ou encaixamento) e correlação (ou interdependência).

A *parataxe* caracteriza-se pela relativa autonomia semântica e equivalência sintática entre as orações que se articulam (RODRIGUES, 2010). Da perspectiva formal, há simetria de estatuto sintático entre elas. Vejamos o período seguinte, extraído do excerto textual a seguir.

Meu pai andou me contando uma história que me impressionou bastante. Foi um homem que montou uma pequena empresa, com uns quatro caminhões. Chamou o irmão de sua esposa para dirigir o caminhão, transportando gasolina. Ele pôs no caminhão um motorista particular, deu mais ou menos três viagens de Juiz de Fora a São Paulo, disse que já sabia tudo. Ele foi para São Paulo e tudo bem, mas na volta o pior aconteceu: entrou na pista errada, estava voltando de São Paulo, com muita neblina, perdeu os freios e bateu na ponte. O caminhão acabou indo para o ferro velho, o homem quase morreu. [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/juiz_de_fora.pdf. Acesso em: 8 jan. 2022. Texto adaptado.

- *O caminhão acabou indo para o ferro velho, o homem quase morreu.*

Nesse período, as orações que o constituem possuem, cada uma, informação autônoma (a ida do caminhão para o ferro velho, na primeira; a quase morte do homem, na segunda). Além disso, caracterizam-se pela paridade sintática, no sentido de que ambas se encontram no mesmo nível, não havendo vínculo de complementação nem de adjunção entre elas. Assim, são, individualmente, orações nucleares.

A *hipotaxe* se dá quando existe dependência semântico-sintática entre as orações que constituem o período, ocorrendo adjunção circunstancial de uma delas. Nesse caso, a oração que exprime circunstância funciona como Mod da oração com que se articula, correspondendo a um adjunto adverbial. Observe o período a seguir, também retirado do excerto textual dado.

- *Chamou o irmão de sua esposa* ***para dirigir o caminhão****, transportando gasolina.*

No período selecionado, a oração em negrito mantém vínculo de dependência semântica com a anterior, uma vez que indica finalidade (o irmão da esposa foi chamado com o objetivo de dirigir o caminhão), sinalizada pela preposição *para*. Sintaticamente, há dependência entre essas orações, dado que a segunda funciona como modificadora circunstancial da primeira, revelando a relação núcleo-Mod. Nesse caso, o modo de articulação se dá por adjunção adverbial.

Ocorre *subordinação* quando há maior dependência semântico-sintática de uma oração em relação a outra. Essa dependência mais acentuada se dá quando uma oração – a subordinada – funciona como argumento (interno ou externo), predicativo ou adjunto adnominal daquela com a qual se articula, isto é, com a oração matriz. Vejamos alguns exemplares de subordinação oracional retirados dos excertos textuais 1 e 2.

Excerto 1

Pesquisa genética revela que DNA de índios botocudos é da Polinésia

André Jorge de Oliveira

Descoberta reforça tese de que os polinésios participaram do povoamento da América e desembarcaram no continente séculos antes do que os europeus

Na época da colonização portuguesa, diversos grupos indígenas que ocupavam as regiões onde hoje se encontram os estados de Minas Gerais e Espírito Santo receberam o nome genérico de "botocudos", em referência aos botoques que utilizavam para ornamentar o rosto – aqueles grandes discos de madeira que alargavam a boca e as orelhas. Apesar de terem sido muito numerosos naquela época, hoje estão praticamente extintos.

[...]

Fonte: http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Biologia/noticia/2014/10/pesquisa-genetica-revela-que-dna-de-indios-botocudos-e-da-polinesia.html. Acesso em: 8 jan. 2022.

Excerto 2

[...] a família nem processou o médico... mas era um caso de processo porque a/ quem/ a equipe/ tinha que ser feito em equipe... e a equipe era/ estava na França... e:: o rapaz ficou paralítico... quer dizer o lado... o lado bom é que hoje ele é campeão... de:: natação... né? de:: paraplégicos... já foi à olimpíada e tudo... tem um monte de medalha... quer dizer... isso não/ ele não parou de nadar por causa disso... levou adiante... mas hoje está numa cadeira de roda... né? [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 8 jan. 2022. Texto adaptado.

(i) *Pesquisa genética revela* ***que DNA de*** índios botocudos é ***da Polinésia***.

(ii) *Descoberta reforça tese* ***de que os polinésios participaram do povoamento da América e desembarcaram no continente séculos antes do que os europeus***.

(iii) *Na* época *da colonização portuguesa, diversos grupos indígenas* ***que ocupavam as regiões onde hoje se encontram os estados de Minas Gerais e Espírito Santo*** *receberam o nome genérico de "botocudos" [...]*

(iv) *[...] o lado bom* é ***que hoje ele*** é ***campeão... de:: natação... né?***

No primeiro trecho selecionado, a oração em negrito serve de complemento ao verbo da primeira da oração (*revelar*), funcionando como objeto direto. No segundo, as orações em destaque (*de que os polinésios participaram do povoamento da América* e *desembarcaram no continente séculos antes do que os europeus*) complementam o conteúdo do termo *tese*, desempenhando o papel de complemento nominal. São, portanto, argumentos internos (de um verbo – *revelar* –, no primeiro caso; de um nome – tese –, no segundo). Daí o fato de essas orações serem subordinadas.

No terceiro trecho, as orações ***que ocupavam as regiões*** e ***onde hoje se encontram os estados de Minas Gerais e Espírito Santo*** restringem/especificam o conteúdo dos referentes *diversos grupos indígenas* e *as regiões*, respectivamente. Logo, são de natureza adjetiva, servindo de modificador nominal dos termos com que se relacionam

na condição de adjunto adnominal. São consideradas subordinadas por se encaixarem nos nomes a que vinculam (*diversos grupos indígenas* e *as regiões*), compondo com eles um só SN.

No quarto trecho, a oração em negrito é tomada como uma espécie de informação definidora/qualificativa em relação ao sujeito da oração matriz (*o lado bom*). Orações desse tipo vêm sempre precedidas do verbo copulativo *ser* e funcionam como predicativo do sujeito.

A *correlação*, por sua vez, consiste no fato de duas orações serem mutuamente dependentes. A interdependência entre essas orações se deve ao elo semântico-sintático dos correlatores que as articulam. Esses correlatores ocorrem em pares e constituem um conectivo descontínuo, em que uma parte dele se encontra na primeira oração e a outra na segunda, a exemplo de *não só... mas/como também, tanto... que, tanto... quanto, quanto mais/menos... mais/menos*. Nesse tipo de articulação, a mútua dependência entre as orações é tal que, ao enunciarmos a primeira, a segunda se impõe (ROSÁRIO, 2012, 2013).

Consideremos estas amostras:

Excerto 1

[...] O único castigo que ele [Steve McNicholson] merecia era a morte. Ele morreu na cadeira elétrica em 1979. Em países desenvolvidos que têm uma justiça que realmente funciona, a pena de morte é bem aplicada **não só para livrar a população de bandidos perigosos, mas também para inibir outros bandidos a não cometer um crime bárbaro.** [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 8 jan. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

[...] aí tentaram sair do cemitério ... foi que num acharam mais ... o cemitério era muito grande ... num acharam mais a saída ... aí **quanto mais eles iam andando mais eles entravam no cemitério** ... era muito grande [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 8 jan. 2022. Grifo nosso.

Excerto 3

[...] o certo de tocar o teclado é você tocar... lendo a partitura e não olhar pro... pras teclas... olhar só assim... de vez em quando... só pra... num ficar... com torcicolo... sei lá... uma doença no pescoço... uma coisa assim... eu no caso fico assim direto... porque eu... e leio a partitura... aí toco tanto... **toco tanto que decoro**... aí num preciso mais de partitura não [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 8 jan. 2022. Grifo nosso.

As orações em negrito nos Excertos de 1 a 3 mantêm entre si relação de interdependência semântico-sintática no sentido de que a presença dos correlatores *não só, quanto mais* e *tanto* da primeira oração, destacada em cada amostra, implica a existência de seus respectivos correlatos *mas também*, *mais* e *que* na segunda.

Vale destacar que, em cada caso, esses correlatores exprimem diferentes noções semânticas entre as orações que articulam. Assim, no primeiro excerto, os conectores *não só... mas também* estabelecem relação aditiva; no segundo, *quanto mais... mais* indicam proporcionalidade; no terceiro, *tanto que* denota consequência.

Com base na caracterização desses modos de articulação semântico-sintática entre orações, podemos observar uma relativa correspondência entre eles e a classificação tradicional do período composto, estudado na Aula 6. A parataxe compreende, grosso modo, o conjunto das orações coordenadas assindéticas (isto é, sem conectivo) e as coordenadas sindéticas aditivas, adversativas e alterantivas; a hipotaxe corresponde ao grupo das orações subordinadas adverbiais, às coordenadas conclusivas e explicativas e à oração adjetiva explicativa; a subordinação abarca as orações substantivas: objetiva direta, objetiva indireta, completiva nominal, subjetiva, predicativa, apositiva e a adjetiva restritiva; a correlação inclui as seguintes categorias de orações: coordenadas aditivas e alternativas além de subordinadas adverbiais comparativas, consecutivas e proporcionais.

O Quadro 2 sintetiza a equivalência entre a tipologia defendida neste material e aquela presente na maioria das gramáticas ligadas à Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB).

	Paratáticas	Hipotáticas	Subordinadas	Correlatas
Coordenadas	Aditiva Adversativa Alternativa	Conclusiva Explicativa		Aditiva Alternativa
Subordinadas adverbiais		Causal Comparativa Concessiva Condicional Conformativa Consecutiva Final Locativa Modal Proporcional Temporal		Comparativa Consecutiva Proporcional
Subordinadas substantivas			Agente da passiva Apositiva Completiva nominal Objetiva direta Completiva relativa/ objetiva indireta Predicativa Subjetiva	
Subordinadas adjetivas		Explicativa	Restritiva	

Quadro 2 – Tipologias relacionais do período composto.

Cabe destacar que as orações do período composto podem ser reunidas sem o auxílio de conectivo, sendo dispostas uma ao lado da outra. Quando isso ocorre, dizemos que as orações se unem por *justaposição*. Esse tipo de junção oracional se dá na parataxe, na hipotaxe e na subordinação. Observemos "O Socorro", de Millôr Fernandes.

O Socorro

Millôr Fernandes

Ele foi cavando, cavando, cavando, pois sua profissão – coveiro – era cavar. Mas, de repente, na distração do ofício que amava, percebeu que cavara demais. Tentou sair da cova, e não conseguiu. Levantou o olhar para cima e viu que, sozinho, não conseguiria sair. Gritou. Ninguém atendeu. Gritou mais forte. Ninguém veio. Enrouqueceu de gritar, cansou de esbravejar, desistiu com a noite. Sentou-se no fundo da cova, desesperado.

A noite chegou, subiu, fez-se o silêncio das horas tardias. Bateu o frio da madrugada e, na noite escura, não se ouvia mais um som humano, embora o cemitério estivesse cheio dos pipilos e coaxares naturais dos matos.

Só pouco depois da meia-noite é que lá vieram uns passos. Deitado no fundo da cova o coveiro gritou. Os passos se aproximaram. Uma cabeça ébria apareceu lá em cima, perguntou o que havia: "O que é que há?" O coveiro então gritou, desesperado: "Tire-me daqui, por favor. Estou com um frio terrível!". "Mas, coitado!" – condoeu-se o bêbado. – "Tem toda razão de estar com frio. Alguém tirou a terra toda de cima de você, meu pobre mortinho!". E, pegando a pá, encheu-a de terra e pôs-se a cobri-lo cuidadosamente.

Moral: *Nos momentos graves é preciso verificar muito bem para quem se apela.*

Fonte: http://www.citador.pt/textos/o-socorro-millor-fernandes. Acesso em: 8 jan. 2022.

(i) *Enrouqueceu de gritar, cansou de esbravejar, desistiu com a noite.*
(ii) *O coveiro então gritou, desesperado: "Tire-me daqui, por favor. […]*

No primeiro período, as orações que o constituem são paratáticas (coordenadas), estando justapostas, ou seja, colocadas uma ao lado da outra sem o auxílio de conectivo. No segundo período, as orações são articuladas por subordinação, uma vez que a segunda é complemento (objeto direto) do verbo da primeira (*gritar*). À semelhança

do que ocorre no primeiro período, também há justaposição, visto não existir elemento conectivo entre as orações.



Atenção

Orações paratáticas: têm independência sintática, isto é, uma oração não atua como parte de outra (seja por adjunção, seja por encaixamento) nem implica outra; correspondem às orações coordenadas sindéticas (aditivas, adversativas e alternativas) e às orações assindéticas (sem conectivo).

Orações hipotáticas: atuam como satélite/modificadora da oração núcleo (principal/matriz), veiculando relação circunstancial; equivalem às orações adverbiais e incluem também as chamadas coordenadas conclusivas e explicativas e a oração adjetiva explicativa.

Orações subordinadas: encaixam-se em um elemento de outra oração (a matriz), funcionando como parte desta (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento relativo, complemento nominal, predicativo, aposto e agente da passiva); correspondem às tradicionais orações substantivas (subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e apositivas) e à oração adjetiva restritiva.

Orações correlatas: são interdependentes, mantendo entre si relação de implicação (uma oração implica outra); caracterizam-se pela presença de elementos correlatores (não só/apenas... mas/mas também; quanto menos/mais... menos/mais etc.); podem ser alternativas (com o uso de ou... ou; seja... seja), consecutivas (com o emprego de mais/menos... (do) que; tanto(a)... que etc.), proporcionais (marcadas por quanto menos/mais... menos/mais).

Atividade 2

Leia o recorte textual a seguir. Em seguida, com base nele, responda às questões que seguem.

O que torna você tão diferente de seus irmãos?
Resposta: seus pais

Alex Jensen e Susan M McHale

Além do fato de que irmãos são, em média, 50% similares geneticamente, são frequentemente criados na mesma casa pelos mesmos pais, vão às mesmas escolas e possuem uma série de experiências compartilhadas, eles são tão parecidos uns com outros quanto crianças que crescem em outras casas, do lado da cidade.

Então o que torna duas crianças da mesma família tão diferentes?

Como pesquisadores de relações familiares, sabemos que pelomenos uma dessas respostas vem de dados e da teoria que, em pelo menos algumas das famílias, os irmãos tentam ser diferentes um dos outros e buscam estabelecer uma identidade e posição únicas dentro das famílias.

Da perspectiva de uma criança, se o irmão mais velho vai bem na escola, pode ser mais fácil conseguir a atenção dos pais se tornando um atleta excelente em vez de competir com o mano pelas melhores notas. Dessa forma, até pequenas diferenças entre irmãos podem se tornar grandes com o passar do tempo.

Mas os pais também têm um papel nisso. Por exemplo, quando os pais percebem diferenças entre as crianças, as crianças podem adotar as crenças e percepções dos pais sobre elas. Isso aumenta a diferença.

Queríamos testar essas ideias e verificar o que torna irmãos diferentes. Então usamos dados sobre os primeiros e segundos filhos adolescentes de 388 famílias para examinar a diferença na performance escolar.

Pedimos que mães e pais nos dissessem se eles achavam que os filhos tinham diferenças nas habilidades acadêmicas e, se sim, quais dos filhos era o mais capaz. Também coletamos dados dos boletins das crianças.

Preferência pelo primogênito

Nossa análise trouxe resultados interessantes: pais tendem a acreditar que os filhos mais velhos vão melhor na escola. Isso permanecia mesmo quando as notas dos primogênitos não eram melhores.

Isso pode ser resultado das maiores expectativas que os pais têm em relação ao primeiro filho ou que, a qualquer período, o mais velho já está cursando matérias mais avançadas no colégio.

Mas, no entanto, houve uma exceção nesse padrão: em famílias com irmãos mais velhos e irmãs mais novas, os pais davam às filhas notas maiores. Na verdade, nessas famílias, as irmãs realmente recebiam notas melhores do que os irmãos.

Nossas descobertas mostraram que não eram as notas em si que podiam prever as crenças dos pais nas habilidades das crianças. Na verdade, as crenças dos pais sobre as diferenças nas habilidades dos filhos previam as diferenças das notas.

Em outras palavras, quando os pais acreditavam que um dos filhos era melhor do que o outro na escola, as notas dessa criança melhoravam com o tempo, se comparadas com a do irmão.

[...]

Fonte: Texto adaptado de: http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2015/07/o-que-torna-voce-tao-diferente-de-seus-irmaos.html. Acesso em: 10 jan. 2022.

1 Considere as afirmativas a seguir e depois marque a opção que apresenta o correto julgamento sobre elas.

I. Em "Dessa forma, até pequenas diferenças entre irmãos podem se tornar grandes com o passar do tempo", temos um período composto formado por hipotaxe.

II. No trecho "[...] se o irmão mais velho vai bem na escola, pode ser mais fácil **conseguir a atenção dos pais** se tornando um atleta excelente [...]", a oração em negrito liga-se à anterior por subordinação.

III. A oração negritada em "Por exemplo, **quando os pais percebem diferenças entre as crianças**, as crianças podem adotar as crenças e percepções dos pais sobre elas" funciona como Mod da oração seguinte.

a) As afirmativas I e III estão corretas.
b) Apenas a afirmativa III está correta.
c) Apenas a afirmativa I está correta.
d) As afirmativas II e III estão corretas.
e) Apenas a afirmativa II está correta.

2 Assinale a opção na qual a oração em negrito **não** funciona como argumento interno.

a) "Como pesquisadores de relações familiares, sabemos **que pelo menos uma dessas respostas vem de dados e da teoria** [...]".
b) "Pedimos que mães e pais nos dissessem se eles achavam **que os filhos tinham diferenças nas habilidades acadêmicas** [...]".
c) Nossa análise resultados interessantes: pais tendem a acreditar **que os filhos mais velhos vão melhor na escola**.
d) "Isso pode ser resultado das maiores expectativas **que os pais têm em relação ao primeiro filho** [...]".
e) Nossas descobertas mostraram **que não eram as notas em si que podiam prever as crenças dos pais nas habilidades das crianças**.

3 Indique se a oração em negrito, em cada trecho a seguir, é paratática, hipotática, subordinada ou correlata.

a) "Além do fato **de que irmãos são, em média, 50% similares geneticamente**, são frequentemente criados na mesma casa pelos mesmos pais [...]".

b) "[...] eles são tão parecidos uns com outros **quanto crianças que crescem em outras casas, do lado da cidade**".

c) "[...] os irmãos tentam ser diferentes um dos outros **e buscam estabelecer uma identidade e posição** únicas **dentro das famílias**".

d) "Então usamos dados sobre os primeiros e segundos filhos adolescentes de 388 famílias **para examinar a diferença na performance escolar**".

Leituras complementares

Para complementar/reforçar o conteúdo estudado nesta aula, sugerimos que você faça a leitura dos textos indicados a seguir.

RODRIGUES, Violeta Virgínia (org.). **Articulação de orações**: pesquisa e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2017. Disponível em: http://posvernaculas. letras.ufrj.br/images/Posvernaculas/10-publicacoes/articulacao_oracoes19-06(simples).pdf.

Composto por dez capítulos, o livro aborda a articulação de orações, ora com foco no(s) uso(s) de conectivo(s), ora com ênfase nos procedimentos sintáticos de vinculação oracional na perspectiva funcionalista. Particularmente, propomos a leitura dos capítulos "Cor-

relação na perspectiva funcionalista" e "Subordinação adverbial ou hipotaxe circunstancial?". No primeiro, os autores apresentam o conceito de correlação e a hipótese de ela ser analisada como processo de estruturação sintática distinto da coordenação e da subordinação, como tratamos nesta aula. No segundo, Violeta Rodrigues evidencia a inadequação do termo "subordinação adverbial" aplicada aos casos de hipotaxe adverbial.

DUARTE, Maria Eugênia. Coordenação e subordinação. *In*: VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007. p. 205-224.

Traçando um paralelo do que ocorre no nível da oração com a estrutura do predicado, em que os termos se unem por coordenação, por adjunção ou por complementação, nesse artigo, Duarte mostra que, no âmbito do período composto, as orações também se articulam pelos mesmos princípios. Nessa direção, a autora estabelece um contraponto entre o modelo de abordagem tradicional e "outras perspectivas". Por fim, Duarte tece algumas considerações sobre o tratamento desse tema em sala de aula a partir da consideração dos diversos usos linguísticos.

Resumo

Nesta aula, estudamos as relações semântico-sintáticas, os modos de articulação oracional e a tipologia das orações no âmbito do período composto sob a perspectiva da Linguística Funcional. Para tanto, discutimos as relações de (in)dependência e interdependência entre as orações desse tipo de período, tanto no plano semântico quanto no plano sintático, apresentando uma síntese da discussão. Com base nessas relações, estudamos os diferentes modos de articulação oracional, a saber: parataxe (ou coordenação), hipotaxe (ou adjunção), subordinação (ou encaixamento) e correlação (ou interdependência). Por fim, estabelecemos uma correspondência entre esses modos de articulação – e a consequente tipologia das orações – e a classificação tradicional do período composto e das orações que o integram, conforme estudado na Aula 6.

Autoavaliação

Leia o excerto textual a seguir; depois, com base nele, responda às questões 1 a 4.

Descrição de local

Quando eu tinha 8 anos, fiz uma viagem com meu pai a Piratini. Acho que leva uma tarde, viajando de ônibus, para chegar lá. Depois só vai de carro, porque a estrada que leva à casa de minha tia é estreita e de chão batido. O próximo obstáculo é um riachozinho, depois sobe o morro, onde fica a casa.

A cidade é muita bonita, pelo menos a parte do campo. De manhã, aquele sereno no ar abre os pulmões, os cavalos na cocheira, os porcos no chiqueiro, alguns animais já soltos no pasto enriquecem aquela paisagem linda. Depois do café, eu saía com meu primo e nós pegávamos outra estrada de chão batido muito estreita. Quanto mais nós caminhávamos, mais comprida parecia a estrada. Para mim naquela época a estrada parecia não ter fim. A cidade tinha muitas árvores: eucaliptos, pinheiros, acácias, limoeiros, etc.

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/rio_grande.pdf. Texto adaptado. Acesso em: 10 jan. 2022.

1 Numere as orações destacadas nos períodos a seguir conforme proposta, considerando o vínculo semântico/sintático entre elas estabelecido.

1) Equivalência
2) Modificação
3) Complementação
4) Interdependência

( ) **Quando eu tinha 8 anos**, fiz uma viagem com meu pai a Piratini.
( ) Acho **que leva uma tarde**, viajando de ônibus, para chegar lá.
( ) Acho que leva uma tarde, viajando de ônibus, **para chegar lá**.
( ) Depois só vai de carro, porque a estrada **que leva** à **casa de minha tia** é estreita e de chão batido.
( ) Depois só vai de carro, **porque a estrada que leva** à **casa de minha tia** é **estreita e de chão batido**.
( ) Depois do café, eu saía com meu primo **e nós pegávamos outra estrada de chão batido muito estreita.**

2 Explicite o tipo de relação semântico-sintática (*parataxe*, *hipotaxe*, *subordinação*, *correlação*) estabelecida em cada uma das orações destacadas nos períodos da questão anterior.

3 Assinale apenas as afirmativas verdadeiras em relação ao período "O próximo obstáculo é um riachozinho, depois sobe o morro, onde fica a casa".

a) O período é composto por três orações.
b) O período é todo formado por parataxe.
c) O período é todo formado por hipotaxe.
d) O período é todo formado por subordinação.
e) No período, todas as orações são justapostas.

4 Marque a única opção correta com relação aos conectivos interoracionais presentes no período "Depois só vai de carro, porque a estrada que leva à casa de minha tia é estreita e de chão batido".

a) Depois, porque, que, e.
b) Porque, que, e.
c) Depois, que, e.
d) Porque, que.
e) Porque, e.

5 Considerando o período "Acho que leva uma tarde, viajando de ônibus, para chegar lá" e a substituição do verbo *achar* por *saber*, que alteração semântica ocorreria?

6 Reescrevendo-se o período "Quanto mais nós caminhávamos, mais comprida parecia a estrada", substituindo o conectivo sublinhado por outro de valor equivalente, pode-se recorrer às formas identificadas nas opções:

a) À proporção que
b) Enquanto
c) Na medida em que
d) À medida que
e) Tanto mais

7 Qual o vínculo semântico-sintático estabelecido entre as orações do período destacado na Questão 6?

Referências

AZEREDO, José Carlos de. **Iniciação à sintaxe do português**. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**: atualizada pelo novo Acordo ortográfico. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

DUARTE, Maria Eugênia. Coordenação e subordinação. *In*: VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007. p. 186-204.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Revista do GELNE**, Natal, v. 15, n. 1/2, p. 53-78, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9410/6764. Acesso em: 17 fev. 2022.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. *In*: CUNHA, Maria Angélica Furtado; OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). **Linguística funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 21-47.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**: a functional-typological introduction. v. I. New York: Academic Press, 1984.

GIVÓN, Talmy. **A compreensão da gramática**. Tradução de Maria Angélcia Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2012.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

RODRIGUES, Violeta Virgínia (org.). **Articulação de orações**: pesquisa e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ; Faculdade de Letras, 2017.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. **Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional**. 2012. 250 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Construções correlatas aditivas na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA, 4, 2013, Natal. **Anais** [...]. Natal: UFRN, 2013. p. 26-41.


ghijk

Orações paratáticas e orações hipotáticas

Aula

8



Apresentação

Caro(a) aluno(a), nesta aula, vamos dar continuidade ao estudo do período composto em perspectiva funcionalista, detendo-nos na parataxe (orações paratáticas) e na hipotaxe (orações hipotáticas). Nessa direção, consideraremos os diversos tipos oracionais desses modos de articulação, estabelecendo um paralelo com a classificação tradicional.

Objetivos

1. Diferenciar parataxe e hipotaxe.
2. Distinguir os vários tipos de orações paratáticas e de orações hipotáticas.
3. Cotejar a classificação oracional adotada nesta aula com os estudos tradicionais de coordenação e de subordinação adverbial.



1 Parataxe e hipotaxe

Conforme discutimos na Aula 7, na parataxe, há relativa autonomia semântica e equivalência sintática entre as orações que se articulam (RODRIGUES, 2010). Do ponto de vista formal, há simetria de estatuto sintático entre elas, de sorte que uma oração não é parte constituinte de outra. Já a hipotaxe se caracteriza pela dependência semântico-sintática entre as orações que constituem o período, ocorrendo adjunção circunstancial de uma em relação à outra. Nessa relação de dependência, a oração hipotática equivale a um sintagma (SO) adjunto da oração matriz (principal).

Ainda em conformidade com o que vimos na Aula 7, as orações paratáticas compreendem as que exprimem as noções de adição, adversidade e alternância, geralmente articuladas por meio de conectivo (conjunção), e as chamadas coordenadas assindéticas, as quais se justapõem, sem auxílio de conectivo. As orações hipotáticas, por sua vez, distribuem-se entre as que expressam circunstância adverbial de valor causal, comparativo, concessivo, conclusivo, condicional, conformativo, consecutivo, explicativo, final, locativo, modal, proporcional, temporal, e as **orações adjetivas explicativas**.

Tradicionalmente, a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) classifica as orações conclusivas e explicativas no grupo das coordenadas. Entretanto, assumindo posicionamento diferente, acatamos o entendimento de autores como Neves (2000), Mateus *et al.* (2003), Bechara (2009), Castilho (2010) e Bagno (2011), os quais defendem que os elementos introdutores dessas orações são de natureza adverbial (logo, portanto, pois, porque, por isso etc.). Daí o fato de considerá-las subordinadas adverbiais (ou hipotáticas adverbiais, conforme denominação adotada neste material).

Para Neves (2000), conclusão e explicação estão implicadas na relação causa- efeito, sendo contempladas, portanto, pelo grupo das orações causais. A seguir, veremos mais detalhadamente cada um desses tipos de oração.



Orações adjetivas explicativas
As chamadas orações adjetivas explicativas são consideradas neste estudo como hipotáticas porque funcionam como um realce semântico ao antecedente do pronome relativo. O conteúdo da adjetiva explicativa destaca uma característica/ propriedade do antecedente tomada como pertinente para a situação comunicativa em que ela é usada.

2 Tipos de orações paratáticas

O primeiro tipo de oração paratática que analisaremos é a denominada *aditiva*. Caracteriza-se semanticamente pela relativa (in) dependência da segunda oração em relação à primeira, no sentido de que a adição do conteúdo da segunda pressupõe, de certo modo, a informação contida na primeira. Do ponto de vista formal, a aditiva possui equivalência sintática em relação à anterior, pelo fato de representar constituinte de mesmo nível hierárquico. Ou seja, ela

não constitui termo de outra oração, tal como ocorre com as subordinadas. Consideremos este fragmento textual:

Esta narrativa relata a ocupação nazista na França.

Na época da ocupação nazista na França, houve uma série de prisões e lá escolhiam-se dez homens para ser fuzilados como prova de força.

O advogado de quem vamos falar era uma pessoa de renome, vinha de uma família tradicional e muito rica, tinha um escritório de advocacia no centro da cidade e morava numa pequena chácara no subúrbio Parisiense. [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 11 jan. 2022.

O último período do fragmento selecionado compõe-se de uma sequência de orações que caracteriza determinado personagem da narrativa (*o advogado*). A última delas (*e morava numa pequena chácara no subúrbio Parisiense*) coordena-se aditivamente à anterior (*tinha um escritório de advocacia no centro da cidade*) por meio do conectivo *e*. Observe que as orações utilizadas para descrever o advogado possuem equivalência de estatuto semântico (cada uma delas focaliza, de igual modo, um aspecto da pessoa descrita) e de estatuto sintático (representam constituintes independentes de mesma ordem, sem que funcionem como termo de outra oração).

Note que, no caso das três primeiras orações coordenadas (*O advogado era uma pessoa de renome; vinha de uma família tradicional e muito rica; tinha um escritório de advocacia no centro da cidade*), a junção se dá por justaposição, isto é, sem a presença de conectivo. Trata-se de orações tradicionalmente conhecidas como coordenadas assindéticas. Todavia, entendemos esses casos como exemplos de orações paratáticas aditivas justapostas.

As orações *paratáticas adversativas* mantêm uma relação de contrajunção (isto é, oposição/contraste) com a primeira oração. Trazem uma informação que se contrapõe ao conteúdo da oração anterior e que é tomada pelo falante/escrevente como mais importante. Do ponto de vista semântico, a adversativa é também relativamente (in) dependente da primeira oração, pois pressupõe informação precedente, embora não esteja necessariamente implicada nessa informação. Sintaticamente, possui as mesmas propriedades das aditivas. Tomemos, para fins de exemplificação, o excerto textual que segue.

Das várias provas da natação, me especializei nas provas de longa distância, 800 e 1.500 metros, que são das mais exaustivas e nelas não importa muito velocidade: tem que se ter resistência e saber dosar as energias. Para chegarmos ao melhor tempo, é necessário dedicação, paciência e garra, o que não é fácil, mas logo vem a recompensa.

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 11 jan. 2022. Texto adaptado.

No último período, a oração "*mas logo vem a recompensa*" estabelece um contraponto com a informação da oração precedente (*o que não é fácil*). Note que essas orações possuem conteúdos de relativa (in)dependência, de modo que o conteúdo da adversativa não está implicado na oração anterior, mas pressupõe o que esta afirma.

As orações *paratáticas alternativas* mantêm uma relação de disjunção com a oração precedente, exprimindo a noção de escolha. Quando a escolha indica opção por apenas um dos elementos da alternância, diz-se que a disjunção é "exclusiva"; quando indica opção indiferente entre ambos os elementos, diz-se que a disjunção é "inclusiva" (NEVES, 2000). A título de ilustração, vejamos o seguinte recorte textual:

[...]

E: quer dizer que você acha que a... a pena de morte é uma solução?

I: em certos casos sim... como eu disse... radicalmente eu disse... que eu sou a favor... porque na emoção você diz que é... mas se você for pensar... for raciocinar realmente... ponto a ponto você fica em dúvida... em casos sim... outros não... aí fica no problema...

E: mas você num... você acha que é uma solução ou que ia amenizar muita coisa?

I: que ia amenizar muita coisa [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 11 jan. 2022. Texto adaptado.

No período *você acha* ***que é uma solução*** *ou* ***que ia amenizar muita coisa****?*, as orações em negrito estão em relação de alternância, expressando escolha entre achar que a pena de morte é uma solução ou uma amenização de problemas. Nesse caso, temos uma disjunção exclusiva, visto que a opção é por um dos elementos da alternância.

Cabe lembrar que orações alternativas podem articular-se por meio da correlação. Nessa situação, o conectivo que as une vem repetido, de modo a formar um par correlato. É o que se dá no trecho extraído do seguinte fragmento textual.

> [...] bota um presidente... num dá certo... pode tirar... é uma coisa assim... é uma democracia... isso é democracia... né? num dá certo... tira... bota outro... é assim... vai tentando... até um dia dar certo... é melhor do que você ficar... sem ... sem chance de tirar... né? ficar aguentando até aquele... aquele regime acabar... ou que seja bom... ou que seja ruim... você num pode fazer nada... tá com a mão... as mãos atadas [...]
>
> **Fonte:** http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 11 jan. 2022. Texto adaptado.

Observe que, no trecho *ou que seja bom... ou que seja ruim...*, as orações que o constituem articulam-se por meio do par correlativo *ou... ou*, indicando alternância entre ser bom ou ser ruim. A presença do primeiro conectivo *ou* implica o emprego do segundo. Nesse caso, temos orações *correlatas alternativas*. Para exercitar o conteúdo visto sobre parataxe e hipotaxe e sobre as orações paratáticas, desenvolva as questões da atividade a seguir.

Atividade 1

Leia o texto a seguir para responder às questões 1 e 2.

A gansa de ovos de ouro

Certa manhã, um fazendeiro descobriu que sua gansa tinha posto um ovo de ouro.

Apanhou o ovo, correu para casa, mostrou-o à mulher, dizendo:

– Veja! Estamos ricos!

Levou o ovo ao mercado e o vendeu por um bom preço.

Na manhã seguinte, a gansa tinha posto outro ovo de ouro, que o fazendeiro vendeu a melhor preço.

E assim aconteceu durante muitos dias. Mas, quanto mais rico ficava o fazendeiro, mais dinheiro queria. Então pensou:

- Se esta gansa põe ovos de ouro, dentro dela deve haver um tesouro! Matou a gansa, mas, por dentro, ela era igual a qualquer outra.

Moral: Quem tudo quer tudo perde.

Fonte: http://www.mundodasmensagens.com/mensagem/fabulas-a-gansa-de-ovos-de-ouro.html. Acesso em: 11 jan. 2022. Texto adaptado

1 Coloque "P", no caso de "Parataxe", ou "H", no caso de "Hipotaxe" nas orações em destaque dos períodos a seguir.

( ) "Apanhou o ovo, **correu para casa, mostrou-o à mulher**," [...] ( ) "Levou o ovo ao mercado **e o vendeu por um bom preço**".

( ) "Na manhã seguinte, a gansa tinha posto outro ovo de ouro, **que o** fazendeiro vendeu a melhor preço**".**

( ) "**Se esta gansa põe ovos de ouro**, dentro dela deve haver um tesouro!".

( ) "Matou a gansa, **mas, por dentro, ela era igual a qualquer outra**".

2 Classifique as orações paratáticas destacadas na questão 1, explicitando seu valor funcional no período.

3 Tipos de orações hipotáticas

O conjunto das orações hipotáticas compreende um considerável número de circunstâncias de valor adverbial. Vejamos cada uma delas.

A oração *hipotática adverbial causal* define-se por estabelecer a noção de causa em relação a outra. Nesse sentido, indica relação causa-efeito, implicando uma sequência temporal entre os eventos, na qual um ocorre após o outro (CASTILHO, 2010). Vejamos os casos a seguir.

> [...] aí um dia ele [Fabiano] vai pra uma cidade... aí gasta o dinheiro em jogo... quando ele... e perde né... o dinheiro e o soldado espanca ele... eu também num sei por qual motivo... sei que o soldado espanca ele... e ele fica muito triste porque não:: trabalhou tanto pra ganhar um dinheirinho... pra ganhar um dinheirinho e:: perde o dinheiro... vai pra casa triste... a mulher começa a brigar com ele... porque ele tinha feito isso... mas... continuavam vivendo bem né [...]
>
> **Fonte:** http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 11 jan. 2022. Texto adaptado.

(i) *[...] ele fica muito triste* ***porque não:: trabalhou tanto*** *pra ganhar um dinheirinho...*

(ii) *[...] a mulher começa a brigar com ele...* ***porque ele tinha feito isso****...*

As orações em negrito exprimem noção de causa em relação à anterior. No primeiro caso (i), o fato de não ter trabalhado tanto é

o motivo da tristeza do personagem (Fabiano). No segundo (ii), a oração *porque ele tinha feito isso* (perdido dinheiro com jogo) é a razão de a mulher ter começado a brigar com Fabiano.

Retomando o que afirmamos anteriormente, as orações consideradas pela NGB como coordenadas conclusivas e explicativas exprimem também, de maneira diversificada, essa relação causa-efeito. Analisaremos adiante as ocorrências extraídas do excerto textual que segue.

> Foi no cemitério com ele e disse que o terreno onde era o cemitério era indígena e, portanto, não poderia ser construído nada. Para quebrar isso, acabar com essa maldição, era preciso que fosse encontrada alguma coisa que estava escondida, umas pedras santas que estavam na parte mais alta do cemitério. Foram lá, mas não encontraram e voltaram para casa, dizendo que iriam procurar outro dia, pois já estava bastante tarde.
>
> **Fonte:** http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 22 jan. 2022. Texto adaptado.

(i) *[...] o terreno onde era o cemitério era indígena e,* ***portanto, não poderia ser construído nada.***
(ii) *[...] voltaram para casa, dizendo que iriam procurar outro dia,* ***pois já estava bastante tarde****.*

Nesses trechos, os conectivos *portanto* e *pois*, respectivamente, articulam orações que mantêm entre si relação causa-efeito: no primeiro caso (i), o fato de o terreno em que se situa o cemitério ser indígena é motivo para não poder construir nada; no segundo (ii), a ideia de procurar (*umas pedras santas*) em outro dia é resultante (ou efeito) de já estar bastante tarde. Assim, esses trechos poderiam ser reescritos, mantendo-se a relação referida, da seguinte forma:

(i) *[...] o terreno onde era o cemitério era indígena,* ***de modo que não poderia ser construído nada.***
(ii) *[...] voltaram para casa, dizendo que iriam procurar outro dia* ***porque já estava bastante tarde****.*

Relação de consequência
Essa relação será abordada posteriormente quando tratarmos da oração hipotática consecutiva.

Note que, no primeiro trecho reescrito, com uso do conectivo *de modo que*, destaca-se a **relação de consequência** (ou efeito); no segundo trecho, o emprego de *porque* enfatiza a relação de causa. Daí o fato de considerarmos as chamadas orações (coordenadas) conclusivas e explicativas como pertencentes ao domínio da hipotaxe.

A *hipotática adverbial comparativa* estabelece uma relação de comparação com o conteúdo da oração matriz, indicando igualdade entre as ideias comparadas. Sintaticamente, essa relação é realizada por meio do conectivo *como*, entre outros de conteúdo similar (*assim como, tal qual* etc.). Observemos a amostra analisada após o recorte textual seguinte.

> Ele [o nordestino sertanejo] tá sempre aflito e sempre passando fome e sempre vivendo em condição precária... num tendo hospital... num tendo segurança... num tendo educação... é como:: vivem animais e nós que vivemos aqui temos um pouquinho de:: ainda de indústria... de educação... estamos quase nos igualando a eles porque a gente não vê isso [...]
>
> **Fonte:** http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 22 jan. 2022.

No período *Ele, (o nordestino sertanejo) tá [...] sempre vivendo em condição precária [...] é* ***como:: vivem animais***, *a* oração *como:: vivem animais* estabelece relação comparativa com a oração anterior (*Ele tá... sempre vivendo em condição precária...*), assinalando igualdade entre as informações comparadas (viver em condição precária = viver como animal). Essa igualdade é marcada pelo emprego do conectivo *como*.

Registramos que algumas orações hopotáticas adverbiais comparativas são expressas com o uso de conectores que ocorrem aos pares, ou seja, os correlatores. São eles: *mais... (do) que; menos... (do) que*. Apresentaremos exemplos e os comentaremos na Aula 9, dedicada às orações subordinadas e às orações correlatas.

Caracteriza-se como *hipotática adverbial concessiva* a oração que expressa ideia de contraposição em relação ao conteúdo da oração matriz. Nesse tipo de relação, um fato ocorre apesar de outro que lhe é adverso. Observemos os períodos destacados dos recortes textuais a seguir.

Excerto 1

Apesar de não viajar muito, posso dizer que conheço lugares interessantes e muito bonitos. Um desses lugares não fica tão longe, é próximo da divisa do Rio Grande do Norte com o Ceará e ao contrário do que pode parecer não é sempre quente, pelo contrário, à noite a temperatura beira os 10 graus. [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 22 jan. 2022. Texto adaptado.

Excerto 2

[...]

F1: o negócio é:: é comprar qualquer coisa assim de borracha né... pra pôr...

F2: não não é nem ali às vezes sai com a roupa molhada né... molha o caminho fica molhado né... escorregadio... (e esse outro) mesmo com água... pelo menos não escorrega... nem que esteja molhado... não escorrega [...]

Fonte: CUNHA, M. A. F. (org.). Banco Conversacional de Natal.Natal: EDUFRN, 2011. p. 301-302.

(i) ***Apesar de não viajar muito****, posso dizer que conheço lugares interessantes e muito bonitos.*

(ii) ***nem que esteja molhado****... não escorrega...*

As orações em negrito expressam uma oposição em relação à informação subsequente (*conheço lugares interessantes e muito bonitos*, no primeiro caso; *não escorrega*, no segundo). Observe que, no primeiro período (i), o fato de o informante não viajar muito se contrapõe (mas não invalida) à ideia de ele conhecer lugares interessantes e muito bonitos. No segundo (ii), de modo semelhante, a informação de que o caminho está molhado se opõe à ideia de não escorregar, mas não a invalida: apesar de *molhado*, o caminho não fica escorregadio (por causa do material de borracha utilizado).

Cabe destacar que, de algum modo, as relações semânticas de concessão e adversidade se assemelham. Daí ser possível, em muitos casos, articular ideias por meio de elementos concessivos ou adversativos e reunir essas relações sob o rótulo mais amplo da *contrajunção*

(KOCH, 2002, 2011). Considerando, por exemplo, o período ***Apesar de não viajar muito****, posso dizer que conheço lugares interessantes e muito bonitos*, este poderia ser reescrito, mantendo-se o sentido original, da seguinte forma: *Não viajo muito, mas posso dizer que conheço lugares interessantes e muito bonitos.* Note que, no texto de origem, foi utilizado o elemento concessivo *apesar de*, enquanto na reescrita foi empregado o conectivo adversativo *mas*.

É preciso ressaltar, contudo, que concessão e adversidade enfatizam porções informacionais distintas: enquanto um elemento concessivo figura na informação que é superada/invalidada, o elemento adversativo ocorre na parte do período cujo conteúdo é mais relevante, ou seja, que supera a informação precedente. Considerando os períodos discutidos no parágrafo anterior, perceba que a ideia de não viajar muito (em que ocorre o conectivo concessivo) é superada pela informação de conhecer lugares interessantes e muito bonitos. No caso da reescrita, o elemento adversativo figura na informação que é posta como mais relevante.

Do ponto de vista discursivo-pragmático, a oração concessiva antecipa uma orientação argumentativa, no sentido de indicar que o conteúdo nela contido será invalidado pela informação seguinte, tomada como mais relevante. Considerando como exemplo o período (i) *Apesar de não viajar muito, posso dizer que conheço lugares interessantes e muito bonitos*, a ideia concessiva marcada pelo conectivo *apesar de* indica previamente que a informação de não viajar muito será invalidada pelo conteúdo da oração seguinte (*conhecer lugares interessantes e muito bonitos*).

Diferentemente, o uso de uma oração adversativa envolve quebra de expectativa em relação a uma possível conclusão resultante da informação anterior. Tomando por base a reescrita do período em análise (*Não viajo muito, mas posso dizer que conheço lugares interessantes e muito bonitos*), a ideia de adversidade marcada pelo *mas* introduz informação (*conhecer lugares interessantes e muito bonitos*) que contraria uma expectativa criada pelo conteúdo de *não viajar muito*: o fato de alguém não viajar muito poderia levar à conclusão de que ele(a) não conhece muitos lugares, o que é deixado de lado com a ênfase na relevância da qualidade dos lugares conhecidos, daí a quebra de expectativa. Com isso, conhecer lugares importantes e muito bonitos serve como compensação ao fato de não viajar muito.

É classificada como *hipotática adverbial condicional* a oração que indica ideia de condição, hipótese ou eventualidade em relação ao conteúdo da oração matriz. Nesse tipo de relação, a ocorrência de um fato (real, hipotético, possível/provável) é condicionada à realização de outro. Observemos os períodos destacados dos fragmentos textuais a seguir.

Excerto 1

[...] e... aí na hora do evangelho... eu começo a aclamação evangélica... eu saio para um lugar à parte... eu e o naveteiro nos separamos... nós damos a volta pra frente do altar... onde ele está... se ele permanecer sentado na cátedra... nós nos ajoelhamos... caso ele não permaneça... nós levantamos/ eh:: nós ficamos de pé... ele levanta... aí nós ficamos de pé... ele deita novamente o incenso no turíbulo... eu fecho o turíbulo [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/juiz_de_fora.pdf. Acesso em: 22 jan. 2022.

Excerto 2

[...] sabemos agora que tudo que percebemos como doce ativa o mesmo receptor, enquanto compostos amargos ativam outro tipo de receptor.

Se o mapa da língua estivesse correto, poderíamos esperar que o receptor do sabor doce estivesse localizado só na frente da língua, assim como os receptores amargos no fundo. Mas esse não é o caso. Todos os receptores são encontrados em todas as áreas da língua.

Fonte: http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2015/07/o-mapa-de-sabores-da-lingua-que-voce-estudou-na-escola-esta-errado.html. Acesso em: 22 jul. 2015. Texto adaptado.

(i) ***se ele permanecer sentado na cátedra****... nós nos ajoelhamos...* ***caso ele não permaneça****... nós levantamos.*

(ii) ***Se o mapa da língua*** estivesse ***correto****, poderíamos esperar que o receptor do sabor doce estivesse localizado só na frente da língua [...]*

As orações em negrito indicam a condição para que o evento apresentado na oração seguinte se realize. No primeiro caso (i) – do Excerto 1 –, permanecer sentado na cátedra condiciona a ação de ajoelhar-se; não permanecer é condição para levantar-se. No segundo caso (ii) – Excerto 2 –, a correção do mapa da língua é condição hipotética para determinada expectativa (a de que o receptor do sabor doce estivesse localizado apenas na frente da língua). Note que, no primeiro caso, a condição está associada à ideia de possibilidade, enquanto no segundo relaciona-se à noção de hipótese.

A oração *hipotática adverbial conformativa* expressa uma informação que está de acordo com o conteúdo veiculado na oração matriz. Trata-se de um tipo de comparação, em que o conteúdo de uma oração é posto em consonância com o de outra. Atente para a ocorrência comentada após o seguinte fragmento textual:

> […] tem... tem homens que sabem fazer coisas que as mulheres fazem... tem as mulheres que sabem fazer coisas que homens fazem... entendeu? e... e... esse papel... em sociedade... esse papel... vida... namoro... etc... quer dizer... não depende só de uma pessoa... né? conforme diz o ditado ((buzina)) "quando um não quer... dois não brigam..." então... você não... não pode chegar e... e dizer "não... fulano é mais importante [...]
>
> **Fonte:** http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/rio_de_janeiro_a.pdf. Acesso em: 22 jan. 2022.

A oração em negrito no período ***conforme diz o ditado*** *"quando um não quer... dois não brigam..."* estabelece relação de conformidade com o que é afirmado nas orações seguintes (o ditado popular). Essa relação é marcada pelo conectivo *conforme*.

Chama-se *hipotática adverbial consecutiva* a oração cujo conteúdo exprime resultado (ou consequência) em relação à oração matriz. Normalmente, essa ideia de consequência é codificada por conectivos do tipo *de modo que*, *de forma que*, *de sorte que*. Vejamos a oração em negrito no trecho destacado do recorte textual abaixo.

> Fui levada a um contato com a professora da alfabetização o, que, tendo por base o perfil de aluno dado por mim, chamou o informante e nos apresentou, ajudando-me a explicar-lhe a natureza e a finalidade do trabalho. Ele aceitou colaborar, e, antes mesmo de nos instalarmos numa sala, fomos conversando sobre os "comandos" da entrevista, de modo que ele pudesse ter um tempinho para pensar nos temas que desenvolveria depois. [...]
>
> **Fonte:** http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/juiz_de_fora.pdf. Acesso em: 22 jan. 2022.

- *[...] fomos conversando sobre os "comandos" da entrevista,* ***de modo que ele pudesse ter um tempinho*** *para pensar nos temas que desenvolveria depois.*

Observe que a oração em negrito (*de modo que ele pudesse ter um tempinho*), introduzida pelo conectivo *de modo que*, expressa informação resultante (uma consequência) em relação ao conteúdo precedente (a conversa prévia sobre os comandos da entrevista a ser feita). Destacamos que a hopotática adverbial consecutiva também pode ser expressa com o uso de conectores que ocorrem aos pares, ou seja, os correlatores. São eles: *tão... que; tanto... que*. Apresentaremos exemplos e os comentaremos na Aula 9, dedicada às orações subordinadas e às orações correlatas.

Para exercitar o conteúdo estudado sobre orações hipotáticas, faça a atividade proposta a seguir.



Atividade 2

Leia o texto a seguir e desenvolva as questões 1 e 2.

O custo (oculto) da água

Renata Valério de Mesquita

Parar de tomar refrigerante economiza muito mais água do que deixar de tomar banho. Você já tinha pensado nisso? A provocação feita pelo geógrafo Arpad Spalding pode parecer controversa, num primeiro instante. Ainda mais por vir de um "hippie", como gostam de rotular o estilo de vida de Spalding, que mora em uma ecovila. Mas ela é muito sensata (sem ter a intenção de estimular, com isso, a substituição de um costume pelo outro), principalmente no Brasil, um dos cinco maiores consumidores de refrigerantes do mundo.

Dez minutos de uma boa ducha consomem 162 litros de água, enquanto a produção de meio litro de refrigerante demanda 170 a 310 litros de água, segundo a metodologia

da “pegada hídrica”, disseminada mundialmente com a criação, em 2008, da Water Footprint Network (WFN), baseada na Holanda. Essa matemática não se baseia apenas no líquido da bebida. A questão principal da comparação é a quantidade de “água invisível” ou “água virtual”. Ou seja, aquela água que não se vê, mas indiretamente está em cada item fabricado, porque é necessária no processo de confecção.

[…]

“Não devemos usar esses números para chocar as pessoas, mas sim para ajudá-las a repensar seu consumo”, afirma Alessandro Azzoni, economista e advogado especializado em direito ambiental. “A grande vantagem de viver a crise hídrica que algumas regiões do Brasil enfrentam hoje deveria ser a oportunidade de mudança cultural.” Afinal, considera ele, não se deve deixar de consumir laranja porque a fruta precisa de água para se formar. Mas pode-se escolher um produtor que utilize sistema de gotejamento ou por vaporização na irrigação, já que essas técnicas reduzem a 30% e a 20%, respectivamente, o gasto de água em relação ao método intensivo (a jato).

[…]

Para o geógrafo, que gosta de contas, a agricultura orgânica é muito mais barata do que parece, pois já internaliza todos os custos ambientais. O cultivo orgânico tem um manejo sustentável, que não lesa o meio ambiente, e a agricultura tradicional afeta não só o ambiente local (solo), como a água, deixando mais caro seu tratamento, aumentando o assoreamento dos rios e contaminando os aquíferos. “Se você incluir no preço que chega ao consumidor todos esses custos, um pé de alface convencional vai custar R$ 5, enquanto o orgânico, R$ 3. Mas ninguém faz essa conta. O dia em que os custos ambientais entrarem na conta, vamos repensar nossos padrões de consumo”, garante.

[…]

Em vez de remunerar os acionistas, a empresa [Sabesp] deveria remunerar quem não desmatou e alimentou essa cadeia natural, como agricultores que não usam veneno na plantação. Como não se pode fazer muita coisa em áreas protegidas, ele acredita ser fundamental haver o pagamento por serviços ambientais. Pela sua experiência, quando não é assim, o terreno acaba sendo desmatado e loteado.

[…]

"A água se renova por meio da biodiversidade se não interferimos, mas, se estamos destruindo a base biogeofísica do planeta para obter lucro para poucos no curto prazo, a água não vai conseguir se renovar. Fazemos parte do ciclo hidrológico", alerta Renato Tagnin, arquiteto urbanista e professor do Centro Universitário Senac. Tagnin sugere que se pense a água como a corrente sanguínea da Terra: se ela estiver contaminada, não há o que não vá ser afetado. Mas ele ressalta que, embora a água tenha importância fundamental, o recurso mais precioso agora é o tempo. É preciso agir rapidamente.

Fonte: https://www.revistaplaneta.com.br/o-custo-oculto-da-agua/. Acesso em: 22 jan. 2022. Texto adaptado.

1 Nos períodos a seguir, indique a ideia expressa pela oração em negrito (causa, *comparação*, *concessão*, *conclusão*, *condição*, *conformidade*, *consequência* ou *explicação*).

a) Ainda mais por vir de um "hippie", **como gostam de rotular o estilo de vida de Spalding**, que mora em uma ecovila.

b) Ou seja, aquela água que não se vê, mas indiretamente está em cada item fabricado, **porque é necessária no processo de confecção**.

c) Afinal, considera ele, não se deve deixar de consumir laranja **porque a fruta precisa de água para se formar**.

d) Mas pode-se escolher um produtor que utilize sistema de gotejamento ou por vaporização na irrigação, **já que essas técnicas reduzem a 30% e a 20%, respectivamente, o gasto de água em relação ao método intensivo (a jato)**.

e) Para o geógrafo, que gosta de contas, a agricultura orgânica é muito mais barata do que parece, **pois já internaliza todos os custos ambientais**.

f) **Se você incluir no preço que chega ao consumidor todos esses custos**, um pé de alface convencional vai custar R$ 5, enquanto o orgânico, R$ 3.

g) **Como não se pode fazer muita coisa em áreas protegidas**, ele acredita ser fundamental haver o pagamento por serviços ambientais.

h) Mas ele ressalta que, **embora a água tenha importância fundamental**, o recurso mais precioso agora é o tempo.

2 Reescreva o período da letra "g" da questão anterior transformando-o em uma relação *explicativa* e o da letra "h" em uma relação *adversativa*. Para tanto, faça os ajustes morfossintáticos necessários a fim de que resultem coerentes com a ideia expressa em cada um.

g)

h)

Retomemos o estudo da hipotaxe, analisando outros tipos de orações que expressam essa relação. A oração *hipotática adverbial final* caracteriza-se por indicar ideia de propósito, intenção, objetivo, finalidade em relação ao conteúdo da oração matriz. Para exemplificar essa ideia, observemos a amostra no recorte textual seguinte.

Fui levada a um contato com a professora da alfabetização o, que, tendo por base o perfil de aluno dado por mim, chamou o informante e nos apresentou, ajudando-me a explicar-lhe a natureza e a finalidade do trabalho. Ele aceitou colaborar, e, antes mesmo de nos instalarmos numa sala, fomos conversando sobre os "comandos" da entrevista, de modo que ele pudesse ter um tempinho para pensar nos temas que desenvolveria depois.

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/juiz_de_fora.pdf. Acesso em: 23 jan. 2022.

Note que a oração *para pensar nos temas* exprime propósito em relação à informação precedente *ele* (o informante) *pudesse ter um tempinho*. Daí o fato de essa oração ser classificada como adverbial final.

Consideramos *hipotática adverbial locativa* a oração que expressa o espaço/lugar em que ocorre ou se dá o evento ou fato descrito na oração matriz. Esse tipo de oração, entretanto, não é abonado pela NGB, mas é admitido por gramáticos como Kury (1991) e Bechara (2009) sob o rótulo de *oração subordinada adverbial locativa*. Considere a oração em destaque no trecho a seguir.

Nós sabemos que o Papa João Paulo II foi aquele que acabou com o comunismo na Polônia; foi aquele que derrubou, com a força de a oração, o muro de Berlim; aquele que mais visitou países; aquele que levou a paz; o papa da juventude; o papa de todos; amado e querido por todos. Inclusive, em vida, ainda, o povo já o aclamava santo. Na sexta-feira, eu recebi um telefonema do padre Wladislau Milak, que trabalha **onde João Paulo II nasceu, na Cracóvia**, dizendo:' Padre, recebi sua carta, levei para o cardeal e o cardeal aprovou. Vocês conseguiram a relíquia de São João Paulo II, uma gota de sangue desse homem tão santo e querido por nós!' ", contou padre Daniel, que, ao lado do Bispo Diocesano, sorriu diante das manifestações de alegria dos paroquianos, que deram uma salva de palmas.

Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/now/. Acesso em 25 out. 2023.

A oração *onde João Paulo II nasceu, na Cracóvia* indica o lugar em que o padre Wladislau Milak trabalha. Essa oração é considerada hipotática locativa porque se relaciona, por adjunção, à anterior (*que trabalha*), servindo-lhe como adjunto adverbial de lugar.

Quando, porém, a oração de valor locativo funcionar como complemento do verbo da oração matriz (principal), não terá natureza hipotática, mas subordinada. É o que acontece na oração destacada no trecho da canção de Agepê, reproduzido a seguir.

Moro **onde não mora ninguém**
Onde não passa ninguém
Onde não vive ninguém
É lá onde moro
E eu me sinto bem
Moro onde moro...

AGEPÊ. Moro onde não mora ninguém. Fonte: http://www.vagalume.com.br/agepe/moro-onde-nao.html. Acesso em 23 jan. 2022. Grifo nosso.

A oração *onde não mora ninguém* funciona como complemento do verbo *morar*, presente na oração matriz (principal). *Morar* requer complemento que indica o lugar em que se mora. Nesse caso, a oração destacada no fragmento é subordinada substantiva.

A oração *hipotática adverbial modal* é aquela que exprime de que maneira (modo) se dá ou ocorre o fato expresso na oração matriz. À semelhança da locativa, esse tipo de oração também não é reconhecido pela NGB, embora seja aceito por Kury (1991), Lima (1994) e Bechara (2009), sob a denominação de oração subordinada adverbial modal. Tomemos como exemplo a oração em negrito, retirada do trecho da canção *Sem dizer nada*.

Me tens em tuas mãos
Por teus caminhos vou
Sem dizer nada, nada!
Nessa veia, flui a dor
E eu te quero
Pra morrer de amor
[...]

DUBOC, J. Sem dizer nada. Fonte: http://www.vagalume.com.br/jane-duboc/sem-dizer-nada.html. Acesso em: 27 jan. 2022. Grifo nosso.

Perceba que a oração *Sem dizer nada, nada!* indica o modo/a maneira como se dá o fato expresso na oração anterior (*Por teus caminhos vou*). Eis por que a oração em destaque é classificada como hipotática adverbial modal.

Considera-se *hipotática adverbial proporcional* a oração cujo conteúdo indica que um fato se dá na mesma medida em que outro ocorre. Introduzem esse tipo de oração conectivos como *à medida que, à proporção que*. Vejamos a oração extraída do trecho a seguir.

[...] as freiras né... elas saíam na rua e as casas que estavam assim... esculhambadas... elas íam... ajeitavam... consertavam... pintavam... e... limpavam carros né... tudo... convidavam... e... a gente vê que... que dava certo porque à medida que isso ia acontecendo... ia aparecendo mais gente na igreja né... já que as freiras estavam saindo [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 27 jan.2022.

Note que a oração *à medida que isso ia acontecendo* exprime proporcionalidade em relação ao fato de *ir aparecendo mais gente na igreja*. Note ainda que os eventos expressos por essas orações se dão na mesma medida.

Registramos que a hipotática adverbial proporcional também pode ser expressa com o uso de conectores que ocorrem aos pares, ou seja, os correlatores. São eles: *quanto mais... mais; quanto mais... menos; quanto menos... menos; quanto menos... mais*. Apresentaremos exemplos e os comentaremos na Aula 9, dedicada às orações subordinadas e às orações correlatas.

A oração *hipotática adverbial temporal* indica o tempo em que ocorre ou se dá o evento/fato descrito na oração matriz. A noção de temporalidade expressa por esse tipo oracional pode envolver concomitância, anterioridade ou posterioridade. Observemos os casos extraídos dos excertos textuais a seguir.

Excerto 1

[...] então a primeira coisa que eu faço é... pegar o cardápio e ver o que que eu vou fazer... olho o que que eu tenho em casa e o que eu não tiver... vou ao supermercado... então esse peixe... eu compro a posta de peixe e boto no limão... e no alho e no sal e deixo curti-lo... enquanto isso eu cozinho umas batatas... não é... ainda na casca para ficar aquela:: pra ela não ficar muito molhada [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 27 jan. 2022.

Excerto 2

Há pouco menos de um ano foi liberado a construção de um posto de gasolina no início desse santuário ecológico. Assistimos inertes e com o aval das autoridades à descabida construção. Onde iremos parar? Não sei. Só temos é que estar bem atentos a essas transformações sutis e constantes antes que o pior, em termos ambientais, aconteça-nos. [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 27 jan. 2022.

Excerto 3

[...] então quando foi no outro dia de manhã ele foi lá né... aí o velho tava só... aí o velho resolveu abrir o jogo... aí o velho assim que recebeu ele... mal tocou na porta ele disse a mesma frase que o cara que ti/ o cara que tinha morrido né... aí ele disse se arrepiou logo todinho né... "vixe maria..." [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 27 jan. 2022.

(i) *[...] eu compro a posta de peixe e boto no limão... e no alho e no sal e deixo curti-lo... **enquanto isso eu cozinho umas batatas**...*

(ii) *Só temos é que estar bem atentos a essas transformações sutis e constantes **antes que o pior, em termos ambientais, aconteça-nos**.*

(iii) *[...] **o velho assim que recebeu ele... mal tocou na porta** ele disse a mesma frase...*

Todas as orações em negrito expressam o tempo em que os respectivos eventos ocorrem: o tempo em que o peixe é deixado curtindo, no primeiro caso (i); o momento em que se deve ficar bem atento a transformações sutis e constantes, no segundo (ii); o instante em que a mesma frase foi dita, no terceiro (iii). Observemos que, em cada uma dessas situações, há sutileza (especificação) quanto ao tempo expresso: concomitância na primeira situação (o cozimento das batatas se dá ao mesmo tempo que o peixe fica curtindo); anterioridade na segunda (a necessidade de ficar atento é anterior ao que pode acontecer de pior); e posterioridade na terceira (a ação de dizer a mesma frase ocorre depois de o velho receber alguém e de tocar na porta).

Além das orações adverbiais, as hipotáticas também incluem a *adjetiva explicativa*. Esse tipo de oração apresenta caráter parentético e suplementar, visto que exprime um comentário do locutor sobre dado referente e menor vinculação sintática com o termo a que se refere, com pausa na fala e separação por sinal de pontuação na escrita (NEVES, 2000; BRITO, 2003). Funciona como um realce semântico ao antecedente do pronome relativo. O conteúdo da hipotática adjetiva explicativa destaca uma característica/propriedade do antecedente tomada como relevante para a situação comunicativa em que ela é usada. Vejamos a amostra destacada neste trecho:

> [...] Armado de um cabo de vassoura, aproximei-me cauteloso, enquanto ela me olhava, a duvidar de minhas reais intenções. "Não é possível" – pensou a lagartixa – "que esse sujeito vai me dar, a mim, que nada lhe fiz, uma cacetada." [...]
>
> **CAMPOS,** P. M. Lagartixa. Fonte: https://contobrasileiro.com.br/lagartixa-cronica-de-paulo-mendes-campos/. Acesso em: 27 jan. 2022. Grifo nosso.

No trecho *que esse sujeito vai me dar, a mim,* ***que nada lhe fiz****, uma cacetada*, a oração em negrito traz uma informação suplementar em relação ao referente do pronome *mim* (= a lagartixa): a de que o animal nada fez contra o homem. Essa informação, diferentemente do que sugere a descrição da adjetiva explicativa em vários compêndios gramaticais, é relevante para o contexto e não pode ser dispensada. O conteúdo da adjetiva *que nada lhe fiz* serve de argumento à lagartixa para não acreditar que o homem vá machucá-la. Em termos formais, a hipotática adjetiva explicativa possui menor vinculação morfossintática à oração matriz, havendo uma pausa entre a adjetiva e o termo antecedente (*mim*, no caso da amostra analisada), marcada por vírgula.

É importante registrar que orações hipotáticas podem vir codificadas de modo reduzido, isto é, com o verbo nuclear na forma nominal (não finita) de gerúndio, particípio ou infinitivo. Isso pode ser verificado nas amostras a seguir.

Excerto 1

[…] A noite na praia é um encontro, ficávamos a cantar hinos e depois conversávamos, comíamos pipoca, sorríamos, enfim, tudo era gostoso.

Ao amanhecer tínhamos as nossas tarefas a cumprir só que, antes disso fazíamos todos os dias uma consagração. […]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 27 jan. 2022.

Excerto 2

Não é preciso nem dizer do estardalhaço quando Chico Malazarte levantou-se arrastando, de cima do rico móvel, todos os pratos, travessas, candelabros e cristais à sua volta. Esta estória contada pelo Jorge teve um sentido muito divertido porque ele soube animar muito bem a personagem do Chico Malazarte. […]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 27 jan. 2022.

Excerto 3

Absurdo tributário: feitas as contas, Imposto de Renda aumentou 268%

Isso acontece por conta do reajuste da tabela do IR feito abaixo da inflação.

Fonte: https://www.psdb.org.br/acompanhe/em-10-anos-rendimento-trabalhador-aumenta-mas-tabela-ir-teve-reajuste-abaixo-da-inflacao. Acesso em: 27 jan. 2022.

(i) ***Ao amanhecer***, *tínhamos as nossas tarefas a cumprir…*
(ii) *[…] quando Chico Malazarte levantou-se* ***arrastando, de cima do rico móvel, todos os pratos, travessas, candelabros e cristais à sua volta***.
(iii) *Absurdo tributário:* ***feitas as contas***, *Imposto de Renda aumentou 268%***.**

As orações hipotáticas em negrito apresentam o verbo nuclear na forma não finita: infinitivo no primeiro caso (*amanhecer*), gerúndio no segundo (*arrastando*) e particípio no terceiro (*feitas*). A oração *Ao amanhecer*, na amostra (i), estabelece relação temporal, equivalendo à forma desenvolvida *Quando amanheceu*, sendo, portanto, hipotática adverbial temporal. No segundo trecho (ii), a oração em negrito indica a maneira como Chico Malazarte levantou-se, daí ser hipotática adverbial modal. *Feitas as contas*, em (iii), expressa ideia de condição para se perceber o percentual de aumento do imposto de renda, sendo, dessa forma, hipotática adverbial condicional.

Cabe destacar, ainda, que há conectores oracionais que podem exprimir diferentes valores semânticos, introduzindo, assim, variados tipos de orações hipotáticas. Vejamos, a título de ilustração, os seguintes casos, extraídos das amostras de 1 a 5.

Excerto 1

Numa sala de aula havia várias crianças. Uma delas perguntou à professora:

– Professora, o que é o amor?

A professora sentiu que a criança merecia uma resposta à altura da pergunta inteligente que fizera. Como já estava na hora do recreio, pediu para que cada aluno desse uma volta pelo pátio da escola e que trouxesse o que mais despertasse nele o sentimento de amor. [...]

Fonte: https://kdmensagens.com/mensagem/numa-sala-de-aula-havia-varias-criancas. Acesso em: 27 jan. 2022. Texto adaptado.

Excerto 2

[…] Ele [o nordestino sertanejo] tá sempre aflito e sempre passando fome e sempre vivendo em condição precária... num tendo hospital... num tendo segurança... num tendo educação... é como:: vivem animais e nós que vivemos aqui temos um pouquinho de:: ainda de indústria... de educação... estamos quase nos igualando a eles porque a gente não vê isso [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 27 jan. 2022.

Excerto 3

Não quero regra nem nada
Tudo tá como o diabo gosta, tá,
Já tenho este peso, que me fere as costas,
e não vou, eu mesmo, atar minha mão.
[...]

BELCHIOR. Como o diabo gosta. Fonte: https://www.letras.mus.br/belchior/344908/. Acesso em: 27 jan. 2022.

Excerto 4

Eu faço uma comida, que acho muito boa, pelo menos o meu estômago não reclama!

É uma espécie de macarrão que vem em uma embalagem plástica geralmente para uma pessoa, podendo até ser para duas ou três, desde que satisfaça o apetite de cada uma. Dentro da embalagem vem em um saquinho um pó que ao misturá-lo. [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/rio_de_janeiro_a.pdf. Acesso em: 27 jan. 2022.

Excerto 5

[...] porque tem sempre uma... uma falcatrua... tem sempre uma coisa... eh:: por debaixo do pano... então eu acho que... que o país vive uma crise de... de honestidade mesmo... que não é de agora... que é uma coisa que vem desde que a gente foi criado... né? já vem com as pessoas que colonizaram o Brasil [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/rio_de_janeiro_a.pdf. Acesso em: 27 jan. 2022.

(i) ***Como*** *já estava na hora do recreio, pediu para que cada aluno desse uma volta pelo pátio da escola [...]*

(ii) *Ele [o nordestino sertanejo] tá [...] sempre vivendo em condição precária [...] é* ***como::*** *vivem animais [...]*

(iii) *Tudo tá* ***como*** *o diabo gosta, tá, [...]*

(iv) *[...] uma embalagem plástica geralmente para uma pessoa, podendo até ser para duas ou três,* ***desde que*** *satisfaça o apetite de cada uma.*

(v) *[...] que é uma coisa que vem* ***desde que*** *a gente foi criado... né?*

Nos três primeiros trechos, o conectivo *como* estabelece diferentes relações semânticas entre as orações que articula, a saber: causa no primeiro, comparação no segundo e conformidade no terceiro. As orações por esse conectivo classificam-se, respectivamente, como hipotática adverbial causal, hipotática adverbial comparativa e hipotática adverbial conformativa. Nos dois últimos trechos, o conectivo

desde que também indica relações semânticas distintas, quais sejam: condição em ***desde que*** *satisfaça o apetite de cada uma;* e tempo em ***desde que*** *a gente foi criado*. Desse modo, as orações em que o conector ocorre são classificadas como hipotática adverbial condicional e hipotática adverbial temporal, nessa ordem.

Portanto, a classificação de uma oração hipotática adverbial não depende apenas do conectivo que a introduz. É preciso considerar, sobretudo, o tipo de relação semântica estabelecida entre as orações articuladas pelo conectivo.

Façamos, a seguir, mais uma atividade para exercitar o que foi discutido sobre as orações hipotáticas.



Atividade 3

Leia o texto a seguir e, com base nele, responda às questões 1 e 2.

Agrotóxicos sem veneno

Xico Graziano

[...]

No bê-á-bá da agronomia se aprende que um inseto somente pode ser considerado uma praga se causar danos econômicos às plantações. Isso porque, na natureza bruta, folhas e grãos são normalmente mastigados pelos bichinhos, que se reproduzem no limite estabelecido por seus predadores naturais. Quando, por qualquer motivo, se rompe o equilíbrio do ecossistema, altera-se a dinâmica das populações envolvidas naquela cadeia alimentar. Advêm problemas ecológicos.

[...]

Cinzas de madeira foram os primeiros defensivos agrícolas. A partir de 1850, quando a população humana já atingira seu primeiro bilhão, alguns produtos químicos, como o arsênico e o mercúrio, começaram a ser utilizados.

[...]

Em 1962, a bióloga norte-americana Raquel Carson publicou seu extraordinário livro *Primavera Silenciosa*,

mostrando que ovos de pinguins da Antártida continham resíduos de pesticidas clorados. O alerta forçou os governos a atuar e obrigou a indústria a evoluir. Uma vez que se mostravam persistentes no meio ambiente, a primeira geração de produtos agrotóxicos clorados acabou mundialmente banida. Desde 1985 encontram-se proibidos no Brasil.

[...]

Pois bem, nem o aumento dos humanos, que já ultrapassaram 7 bilhões de habitantes, nem a expansão rural, que já ocupa 37% da superfície da Terra, cessaram. Ainda que a tecnologia tenha conseguido notáveis sucessos, o vetor básico continua atuando: novas bocas para alimentar exigem mais alimentos, que pressionam o desmatamento, que aumenta o desequilíbrio dos ecossistemas, que favorece o surgimento de pragas e doenças. Trajetória da civilização.

[...]

Surge agora, nos laboratórios, uma geração de moléculas que atuam exclusivamente sobre o metabolismo dos insetos-praga, bloqueando sinais vitais. Funcionam de forma seletiva, combatendo- os sem aniquilar os predadores naturais, nem afetar insetos benéficos ou animais mamíferos. No sentido ambiental, configuram-se como pesticidas não venenosos, deixando de ser "agrotóxicos". Sensacional.

Existe, ainda, contaminação de alimentos por agrotóxicos tradicionais. O problema, contudo, difere do de outrora, quando resíduos cancerígenos dominavam as amostras coletadas. Hoje a grande desconformidade recai sobre o uso de produtos químicos não autorizados para aquela lavoura pesquisada, embora sejam permitidos em outras. Raramente se apontam resíduos químicos acima dos limites mínimos de tolerância.

Isso ocorre por dois motivos. Primeiro, o governo tem sido extremamente lerdo no registro de novos defensivos agrícolas. Segundo, mostra-se muito onerosa, para as empresas, cada autorização de uso para lavouras distintas.

Resultado: inexistindo produto "oficial" para o canteiro de pimentão, por exemplo, o horticultor utiliza aquele outro vendido para tomate. O problema, como se percebe, é mais agronômico, menos de saúde.

[...]

Fonte: https://www.sistemafaep.org.br/agrotoxicos-sem-veneno/. Acesso em: 27 jan. 2022. Texto adaptado.

1 Classifique as orações hipotáticas destacadas nos trechos seguintes.

a) [...] um inseto somente pode ser considerado uma praga **se causar danos econômicos às plantações.**

b) **Quando, por qualquer motivo, se rompe o equilíbrio do ecossistema**, altera- se a dinâmica das populações envolvidas naquela cadeia alimentar.

c) **Uma vez que se mostravam persistentes no meio ambiente**, a primeira geração de produtos agrotóxicos clorados acabou mundialmente banida.

d) **Ainda que a tecnologia tenha conseguido notáveis sucessos**, o vetor básico continua atuando [...]

e) Funcionam de forma seletiva, combatendo-os **sem aniquilar os predadores naturais**, nem afetar insetos benéficos ou animais mamíferos.

f) Hoje a grande desconformidade recai sobre o uso de produtos químicos não autorizados para aquela lavoura pesquisada, **embora sejam permitidos em outras**.

g) Resultado: **inexistindo produto "oficial" para o canteiro de pimentão, por exemplo**, o horticultor utiliza aquele outro vendido para tomate.

h) O problema, **como se percebe**, é mais agronômico, menos de saúde.

2 Reescreva a oração destacada na letra "g" da questão anterior, de três formas distintas, fazendo uso, em cada vez, de conectivo de valor semântico diferente.



Leituras complementares

Para complementar/reforçar o conteúdo estudado nesta aula, sugerimos que você faça a leitura dos textos indicados a seguir.

RODRIGUES, Violeta Virgínia (org.). **Articulação de orações**: pesquisa e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ; Faculdade de Letras, 2017. Disponível em: http://posvernaculas. letras.ufrj.br/images/Posvernaculas/10-publicacoes/articulacao_oracoes19-06(simples).pdf.

Composto por dez capítulos, esse livro aborda a articulação de orações, ora com foco no(s) uso(s) de conectivo(s), ora com ênfase nos procedimentos sintáticos de vinculação oracional na perspectiva funcionalista. Particularmente, propomos a leitura do capítulo "Subordinação adverbial ou hipotaxe circunstancial?". Nele, a autora discute a inadequação da nomenclatura subordinação adverbial aplicada aos casos de hipotaxe adverbial.

BISPO, Edvaldo Balduino; LOPES, Anielle Bruna Fonseca. *Continuum* categorial entre explicação e restrição: uma análise de orações relativas. **Revista do GELNE**, Natal, v. 23, n. 2, p. 160-175, 2021. Link de acesso: https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/24992/14485.

Nesse artigo, os autores investigam as orações relativas em perspectiva escalar. Bispo e Lopes propõem um *continuum* categorial entre a explicação e a restrição, por meio do qual é possível dispor as orações relativas de forma gradiente. Assentada na Linguística Funcional de vertente norte-americana, a pesquisa considera parâmetros morfossintáticos e semântico-pragmáticos na análise das instâncias de uso desse tipo oracional, tais como o nível de vinculação formal entre a relativa e a oração matriz, a informatividade e a definitude do SN antecedente. Os resultados apontam que restritivas e explicativas não representam categorias discretas das relativas, mas compreendem um conjunto de orações que se distribui numa escala categorial em cujos extremos situam-se as explicativas típicas, com menor grau de integração à oração matriz e a ela relacionadas por adjunção/hipotaxe; e as restritivas prototípicas, com mais aderência morfossintática à matriz e a esta articuladas por encaixamento/subordinação.



Resumo

Retomamos, nesta aula, a distinção entre parataxe e hipotaxe, focalizando propriedades semântico-sintáticas de cada uma delas. Nessa direção, relembramos que, na parataxe, há relativa autonomia semântica e equivalência sintática entre as orações que se articulam. Já na hipotaxe ocorre dependência semântico-sintática entre as orações que constituem o período, ocorrendo adjunção circunstancial de uma em relação à outra. Estudamos, mais detidamente, os tipos de orações paratáticas e de orações hipotáticas. Em relação às paratáticas, vimos que elas compreendem as que expressam as noções de adição, adversidade e alternância e as chamadas orações assindéticas. As orações hipotáticas, por sua vez, distribuem-se entre as que exprimem circunstância adverbial de valor causal, comparativo, concessivo, conclusivo, condicional, conformativo, consecutivo, explicativo, final, locativo, modal, proporcional ou temporal, além de abarcar a adjetiva explicativa.

Autoavaliação

Leia o texto a seguir; depois, com base nele, responda às questões 1 a 4.

A cigarra e a formiga

Num dia de quente de verão, uma alegre cigarra estava a cantar e a tocar o seu violão, com todo o entusiasmo. Ela viu uma formiga passando, concentrada na sua grande labuta diária, que consistia em guardar comida para o inverno.

– D. Formiga, venha e cante comigo, em vez de trabalhar tão arduamente. – desafiou a cigarra. – Vamo-nos divertir.

– Tenho de guardar comida para o inverno. – respondeu a formiga, sem parar, e aconselho-a a fazer o mesmo.

– Não se preocupe com o inverno, pois está ainda muito longe. – disse a outra, despreocupada. – Como vê, comida não falta.

Mas a formiga não quis ouvir e continuou a sua labuta.

Os meses passaram e o tempo arrefeceu cada vez mais, até que toda a Natureza em redor ficou coberta com um espesso manto branco de neve. Chegou o inverno. A cigarra, esfomeada e enregelada, foi à casa da formiga e implorou humildemente por algo para comer.

– Se você tivesse ouvido o meu conselho no verão, não estaria agora tão desesperada. – ralhou a formiga. – Preferiu cantar e tocar violão?! Pois agora dance!

E dizendo isso, fechou a porta, deixando a cigarra entregue à sua própria sorte.

Moral: Não penses só em divertir-te. Trabalha e pensa no futuro. É melhor estarmos preparados para os dias de necessidade.

Fonte: https://www.turminha.com.br/blog/fabula-cigarra-e-formiga. Acesso em: 27 jan. 2022.

1 Coloque “P”, no caso de “Paratática”, ou “H”, no caso de “Hipotática”, considerando as orações em destaque dos períodos a seguir.

( ) “Num dia de quente de verão, uma alegre cigarra estava a cantar **e a tocar o seu violão, com todo o entusiasmo**.”
( ) “[...] respondeu a formiga, **sem parar**, [...]”
( ) “Não se preocupe com o inverno, **pois está ainda muito longe**.”
( ) “**Como vê**, comida não falta.”
( ) “**Se você tivesse ouvido o meu conselho no verão**, não estaria agora tão desesperada.”

2 Classifique as orações hipotáticas destacadas na questão anterior.

3 Considerando o período “E dizendo isso, fechou a porta, **deixando a cigarra entregue à sua própria sorte**”, assinale a única opção cuja ideia NÃO está implicada na relação estabelecida entre a oração em negrito e sua antecedente.

a) modo
b) adição
c) sequencialidade
d) temporalidade
e) consequência

4 Reescrevendo-se a “Moral” da história em um só período, NÃO é correto o que se apresenta na opção:

a) Não penses só em divertir-te, mas também trabalha e pensa no futuro, pois é melhor estarmos preparados para os dias de necessidade.

b) Não penses só em divertir-te, mas, somado a isso, trabalha e pensa no futuro, pois é melhor estarmos preparados para os dias de necessidade.

c) Não penses só em divertir-te, porém, de igual modo, trabalha e pensa no futuro, porque é melhor estarmos preparados para os dias de necessidade.

d) Não penses só em divertir-te, porém, ao invés disso, trabalha e pensa no futuro, por que é melhor estarmos preparados para os dias de necessidade.

e) Não penses só em divertir-te, mas também trabalha e pensa no futuro, visto que é melhor estarmos preparados para os dias de necessidade.

Referências

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**: atualizada pelo novo Acordo ortográfico. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BISPO, Edvaldo Balduino; LOPES, Anielle Bruna Fonseca. *Continuum* categorial entre explicação e restrição: uma análise de orações relativas. **Revista do GELNE**, Natal, v. 23, n. 2, p. 160-175, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/353531073_Continuum_categorial_entre_explicacao_e_restricao_uma_analise_de_oracoes_relativas. Acesso em: 27 jan. 2022.

BRITO, Ana Maria. Orações relativas e construções aparentadas. *In*: MATEUS, Maria Helena Mira *et al*. **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 653-694.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Coerência textual**. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KURY, Adriano da Gama. **Novas lições de análise sintática**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al*. **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

RODRIGUES, Violeta Virgínia (org.). **Articulação de orações**: pesquisa e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ; Faculdade de Letras, 2017. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/nucleos/nelu/articulacao_oracoes19-06(dupla).pdf. Acesso em: 21 fev. 2022.



Orações subordinadas e orações correlatas

Aula

9



Apresentação

Caro(a) aluno(a), ainda em continuidade ao estudo do período composto na visão funcionalista, trataremos, nesta aula, da subordinação (ou encaixamento) e da correlação (ou interdependência). Retomaremos a distinção entre esses modos de articulação oracional, detendo-nos, mais especificamente, nas orações subordinadas e nas correlatas. Nesse sentido, consideraremos os diversos tipos desses grupos de orações, estabelecendo um contraponto com a abordagem tradicional.

Objetivos

1. Caracterizar os processos de subordinação e de correlação.
2. Identificar os variados tipos de orações subordinadas e de correlatas.
3. Cotejar a tipologia adotada neste material com os estudos tradicionais de coordenação e de subordinação.



1 Subordinação e correlação

De acordo com o que expusemos na Aula 7, a subordinação envolve dependência semântico-sintática entre as orações que se articulam (CASTILHO, 2010; RODRIGUES, 2016). Do ponto de vista formal, a oração subordinada caracteriza-se pelo encaixamento em um constituinte da oração matriz (subordinante/principal). Nesse caso, funciona como termo (um SO) da oração com que se articula em relação de dependência, podendo ser sujeito, complemento, adjunto, predicativo ou aposto.

A correlação, por sua vez, implica interdependência semântico-sintática entre as orações. A interdependência entre essas orações se deve ao elo semântico-sintático dos correlatores que as articulam: *ou... ou; ora... ora; mais... (do) que; quanto mais... mais; quanto menos..., menos* etc. (ROSÁRIO, 2012). Esses correlatores ocorrem em pares, constituindo-se um conectivo bipartido e descontínuo, em que uma parte dele se encontra na primeira oração e a outra na segunda. Assim sendo, as orações correlatas correspondem a sintagmas oracionais (SO) interdependentes.

Ainda em consonância com o que vimos na Aula 7, as orações subordinadas correspondem às que desempenham função de sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento relativo, complemento nominal, predicativo do sujeito, adjunto adnominal ou aposto de um elemento da oração matriz (verbo ou nome). Compreendem, assim, os seguintes tipos oracionais previstos pela tradição gramatical: subordinadas substantivas subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas, apositivas e adjetivas restritivas.

Podem vir sob a forma de correlatas as orações tradicionalmente classificadas como coordenada aditiva, coordenada alternativa, subordinada comparativa, subordinada consecutiva e subordinada proporcional. Passemos, a seguir, ao detalhamento de cada um desses tipos de oração.

2 Tipos de orações subordinadas

O primeiro tipo de oração subordinada que analisaremos é a denominada *objetiva direta*. Esse tipo de oração caracteriza-se semanticamente por servir de complemento a um verbo transitivo da oração matriz. Trata-se, portanto, de um elemento previsto pela moldura semântico-sintática do verbo, correspondendo ao argumento interno deste. Do ponto de vista formal, esse tipo de oração é marcado pelo encaixamento em um constituinte da oração matriz, no caso, o verbo. Consideremos os trechos destacados após o fragmento textual a seguir.

[...]

Algumas pessoas acham que deveria mudar o técnico, mas para que mudar o técnico se está em plena fase de classificação para a copa do mundo? Será que iria resolver o problema? Será que mudando iria dar tempo para colocar as coisas nos eixos em tão pouco tempo de trabalho? A melhor alternativa ainda é trabalhar com o que tem, fazendo com que os jogadores tenham mais garra, mais vontade, pois, só assim, iríamos conseguir amenizar essa falta de interesse, esses problemas que andam rondando a nossa seleção. [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 29 jan. 2022.

(i) *Algumas pessoas acham* ***que deveria mudar o técnico*** *[...]*
(ii) *[...] pois, só assim, iríamos conseguir* ***amenizar essa falta de interesse*** *[...]*

As orações em negrito servem de complemento aos verbos *achar* e *conseguir*, respectivamente, funcionando como argumento interno (no caso, objeto direto) desses verbos. Daí serem consideradas subordinadas objetivas diretas.

Observe que, no primeiro caso, a oração objetiva direta encontra-se na forma desenvolvida, isto é, conta com o conectivo (*que*) mais o verbo na forma finita (o auxiliar *deveria* no futuro do pretérito). Já no segundo caso, a subordinada objetiva direta apresenta-se sob a forma reduzida: não há conectivo e o verbo está na forma não finita (no caso, no infinitivo impessoal: *amenizar*). Nesse segundo caso, portanto, a oração subordinada encontra-se justaposta à sua matriz.

A oração *subordinada subjetiva* é aquela que funciona como argumento externo do verbo da oração matriz, desempenhando a função de sujeito. À semelhança da objetiva direta, esse tipo oracional também é marcado pelo encaixamento no verbo da oração matriz. Vejamos os casos retirados adiante dos excertos 1 e 2.

Excerto 1

[...] o pai do menino resolveu ir pra cidade né... parece que ele ia ... parece que ele ia dar um curso lá ... porque ele trabalhava na área médica ... aí ia dar um curso ... foi dar um curso de primeiros socorros assim né ... aí no dia ele dava curso de socorros [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 29 jan. 2022.

Excerto 2

[...] chega até o momento em que eles se diziam que eram bicho e não gente e viviam em condições miseráveis como:: como animais e não como gente ... então é preciso que haja uma decisão nesse ... nesse nosso Brasil [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 29 jan. 2022.

(i) *[...] parece* ***que ele ia dar um curso lá*** *[...]*
(ii) *[...] é preciso* ***que haja uma decisão nesse ... nesse nosso Brasil*** *[...]*

As orações em negrito funcionam como sujeito das orações matrizes *parece*, na primeira amostra; e *é preciso*, na segunda (ou seja: algo parece; algo é preciso). Observe que os verbos da oração matriz ficam, invariavelmente, na 3ª pessoa do singular (*parece; é*). Trata-se de uma característica desse tipo de oração, que introduz subordinadas subjetivas.

Vale destacar, ainda, que as subordinadas subjetivas são introduzidas por orações matrizes que se compõem de:

a) verbo monoargumental (de um só argumento) do tipo *parecer*, *acontecer*, *ocorrer*, *convir* etc.;
b) verbo copulativo (de ligação) seguido de predicativo, tais como *é preciso*, *é necessário*, *é importante, é/está claro, é/fica evidente* etc.;
c) verbo na voz passiva, como *foi/ficou decidido*, *foi divulgado*, *foi definido, ficou acertado* etc.

Complemento relativo

Reveja o conceito e exemplificação de complemento relativo (CR) na aula 2.

Chamamos de oração subordinada *completiva relativa* aquela que, semanticamente, serve de complemento a um verbo transitivo da oração matriz. Do mesmo modo que a oração objetiva direta, a completiva relativa é um componente previsto pela moldura semântico-sintática do verbo, correspondendo a seu argumento interno (no caso, um **complemento relativo**). Do ponto de vista formal, esse tipo de oração é também marcado pelo encaixamento no verbo da oração matriz, podendo vir introduzido por preposição. Observe as ocorrências em destaque nos excertos textuais a seguir.

Excerto 1

Eu acredito **que religião não é capaz de trazer alegria, amor e paz para as pessoas**.

Ter religião não significa que você já tem o perdão de Deus pelos "pecados" (tudo o que desagrada a Deus), que você está livre. [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 29 jan. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

[...]

Olavo... agora a gente vai fazer relato de opinião... você gostaria **de dar a opinião sobre um... sobre algum tema...** algum tema que você gosta de debater? [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 29 jan. 2022. Grifo nosso.

As orações em negrito servem de complemento aos verbos das respectivas orações matrizes (*acreditar* e *gostar*). Note que, no primeiro caso, a preposição *em*, que normalmente acompanha o complemento de *acreditar*, foi omitida. Já no segundo caso, a preposição regida por *gostar* (*de*, no caso) é explicitada. Observe também que, no excerto 1, a oração completiva relativa está na forma desenvolvida, com a presença do conectivo (*que*) e o verbo em forma finita (flexionada: *é*); já no segundo excerto, essa oração apresenta-se na

forma reduzida, com verbo no infinitivo (*dar*), ou seja, um caso de oração justaposta.

Cabe destacar que a preposição regida pelo verbo ao qual a completiva relativa se vincula normalmente é omitida quando essa oração vem na forma desenvolvida. Quando, porém, apresenta-se na forma reduzida, a preposição sempre é utilizada.

Caracteriza-se como subordinada *completiva nominal* a oração que complementa um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio), sendo esta de natureza transitiva presente na oração matriz. Assim, corresponde a um complemento nominal. Do ponto de vista formal, esse tipo de oração é marcado pelo encaixamento em um nome transitivo da oração matriz, podendo ser introduzido por preposição. Observe as ocorrências destacadas nos recortes textuais adiante.

Excerto 1

[...]

Meu primo tem um cabelo tão grande que chega quase na cintura, mas para ir para lá [a fazenda] ele enrolou o cabelo em cima da cabeça e pôs um boné com medo **de que um homem chegasse atrás dele e passasse a mão nele** pensando que fosse uma mulher. [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/juiz_de_fora.pdf. Acesso em: 29 jan. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

Najila revelou, também, que neste segundo encontro, Neymar teria tentado acalmá-la receoso **de que ela saísse do quarto** e cometesse algum ato que afetasse sua imagem pública. Ela afirmou que após "extravasar, sua dor, sua raiva e sua angústia", começou a chorar e Neymar começou a acalmá-la para preservar sua imagem, com medo de que ela saísse de o quarto.

Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/now/. Acesso em: 29 jan. 2022. Grifo nosso.

Excerto 3

[...] eu fiquei sabendo que a gente tava concorrendo com três igrejas só... né... de várias igrejas ficamos mais perto **de ganhar**... né... a minha igreja e mais duas igrejas e... e... aí já começou a ficar mais animado e tudo porque eu queria esse prêmio de todo jeito pra ela... lá pra igreja... né [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 29 jan. 2022. Grifo nosso.

As orações destacadas nas amostras de 1 a 3 complementam os nomes das respectivas orações matrizes (*medo*, *receoso* e *perto*). Perceba que, nas duas primeiras amostras, as orações completivas nominais estão na forma desenvolvida, com a presença do conectivo (*que*) e do verbo em forma finita (flexionada: *chegasse* e *saísse*), além da preposição *de*, regidas pelos nomes que a precedem (o substantivo *medo*, na primeira; o adjetivo *receoso*, na segunda). Já na amostra 3, a oração completiva apresenta-se na forma reduzida, com verbo no infinitivo (*ganhar*) e com a presença da preposição *de*. É importante destacar que, quando vem na forma desenvolvida, a subordinada completiva nominal pode vir sem a preposição antes do conectivo, conforme se dá na ocorrência a seguir.

[...] mas dessa vez eu me acostumei... porque foi tanta injeção... que:: já tava... já tava no cotidiano... sabe? Já tinha me acostumado... mas foi um caso muito sério... minha garganta... eu tenho o maior medo **que aconteça isso de novo**... quando eu sinto... que minha garganta tá seca... eu já começo a tomar remédio [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 29 jan. 2022. Grifo nosso.

Note que a oração *que aconteça isso de novo*, destacada no trecho anterior, serve de complemento ao substantivo *medo*, daí funcionar como complemento nominal. Atente, ainda, para o fato de que ela está na forma desenvolvida, mas não há a preposição (no caso, *de*) antes do conectivo *que*.

Outro tipo de oração subordinada é a *predicativa*. Ela se caracteriza em termos semântico-sintáticos por corresponder ao predicativo do termo de valor nominal que a antecede, estando nele encaixada. Do ponto de vista formal, esse tipo de oração é precedido pelo verbo copulativo *ser* + *que* quando se apresenta com estrutura desenvolvida (isto é, na forma finita); quando reduzida, o verbo pleno se encontra, em geral, no infinitivo impessoal e o conectivo *que* é omitido. Confira esses casos nas ocorrências em destaque nos fragmentos textuais que seguem.

Excerto 1

[...] esse tempo todinho que passei no hospital numa cadeira de roda... tinha medo de... de... de... de levantar e num poder andar... interessante... num sentia dor nenhuma mas eu... eu tinha medo num sei por que... aí fiquei nisso aí né... todo e todo final de semana eu via o... o... meus parentes né... só de longe né... a... a sorte é **que fui bem**... bem atendido tanto pelo médico como as enfermeira [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 29 jan. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

Discutir religião é muito complexo. Eu vejo a religião como a fé, a mola que rege a humanidade. Não importa que seguimento se utiliza. O importante é **chegar a Deus**, não importa como. [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 29 jan. 2022. Grifo nosso.

As orações em negrito nos fragmentos 1 e 2 servem de predicativo aos elementos nominais que as precedem (*sorte* e *importante*, respectivamente), daí serem subordinadas predicativas. Observe que ambas as orações se ligam a esse elemento por meio do verbo *ser* (*é*) seguido do conectivo *que*. Perceba também que, no primeiro caso, a oração predicativa está na forma desenvolvida, com a presença do conectivo (*que*) e o verbo principal na forma finita (*fui*); no segundo, essa oração encontra-se na forma não finita, com o verbo nuclear no infinitivo impessoal (*chegar*) e sem conectivo.

A oração *subordinada apositiva* é aquela que equivale a um aposto. Em termos semânticos, ela carreia uma informação que funciona como explicitação/esclarecimento ou adendo em relação a um constituinte nominal de outra oração. Esse constituinte geralmente tem referência vaga, imprecisa, ou ainda, apresenta natureza catafórica, daí o conteúdo da oração apositiva ser necessário a seu recorte referencial, a sua especificação/explicitação. Do ponto de vista formal, essa oração envolve ruptura sintática, marcada, na fala, por uma pausa e, na escrita, pelo uso de sinal de pontuação (dois pontos, travessão etc.). Essa ruptura sintática indica menor grau de encaixamento formal da apositiva em relação ao constituinte nominal da oração matriz. Observemos a amostra em negrito no recorte textual que segue.

> [...] a gente vê que nos interiores... quando chega a época de eleição... o que é que faz? podem ter duas pessoas boas candidatas... que acontece o seguinte... eles compram o voto... pega lá... vai... dão um dinheiro e dizem "olhe... vote em fulano"... ele vai e vota [...]
>
> **Fonte:** http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 31 jan. 2022. Texto adaptado. Grifo nosso.

A oração *eles compram o voto* constitui, do ponto de vista semântico, um esclarecimento do termo anterior (*o seguinte*), explicitando-o com mais especificidade. Esse termo tem valor catafórico, antecipando ao interlocutor um conteúdo a ser enunciado. Sob o aspecto formal, há uma pausa entre essa oração e o termo a que ela se refere (*seguinte*), marcada na transcrição da fala pelas reticências. Note que a oração apositiva em questão ocorre com o verbo flexionado (*com-*

pram: presente do indicativo) e sem conectivo. Contudo, casos há em que esse tipo oracional é introduzido pelo conectivo *que*. Atente para este fragmento textual:

> Uma das estrelas do *Dancing Brasil*, Beto Marden já foi eliminado e, agora, pensa em seguir sua carreira artística. O apresentador acabou não agradando aos jurados e, menos ainda, ao público que o eliminou, apesar de seu talento evidente para a dança. Marden conversou com o Observatório da Televisão e falou sobre quem quer que vença a competição da Record. "A minha torcida para ganhar o Dancing Brasil é a seguinte: que haja justiça, que vença quem merecer. Lembrando que é um show de talento e não de popularidade!", disparou.
>
> Apesar disso, ele vê o programa como algo que acrescentou à sua vida. "Certamente, como ator e apresentador, a dança me agregou como artista e como ser humano também. Através da dança você trabalha com os seus medos, é uma experiência na qual você se supera diariamente e eu vou levar isso pra vida!"
>
> **Fonte:** https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/2018/11/eliminado-beto-marden-dispara-sobre-o-dancing-brasil-e-um-show-de-talento-e-nao-de-popularidade. Acesso em: 1 fev. 2022. Grifo nosso.

As orações *que haja justiça* e *que vença quem merecer*, nesse fragmento textual, servem de esclarecimento, de especificação aos termos *A minha torcida/a seguinte*, presentes na oração matriz (*A minha torcida... é a seguinte*). Mostra-se, com as orações sublinhadas, em que consiste essa torcida, qual é ela. Eis por que tais orações são consideradas apositivas. A presença do termo *seguinte*, de valor catafórico, demanda o detalhamento veiculado pelas orações em destaque. Em termos formais, cada oração apositiva é introduzida pelo conectivo *que*, os verbos estão flexionados (*haja* e *vença*, no presente do subjuntivo) e há uso de dois pontos separando as subordinadas apositivas da oração matriz, marcando a ruptura sintática.

Consideramos *subordinada agentiva da passiva* a oração que indica o responsável pela ação expressa pelo verbo da oração matriz, no qual se encaixa. Em termos estruturais, essa oração é introduzida,

quase sempre, pela preposição *por* seguida de *quem*. Em todos os casos, ocorre sob a forma desenvolvida. Vejamos o dado a seguir.

> [...] O aniversário será realizado na própria fábrica da Prussia Bier onde os convidados poderão conhecer os espaços de fabricação e também experienciar o puro frescor da cerveja direto da fonte. Música boa: Você sabia que Maycon, o cervejeiro da Prussia, e Douglas, um dos sócios da marca, eram músicos antes de fazerem parte do universo da cevada? A trilha sonora foi escolhida com carinho por quem entende do assunto! E é claro que eles que vão fazer as honras dessa festa, com o melhor do sertanejo! A banda Frances Ha também vai participar do aniversário com aquele pop rock digno!
>
> **Fonte:** https://www.corpusdoportugues.org/now/. Acesso em: 31 jan. 2022. Grifo nosso.

Nesse recorte textual, a oração *por quem entende do assunto* indica o responsável pela ação de *escolher*. Além disso, ela está ligada a uma oração (a matriz) cujo verbo encontra-se na voz passiva (A trilha sonora ***foi escolhida***). Por essa razão, funciona como agente da passiva. Note que essa oração é introduzida pela preposição *por* seguida do pronome *quem*.

Outro tipo de oração subordinada é a *adjetiva restritiva* (ou *relativa restritiva*). Quando desenvolvida, ela é introduzida por pronome relativo (que, quem, o qual, cujo etc.), encaixa-se em um constituinte da oração matriz (o antecedente), o qual é retomado pelo pronome relativo. Caracteriza-se, semanticamente, por delimitar/recortar o referente do nome antecedente. Pragmaticamente, relaciona-se ao propósito de o falante esclarecer a seu interlocutor o referente específico a que remete, evitando, por exemplo, que este selecione um elemento diferente daquele em questão (BISPO, 2018). Consideremos as amostras sublinhadas no seguinte excerto textual:

Câncer usa tentáculos para sugar células

20 DE JANEIRO DE 2022

Pesquisadores do MIT usaram um microscópio eletrônico para estudar o comportamento de tumores e encontraram um fenômeno assustador(1): células de câncer conectados a células T, do sistema imunológico, por meio de tentáculos minúsculos, com 100 nanômetros (mil vezes mais finos do que um fio de cabelo).

[...]

Os cientistas injetaram uma substância que inibe a formação dos tentáculos em ratos de laboratório que tinham câncer – e os tumores cresceram menos. A ideia agora é testar esse inibidor em humanos.

Fonte: https://super.abril.com.br/saude/cancer-usa-tentaculos-para-sugar-celulas/. Acesso em: 2 fev. 2022. Grifo nosso.

As orações sublinhadas no último parágrafo (*que inibe a formação dos tentáculos* e *que tinham câncer*) são introduzidas pelo pronome relativo *que*, apresentam verbos em forma flexionada (*inibe*, no presente do indicativo; *tinham*, no pretérito imperfeito do indicativo) e se encaixam em nomes da oração matriz (*substância* e *ratos de laboratório*, respectivamente), retomados pelo pronome relativo. Do ponto de vista semântico-pragmático, essas orações recortam/especificam o referente de *uma substância* (não é qualquer uma, mas a que inibe a formação de tentáculos de células tumorais) e de *ratos de laboratórios* (não são todos e quaisquer, mas apenas aqueles acometidos de câncer) nos quais foi injetada a substância referida. Por essas características, as orações sob análise são *subordinadas adjetivas restritivas*.

Um aspecto específico das subordinadas adjetivas/relativas diz respeito à natureza do elemento que as introduz: o pronome relativo. Além de articular a oração relativa à matriz, esse item apresenta valor anafórico (retoma um elemento antecedente) e assume uma função sintática na subordinada relativa. No caso das amostras comentadas no parágrafo precedente, o pronome *que* funciona como sujeito de *inibir* (*que inibe a formação dos tentáculos*) e de *ter* (*que tinham câncer*). A depender da função sintática que o pronome desempe-

nha, pode ser antecedido de preposição. É o que ocorre nas relativas destacadas nestes excertos:

Excerto 1

Nada parece impossível a os olhos de uma mãe. Quando um filho recorre ao colo de sua mãe, é porque ali sabe que encontrará as respostas e o acalanto de que precisa. Só consigo encontrar explicações para tamanha força em Deus.

MENDES, Virgínia. Amor de mãe. Fonte: https://odocumento.com.br/o-amor-de-mae/. Acesso em: 2 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

Relato de opinião

[...]

Em alguns países ainda existe essa pena. E nem por isso, a criminalidade acabou. Eu acho que a partir do instante em que uma pessoa vai para a cadeia, ela vai sair pior do que entrou.

Ao invés de pessoas sairem a rua pedindo a implantação da pena de morte, deveriam reivindicar melhores condições de vida e uma melhor educação.

[...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 2 fev. 2022. Texto adaptado. Grifo nosso.

Observe que, nas duas orações adjetivas sublinhadas (*de que precisa; em que uma pessoa vai para a cadeia*), o pronome relativo *que* é antecedido por preposição (*de* e *em*, respectivamente). Essas preposições estão diretamente relacionadas à função sintática desempenhada pelo relativo *que*: complemento relativo do verbo *precisar* (precisar DE algo, no caso, *as respostas* e *o acalanto*, elementos retomados pelo pronome relativo) no primeiro caso; adjunto adverbial de tempo, no segundo caso, indicando o momento EM que *uma pessoa vai para a cadeia*.

Contudo, existem várias situações nas quais a preposição não é empregada antes do pronome relativo, mesmo sendo demandada por um termo da oração adjetiva e/ou requerida devido à função sintática do relativo. É o que podemos verificar nas ocorrências sublinhadas nestas passagens de descrição de local:

Excerto 1

[...] a casa é toda pintada de branco... a sala também... o assoalho da casa todinho... de vermelho... tipo uma cerâmica... na sala... nós vamos encontrar uma enorme janela... da porta pra sala existe uma divisão... onde tem uma grande porta... pintada de marron... vamos encontrar também... um conjunto de estofados... uma estante onde está a televisão... o aparelho de som... alguns livros e também bibelôs que minha mãe... gosta muito... saindo da sala... a sala fica encostada à cozinha... muito próxima [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 2 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

[...] em primeiro... é:: em primeiro lugar eu vou começar a dizer o seguinte... a minha sala é... não é tão... não é tão grande... mas também não é... não é tão pequena... é um tamanho adequado né... que dê pra quantidade de alunos... como esse ano o... colégio que eu estudo perdeu muito aluno... é:: que foi... teve muita gente... por causa do negócio do preço... mensalidade... ficou muito caro... aí o colégio perdeu muito aluno [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 2 fev. 2022. Grifo nosso.

Na oração adjetiva *que a minha mãe... gosta muito* (Excerto 1), o pronome relativo *que* (= *bibelôs*) funciona como complemento de *gostar* (gostar DE *bibelôs* = *que*), mas a preposição *de* não aparece

antes do relativo. Se ela fosse colocada conforme prevê a norma culta, ficaria *[…] bibelôs* ***de que*** *minha mãe gosta muito*.

Na segunda oração sublinhada (*que eu estudo*, no Excerto 2), o pronome *que* (= *o colégio*) funciona como adjunto adverbial da oração adjetiva, indicando o lugar EM que o informante estuda (*o colégio = que*). A preposição *em,* que introduziria um SP para designar o lugar de estudo (*no colégio = em que*), não foi utilizada. Se houvesse sido empregada segundo a norma culta, teríamos: *o colégio* ***em que*** *eu estudo […]*.

Nas duas situações, ocorre a ausência (ou corte) da preposição: *de*, no primeiro caso; *em*, no segundo. Corresponde a uma estratégia de organização da oração adjetiva/relativa chamada de *cortadora*, estudada por Bispo (2007, 2009, 2014a, 2014b, 2018). Nos casos em que a preposição é utilizada antes do pronome relativo, ilustrados nos excertos textuais anteriores a esses dois últimos, temos, conforme esse autor, a *relativa padrão preposicionada (RPP)*: *[…] as respostas e o acalanto* ***de que*** *precisa*, no primeiro caso, e *[…] a partir do instante* ***em que*** *uma pessoa vai para a cadeia*, no segundo.

Ainda conforme o mesmo autor, outro modo de organização da oração relativa envolve o emprego de um pronome cópia, o qual retoma o referente do pronome relativo dentro da subordinada adjetiva. A oração destacada neste trecho ilustra a chamada *relativa copiadora*:

> […] aí tinha uma... uma vidente... uma espírita... que ela... enrolava o povo sabe? aí... tem uma parte que ela tá... falando assim... tá com os clientes... né? falando... "olha eu tô recebendo um espírito ... num sei o quê... aí ele... desce... esse espírito […]
>
> **Fonte:** http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 2 fev. 2022. Grifo nosso.

Observe que a oração em destaque (*uma espírita...* ***que ela... enrolava o povo*** *sabe?*) apresenta, após o relativo *que*, o pronome anafórico *ela*, o qual "copia", na oração adjetiva, o antecedente do pronome relativo (*uma espírita*). Dadas essas características, esse tipo de oração é denominado *relativa copiadora* na literatura linguística.

Atenção

Para mais conhecimento sobre as estratégias de relativização, suas motivações e abordagem na Educação Básica, indicamos a leitura dos seguintes textos:

BISPO, Edvaldo Balduino. Oração adjetiva cortadora: análise de ocorrências e implicações para o ensino de português. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 10, n. 1, p. 163-186, 2007.
Link: https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15654/9841.

BISPO, Edvaldo Balduino. Estratégias de relativização no PB: motivações discursivo-interacionais e cognitivas. *In*: BISPO, Edvaldo Balduino; OLIVEIRA, Mariangela Rios (orgs.). **Orações relativas no português brasileiro**: diferentes perspectivas. Niterói: EDUFF, 2014a. p. 131-155.

BISPO, Edvaldo Balduino. Orações relativas em perspectiva histórica: interface uso e cognição. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 222-235, 2014b. Link: https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/07/12-Balduino-Bispo.pdf.

Cabe registrar que os diferentes tipos de orações subordinadas apresentados neste estudo exibem graus variados de encaixamento com a oração matriz. Essa gradiência está ligada a funções sintáticas que cada uma delas assume em relação ao constituinte da matriz a que se vincula. Assim, por exemplo, as subordinadas que atuam como argumento (externo e internos) de um verbo ou nome da oração matriz (subordinadas subjetivas, objetivas diretas, completivas relativas, completivas nominais e predicativas) possuem maior grau de encaixamento; a subordinada agentiva da passiva e a adjetiva restritiva têm um grau médio; a subordinada apositiva apresenta grau baixo de encaixamento com a matriz, envolvendo, inclusive, ruptura sintática.

Uma questão oportuna a ser tratada diz respeito a particularidades semântico-pragmáticas envolvendo a relação entre as subordinadas substantivas e a oração matriz. Conforme Castilho (2010), a oração matriz (principal) codifica uma avaliação do conteúdo veiculado pela subordinada substantiva. Sob essa ótica, a depender de elementos lexicais/gramaticais que ocorrem na oração matriz, o conteúdo da subordinada substantiva pode ser afirmado, negado, questionado, posto em dúvida, amenizado, tomado como (in)certo, necessário, obrigatório, recomendável, julgado subjetivamente como positivo ou negativo etc. Revela-se, desse modo, o grau de engajamento do falante/escrevente com o que é dito. Vejamos:

Excerto 1

O concurso público da Polícia Civil-RJ 2019 terá objetivo de reforçar a Segurança Pública do Estado. "A Segurança Pública continua sendo uma das prioridades do nosso governo. **Sabemos** que uma Polícia Civil bem aparelhada e com capacidade de investigação poderá desmobilizar o crime organizado." [...]

Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/now/. Acesso em: 3 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

Outra constatação da pesquisa é que consumidores com 18 a 25 anos foram os que mais buscaram crédito – o crescimento foi de 8,5% em relação aos primeiros três meses do ano passado. Embora o levantamento não indique o tipo de produto adquirido, **é provável** que esses jovens tenham buscado crédito principalmente para a compra de motos, cujas parcelas são mais baixas do que a dos automóveis, principalmente os novos. [...]

Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/now/. Acesso em: 3 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 3

Com pedido de Urgência e realização de uma sessão extraordinária, os vereadores deliberam sobre projeto do líder do governo na Casa, Samyr Mata (PSTC), e aprovaram a alteração da lei 6. 378 que trata dos critérios de escolaridade para quem vai concorrer a uma das 50 vagas de conselheiros tutelares de Maceió. Desde 2015, **é obrigatório** que o candidato tenha curso superior completo.

Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/now/. Acesso em: 3 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 4

Os participantes do protesto também distribuíram rosas brancas a quem passava pela rua. O ato terminou com um abraço coletivo ao ponto de ônibus onde o estudante foi atingido pelos criminosos. O trânsito na Avenida Venceslau Brás ficou interditado por poucos instantes com apoio de guardas municipais. Professores do departamento de Biologia da UFRJ, curso que Alex estava terminando neste semestre, se mostraram insatisfeitos pela falta de apoio da cúpula da universidade no protesto. "**É lamentável** que os reitores desta universidade não estejam aqui nesta manifestação", disse um magistrado.

Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/now/. Acesso em: 3 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 5

Em oito etapas, [Lorenzo] não terminou nenhuma dentro do top-10. O titular da Yamaha então analisou a atual situação do piloto de Palma de Maiorca. "No momento, **parece** que tem um problema com a dianteira. Na verdade, cai sempre da mesma maneira, e ele é um desses pilotos que realmente não gosta de cair", apontou [Valentino Rossi].

Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/now/. Acesso em: 3 fev. 2022. Grifo nosso.

No Excerto 1, o verbo da oração matriz (*sabemos*) marca que o conteúdo da subordinada substantiva objetiva direta é de conhe-

cimento público, consensual, algo tomado como certo. Do ponto de vista discursivo, o escrevente envolve o interlocutor, fazendo-o partilhar/aceitar a informação contida na oração subordinada: a de que uma Polícia Civil bem equipada e com capacidade investigativa tem possibilidade de êxito contra o crime organizado.

Por meio do adjetivo *provável* na oração matriz (*é provável*), o conteúdo da oração substantiva subjetiva destacada no Excerto 2 (*que esses jovens tenham buscado crédito principalmente para a compra de motos*) é apresentado como incerto, duvidoso, estando, pois, no domínio da **modalização epistêmica**. Já no Excerto 3, com o uso de *obrigatório*, o escrevente situa o conteúdo da substantiva subjetiva *que o candidato tenha curso superior completo* no âmbito da **modalização deôntica**: trata-se de uma exigência legal para concorrer a uma vaga de conselheiro tutelar de Maceió.

Lamentável, no Excerto 4, por sua vez, traz uma avaliação subjetiva/pessoal de um cidadão presente em manifestação (um magistrado, no caso) acerca do que está expresso na subordinada substantiva subjetiva em destaque (*que os reitores desta universidade não estejam aqui nesta manifestação*). Trata-se da **modalização apreciativa/afetiva**. Por fim, no Excerto 5, a forma verbal *parece* situa o que é dito na subordinada substantiva (*que tem um problema com a dianteira*) como algo possível (mas não totalmente certo) em função de alguma evidência observada; portanto, mais um caso de modalização epistêmica: Valentino Rossi, da Yamaha, analisou a situação de Lorenzo como algo relativamente plausível, considerando o modo como ocorrem as quedas da motocicleta.

Modalização epistêmica

Modalização epistêmica refere-se à avaliação do falante/escrevente quanto a dada informação/opinião por ele manifestada, apresentando-a como certa/verdadeira ou incerta/duvidosa. É representada, em geral, por termos/expressões como *certamente, verdadeiramente, com (toda) certeza, não há dúvida, sem sombra de dúvida* (avaliação com grau elevado de certeza), entre outro(a)s com o mesmo valor semântico; *provavelmente, possivelmente, talvez, parece, é (bastante) provável* (avaliação com grau reduzido de certeza) e demais similares. Esses/Essas termos/expressões são chamados(as) de *modalizadores*.

Modalização deôntica

Modalização deôntica diz respeito à avaliação do locutor sobre o grau de obrigatoriedade do conteúdo informado, que varia entre o que é indispensável (grau máximo), permitido (grau médio) ou sugerido (grau mínimo). Esse tipo de modalização é marcado por meio de verbos como *dever, poder, precisar, convir* etc. ou de expressões com *ser + obrigatório/necessário/bom/recomendável/aconselhável* etc.

Modalização apreciativa/afetiva

Modalização apreciativa/afetiva tem a ver com a avaliação subjetiva, de teor emotivo, em relação a dado conteúdo. Termos do tipo *felizmente, afortunadamente, infelizmente, lamentavelmente*, entre outros de natureza semântica semelhante, ou expressões como *ainda bem, ser + confortante/triste/uma pena, o melhor/pior + ser* etc. são formas de codificar essa categoria de modalização.

Atenção

Para mais conhecimento sobre propriedades semânticas e discursivas envolvendo as orações substantivas, recomendamos a leitura das subseções **9.2.2.4 Propriedades semânticas da sentença matriz** (p. 361-364) e **9.2.2.5 Propriedades discursivas** (p. 364-365) da *Nova Gramática do Português Brasileiro*, de Ataliba de Castilho. Confira referência completa ao final desta aula.

Para mais conhecimento sobre *modalização* (ou *modalidade*), indicamos a leitura de Nascimento (2009, 2018). Veja referências completas no final desta aula.

A título de testagem do que você estudou nessa primeira parte da aula, resolva a atividade proposta a seguir.

Atividade 1

Leia o fragmento textual a seguir para responder às questões 1 e 2.

Melhor mobilidade traz benefícios à economia do País e à qualidade de vida das pessoas

Helio Mattar - Instituto Akatu
Portal Planeta Sustentável - 26 de fevereiro de 2014

A sociedade percebe com clareza que cidades com maior mobilidade permitirão sociedades mais felizes para todos. Seria bom que os governantes levassem esse fato em consideração em suas decisões. Aliás, o que mais deveriam considerar que não fosse o interesse de todos?

A mobilidade urbana é um dos temas prioritários da agenda em prol de uma sociedade do bem-estar com estilos mais sustentáveis de vida. Cidades onde o deslocamento de seus moradores é feito por meio de serviços de transporte e infraestrutura de má qualidade geram impactos negativos em todos os aspectos: social, ambiental, econômico e individual.

Visando explorar melhor os aspectos econômicos e individuais, o Akatu combinou os dados de sua última pesquisa *Rumo à Sociedade do Bem-Estar* com dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), chegando a impressionantes impactos negativos decorrentes da imobilidade que tomou conta dos grandes centros urbanos. Perde-se muito, com impactos graves sobre a economia e as pessoas.

Segundo o Ipea, o tempo médio gasto em deslocamento nas nove regiões metropolitanas (Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Brasília) é de 82 minutos. Caso esses 82 minutos diários fossem zerados e convertidos em horas

trabalhadas, teríamos um ganho de produção de R$ 300 bilhões ao ano, o que representa 7,3% do PIB brasileiro.

Obviamente, o deslocamento zero não é viável. Considera-se razoável que sejam gastos até 30 minutos por dia para ir e voltar do trabalho.

[...]

O mais provável, no entanto, é que os 52 minutos economizados não sejam convertidos em horas trabalhadas, mas sim em horas de lazer, com a família, com os amigos, com o desenvolvimento pessoal, o que aumentaria muitíssimo a qualidade de vida dos trabalhadores.

O Akatu usou a hipótese de que uma pessoa que gasta de 30 a 60 minutos por dia para ir e voltar do trabalho teria uma perda de produtividade de 2,5% em relação a pessoas que gastam menos de 30 minutos. E usou uma segunda hipótese para o tempo gasto no deslocamento de mais de 60 minutos, em que considerou uma perda de 5% na produtividade.

O tempo "economizado" com uma melhor mobilidade urbana poderá retornar em qualidade de vida para cada cidadão. Pode ser convertido em práticas de cuidado consigo próprio, pelo maior tempo para praticar exercícios, para dormir, para o lazer, e para atividades de desenvolvimento pessoal e profissional. A pesquisa do Akatu mostra que a felicidade para o brasileiro envolve, prioritariamente, saúde (66%), convívio social (60%), qualidade de vida (36%) e profissão e estudos (27%). Frente a esses dados, quanto mais tempo houver disponível para si mesmo e menos estressante for a ida e volta do trabalho, mais feliz o brasileiro será.

Um cálculo adicional pode ser feito usando outro dado da pesquisa 2012 do Akatu, que mostra que 10% da população das regiões metropolitanas pesquisadas passa mais de duas horas por dia no transporte de casa para o trabalho e vice-versa. Isso significa que, em 35 anos, nove anos seriam gastos em deslocamento para o trabalho. Nove anos é o tempo de todo o Ensino Fundamental.

[...]

Se, do ponto de vista ambiental, a questão central da mobilidade é a eficiência energética, do ponto de vista econômico refere-se à perda de produção. Se, do ponto de vista

social, salta aos olhos a perda de qualidade de vida da população em geral, do ponto de vista individual há uma perda de autonomia na definição de como usar o tempo, talvez o bem mais precioso para um indivíduo. [...]

Fonte: https://engenhariacompartilhada.com.br/noticia/exibir/417393_melhor-mobilidade-traz-beneficios-a-economia-do-pais-e-a-qualidade-de-vida-das-pessoas. Acesso em: 1 fev. 2022. Texto com adaptação.

1 Indique a função sintática das orações destacadas nos períodos que seguem.

a) A sociedade percebe com clareza **que cidades com maior mobilidade permitirão sociedades mais felizes para todos**.
b) Seria bom **que os governantes levassem esse fato em consideração em suas decisões**.
c) Considera-se razoável **que sejam gastos até 30 minutos por dia para ir e voltar do trabalho**.
d) O mais provável, no entanto, **é que os 52 minutos economizados não sejam convertidos em horas trabalhadas**, [...]
e) O Akatu usou a hipótese **de que uma pessoa que gasta de 30 a 60 minutos por dia para ir e voltar do trabalho teria uma perda de produtividade de 2,5% em relação a pessoas que gastam menos de 30 minutos**.
f) A pesquisa do Akatu mostra **que a felicidade para o brasileiro envolve, prioritariamente, saúde (66%), convívio social (60%), qualidade de vida (36%) e profissão e estudos (27%)**.
g) Isso significa **que, em 35 anos, nove anos seriam gastos em deslocamento para o trabalho.**

2 Considerando os períodos de *a)* a *g)* da questão anterior e os elementos lexicais/gramaticais utilizados em cada oração matriz, comente o modo como é apresentado o conteúdo de cada oração subordinada por parte do autor do texto (avaliação feita, grau de engajamento com o que é dito, grau de (in)certeza, grau de obrigatoriedade etc.).

3 Tomando por base o trecho a seguir, faça o que se pede nos itens A e B.

"Visando **explorar melhor os aspectos econômicos e individuais**, o Akatu combinou os dados de sua última pesquisa *Rumo à Sociedade do Bem-Estar* com dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) [...]"

A) Dê nova redação ao trecho, desenvolvendo a oração reduzida em negrito (Faça as adaptações necessárias).

B) Reescreva o trecho, substituindo o verbo da oração em destaque por um substantivo equivalente (Faça as adaptações necessárias).

3 Tipos de orações correlatas

O conjunto das orações correlatas inclui algumas consideradas coordenadas e outras tomadas como subordinadas adverbiais pela NGB. Compreende, conforme dito anteriormente, os seguintes tipos: aditivas, alternativas, comparativas, consecutivas e proporcionais. A classificação das correlatas decorre do conteúdo expresso pela segunda oração (acréscimo, alternância, comparação, consequência ou proporcionalidade).

A oração *correlata aditiva* define-se por expressar adição em relação ao conteúdo de outra oração. Sintaticamente, caracteriza-se pela presença de conectivos correlatos do tipo *não só/apenas/somente... mas/como também*, *não só/apenas... bem como* e pela impossibilidade de inversão entre elas. Do ponto de vista discursivo-pragmático, o uso de uma correlata aditiva envolve a ordenação hierárquica de ideias, de modo que o conteúdo da segunda oração é apresentado como mais relevante do que o da primeira, com vista à construção de determinada orientação argumentativa. Vejamos a ocorrência destacada no trecho seguinte.

> Em países desenvolvidos que têm uma justiça que realmente funciona, a pena de morte é bem aplicada **não só para livrar a população de bandidos perigosos, mas também para inibir outros bandidos a não cometer um crime bárbaro**. [...]
>
> **Fonte:** http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 1 fev. 2022. Grifo nosso.

No trecho em destaque, as orações articuladas pelos conectivos *não só... mas também* apresentam argumentos para aplicação da pena de morte em alguns países. O emprego desses conectivos serve para adicionar uma ideia à outra e, mais que isso, para hierarquizar essas ideias, de tal maneira que a segunda delas (*inibir os bandidos a não cometer um crime bárbaro*) é posta como argumento mais relevante que o de *livrar a população de bandidos perigosos*. Temos, assim, a orientação que parte do argumento considerado de menor valor para outro tomado como mais importante.

Denominamos *correlata alternativa* a oração que exprime opção entre ideias, ou seja, estabelece disjunção entre o conteúdo de uma oração e o de outra. Da perspectiva sintática, caracteriza-se pela presença de conectivos correlatos do tipo *ou... ou; ora... ora, seja... seja/ou, quer... quer* e similares. Observemos a amostra a seguir.

[...] é uma democracia... isso é democracia... né? num dá certo... tira... bota outro... é assim... vai tentando... até um dia dar certo... é melhor do que você ficar... sem... sem chance de tirar... né? ficar aguentando até aquele... aquele regime acabar... **ou que seja bom... ou que seja ruim...** você num pode fazer nada... tá com a mão... as mãos atadadas... tem que ficar aguentando... mas você vai ver... ou mais cedo ou mais tarde a pena de morte vai ser adotada no Brasil [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 1 fev. 2022. Grifo nosso.

As orações em negrito indicam alternância, de caráter inclusivo, entre a ideia de o regime democrático ser bom e a de ele ser ruim. Essa alternância é marcada sintaticamente pelo emprego dos conectores correlatos *ou que seja... ou que seja*. Por essas características, são consideradas correlatas alternativas.

A oração *correlata comparativa* exprime comparação entre duas ideias associadas a dois elementos, o comparante e o comparado (FONSECA, 1985; XATARA, 1997). Essa comparação é de natureza quantitativa e envolve relação de igualdade, inferioridade ou superioridade. Tomemos as orações em negrito no recorte textual a seguir para ilustrar esse tipo de correlação oracional.

[...] Adolescente não pode/ não deixa o... o menor ficar preso... em delegacia... em qualquer sa/ cela... que não seja instituição adequada pra aquilo... mais de cinco dias... e a delegacia só fica com ele cinco dias... depois tem que colocar na rua... então eles já sabem disso... **eles sabem/ entendem mais de lei de que... qualquer advogado...** eles sabem que não acontece nada com eles... continuam rouban::do... continuam matan::do... e... nada... nada segura... eu acho se... se abaixasse a maioridade penal para dezesseis anos [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/juiz_de_fora.pdf. Acesso em: 1 fev. 2022. Grifo nosso.

As orações destacadas expressam uma comparação de superioridade entre o que adolescentes [infratores] entendem de leis em relação a advogados. Essa ideia de superioridade é marcada sintaticamente pelo par correlativo *mais... de que*. Do ponto de vista discursivo-pragmático, a comparação (em tom de exagero) serve ao propósito comunicativo do autor em defender a redução da maioridade penal, dado o fato de que, segundo ele, os menores possuem maturidade cognitiva (*entendem mais de lei que qualquer advogado*), tendo, assim, consciência dos atos que praticam. Observe que, no segundo par oracional correlato (*que qualquer advogado*), fez-se a omissão (elipse) do predicado *entende [de lei]*, uma vez que essa informação já foi apresentada na primeira oração, evitando-se repeti-la.

Caracteriza-se como *correlata consecutiva* a oração que estabelece noção de consequência/resultado em relação ao conteúdo expresso na correlata antecedente, com ideia de causa. Em termos formais, esse tipo de correlação se revela por meio de conectores como *tão/tanto... que*, *de tal modo/maneira... que*, *tal/tamanho... que*, entre outros da mesma natureza. Para ilustrar essa articulação oracional, consideremos a amostra que segue.

> […] foi quando depois de um tempo... ele pegou e saiu com ela... ficou com ela... namorando ela... aquilo pra mim foi um choque... foi uma desilusão... e... até **isso influenciou tanto... que até hoje eu não consigo gostar de ninguém...** sabe? o meu sentimento sempre ficou... eh... com um pé atrás [...]
>
> **Fonte:** http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/rio_de_janeiro_a.pdf. Acesso em: 1 fev. 2022. Grifo nosso.

As orações em negrito indicam relação de causa-efeito, com ênfase no resultado (*até hoje eu não consigo gostar de ninguém*) expresso na segunda oração. Essa relação é codificada por meio dos correlatores *tanto... que*, os quais respondem pela interdependência entre as orações. Perceba que a presença do primeiro elemento (*tanto*) do par correlativo implica o uso do segundo (*que*). Dadas essas propriedades, tais orações são classificadas como correlatas consecutivas.

Consideramos *correlata proporcional* a oração que exprime a ideia de proporcionalidade em relação ao conteúdo expresso na oração com que se articula. Sintaticamente, essa relação é codificada por

meio de correlatores como *quanto mais/ menos... mais/menos*, *à medida/proporção que... mais/menos*, *tanto mais/menos... quanto mais/menos*. Observemos a ocorrência destacada no seguinte fragmento textual.

> É sério. Ficar muito tempo esparramado no sofá por si só já é um problema para a sua saúde. Os cientistas do Instituto Karolinska, na Suécia, analisaram 60 voluntários e perceberam que **quanto mais tempo os voluntários passavam sentados, mais os telômeros deles encurtavam.** Essas estruturas de nome complicado ficam no extremo de cada cromossomo e têm tudo a ver com a duração da sua vida e, por isso, seu encolhimento acenderia o sinal vermelho. Que tal ler esse texto e depois esticar um pouco as pernas?
>
> **Fonte:** https://super.abril.com.br/saude/8-pequenas-mudancas-na-rotina-que-farao-voce-viver-mais/. Acesso em: 1 fev. 2022. Texto adaptado. Grifo nosso.

As orações em destaque indicam relação de proporcionalidade entre duas ideias: o tempo que os voluntários passavam sentados e o encurtamento de seus telômeros. Vale observar que essa proporcionalidade é direta, no sentido de que o aumento da passagem do tempo implica maior encurtamento dos telômeros. Da perspectiva formal, essas orações são articuladas por meio dos correlatores *quanto mais... mais*. Em função dessas características, as orações sob análise são consideradas correlatas proporcionais.

Façamos, a seguir, uma atividade para exercitar o que estudamos sobre as orações correlatas.

Atividade 1

Leia os excertos textuais de 1 a 6 a seguir para responder às questões 1 e 2.

Excerto 1

Estou no processo de terminar um texto, com um colega, sobre o efeito da carga tributária sobre a poupança. **Quanto mais aumenta a carga fiscal, mais baixa a poupança,** um efeito que claramente implica alguma ineficiência, algo fácil de ver em teoria, mas difícil de quantificar. Se fosse possível reduzir a carga tributária, o efeito sobre a poupança seria muito positivo. [...]

Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/. Acesso em: 3 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

Na Argentina, quando se produziu a crise do efeito tequila, houve não só um ataque contra o peso, mas também a queda do valor dos bônus e das ações foi muito forte. Portanto, a taxa de juros subiu muito, **os depositantes assustaram-se tanto que começaram a retirar os depósitos dos bancos.** Com isso, começou uma crise financeira. [...]

Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/. Acesso em: 3 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 3

Não tenho competência para definir isso, mas é inaceitável que **um policial militar ganhe mais do que um membro das Forças Armadas** como está ocorrendo. Isso é um desatino. Acredito que a remuneração nas Forças Armadas possa ser um parâmetro. [...]

Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/. Acesso em: 3 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 4

Levamos palestrantes para contar suas experiências. Tem uma rotatividade grande de pessoas que querem informações sobre como montar um negócio, então, levamos pessoas para contar suas experiências e até para desmistificar aquela história de que ser empresário é legal porque vai quando quer, não tem horário. É bom a pessoa entender que **por mais que ela tenha uma empresa estruturada, ela precisa começar sua caminhada com passos na direção certa.** [...]

Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/. Acesso em: 3 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 5

A TV está começando a dar uma mão forte para o cinema brasileiro e para os cinemas nacionais em todo o mundo. Isso porque as TVs estão com a garganta seca e precisam de muito material – e o melhor material, para todas elas, é o nacional. A globalização tem um lado positivo para nós – **ela não apenas nos oprime, mas também nos liberta.** Tem de ter vontade de fazer e condições de produzir, porque só vamos discutir concretamente essas questões quando tivermos quantidade e qualidade de filmes para mostrar. [...]

Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/. Acesso em: 3 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 6

[...] vou lá para o meu serviço quando é mais ou menos nove e meia... já estou na rua né? visitando os clientes... então eu faço esse serviço de de visitas... até mais ou menos o meio-dia que é o horário de almoço... depois eu tiro aí um... uma hora e meia... duas horas para almoçar... não tem assim rigidez no horário pode ser assim meio fiexivel... depois à tarde volta aquele mesmo serviço certo? de atender os clientes éh... **ora mostrando os equipamentos... ora fazendo demonstração... ora levando eles na nossa filial** e... mostrando o equipamento [...]

Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/. Acesso em: 3 fev. 2022. Grifo nosso.

1 Dos trechos negritados em cada recorte textual, indique aquele em que NÃO ocorre correlação interoracional.

2 Explicite o valor semântico (adição, alternância, comparação, consequência, proporcionalidade) estabelecido pelas orações correlatas nos demais trechos em que elas ocorrem.

Leituras complementares

Para complementar/reforçar o conteúdo estudado nesta aula, sugerimos que você faça a leitura dos textos indicados a seguir.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Aula 8 - Correlação. *In*: VIANNA, Edila; ROSÁRIO, Ivo da Costa; DIAS, Nilza Barrozo (org.). **Português III**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2014. v. 1. p. 109-123. Disponível em: https://canal.cecierj.edu.br/recurso/15312. Acesso em: 22 abr. 2022.

Nesse capítulo, o autor defende que a correlação é um processo sintático distinto da coordenação e da subordinação, tendo em vista suas especificidades. Registra que a ausência de mais explicações acerca desse processo pode ser explicada pela onda estruturalista que estava ainda bastante fortalecida quando se deu o processo de elaboração da NGB. Pontua o autor que existem muitas divergências quanto ao conceito e à tipologia das correlatas, mas é possível se chegar a algum consenso. Por fim, acrescenta que, atualmente, os pesquisadores têm se debruçado cada vez mais sobre as construções correlatas em geral.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Reflexões sobre o critério da (in) dependência no âmbito da integração de orações. **Línguas & Letras**, [*S. l.*], v. 17, p. 252-272, 2016. Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/12744/. Acesso em: 22 abr. 2022.

Nesse artigo, o autor discute o conceito de (in)dependência sintática e semântica com relação aos processos canônicos de subordinação e coordenação. Toma como referência a assunção comum de que as orações coordenadas são independentes e as subordinadas são dependentes. Ivo Rosário traz à tona críticas a essa postura, especialmente em trabalhos mais recentes. Conforme o autor, nem sempre está claro se a (in)dependência é de base semântica ou sintática. Além disso, existem casos fronteiriços nos quais não é possível delimitar com clareza se uma estrutura detém todos os traços de uma construção subordinada ou de uma coordenada. Rosário apresenta a proposta desenvolvida pela Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a qual redimensiona o critério da (in)dependência, cotejando-o com o do encaixamento, em uma proposta escalar e gradiente. Apropriando-se da teoria dos protótipos, a LFCU apresenta uma alternativa descritiva para a questão da (in)dependência, mais fiel ao uso efetivo da língua, como fica evidente nas pesquisas desenvolvidas por autores brasileiros e estrangeiros.

Resumo

Retomamos, nesta aula, as noções de subordinação e de correlação, focalizando propriedades semântico-sintáticas de cada uma delas. Nessa direção, vimos que, na subordinação, há dependência semântico-sintática entre as orações que se articulam, com encaixamento de uma oração em um constituinte de outra. Já na correlação ocorre interdependência semântico-sintática entre as orações que constituem o período, marcada formalmente por conectivos correlatos. Estudamos, mais detidamente, os tipos de orações subordinadas e correlatas. Em relação às subordinadas, vimos que elas compreendem as que funcionam como argumento externo e argumentos internos de verbos e nomes da oração matriz, como predicativo, adjunto adnominal, agente da passiva e aposto. Também registramos que o nível de encaixamento desses tipos de subordinadas é gradiente. Além disso, tratamos de especificidades das subordinadas adjetivas restritivas, em termos de formas de organização (estratégias canônica, copiadora e cortadora). Contemplamos ainda propriedades semânticas e discursivas da oração matriz com reflexo no conteúdo das subordinadas substantivas. Relativamente às orações correlatas, elas se distribuem entre as que exprimem adição, alternância, comparação, consequência e proporcionalidade.

Autoavaliação

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

A cigarra e a formiga

Num dia de quente de verão, uma alegre cigarra estava a cantar e a tocar o seu violão, com todo o entusiasmo. Ela viu uma formiga a passar, concentrada na sua grande labuta diária, que consistia em guardar comida para o inverno.

– D. Formiga, venha e cante comigo, em vez de trabalhar tão arduamente. – desafiou a cigarra. – Vamo-nos divertir.

– Tenho de guardar comida para o inverno. – respondeu a formiga, sem parar. – E aconselho-a a fazer o mesmo.

– Não se preocupe com o inverno, está ainda muito longe. – disse a outra, despreocupada. – Como vê, comida não falta.

Mas a formiga não quis ouvir e continuou a sua labuta. Os meses passaram e o tempo arrefeceu cada vez mais, até que toda a Natureza em redor ficou coberta com um espesso manto branco de neve.

Chegou o inverno. A cigarra, esfomeada e enregelada, foi a casa da formiga e implorou humildemente que lhe desse algo para comer.

– Se você tivesse ouvido o meu conselho no verão, não estaria agora tão desesperada. – ralhou a formiga. – Preferiu cantar e tocar violão? Pois agora dance!

E dizendo isto, fechou a porta, deixando a cigarra entregue à sua sorte.

Moral: Não penses só em divertir-te. Trabalha e pensa no futuro. É melhor estarmos preparados para os dias de necessidade.

Fonte: https://www.turminha.com.br/blog/fabula-cigarra-e-formiga. Acesso em: 3 fev. 2022.

1 1. Escreva “H” para a relação de hipotaxe ou “S” para a relação de subordinação nos trechos destacados.

a) ( ) – D. Formiga, venha e cante comigo, **em vez de trabalhar tão arduamente**.
b) ( ) – E aconselho-a **a fazer o mesmo**.
c) ( ) – **Como vê**, comida não falta.
d) ( ) – Preferiu **cantar e tocar violão**?
e) ( ) Não penses só **em divertir-te**.

Com base no texto a seguir, responda às questões 2 e 3.

Uma mulher desempregada estava consultando os classificados e decide ligar para um anúncio de faxineira. No final da conversa, a senhora que a atendeu lhe pergunta:

– E quanto a senhora espera ganhar por dia?

– Ah, por menos de R$ 60,00 por dia, eu nem saio de casa! – a mulher responde, categórica.

– Mas isso é um absurdo! Eu sou professora e não ganho tudo isso!

– E por que a senhora acha que eu parei de dar aula?

Fonte: http://www.piadasnet.com/piada1764carreira.htm. Acesso em: 3 fev. 2022. Texto com adaptação.

2 Observe os trechos destacados a seguir; depois assinale a opção cuja afirmativa apresenta o correto julgamento sobre elas.

I. Uma mulher desempregada estava **consultando os classificados** [...]
II. [...] decide **ligar para um anúncio de faxineira**.
III. No final da conversa, a senhora **que a atendeu** lhe pergunta: [...]
IV. – E por que a senhora acha **que eu parei de dar aula**?

a) Ocorre relação por subordinação apenas nas opções I, II e III.
b) Ocorre relação por subordinação apenas nas opções I, II e IV.
c) Ocorre relação por subordinação apenas nas opções II, III e IV.
d) Ocorre relação por subordinação apenas nas opções I, III e IV.
e) Ocorre relação por subordinação em todas as opções.

3 Esclareça o tipo de relação semântico-sintática (complementação ou modificação) nos trechos da questão anterior em que ocorre subordinação.

Leia os recortes textuais de 1 a 5. Com base neles, responda às questões 4 e 5.

Recorte 1

Quanto mais o tempo passa
Mais eu gosto de você
Este seu jeito de me abraçar
Este seu jeito de olhar pra mim
Foi que fez com que
Eu gostasse logo de você
Fonte: LEANDRO & LEONARDO. É por você que canto.

Disponível em: http://letras.mus.br/leandro-e-leonardo/65035/. Acesso em: 3 fev. 2022. Grifo nosso.

Recorte 2

Eu gosto tanto dela,
A ponto de querer tá perto, pronto
Não tem outro jeito de me ver sorrir
É louco o efeito dela, aqui.

Fonte: EMICIDA. Eu gosto dela. Disponível em: http://www.vagalume.com.br/emicida/eu-gosto-dela.html. Acesso em: 10 set. 2015. Grifo nosso.

Recorte 3

Livre, louca, curte a vida
E o melhor vou te dizer
Não só sabe suas loucuras
Mas vive elas com você

Fonte: PIKENO & MENOR. Amiga, parceira. Disponível em: http://www.vagalume.com.br/pikeno-e-menor/amiga-parceira.html. Acesso em: 3 fev. 2022. Grifo nosso.

Recorte 4

Hoje eu sei que preciso de você
E não dá pra imaginar te perder
Eu amo o teu amor
De tudo que vivi você foi mais
Do que eu imaginei ser capaz

Fonte: CATEDRAL. Mais do que imaginei. Disponível em: http://www.vagalume.com.br/catedral/mais-do-que-imaginei.html. Acesso em: 3 fev. 2022. Grifo nosso.

Recorte 5

Por mais que eu tente lhe dizer
O quanto eu sinto por você
Como é possível não saber
Que eu te quero.

Fonte: ESTIANO, M. Por mais que eu tente. Disponível em: http://www.vagalume.com.br/marjorie-estiano/por-mais-que-eu-tente.html. Acesso em: 3 fev. 2022. Grifo nosso.

4 Dos trechos negritados em cada recorte textual, indique aquele em que NÃO ocorre correlação interoracional.

5 Explicite o valor semântico estabelecido pelas orações correlatas nos demais trechos em que elas ocorrem.

6 Comente o valor argumentativo do par correlativo *não só... mas*, presente no Recorte 3.

Referências

BISPO, Edvaldo Balduino. Oração adjetiva cortadora: análise de ocorrências e implicações para o ensino de português. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 10, p. 163-186, 2007.

BISPO, Edvaldo Balduino. **Estratégias de relativização no português brasileiro e implicações para o ensino**: o caso das cortadoras. 2009. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

BISPO, Edvaldo Balduino. Estratégias de relativização no PB: motivações discursivo-interacionais e cognitivas. *In*: BISPO, Edvaldo Balduino; OLIVEIRA, Mariangela Rios (org.). **Orações relativas no português brasileiro**: diferentes perspectivas. Niterói: EDUFF, 2014a. p. 131-155.

BISPO, Edvaldo Balduino. Orações relativas em perspectiva histórica: interface uso e cognição. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 222-235, 2014b. Disponível em: https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/07/12-Balduino-Bispo.pdf. Acesso em: 21 fev. 2022.

BISPO, Edvaldo Balduino. Relativa restritiva em perspectiva construcional. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 28-44, 2018.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

FONSECA, Joaquim. Sintaxe, semântica e pragmática das comparações emblemáticas e estruturas aparentadas. **Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas**, Porto, v. 2, p. 213-250, 1985.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. A modalização como estratégia argumentativa: da proposição ao texto. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2009, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: Ideia, 2009. p. 1369-1376. CD-ROM. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Erivaldo%20Pereira%20do%20NASCIMENTO%20-%20ok.pdf. Acesso em: 21 fev. 2022.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. A modalização discursiva como índice de argumentatividade nos gêneros acadêmicos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 15, p. 3357-3372, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330685910_A_modalizacao_discursiva_como_indice_de_argumentatividade_nos_generos_academicos. Acesso em: 21 fev. 2022.

RODRIGUES, Violeta Virgínia (org.). **Articulação de orações**: pesquisa e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ; Faculdade de Letras, 2016.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. **Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional**. 2012. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2012.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Aula 8 - Correlação. *In*: VIANNA, Edila; ROSÁRIO, Ivo da Costa; DIAS, Nilza Barrozo (org.). **Português III**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2014. p. 109-123. v. 1.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Reflexões sobre o critério da (in) dependência no âmbito da integração de orações. **Línguas & Letras**, [*S. l.*], v. 17, n. 35, p. 252-272, 2016.

XATARA, Cláudia Maria. A comparação nas expressões idiomáticas. **Alfa**, São Paulo, v. 41, p. 211-222, 1997. Disponível em: http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/4021/ 3690. Acesso em: 21 fev. 2022.

Sintaxe de concordância

Aula

10



Apresentação

Prezado(a) aluno(a), nesta aula, estudaremos os dois tipos de *concordância morfossintática* do português, a saber, a *verbal* e a *nominal*. Esse tema, em certa medida, retoma aspectos já vistos principalmente no ensino médio. Nessa direção, revisitaremos o conceito de concordância e as regras subjacentes às relações morfossintáticas entre o verbo e termos a ele relacionados (sintaxe de concordância verbal), bem como entre o nome e constituintes ligados a ele (sintaxe de concordância nominal).

Objetivos

1. Caracterizar o processo de concordância (nominal e verbal).
2. Diferenciar concordância verbal e concordância nominal.
3. Identificar aspectos da concordância verbal.
4. Identificar propriedades da concordância nominal.
5. Perceber fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou inibem a concordância (verbal e nominal).



1 Conceito de concordância

A sintaxe de concordância refere-se à harmonia em gênero, pessoa e/ou número entre dois ou mais constituintes oracionais inter-relacionados (VIEIRA; BRANDÃO, 2007). Pode se dar entre verbo e substantivo/pronome (normalmente na função de sujeito), caracterizando a *concordância verbal*, ou pode ser entre substantivo/pronome e artigo, adjetivo, pronome e/ou numeral, a chamada *concordância nominal*. Vejamos o trecho a seguir.

> No dia da viagem chovia muito em Natal e um amigo que tinha carro prontificara-se a deixar-me no aeroporto. Minha mãe e minha irmã acompanharam-me até o embarque e o percurso foi tranquilo, apesar da chuva incessante. O rádio ligado tocava uma canção do Guilherme Arantes e eu embalado na melodia apanhava-me nas minhas lembranças, desde as mais remotas até às mais recentes. Despedi-me. Tudo correu rápido, dos abraços à entrada no avião. [...]
>
> **Fonte:** http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 14 jan. 2022. Texto adaptado.

Observe que, em *Minha mãe e minha irmã acompanharam-me até o embarque e o percurso foi tranquilo [...]*, as formas verbais *acompanharam* (3ª pessoa do plural) e *foi* (3ª pessoa do singular) encontram-se flexionadas em consonância com seus respectivos sujeitos: no primeiro caso, o sujeito composto *minha mãe e minha irmã*; no segundo, o sujeito simples *o percurso*. Trata-se, portanto, de amostras de concordância verbal, ou seja, da sintonia gramatical entre o verbo e o argumento externo (sujeito) a ele vinculado.

Em relação à concordância nominal, ainda nesse mesmo trecho, encontramos os sintagmas *O rádio ligado* e *nas minhas lembranças*. No primeiro, o artigo *o* (Det) e o adjetivo *ligado* (Mod) – ambos adjuntos adnominais – estão no masculino singular, em consonância com o núcleo do SN (*rádio*); no segundo, o artigo *as* e o pronome possessivo *minhas* – também adjuntos adnominais – estão no feminino plural, concordando com *lembranças* (núcleo do SN *as minhas lembranças*). Vemos então que, convencionalmente, enquanto a con-

cordância verbal diz respeito à conformação número-pessoal entre o verbo e seu argumento externo (sujeito), a concordância nominal tem a ver com a correspondência em gênero e em número entre o nome (substantivo/pronome) e os termos a ele associados.

2 Casos de concordância verbal

Nesta seção, trataremos de algumas manifestações de concordância verbal no português brasileiro, as quais requerem atenção especial. Para tanto, tomamos como referência as orientações da gramática normativa, segundo autores como Cunha e Cintra (1985), Rocha Lima (1994) e Bechara (2009).

2.1 Posposição do sujeito (simples no plural e composto)

Geralmente, no português, o sujeito vem antes do verbo, ou seja, anteposto. Casos há, porém, em que o sujeito pode vir depois do verbo, isto é, posposto. Quando isso ocorre, devemos prestar atenção às seguintes situações:

a) sujeito simples no plural: o verbo deve ir para o plural, concordando com o sujeito;

> […] **chegaram** homens assim já de profissões definidas também... senhores... rapazes que estão chegando e fazendo o curso... talvez esteja havendo uma mudança de comportamento sutil na nossa sociedade […]
>
> **Fonte:** http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 14 jan. 2022. Grifo nosso.

Nesse fragmento, o verbo *chegar* está na 3ª pessoa do plural (*chegaram*), concordando com o núcleo do sujeito posposto simples no plural (*homens*).

b) sujeito composto: o verbo vai para o plural ou pode concordar com o núcleo mais próximo.

Excerto 1

Aproximam-se, sem pressa, do terreiro. Sabem que, anos e anos atrás, ali **chegaram** Januário e a mulher. Seu machado rompeu a mata, suas mãos levantaram a casa, sua mulher teve os filhos. Agora, vendo a desolação, não indagam o que houve. Cajango tudo explica em sua cólera, sua guerra, sua vingança.

Fonte: http://www.corpusdoportugues.org/. Acesso em: 14 jan. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

A medida do homem está em Quixote, não em Sancho. O que importa é a nossa realidade interior, não o mundo de espectros que nos rodeia. Que me **importava** Carlota, o lar, a sociedade e seus códigos? O amor criava um novo mundo.

Fonte: ANJOS, Clara dos. Abdias. São Paulo: Globo, 2008. Grifo nosso.

Nos dois excertos acima, temos casos de sujeito composto posposto. Note que, no primeiro excerto, o verbo *chegar* encontra-se na 3ª pessoa do plural (*chegaram*), concordando com os SN do sujeito composto *Januário e a mulher*; já no segundo, o verbo *importar* está na 3ª pessoa do singular (*importava*), fazendo a concordância apenas com o núcleo mais próximo (*Carlota*) do sujeito composto (*Carlota, o lar, a sociedade e seus códigos*).

2.2 Distanciamento do sujeito (simples e composto)

No português, é mais comum a ocorrência do sujeito próximo ao verbo. No entanto, existem situações em que o sujeito pode vir distanciado do verbo. Nesse caso, é preciso ficar atento(a) para que se mantenha a concordância verbal, seja com o sujeito simples, seja com o sujeito composto. Observemos as amostras a seguir.

Excerto 1

O sr. Custódio está preocupado com a inflação de dois dígitos e as notícias de suspeitas reorientações da política econômica do governo e, como teme que muitos brasileiros, especialmente os 40% nascidos depois de 1990, não **tenham** ideia do que é viver com altas taxas, franqueou ao colunista seus registros de despesas dos anos 1993-1994, vésperas do Plano Real.

Fonte: https://veja.abril.com.br/coluna/augusto-nunes/8216-alerta-de-ano-novo-8217-um-texto-de-roberto-pompeu-de-toledo/. Acesso em: 14 jan. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

O sr. Custódio é assaltado pela sensação de um conhecido filme que recomeça. Ele gostaria que a excelentíssima senhora presidente da República e o excelentíssimo senhor Nelson Barbosa, o novo ministro da Fazenda (o sr. Custódio, além de prudente, metódico e assustadiço, é formal como costumam ser as pessoas prudentes, metódicas e assustadiças), **dedicassem** um minuto de seu precioso tempo para considerar os dados de sua caderneta.

Fonte: https://veja.abril.com.br/coluna/augusto-nunes/8216-alerta-de-ano-novo-8217-um-texto-de-roberto-pompeu-de-toledo/. Acesso em: 14 jan. 2022. Grifo nosso.

Observe que, na primeira amostra, o sujeito *muitos brasileiros* está distanciado do verbo *ter* pela intercalação do termo *especialmente os 40% nascidos depois de 1990*. Entretanto, a concordância verbal é mantida: *tenham* (3ª pessoa do plural) conforma-se ao sujeito a que se refere. A mesma coisa acontece na segunda amostra: o sujeito composto *a excelentíssima senhora presidente da República e o excelentíssimo senhor Nelson Barbosa, o novo ministro da Fazenda* distancia-se do verbo *dedicar* pela inserção de um aposto seguido de comentário entre parênteses. A concordância verbal, contudo, também é mantida: *dedicassem* (3ª pessoa do plural) concorda com os núcleos do sujeito (*presidente* e *Nelson Barbosa*).

3. Outros casos de concordância verbal

Contemplamos neste estudo o que as gramáticas tradicionais normalmente denominam "casos especiais". Trata-se de situações que, via de regra, suscitam dúvidas quanto ao emprego da forma verbal tomada como "correta". Elencamos, nesta seção, apenas alguns casos.

3.1 Expressões partitivas

Quando o sujeito é representado por uma expressão de valor partitivo, a exemplo de *a maioria de, grande número de, a maior parte de*, entre outras, seguida de substantivo no plural, o verbo fica no singular concordando com o núcleo da expressão ou vai para o plural, em concordância com o substantivo plural. É o que se dá nos trechos a seguir.

Excerto 1

[…] O grupo ARRI tem mais de 1.200 funcionários ao redor do mundo. Metade deles está baseada na Alemanha, onde a empresa está localizada em Munich e onde a maior parte das atividades **está** concentrada. Sua linha de produtos, diversas vezes premiada, é distribuída aos centros de produção de Hollywood a Bollywood.

Fonte: http://www.eurobrastv.com.br/?page_id=737. Texto adaptado. Acesso em: 19 jan. 2016. Grifo nosso.

Excerto 2

[…] os filhos estão evadindo... eles num querem preser/ num estão tão preocupado na preservação desses laços de cultura... do estar junto à terra... do... do arar a terra... aquela coisa que os pais deles têm ainda... esse cuidado entendeu? alguns ficam com os pais... mas a maioria dos filhos **vão** pra cidade estudar […]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 19 jan. 2022. Grifo nosso.

Repare que, no primeiro caso (Excerto 1), o verbo *estar*, na 3ª pessoa do singular (*está*), concorda com o núcleo do sujeito (*parte*), no singular; no segundo (Excerto 2), o verbo *ir*, na 3ª pessoa do plural (*vão*), faz concordância com o substantivo *filhos*, integrante do sintagma especificador (*dos filhos*) da expressão partitiva.

3.2 Verbos com (-)se



O sujeito, nesse caso, não se realiza sintaticamente na oração.

Quando o verbo está acompanhado do pronome (-)se, há duas orientações segundo a tradição normativa, a depender da transitividade do verbo. No caso do verbo transitivo direto, há sujeito determinado, normalmente posposto, e com ele o verbo deve concordar. Nessa situação, o (-)se é tomado como pronome apassivador. Se o verbo for transitivo indireto ou intransitivo, o sujeito será **indeterminado**, e o verbo deverá ficar na 3ª pessoa do singular. Em casos assim, o (-)se é considerado índice de indeterminação do sujeito. Vejamos as amostras a seguir.

Excerto 1

A cozinha é composta de um fogão, uma pia, um sub-armário (armário que fica debaixo da pia), onde **se guardam** as panelas, um filtro, um freezer horizontal e um frigobar. É lá que as mulheres gastam um bom tempo, fazendo comida para o "batalhão"…

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 19 jan. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

O programa TALENTOS PRIME é uma iniciativa da Talentos Humanos acerca das necessidades do cuidado direcionado ao trabalhador, considerando que é no trabalho que se vivencia o início e o fim dos sonhos, aspirações e desejos pessoais e profissionais. É o lugar onde acontece a realização, a frustração, o sucesso, o fracasso e o adoecimento. **Precisa-se** de bons empregados, mas também que sejam pessoas saudáveis e felizes, trabalhando e produzindo seu espaço no mundo do trabalho.

Fonte: http://talentoshumanosce.com.br/prime/. Texto adaptado. Acesso em: 19 jan. 2016. Grifo nosso.

Na primeira amostra, perceba que o verbo transitivo direto *guardar* vem acompanhado do pronome *se* e está na 3ª pessoa do plural (*guardam*), concordando com o sujeito composto *as panelas, um filtro, um freezer horizontal e um frigobar*, o qual se encontra posposto ao **verbo**. Na segunda, o verbo *precisar*, transitivo indireto (pela classificação da **NGB**), também vem acompanhado do pronome (-)*se*, o qual, nesse caso, funciona como índice de indeterminação do sujeito, daí o verbo ficar na 3ª pessoa do singular (*precisa-se*). O termo que segue esse verbo (*de bons empregados*) é objeto indireto (para a NGB) e complemento relativo em nosso entendimento.



Conforme posto na Aula 4, entendemos que, nesses casos, há indeterminação do responsável pelo conteúdo comunicado pelo verbo. Assim, o que a NGB considera sujeito, seria, na verdade, objeto direto.

Lembre-se de que, de acordo com o que vimos na Aula 4, classificamos esse verbo como transitivo relativo e seu argumento interno como complemento relativo.

3.3 Verbos impessoais

Também recebem destaque nos manuais de gramática normativa orações com os chamados verbos impessoais. Os casos mais comuns são os dos verbos *haver*, *fazer* e os que indicam fenômenos naturais. *Haver* deve ser usado impessoalmente na 3ª pessoa do singular quando indica existência, acontecimento ou tempo. *Fazer* deve ser usado da mesma forma quando indicar tempo ou situação meteorológica. Já os verbos que indicam fenômenos naturais, tais como *chover, nevar, trovejar*, entre outros, quando usados denotativamente, devem também ficar na 3ª pessoa do singular. Vejamos as ocorrências que exemplificam esses casos nos seguintes excertos textuais.

Excerto 1

Houve problemas ao instalar algumas atualizações, mas tentaremos novamente mais tarde. Se você continuar vendo esta mensagem e quiser pesquisar na Web ou pedir informações ao suporte, isto poderá ajudar: Intel Corporation - Graphics Adapter WDDM1.0, Graphics Adapter WDDM1.1, Graphics Adapter WDDM1.2, Graphics Adapter WDDM1.3 - Intel(R) HD Graphics - Erro 0x80248007 […]

Fonte: http://h30487.www3.hp.com/t5/Sistemas-operacionais-e-software-para-notebooks/Falha-ao-instalar-ou-atualizarprogramas/td-p/588021. Acesso em: 19 jan. 2016. Grifo nosso.

Excerto 2

A família de José Luis Azcona, que **faz** dois meses declarou em uma entrevista ao "Diário de Navarra" que o bispo desejava continuar em sua diocese apesar das ameaças, recebeu ontem com satisfação a notícia do apoio do Parlamento forense.

Fonte: http://www.agustinosrecoletos.com/news/view/258-ultimas-noticias-actualidad/341-o-governo-de-navarra-se-solidarizacom-o-bispo-agostiniano-recoleto-ameaccedil-ado-de-morte-no-bras. Acesso em: 19 jan. 2016. Grifo nosso.

Excerto 3

Ambrosina, por exemplo, é metida a bidu. Quando meu avô Feliciano estava para morrer, ela já sabia antes. Vieram as galinhas e lhe mostraram. [...] Disse que as formigas lhe avisaram. **Choveu** sete dias sem parar após o enterro. Aí veio a morte da minha mãe, prevista também pela mulhé.

COMIN, O. Gaúcho, macho e grosso. São Paulo: All Print, 2010. Grifo nosso.

Note que, nas três ocorrências desses excertos textuais, os verbos em destaque encontram-se na 3ª pessoa do singular. Na primeira, o verbo *haver* codifica-se como *houve* por indicar acontecimento (*problemas*); na segunda, a forma verbal *faz* justifica-se pelo fato de exprimir tempo (*dois meses*); na terceira, *choveu* refere-se a um fenômeno natural. Em casos como esses, portanto, a forma verbal é considerada impessoal, ou invariável, não estabelecendo concordância com o(s) termo(s) a ele associado(s). Cabe assinalar que essa mesma impessoalidade é transferida para o auxiliar que acompanhar os verbos nesses usos. Considere a seguinte ocorrência:

Facebook, Twitter, Orkut, Flickr, Tumblr, Linkedln; cada rede tem seu propósito, sua forma de uso e sua utilidade, seja apenas para socializar, postar preferências pessoais, dicas e opiniões; ou para uso profissional, no caso de empresas, blogueiros ou setores de recursos humanos. Mas há quem publique qualquer espirro dado, uma simples ação doméstica, um conflito pueril, a dúvida cruel de qual roupa usar. [...] Mas aí é que está a questão: **deve haver** limites, algum tipo de controle, manual de conduta para apontar o "certo" e o "errado"? Há defensores para os dois lados.

Fonte: http://tribunadonorte.com.br/noticia/exposicao-nas-redes-sociais/223183. Acesso em: 21 jan. 2016. Grifo nosso.

Observe que o verbo *haver*, nesse trecho, vem acompanhado do auxiliar *dever* e indica *existência*. Nesse caso, *haver* é impessoal, e essa impessoalidade é transferida ao seu auxiliar, daí porque *dever* está no singular (*deve*).

3.4 Concordância do verbo SER

O verbo SER apresenta flexão variável, podendo concordar, conforme a prescrição normativa, com o sujeito ou com o predicativo. Atentemos para os fragmentos textuais que seguem.

Excerto 1

Na verdade, eu tenho estudado as drogas há 23 anos; e por 20 acreditei que as drogas eram o problema das comunidades. Mas quando eu comecei a olhar com mais cuidado, quando comecei a olhar as evidências de maneira mais cuidadosa, ficou claro para mim que as drogas não **eram** o problema.

Fonte: http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Direitos-Humanos/-As-drogas-nao-sao-o-problema-entrevista-com-o-neurocientistaCarl-Hart-/5/30021. Acesso em: 20 jan. 2016. Grifo nosso.

Excerto 2

A aquisição de De Gea por parte do Manchester United esta temporada, contratado ao Atlético de Madrid, era tida como uma das melhores transferências dos últimos anos. O jogador, contudo, ainda não convenceu e depois de vários erros, que custaram pontos aos Red Devils, Alex Ferguson retirou-lhe a titularidade. Notícias desta sexta-feira em Inglaterra dizem que o problema do espanhol **eram** os olhos e agora vai ser operado.

Fonte: http://www.dn.pt/desporto/futebol-internacional/interior/afinal-o-problema-de-de-gea-eram-os-olhos-2253354.html. Acesso em: 20 jan. 2016. Grifo nosso.

No primeiro fragmento, o verbo *ser* concorda com o sujeito *as drogas*, ficando na 3ª pessoa do plural (*eram*); no segundo, esse mesmo verbo concorda com o predicativo *os olhos*, sendo também codificado no plural (*eram*). As gramáticas normativas, via de regra, buscam instruir o uso de *ser* quanto à concordância. As instruções, em geral, resumem-se no seguinte:

a) o verbo concorda com o termo que designa pessoa, seja sujeito, seja predicativo;
b) não havendo termo que designa pessoa, o verbo concorda com o termo que está no plural, seja este sujeito ou predicativo. Observemos estes casos:

Excerto 1

De acordo com a Bíblia, filhos **são** uma benção que vem do Senhor, "o fruto do ventre o seu galardão." (Sal 127:3). Não são só os filhos que são uma benção, mas também os filhos dos filhos são "a coroa dos velhos" (Prov. 17:6).

Fonte: http://www.vivos.com.br/454.htm. Acesso em: 21 jan. 2016. Grifo nosso.

Excerto 2

A aquisição de De Gea por parte do Manchester United esta temporada, contratado ao Atlético de Madrid, era tida como uma das melhores transferências dos últimos anos. O jogador, contudo, ainda não convenceu e depois de vários erros, que custaram pontos aos Red Devils, Alex Ferguson retirou-lhe a titularidade. Notícias desta sexta-feira em Inglaterra dizem que o problema do espanhol **eram** os olhos e agora vai ser operado.

Fonte: http://www.dn.pt/desporto/futebol-internacional/interior/afinal-o-problema-de-de-gea-eram-os-olhos-2253354.html. Acesso em: 20 jan. 2016. Grifo nosso.

No primeiro caso, o verbo *ser*, no plural, concorda com o sujeito *filhos*, o qual designa pessoa; no segundo, o mesmo verbo aparece também no plural, mas em concordância com o predicativo do sujeito (os olhos).

3.5 Pronome relativo como sujeito

Quando o sujeito é um pronome relativo, o verbo concorda, via de regra, com o antecedente desse pronome. Se o pronome relativo for *quem*, o verbo fica na 3ª pessoa do singular ou, menos comumente, concorda com o antecedente. Consideremos as amostras a seguir.

Excerto 1

Segundo os professores Xiaoqian Chai e Denise Klein, que **encabeçaram** o estudo [sobre aprendizagem de segunda língua], esses fatores explicam a facilidade (ou dificuldade) que estudantes costumam ter na hora de dominar um novo idioma. Mas, embora anatomia seja uma justificativa boa, eles também alertam que o "cérebro aprende com a experiência", portanto o jeito é não deixar de estudar.

Fonte: http://super.abril.com.br/ciencia/aprender-segunda-lingua-e-dificil-por-culpa-da-anatomia-do-cerebro. Acesso em: 26 jan. 2016. Grifo nosso.

Excerto 2

Quem me dará um ombro amigo Quando eu precisar? E se eu cair, se eu vacilar Quem vai me levantar? Sou eu quem **vai** ouvir você Quando o mundo não puder te entender Foi Deus quem te escolheu pra ser O melhor amigo que eu pudesse ter [...]

Fonte: https://www.letras.mus.br/luan-santana/1543706/. Acesso em: 26 jan. 2016. Grifo nosso.

Excerto 3

Sou eu quem **agradeço** a você, minha querida amiga, mestre, referência Chef @robertasudbrack ... A inspiração de fazer, como já conversamos, teve na sua origem você e sua cozinha de alma e coração. Como li em uma entrevista sua, na qual decidi de vez a ser Padeiro: "Quem não se permite sonhar, não sonha." Por isso, sonhem!!!!!! epost@ roberta sudbrackwith@repostapp.

Fonte: https://www.facebook.com/tchonk/posts/1071257712894888:2?fref = nf. Acesso em: 26 jan. 2016. Grifo nosso.

Note que, na primeira amostra, o verbo *encabeçar* está na 3ª pessoa do plural (*encabeçaram*), concordando não com seu sujeito (o pronome relativo *que*), mas com o antecedente desse pronome (*os professores Xiaoqian Chai e Denise Klein*). Na segunda, a concordância do verbo *ir* se dá com seu sujeito (o pronome relativo *quem*), ficando na 3ª pessoa do singular (*vai*). Por fim, na terceira, a forma verbal *agradeço* concorda com o antecedente do relativo *quem* (no caso, *eu*), em vez de concordar com seu sujeito (*quem*).

3.6 Sujeito representado por expressão de porcentagem

Segundo Bechara (2009), quando no sujeito entram expressões numéricas que indicam porcentagem, o verbo pode concordar com o termo que especifica o percentual ou com o numeral da expressão quantitativa. Vejamos o exemplar a seguir.

> Esta foi a primeira vez que a pesquisa do IBGE contabilizou o acesso à internet por outros aparelhos que não fossem computadores e notebooks. Em 2011, ano do último levantamento, registrou-se que 46,5% da população se **conectava** à rede pelos tradicionais microcomputadores; enquanto o levantamento divulgado hoje aponta uma queda para 45,3%. A pesquisa mostra ainda que 4,1% das pessoas se **conectaram** à internet apenas por meio de outros dispositivos, como celular, tablet ou a televisão.
>
> **Fonte:** http://www.ebc.com.br/tecnologia/2015/04/acesso-internet-chega-494-da-populacao-brasileira. Texto adaptado. Acesso em: 26 de jan. 2016. Grifo nosso.

Perceba que, na primeira ocorrência, o verbo *conectar* está na 3ª pessoa do singular (*conectava*), concordando com o núcleo do termo que especifica a porcentagem (*população*). Na segunda, esse mesmo verbo encontra-se no plural (*conectaram*), indicando provável concordância também com o núcleo do termo especificador do número percentual (*pessoas*).

3.7 Concordância ideológica

Em alguns casos, a concordância do verbo é feita não com a forma do sujeito, mas com a ideia expressa por esse termo ou com referentes fóricos (substantivos e/ou pronomes) identificados no co(n)texto. Tomemos, para fins de análise, os dados a seguir.

Excerto 1

Agora... me responda: Se <u>todos</u> **somos** iguais perante a lei, por que existe a "Lei Maria da Penha" e não existe a "Lei João da Penha"? Porque, de fato, a mulher é o sexo frágil da história... Não se poderia defender algo que é forte o suficiente para sua autodefesa. É assim que funciona, mas não é assim que deveria ser. Deixo claro que a minha opinião sobre a lei da mulher é a favor. Só acho que os homens não deveriam fazer o que fazem... mas enfim, estou fugindo da sua pergunta rs... Não somos todos iguais perante a lei, mas deveríamos ser.

Fonte: https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20120201003227AAQHzdN. Acesso em: 28 jan. 2016. Grifo nosso.

Excerto 2

— <u>O resto do exército realista</u> evacua neste momento Santarém; **vão** em fuga para o Alentejo. Os constitucionais venceram na Asseiceira, e tudo está dito para nós. Para mim, Carlos, falta uma palavra só: quererás tu dizê-la?

Fonte: http://triplov.com/contos/garrett/viagens/cap34.htm. Acesso em: 28 jan. 2016. Grifo nosso.

Em *Se todos somos iguais...*, o verbo *ser*, na 1ª pessoa do plural (*somos*), não concorda com a forma do sujeito *todos*, que representa 3ª pessoa do plural, mas com a ideia de *nós*, visto que o interlocutor se inclui no grupo ao qual o elemento *todos* se refere. Esse caso é tradicionalmente denominado silepse de pessoa (na amostra em foco, a 1ª em lugar da 3ª). No dado seguinte, o verbo *ir* encontra-se na 3ª pessoa do plural (*vão*) embora o núcleo do sujeito (*resto*) esteja no singular. A concordância, na verdade, se dá com a ideia expressa pelo núcleo do termo especificador (*exército*), a qual remete a um grupo de soldados. Temos, nessa situação, o que convencionalmente é chamado de silepse de número (no caso, o plural em vez do singular).

Além dos casos de concordância verbal apresentados neste material, existem outros, tais como os de sujeitos ligados por *e, nem, com* e *ou*; sujeito introduzido pela expressão *mais de um*; sujeito expresso

por pronome indefinido/interrogativo (*quem, qual/is, quantos*...) seguido de nome plural; entre outros. Para eles, recomendamos a leitura de Cunha e Cintra (1985), Rocha Lima (1994) e Bechara (2009).

Vamos praticar um pouco, para você verificar o aprendizado em relação ao que já estudamos.

Atividade 1

1 Justifique os casos de concordância verbal das formas destacadas em cada um dos excertos textuais a seguir.

a) [...] eu acompanhei esse processo de destruição natural dela... é... ela foi é... quebrando galho por galho e hoje em dia só **restam** pequenos pedaços de tronco [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 19 jan. 2016.

b) Não se **vendem** dois pardais por um asse? E nenhum deles **cairá** em terra sem o consentimento de vosso Pai. Não temais, pois! Bem mais valeis vós do que muitos pardais. Mateus 10:29,30.

Fonte: https://www.facebook.com/amigosdejesus.site/posts/531682213542474. Acesso em: 28 jan. 2016.

c) [...] aí eu fui lá... aí eu e meu irmão **ficamos** brincando... aí quando chegamos no quarto brincamos... brincamos... brincamos [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 19 jan. 2016.

d) Alguns de nós **sabem** como amar
Sem temer o fim sem ter medo de se entregar.

Fonte: http://www.vagalume.com.br/zona-zero/alguns-de-nos.html. Acesso em: 28 jan. 2016.

e) Para mim, o problema **eram** mais os jogadores do que ele. Mas a cultura do Brasil é esse lixo mesmo [...]

Fonte: https://twitter.com/marcogiorgette/status/402220692563046400. Acesso em: 28 jan. 2016.

2 Considerando a concordância verbal, assinale a única opção aceita pela norma culta escrita nas ocorrências que seguem; depois explique por que as demais não atendem à prescrição normativa.

a) Em qualquer guerra, a calmaria vem entre as tempestades. Haverão dias em que perderemos a fé, dias em que nossos aliados se voltarão contra nós, [...]

Fonte: http://filmesfrases.blogspot.com.br/2013/08/frases-do-filme-transformers.html. Acesso em: 26 jan.2016.

b) Faz três semanas
Que tô comendo banana
Só porque não tenho grana
Nem ao menos pra almoçar

Fonte: https://www.letras.mus.br/noel-rosa-musicas/1280543/. Acesso em: 26 jan. 2016.

c) Nessa narrativa Experiencial falei sobre a excursão a Maceió que quase não foi porque falei para mãe que ia começar as provas.

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso: 19 jan. 2016.

d) Quando agente chegamos lá trocamos de roupa e fomos conhecer as praias. Ai o guia mandou para o ônibus para ver que ia tira fotos na praia que tem uma Sereia [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 19 jan. 2016.

e) Batman percebeu que os pinguins eram levados por vibrações, logo ele interferiu nessa frequência e os pinguins voltam a gruta. Aproveitando a chance, Batman os perseguem.

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 28 jan. 2016.

4 Casos de concordância nominal

Nesta seção, abordamos casos de concordância nominal do português brasileiro, os quais, a exemplo do que vimos na seção anterior com respeito à concordância verbal, também requerem especial atenção. Para tanto, tomamos por base orientações da gramática normativa, segundo autores como Cunha e Cintra (1985), Rocha Lima (1994) e Bechara (2009).

4.1 Modificador de dois ou mais nomes

Havendo dois ou mais nomes (substantivos) acompanhados de um só modificador (Mod), as orientações são as seguintes:

a) o Mod, caso se aplique a todos os substantivos, deverá ir para o plural no gênero desses substantivos ou no masculino se os gêneros forem distintos;
b) se o Mod incidir sobre apenas um dos substantivos, concordará com este em gênero e número;
c) o Mod poderá concordar em gênero e número com o substantivo mais próximo.

Observemos as amostras que seguem.

Excerto 1

Pés e pernas **inchados** são um problema comum em pacientes com doenças neuromusculares. Geralmente isso ocorre pela falta de ação muscular das pernas, mas é muito importante compreender por que ocorre o edema, e principalmente como proceder para minimizar este tipo de problema.

Fonte: https://www.tudosobreela.com.br/voce/apoio_01_04.shtml?sessao=apoio. Acesso em: 26 jan. 2016. Grifo nosso.

Excerto 2

Previsão de sol e mar agitado para o fim de semana RIO

A previsão do tempo para a quinta-feira é de sol e calor. De acordo com informações do Instituto Climatempo, os termômetros devem bater os 32 graus. À noite, no entanto, a temperatura deve cair. No fim de semana, a previsão é de mar agitado.

Fonte: http://www.cnj.jus.br/programas-e-acoes/politica-nacional-de-priorizacao-do-1-grau-de-jurisdicao. Acesso em: 26 jan. 2016. Grifo nosso.

Excerto 3

Se você tem o nariz e a boca **seca**, baixa umidade no ar poderia ser o problema. Se você vive em um ambiente seco, a falta de umidade pode secar suas mucosas e causar nariz e boca seca. A maioria dos especialistas recomendam uma umidade no interior de entre 35% e 45 %.

Fonte: http://www.cnj.jus.br/programas-e-acoes/politica-nacional-de-priorizacao-do-1-grau-de-jurisdicao. Acesso em: 26 jan. 2016. Grifo nosso.

Repare que, no Excerto 1, o Mod-adjetivo *inchados* relaciona-se aos substantivos *pés e pernas*. Como os substantivos têm gêneros distintos, o adjetivo está no masculino plural, priorizando a concordância em gênero e número com o substantivo *pés*. No Excerto 2, o título vem com o adjetivo *agitado* no masculino singular. É assim pelo fato de se referir apenas ao substantivo *mar*, uma vez que essa característica não poderia ser atribuída a *sol*. Já no Excerto 3, embora haja substantivos de gêneros diferentes (*nariz* e *boca*) e o adjetivo se aplique a ambos, *seca* está no feminino singular, concordando em gênero e número com o item mais próximo (no caso, *boca*).

4.2 Determinantes e modificadores de um nome

Quando dois ou mais determinantes (Det) ou modificadores referem-se a um só substantivo, este irá para o plural ou ficará no singular, podendo haver ou não repetição do artigo. Vejamos os excertos textuais a seguir.

Excerto 1

Entre janeiro e março de 2014, foi realizada consulta pública sobre a proposta de ato normativo que ensejou, em junho de 2014, a instituição da Resolução n. 194 (que instituiu a Política) e da Resolução n. 195, de 3 de junho de 2014, que dispõe sobre a distribuição de orçamento nos órgãos do Poder Judiciário de primeiro e segundo **graus**.

Fonte: http://www.cnj.jus.br/programas-e-acoes/politica-nacional-de-priorizacao-do-1-grau-de-jurisdicao. Acesso em: 28 jan. 2016. Grifo nosso.

Excerto 2

Há quem afirme que Deus castiga o pecado de alguém na sua descendência, ou seja, até a terceira e a quarta **geração**. Para tanto, baseiam-se em Ex 20,5s.

Fonte: http://www.iesusdominus.com.br/2011/03/castigo-ate-terceira-e-quarta-geracao.html. Acesso em: 28 jan. 2016. Grifo nosso.

Excerto 3

"Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o SENHOR teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta **geração** daqueles que me odeiam".

Fonte: http://www.gotquestions.org/Portugues/pecado-pais.html. Acesso em: 28 jan. 2016. Grifo nosso.

No primeiro excerto, os Det *primeiro* e *segundo* incidem sobre o substantivo no plural *graus*, o qual concorda com ambos os numerais. No segundo e no terceiro excertos, os numerais *terceira* e *quarta* determinam o substantivo *geração*, estando este no singular, concordando apenas com o Det mais próximo (*quarta*). Note que, no segundo excerto, o artigo *a* é repetido, o que não ocorre no último caso (*a terceira e quarta geração*).

4.3 Concordância ideológica

Existem situações em que a concordância do Mod e/ou do Sintagma Adjetival (SA) não se dá com a forma do nome (substantivo ou pronome) a que se vincula, mas com a ideia expressa por esse nome ou por um referente inscrito no co(n)texto. Vejamos o que ocorre na amostra a seguir.

> […] lâmpada fluorescente... no meu quarto... pintado de... amarelo... muito bom... às vezes eu fico lá dentro... fico ouvindo som... fico escrevendo na mesa... fico sentado numa cadeira... escrevendo... muito bom... e... e a gente fica mais **sossegado**... entendeu? pra fazer alguma pesquisa sobre um trabalho... aí eu fico sentado... escrevendo muito […]
>
> **Fonte:** http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/rio_de_janeiro_b.pdf. Acesso em: 28 jan. 2022. Grifo nosso.

Nessa amostra, podemos verificar que o SA *sossegado*, que funciona como predicativo, não concorda em gênero com a forma do nome que representa o sujeito (*gente*). Note que a palavra *gente* é feminina, enquanto *sossegado* está no masculino. Nesse caso, a concordância parece ocorrer com o gênero do locutor, identificado no (co)texto pelas marcas em *fico sentado* (a 1ª pessoa do verbo remete ao locutor; a desinência em *sentado* indica o masculino). Também é possível flagrar a concordância ideológica com elementos nominais fóricos (substantivos/pronomes anafóricos ou catafóricos), conforme acontece no fragmento textual seguinte.

[...] isso é uma preocupação pro Rio Grande do Sul... eu acho... eu acho uma preocupação pro pessoal antigo... porque **eles** querem deixar as terras para os filhos... mas os filhos estão evadindo... eles num querem preser/ num estão tão preocupado na preservação desses laços de cultura... do estar junto à terra... do... do arar a terra... aquela coisa que os pais deles têm ainda... esse cuidado entendeu? alguns ficam com os pais [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/rio_de_janeiro_b.pdf. Acesso em: 28 jan. 2022. Grifo nosso.

É possível constatar, nesse fragmento, que a concordância do pronome anafórico *eles* (masculino plural) não se dá com a forma do elemento retomado (*pessoal*, masculino singular), mas com a ideia que esse elemento evoca (*um grupo de pessoas*).

4.4 Alternância de modificador

Alguns nomes apresentam comportamento ambíguo no sentido de que, em um contexto, podem funcionar como adjetivo e, em outro, como advérbio. É o que ocorre com nomes do tipo *caro, junto, bastante, muito, meio, direto* e outros. Consideremos os casos a seguir.

Excerto 1

[...] "Já temos **bastantes** atletas de pele escura no elenco. São seis", disse Gamula, para depois acrescentar: "eu já estou até preocupado com o ebola". [...]

Fonte: https://www.facebook.com/TerraBrasil/posts/10153431474353849?comment_id=10153431477653849&offset=0&total_comments=473. Acesso em: 28 jan. 2016. Grifo nosso.

Excerto 2

No final de 1991 meu primo André se formou no 2 o grau e a sua festa de formatura foi no Círculo Militar. Durante a festa eu ele e um amigo nosso, o Marcelo, bebemos todas e no final da festa nós estávamos **bastante** alcoolizados.

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/rio_de_janeiro_a.pdf. Acesso em: 28 jan. 2022. Grifo nosso.

Observe que, no primeiro caso, o termo *bastantes* é um adjetivo que incide sobre o substantivo *atletas*, com este concordando em número (ambos estão no plural). Já no segundo, *bastante* funciona como advérbio, modificando o adjetivo *alcoolizados*, ficando, por isso, invariável.

Além dos casos já abordados, existem outros, tais como os adjetivos *anexo*, *incluso*; *o mais... possível*; os advérbios *menos, alerta*; *ser* + *necessário/preciso/bom...* + sujeito; entre outros. Para eles, indicamos a leitura de Cunha e Cintra (1985), Rocha Lima (1994) e Bechara (2009).

Vamos praticar o que estudamos sobre concordância nominal? Veja a Atividade 2, a seguir.

Atividade 2

1 Justifique a concordância nominal dos casos em destaque nos fragmentos textuais a seguir.

a) [...] das minhas histórias... da ninhada deixada de... da minha saída de Natal... ia deixar a minha família e... **todos os meus laços afetivos** aqui em Natal... e... lá pras tantas... não tínhamos mais do que conversar [...]

FURTADO DA CUNHA, M. A. Banco Conversacional de Natal. Natal: EDUFRN, 2011. p. 5.

b) [...] **os outros textos são melhores**... assim... pra apresentar e pra fazer a relação entendeu?... com... com a literatura infanto-juvenil [...]

FURTADO DA CUNHA, M. A. Banco Conversacional de Natal. Natal: EDUFRN, 2011. p. 5.

c) Musicoterapia para corpo e mente **sã** Reagir à música como se esta fosse um medicamento, eis o segredo da musicoterapia, uma terapêutica em rápido crescimento, não fossem os seus processos 100% naturais e sem efeitos **secundários**.

Fonte: http://bemtratar.com/artigos/musicoterapia-para-corpo-mente-sa. Acesso em: 31 jan. 2016.

d) L2 - e essas **próprias** investigações são **meio** duvida... **duvidosas** né? Para serem **colocadas** em cheque/às vezes [...]

Fonte: LIMA-HERNANDES, M. C.; VIVENTE, R. B. (org.). A língua portuguesa falada em São Paulo: amostras da variedade culta do século XXI. São Paulo: Humanitas, 2012. p. 71.

e) A redação da CONNECTTV foi informada que durante a noite de ontem (18) às 23hs por trás do mercado público de Macaíba uma mulher por nome de Silvânia teve um dos braços e pernas **quebrados**.

Fonte: http://www.connecttv.com.br/2014/07/macaiba-mulher-teve-seu-braco-e-perna.html. Acesso em: 31 jan. 2016.

5 Variação no domínio da concordância

Nesta seção, explicitaremos fatores que motivam usos da concordância (verbal e nominal), focalizando tanto os prescritos pela tradição normativa quanto aqueles desabonados por ela. Nessa direção, apresentamos razões para a ausência de concordância – especialmente a de plural – em algumas situações de interação verbal.

5.1 Posição e distância do sujeito em relação ao verbo

Pesquisas linguísticas – como as de Scherre e Naro (1998) e de Vieira (2007) – têm demonstrado que a posição e a distância do sujeito em relação ao verbo interferem na realização ou não da concordância verbal. Sujeitos antepostos e/ou próximos ao verbo favorecem o uso de marcas de concordância no verbo, ao passo que sujeitos pospostos e/ou distantes do verbo tendem a inibir a realização dessas marcas. Analisemos as seguintes ocorrências:

Excerto 1

[...] foi depois proibiram... o pessoal achava o má/ o máximo era quando **chegava** policiais pra tirar né... todo mundo ficava com aquela tensão... aproveitava o máximo pra quando... enquanto não chegava esse policial [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 28 jan. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

Há pouco tempo atrás dois bárbaros assassinatos, o da atriz Daniela Perez e o da menina que foi queimada pelos sequestradores, **ressuscitou** a polêmica da Pena de Morte. As pessoas deixando a emoção falar mais alto saíram às ruas pedindo a volta da pena de morte no Brasil.

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 28 jan. 2022. Grifo nosso.

No Excerto 1, a posposição do sujeito em relação ao verbo provavelmente contribuiu para a não realização da concordância entre *chegar*, que está no singular (*chegava*), e o sujeito *policiais*, que está no plural. No segundo excerto, o distanciamento entre o sujeito (*dois bárbaros assassinatos*, plural) e o verbo (*ressuscitou*, singular) possivelmente inibiu o estabelecimento da concordância entre esses termos.

5.2 Animacidade do sujeito

Conforme Vieira (2007), sujeitos de referência animada e agentivos favorecem a concordância do verbo, o que não ocorre com os de natureza inanimada. Vejamos esta amostra:

> [...] eu participava de um grupo de jovens onde a gente tinha a oportunidade de... de colocar as coisas em comum e... alguns... alguns amigos **trabalhavam** uns para os outros e quando alguém precisava fazer uma viagem ou estava com as necessidades financeiras [...]
>
> **Fonte:** http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 28 jan. 2022. Grifo nosso.

Observe que, nessa amostra, o sujeito *alguns amigos* designa um referente animado (no caso, representa pessoa) e agentivo (executa uma ação: *trabalhar*). Essas propriedades favorecem a concordância do verbo (*trabalhavam*) com esse sujeito.

5.3 Paralelismo linguístico

Scherre (1988) mostra que a concordância ou não de um verbo é, em parte, influenciada pela presença/ausência de marcas de plural em elementos adjacentes. Trata-se do princípio do *paralelismo linguístico* segundo o qual a presença de um verbo marcado no plural leva a novas formas verbais no plural; inversamente, um verbo no singular leva a outros verbos no singular. Em outros termos e usando as palavras da autora, "marcas conduzem a marcas" e "zeros conduzem a zeros". Vieira (2007), fazendo uso do mesmo princípio, correlaciona a presença de maior ou menor quantidade de marca de

plural no sujeito à presença ou ausência de plural no verbo. Consideremos os casos que seguem.

Excerto 1

As opções para se assistir um programa de televisão são muitas. Quase todos os canais **oferecem** o mesmo produto: jornais, novelas, filmes, seriados, musicais, etc. Quando a escolha é a de assistir um filme, no final da noite, temos que fazer uma jornada através dos canais à cata daquele que irá preencher o nosso tempo.

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 28 jan. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

Ao amanhecer tínhamos as nossas tarefas a cumprir só que, antes disso fazíamos todos os dias uma consagração. Todos na sala **cantava**, **lia** a bíblia e por último um dos conselheiros terminava explicando a leitura feita. E então estávamos com a manhã disponível para o lazer. Íamos todos jogar vôlei e nos divertíamos bastante porque ninguém sabia jogar, mas nos entendíamos muito bem, embora alguns se sobressaiam na partida.

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/na tal.pdf. Acesso em: 28 jan. 2022. Grifo nosso.

Note que, em "*Quase todos os canais oferecem o mesmo produto...*", no Excerto 1, o núcleo do sujeito (*canais*) e seus determinantes (*todos, os*) apresentam marca de plural assim como o verbo *oferecer* (*oferecem*). Seguindo o raciocínio proposto por Vieira (2007), é possível supor que a presença das marcas de plural nos elementos que compõem o sujeito tenha favorecido a concordância verbal nesse caso. Já o período "*Todos na sala cantava, lia a bíblia e por último um dos conselheiros terminava explicando a leitura feita*", no Excerto 2, apresenta orações seguidas com verbos no singular, apesar de o sujeito (*todos*) estar no plural. Acompanhando os achados de Scherre (1988), é provável que a ausência de marca de plural na primeira

forma verbal (*cantava*) tenha motivado a não marcação de plural na forma verbal seguinte (*lia*).

O princípio do paralelismo também se aplica à concordância nominal, especialmente no caso dos predicativos e particípios passivos. Nesses casos, a presença de marcas de plural nos elementos precedentes favorece a marcação de plural no predicativo e no particípio passivo. Inversamente, a ausência de marcas nos termos que antecedem predicativo e particípio passivo, especialmente no termo mais próximo, tende a fazer com que estes fiquem no singular. Observemos estes fragmentos textuais:

Excerto 1

I: porque depois que tiver tudo bonitinho... já vigorando... né... aí as pessoas **ficam arrependidas**... o mal é esse... sabe? porque... eu pelo menos eu assim... se eu decidir uma coisa vou até o fim... eu não digo que tá errado não [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 29 jan. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

[...] fica o banheiro dos meninos de um lado... aí no mesmo lado tem as janelas da sala né... aí são duas janelas... aí a gente fica ( ) porque as duas **fica aberta**... aí fica o ventilador... quem senta embaixo do ventilador já fica com bastante frio... faz bastante frio dentro da sala... ela num gosta que a gente feche a porta... a porta tá meia quebrada... o trinco [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 30 jan. 2022. Grifo nosso.

Nos dois fragmentos textuais, temos em destaque a estrutura SUJEITO + VERBO DE LIGAÇÃO + PREDICATIVO. No primeiro, tanto o sujeito (*as pessoas*) quanto o verbo (*ficam*) estão no plural, de modo que favorecem que o predicativo (*arrependidas*) também seja pluralizado, concordando com o sujeito. Já no segundo fragmento,

embora o sujeito apresente marcas de plural (*as duas*), o verbo está no singular (*fica*), o que possivelmente fez com que o predicativo também ficasse no singular (*aberta*).

5.4 Saliência fônica

A maior ou menor diferença sonora entre as formas singular e plural de verbos pode também ser um fator determinante para a realização ou não da concordância verbal. Conforme têm revelado diversas pesquisas (NARO; LEMLE, 1976; NARO, 1981; SCHERRE; NARO, 1998), quanto mais saliente/perceptível for a diferença na oposição singular/plural das formas verbais (*fez/fizeram*; *é/são*; *pagou/pagaram* etc.), maior a chance de concordância verbo-sujeito. Já quando a diferença fônica entre a forma singular e a plural é menor (*fala/falam*; *pedia/pediam* etc.), há tendência de o plural não ser marcado no verbo. Vejamos as situações postas a seguir.

Excerto 1

[...] então... ele:: no um ele só consegue voltar para mil novecentos e oitenta e cinco por causa desse raio... porque eles sabiam que ia cair um raio na torre da igreja... então eles **fizeram** uma canalização com... com uma ligação elétrica lá [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 29 jan. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

[...]
F3 - mas eles vão pegá:... lá pra fevereiro...
F2 - é...
F3 - e como é ruim... em março...
F2 - começa em março...
F2 - e me diga uma coisa... as aulas da gente **termina**
F1 - (até) vinte e cinco de abril... vinte seis de fevereiro... (pra) vinte e cinco de abril...
F2 - então é depois do carnaval que termina... né?
[...]

FURTADO DA CUNHA, M. A. Banco Conversacional de Natal. Natal: EDUFRN, 2011. p. 66. Grifo nosso.

Na primeira situação, o verbo *fazer* está na 3ª pessoa do plural (*fizeram*), concordando com o sujeito (*eles*). Comparada à forma singular (*fez*), *fizeram* apresenta significativa diferença sonora (há, inclusive, aumento de massa fônica). Essa diferença saliente/perceptível – aliada a outros fatores, como a anteposição e a proximidade do sujeito – pode ter contribuído para a realização da concordância verbal. Já na segunda situação, o verbo *terminar* está na 3ª pessoa do singular (*termina*), embora seu sujeito anteposto (*as aulas*) esteja no plural. Dada a proximidade fonológica entre *termina/ terminam*, é possível que a não marcação de plural no verbo seja creditada à baixa saliência fônica entre as formas singular e plural do verbo em questão.

Na concordância nominal, também se verifica o efeito da saliência fônica (SCHERRE, 1988; SCHERRE; NARO, 1998). De acordo com os autores, nos itens cuja oposição singular/plural há distinção mais acentuada (*povo/povos, país/países, maior/maiores, avião/aviões* etc.), a tendência é que a concordância seja realizada; de modo inverso, nos nomes em que essa oposição for menos perceptível, sobretudo com paroxítonos e proparoxítonos (*casa/casas, médico/médicos* etc.), reduz-se a chance de a concordância ocorrer. Os dados que seguem ilustram a situação descrita.

Excerto 1

[...] pegar ônibus e táxi... onde era os **lugares** mais **fáceis** ali do centro... então comprei a minha passagem pra Rio Grande... ainda esperei uma hora e meia na... na rodoviária.... então a rodoviária de Porto Alegre tem umas lanchonetes assim super apetitosas... umas tangerinas... uns... uns bolos super transados... sanduíches... meals e bolos confeitados... **pastéis** super quentinhos e leite quente... chocolate quente... aí como eu tinha uma hora [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 30 jan. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

[...] só que quando ele foi atropelado... só tava o pai da menina em casa... o pai da menina em casa né... a mulher dele e os dois filhos tinham ido pra cidade... aí a filha dele gostava muito do gato né... **os filho** dele gostava muito do gato... aí chegou em casa... aí perguntou lá... pelo gato... "cadê o..." aí disse o nome dele... num tô lembrado o nome dele também... aí chamou... aí o pai dele... pai dela... pai deles... enrolou... enrolou num é... aí eles acreditaram pelo menos por enquanto [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 30 jan. 2022. Grifo nosso.

Perceba que, no primeiro caso, os termos destacados (*lugares, fáceis, pastéis*) estão todos com marca de plural, enquanto, no segundo, o substantivo *filho* encontra-se no singular, apesar de seu Det (*os*) estar no plural. A pluralização dos elementos, no primeiro caso, pode ter sido favorecida pela acentuada distinção sonora entre as formas no singular (*lugar, fácil* e *pastel*) e seus respectivos plurais, o que não se dá na outra situação, posto que a oposição *filho/filhos* envolve baixa diferença fônica (sonora). Cabe assinalar, ainda, que a forma singular *filho* deve-se, provavelmente, ao fato de o artigo (Det) *os* já estar no plural, "desencorajando" a redundância de plural no substantivo (*filho*) que o segue.

6 Posição dos termos no Sintagma Nominal (SN)

Um fator que tem impacto sobre a concordância no sintagma nominal diz respeito à posição dos elementos que o constituem. Conforme revelam alguns pesquisadores (SCHERRE, 1988; NARO; SCHERRE, 1993; SCHERRE, 1994), elementos não nucleares à esquerda do núcleo favorecem marcas de plural; elementos não nucleares à direita do nome desfavorecem-nas; os núcleos, por sua vez, tendem a ser pluralizados quando ocupam a primeira posição no sintagma. Em outras palavras, quanto mais à esquerda estiver o termo nominal, maior a chance de ele receber marca de plural. Observemos este excerto textual:

[...]
F5 - mas num é... fosse **os meus velho**... fosse os meus velho da minha família... [eu me conformava...]
F1 - [Angelina leve os ( )...]
F4 - [é serve os ( )...]
F3 - [pronto mulher...] a senhora devia se juntar com **suas irmãs**... algumas que tem viúva... como tia Rosa...
[...]

FURTADO DA CUNHA, M. A. Banco Conversacional de Natal. Natal: EDUFRN, 2011. p. 253. Grifo nosso.

Repare que, no primeiro sintagma nominal em destaque, o núcleo (*velho*) está no singular, não acompanhando a flexão dos Det (*os, meus*), os quais estão no plural. Já em *suas irmãs*, tanto o Det (*suas*) quanto o núcleo do SN (*irmãs*) encontram-se no plural. Note que, no primeiro caso, *velho* ocupa a terceira posição no SN, o que pode ter contribuído para a não realização da marca de plural desse termo; *irmãs*, por sua vez, está na segunda posição no SN, situação que pode ter favorecido sua pluralização.

Além dos fatores linguísticos já explicitados, existem aspectos de ordem extralinguística que influenciam a realização ou não da concordância (verbal ou nominal), como o nível de escolaridade, o sexo do falante e/ou a situação comunicativa (se formal ou informal, por exemplo). Para um estudo mais detalhado sobre os fatores linguísticos e para conhecimento dos extralinguísticos, recomendamos a leitura de Scherre e Naro (1998), Brandão (2007) e Vieira (2007).

Leituras complementares

Para complementar/reforçar o conteúdo estudado nesta aula, sugerimos que você faça a leitura dos textos indicados a seguir.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues. Concordância verbal. *In*: VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007. p. 83-102.

Nesse capítulo, Vieira faz uma explanação sobre a concordância verbal no português, em primeiro lugar, focalizando o tratamento da gramática tradicional. Prosseguindo, a autora expõe a proposta de algumas abordagens de cunho descritivo, as quais indicam a interferência de fatores tanto de natureza linguística como extralinguística na variação da concordância. No restante do capítulo, Vieira discute a relação entre as pesquisas sobre concordância verbal e o ensino de língua portuguesa, mostrando de que modo as pesquisas podem orientar a prática docente no enfoque desse tema.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. Concordância nominal. *In*: VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007. p. 57-82.

Brandão inicia seu capítulo sobre concordância nominal apresentando, primeiramente, a visão de linguistas como Câmara Jr. e Mira Mateus. Encerra essa parte introdutória mostrando o recente interesse de linguistas brasileiros por esse tema. Em seguida, a autora aborda essa questão sob o ponto de vista da tradição gramatical. Continuando, Brandão se concentra nas pesquisas em torno da concordância de número e, nas últimas seções do capítulo, trata da relação entre concordância nominal e ensino de português.

Resumo

Nesta aula, estudamos o fenômeno da concordância, focalizando alguns casos. Diferenciamos concordância verbal da nominal e apresentamos algumas orientações de caráter normativo tomando por base gramáticos tradicionais. Nessa direção, vimos que, em termos gerais, o verbo deve concordar com o(s) núcleo(s) do sujeito em número e pessoa, ou com o núcleo mais próximo em caso de posposição de sujeito composto. Com relação à concordância nominal, registramos que os Det e Mod e os predicativos devem concordar, em gênero e em número, com o núcleo nominal (substantivo ou pronome) com que se relacionam. Também tratamos da variação no domínio da concordância, explicitando fatores de natureza linguística que desempenham relevante papel na realização ou não da concordância, seja do verbo seja de nomes. Entre esses fatores, contemplamos a posição e a distância do sujeito em relação ao verbo, a animacidade do sujeito, o paralelismo linguístico, a saliência fônica e a posição dos termos no sintagma nominal. Vimos que são favorecedores da concordância verbal: i) a anteposição do sujeito e sua proximidade em relação ao verbo; ii) sujeitos que apresentam os traços + animado e + agentivo; iii) a ocorrência de marcas em vários (ou todos os) elementos do sujeito e em formas verbais precedentes; iv) a saliência fônica entre as formas singular/plural do verbo. Em relação à concordância nominal, favorecem sua realização: i) a posição mais à esquerda do elemento nominal; ii) a presença de marcas de plural em elementos precedentes; iii) a saliência fônica entre as formas singular/plural dos nomes.

Autoavaliação

1 Justifique os casos de concordância verbal (em itálico) que seguem.

a) *Passará o céu e a terra*, mas as minhas palavras não hão de passar.

Lucas 21:33. Fonte: http://biblia.gospelmais.com.br/lucas_21:33/. Acesso em: 31 jan. 2016.

---

b) [...] em Itapoa e Joinville chove tanto que nem lembramos do sol... aqui achamos que o sol não existe... foi aqui que Noé construiu o barco... isso aqui é um verdadeiro dilúvio... em 2012, *choveu 345 dias*.

Fonte: http://www.mdig.com.br/?itemid=16598. Acesso em: 31 jan. 2016.

---

c) Para mim, *o problema eram* mais os jogadores do que ele. Mas a cultura do Brasil é esse lixo mesmo [...]

Fonte: https://twitter.com/marcogiorgette/status/402220692563046400. Acesso em: 31 jan. 2016.

---

d) F1 - eu como de tudo, Janaina... o meu problema pra emagrecer é o seguinte... *não é a carne nem a quantidade da comida*... eu sou uma pessoa que como muito nas refeições [...]

FURTADO DA CUNHA, M. A. Banco Conversacional de Natal. Natal: EDUFRN, 2011. p. 26.

---

e) *A maioria dos filmes que são oferecidos são* os famosos "enlatados" americanos onde a temática se desenvolve num misto de lutas violentas ou tramas macabras.

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 30 jan. 2016.

---

2 Identifique nos trechos a seguir os casos em que a concordância não se encontra conforme a norma culta e explique por quê.

a) Em qualquer guerra, a calmaria vem entre as tempestades. Haverão dias em que perderemos a fé, dias em que nossos aliados se voltarão contra nós, mas nunca chegará o dia em que deixaremos esse planeta e seu povo.

Fonte: http://filmesfrases.blogspot.com.br/2013/08/frases-do-filme-transformers.html. Acesso em: 30 jan. 2016.

b) [...] a maioria são senhoras... senhoras que... é... já com uma profissão definida... ou dona... ou seja... dona de casa... é... ou... ou profissionais autônomas como... dentistas... é... advogadas... mas a maioria são mulheres... porque o preconceito nessa área é muito forte [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 30 jan. 2016.

c) [...] aí a mulher desapareceu e pegou o negócio e foi embora... aí na próxima vez... aí He Man tava brigando... quem morreu foi o soldado e o monstro [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 26 jan. 2016.

d) No centro da cidade existe uma igreja dentro de uma praça, daquelas praças com bastante árvores e que as pessoas se reúnem para assistir televisão à noite.

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 26 jan. 2016.

e) Fazem meses que não te vejo, 'que não falo com você'. Não sei se você está bem, se está estudando, se está gostando de outro alguém ou se às vezes ainda sonha comigo.

Fonte: http://pensador.uol.com.br/frase/MTA1Mzk1Mw/. Acesso em: 30 jan. 2016.

3 Considerando o conteúdo da canção da qual foi retirado o trecho a seguir e o contexto em que ela foi produzida, indique possíveis motivações para o não atendimento à concordância prescrita pela gramática normativa.

A gente não sabemos escolher presidente
A gente não sabemos tomar conta da gente
A gente não sabemos nem escovar os dente
Tem gringo pensando que nóis é indigente
Inútil!
A gente somos inútil [...]

Fonte: https://www.letras.mus.br/ultraje-a-rigor/49189/. Acesso em: 31 jan. 2016.

4 Explique a concordância nominal dos termos em negrito no fragmento textual a seguir.

Os trechos de obras em **língua** inglesa e francesa **citadas** neste trabalho **foram traduzidos** por nós.

Fonte: http://www.academia.edu/5581573/A_tradu%C3%A7%C3%A3o_no_desenvolvimento_dos_vern%C3%A1culos_europeus_2010_. Acesso em: 31 jan. 2016.

Referências

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**: atualizada pelo novo Acordo ortográfico. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. Concordância nominal. *In*: VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007. p. 57-82.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of a syntactic change. **Language**, [*S. l.*], v. 57, n. 1, p. 63-98, 1981.

NARO, Anthony Julius; LEMLE, Miriam. Syntactic diffusion. *In*: STEEVER, S. B. *et al*. (ed.). **Papers from the parasession on diachronic syntax**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1976. p. 221-241.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Reanálise da concordância nominal em português**. 1988. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP)**, [*S. l.*], v. 12, p. 37-49, 1994. (Norma e Variação do Português. Associação das Universidades de Língua Portuguesa).

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. *In*: RUFFINO, Giovanni (org.). **Dialettologia, geolinguistica, sociolinguistica**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, n. 5, 1998. p. 509-523. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Universitá di Palermo).

VIEIRA, Sílvia Rodrigues. Concordância verbal. *In*: VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. (org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007. p. 83-102.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. (org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007.

Sintaxe de regência

Aula

11



Apresentação

Prezado(a) aluno(a), estudaremos, nesta aula, as regências verbal e nominal. Trata-se, de certo modo, de uma revisão de tópicos já vistos, principalmente no ensino médio, e de questões discutidas nas aulas 3, 4 e 5. Nesse sentido, retomaremos o conceito de regência bem como as relações morfossintáticas entre o verbo e seus argumentos internos (sintaxe de regência verbal) e entre o nome e seu argumento interno (sintaxe de regência nominal).

Objetivos

1. Especificar em que consiste o conceito de regência.
2. Identificar relações morfossintáticas de dependência implicadas entre termos subordinantes e termos subordinados.
3. Conhecer o regime de alguns verbos e nomes.
4. Caracterizar o fenômeno da crase como resultante de relações de regência.



1 Conceito de regência

Regência em sintaxe refere-se à relação de dependência entre um termo subordinado (regido) e seu subordinante (regente). O termo subordinante pode ser representado por verbo, por nome transitivo (substantivo, adjetivo, advérbio ou **preposição**) ou por locução prepositiva. No caso de o termo subordinante ser um verbo, temos o que tradicionalmente se conhece por *regência verbal*; nos demais casos, ocorre o que chamamos de *regência nominal*.

Essa dependência pode dar-se de forma direta, isto é, sem elemento relacional, ou indireta, por meio de preposição. Tomemos o trecho a seguir.



São nomes todos os termos de natureza lexical. No caso da preposição, são tomadas como nome as de caráter transitivo, conforme Mioto *et al.* (2013).

> […]
> No dia da viagem chovia muito em Natal e um amigo que tinha carro prontificara-se a **deixar**-me no aeroporto. Minha mãe e minha irmã acompanharam-me até o embarque e o percurso foi tranquilo, **apesar da** chuva incessante. O rádio ligado tocava uma canção do Guilherme Arantes e eu **embalado** pela melodia apanhava-me nas minhas lembranças, desde as mais remotas até as mais recentes. Despedi-me. Tudo correu rápido, dos abraços à **entrada** no avião.
> […]
>
> **Fonte:** http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Texto adaptado. Acesso em: 23 jan. 2022. Grifo nosso.

Nesse trecho, encontramos relação de dependência entre diversos termos. A título de ilustração, observemos as seguintes expressões: *deixar-me no aeroporto* (1), *apesar da chuva incessante* (2), *embalado pela melodia* (3), *entrada no avião* (4). Em (1), *deixar* (termo subordinante) rege dois outros termos: *me* (complemento sem preposição, que funciona como objeto direto) e *o aeroporto* (complemento indireto, ligado pela preposição *em*, com função de complemento relativo). Em (2), *a chuva incessante* (termo subordinado) é regido pela locução prepositiva *apesar de* (termo subordinante). No caso de (3), o adjetivo *embalado* (regente) subordina *a melodia* (regido), sendo essa relação mediada pela preposição *por*. Em (4), *o avião* (subordinado) é regido pelo substantivo *entrada* (subordinante), também havendo

intermediação de elemento relacional, nesse caso, a preposição *em* (*entrada no avião*).

É preciso destacar que o termo regido pode ser omitido. Essa omissão pode: i) estar relacionada ao fato de o termo já ter sido mencionado; ii) dever-se à sua identificação no contexto; iii) ligar-se ao fato de ele não ser comunicativamente necessário ou de o falante/escrevente não querer explicitá-lo. É o que acontece, por exemplo, com os termos *lembranças* e *despedi-me*, presentes no trecho dado. Perceba que o substantivo *lembranças* implica um complemento com preposição (*lembrança* DE algo/alguém) e o verbo *despedir-se* também rege um complemento preposicionado (*despedir-se* DE algo/alguém), porém esses complementos não são explicitados. No caso de *lembranças*, a omissão do complemento se deve ao uso genérico desse substantivo (eventos/situações marcantes na memória do locutor); já o complemento de *despedir-se* (*minha mãe e minha irmã*) foi omitido pelo fato de ter sido mencionado anteriormente no texto, podendo ser facilmente recuperado; daí não ser mais necessário repeti-lo.

Geralmente, o falante nativo da língua não tem dificuldade em selecionar e identificar os termos regidos por verbos, nomes e preposições, tampouco em estabelecer a relação entre subordinante e subordinado (se mediada ou não por uma preposição). Nesse sentido, nenhum falante do português teria problema em estabelecer/identificar a relação direta (sem preposição) entre *tocava* e *uma canção de Guilherme Arantes* ou a relação mediada pela preposição *em* entre *entrada* e *avião*, conforme se dá no trecho apresentado. Além disso, é preciso considerar que pode haver variação no uso do elemento relacional (preposição): existem situações em que um mesmo regente é ligado ao termo regido diretamente (não preposicionado) ou com auxílio de uma preposição, conforme se dá com *lembrar-se* nos fragmentos textuais a seguir.

Excerto 1

[...] ele tinha tentado salvar a vida desse menino e ele ia ficar protegendo ele né... como se fosse assim né... mais ou menos isso aí... só num **me lembro** direito o que ele dizia [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 24 jan. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

[...] aí ele cortou pela direita e trancou a gente e jogou todo mundo na BR... aí foi aquele aperreio todo né... eu... eu perdi logo os sentidos... eu né... num... num **me lembrei** mais de nada né... só quem ficou desacordado foi a empregada [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 24 jan. 2022. Grifo nosso.

Note que, no Excerto 1, *lembrar-se* está ligado diretamente, ou seja, sem preposição, a seu complemento (*o que ele dizia*). No segundo excerto, esse mesmo verbo relaciona-se indiretamente com seu complemento (*nada*) por meio da preposição *de*.

Existem situações em que há variação na preposição que liga um mesmo subordinante ao termo subordinado, com possível reflexo na significação. É o que se dá com o verbo *relacionar-se* nos excertos textuais que seguem.

Excerto 1

Relacionar-se bem com as pessoas não é uma tarefa considerada fácil, pois cada indivíduo tem suas próprias características e gostos, e nem sempre isso é bem aceito entre as pessoas.

É por isso que o ato de se relacionar com os diferentes grupos de uma sociedade é avaliado como uma habilidade, chamada pelos especialistas de relacionamento interpessoal.

Fonte: http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/62941/por-que-relacionar-se-com-outras-pessoas. Acesso em: 25 fev. 2016. Grifo nosso.

Excerto 2

Uso de multivitamínicos pode ***relacionar-se***
à menor incidência de câncer

Saúde & Qualidade de Vida - Patologia & Nutrição

Tomar multivitaminas regularmente é um hábito comum em um terço da população adulta masculina norte-americana, mas até então, não havia nenhum estudo que evidenciasse o uso desse suplemento na prevenção de doença crônica.

Fonte: http://www.rgnutri.com.br/sqv/patologias/ump.php. Acesso em: 25 fev. 2016. Grifo nosso.

Observe que, no primeiro excerto, o complemento de *relacionar-se* (*as pessoas*) liga-se a esse verbo por meio da preposição *com*. No segundo, esse mesmo verbo está ligado a seu complemento (*a menor incidência de câncer*) por intermédio da preposição *a*. Cabe assinalar que, nessa situação, a mudança da preposição envolve alteração semântica do verbo: no primeiro caso, *relacionar-se* (com) significa *interagir*; no segundo, *relacionar-se (a)* tem a acepção de *vincular-se (a)*.

A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) apresenta orientações quanto ao regime de verbos e nomes. Essas orientações são de cunho normativo, com base na ideia de que há usos corretos, sendo estes tomados como o padrão culto. Trata-se do emprego de formas de prestígio social, as quais, na verdade, representam uma variedade da língua, preferencialmente requerida em situações comunicativas mais formais (de fala e de escrita), que demandam mais monitoramento no uso da língua.

A seguir, veremos mais detidamente a regência de alguns termos, considerando as orientações normativas da NGB. Posteriormente, trataremos de casos de variação do regime desses termos.

2 Regência verbal

Dedicamos esta seção ao tratamento da regência verbal. Selecionamos alguns verbos cujo regime varia em decorrência do sentido com que são empregados, resultando daí sua (in)transitividade. No

caso dos verbos transitivos, é preciso considerar se a complementação é direta ou indireta e, no caso desta, que preposição pode mediar a relação verbo-complemento.

(1) Aspirar

Quando usado no sentido de *absorver*, esse verbo é transitivo direto. Na acepção de *almejar/pretender*, é transitivo relativo (**transitivo indireto**). Vejamos as amostras a seguir.



Remetemos à Aula 4 (**Funções sintáticas no nível da oração: termos relacionados ao verbo – Parte II**), na qual fazemos a distinção entre complemento relativo (CR) e objeto indireto (OI). Os casos de verbos transitivos relativos referidos neste estudo correspondem a verbos transitivos indiretos na denominação da NGB.

Excerto 1

O Instituto Humano e de Computação Cognitiva da Flórida (IHMC) desenvolveu um robô que é capaz de arrumar a casa. Ele foi construído em parceria com a Boston Dynamics, braço de robôs da Alphabet (conglomerado do Google).

Um vídeo divulgado no canal do YouTube da IHMC mostra o robô realizando tarefas domésticas. Ele é capaz de varrer o chão, passar aspirador de pó e jogar garrafas de plástico fora.

O nome dele é Atlas. Ele tem um formato humanóide, com dois braços, mãos e pernas. Nada parecido com o robozinho Roomba, que é capaz de **aspirar o chão da sua casa**.

Fonte: https://exame.com/tecnologia/robo-faz-tarefas-domesticas-como-varrer-e-aspirar-chao/. Acesso em: 8 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

Que grande privilégio. Quanta alegria deve inundar o coração de tantos quantos são convocados pelo Espírito para tal tarefa. Nas palavras do apóstolo Paulo ao jovem Timóteo: "Fiel é esta palavra: Se alguém **aspira ao episcopado**, excelente obra almeja" (1 Tm 3:1). Note bem: excelente obra almeja.

O bispo (episcopos, no grego) possuía as mesmas funções de um presbítero na igreja antiga. Ambos eram chamados a pastorear [...]

Fonte: https://ebdnatv.blogspot.com/2010/06/estudos-da-licao-11-excelencia-do.html. Acesso em: 8 fev. 2022. Grifo nosso.

Observe que, na primeira amostra, o verbo *aspirar* significa *absorver*, tendo como objeto *o chão da sua casa* (na verdade, o que é aspirado é o pó do chão). Nesse caso, o verbo é transitivo direto; daí porque o complemento se liga a ele sem preposição. Já na segunda amostra, esse mesmo verbo é usado na acepção de *almejar* e tem como complemento relativo *o episcopado*. Nessa situação, o verbo é transitivo relativo, sendo seu complemento, pois, introduzido por preposição (no caso, *a*).

(2) Assistir

No sentido de *ver/presenciar*, esse verbo é transitivo relativo, cujo complemento é a ele vinculado pela preposição *a*. Quando usado na acepção de *dar assistência*, é transitivo direto (sem preposição). Significando *caber/pertencer*, esse verbo é transitivo indireto, ligado a seu complemento (o objeto indireto) pela preposição *a*. Por fim, outro sentido registrado em gramáticas tradicionais, porém de uso raro, é o de *morar/residir*; nesse caso, é considerado intransitivo, seguido de adjunto adverbial de lugar com a preposição *em*. Consideremos os casos seguintes.

Excerto 1

Globo Play e Globosat Play:
apps permitem ***assistir TV online***

O Globo Play e o Globosat Play são dois apps que levam os seus canais de TV preferidos para qualquer lugar. Disponíveis gratuitamente para Android, iPhone(iOS) e outras plataformas, eles permitem **assistir** online **à programação** da TV Globo, GloboNews, SporTV e outros canais ao vivo ou quando o usuário quiser.

No Globo Play, o telespectador poderá **assistir a novelas**, telejornais, programas de humor, esportes e séries da Rede Globo em tempo real ou sob demanda. Para isso, basta acessar *http://globoplay.globo.com* ou fazer download do Globo Play para Android e iPhone.

Fonte: https://www.techtudo.com.br/noticias/2015/12/globo-play-globosat-tv-online.ghtml. Acesso em: 8 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

A obra de misericórdia: **assistir os doentes** começa na família quando se lida com doenças prolongadas e, às vezes irreversíveis. Seja em qualquer idade, e por qualquer problema de saúde [...]

Fonte: http://www.padrereginaldomanzotti.org.br/sala_leitura/artigos-padre-reginaldo-manzotti/obrascorporais.html. Acesso em: 11 mar. 2016. Grifo nosso.

Excerto 3

Considerando que, neste caso concreto, o ex-funcionário reintegrado em primeiro grau revelou, na sua demanda individual, que foi admitido em 1975 e dispensado pela Flumitrens em 1996, constato, com segurança, que ele não se enquadra na decisão genérica coletiva. Não seria razoável, diante disso, manter a sua reintegração, com graves repercussões administrativas na empresa, se parece claro que esse direito não **lhe assiste**.

Fonte: https://tst.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/439982628/recurso-ordinario-trabalhista-ro-104156820155010000/inteiro-teor-439982648. Acesso em: 8 fev. 2022. Grifo nosso.

Veja que, no Excerto 1, o verbo *assistir* foi usado, nas três ocorrências, no sentido de *ver* e tem como complementos os respectivos SN *TV online*, *a programação* e *novelas*. Veja também que, nas duas últimas ocorrências, os complementos *a programação* e *novelas* são precedidos pela preposição *a*, ou seja, seguem o padrão culto de escrita; já na primeira ocorrência, o complemento *TV online* (no título do excerto) vem ligado ao verbo sem preposição. Trata-se, nesse caso, de um emprego de *assistir* que não adota o padrão normativo de escrita, como se o verbo fosse transitivo direto.

No Excerto 2, esse mesmo verbo é empregado na acepção de *prestar assistência* e seu complemento (*os doentes*) liga-se diretamente a ele (sem preposição), daí ser transitivo direto. No terceiro excerto, *assistir* foi utilizado no sentido de *pertencer*, *caber*, tendo como complemento o pronome *lhe* (= *a ele*), que retoma *ex-funcionário*. Nessa situação, o verbo em questão rege a preposição *a*.

(3) Atender

Esse verbo pode significar *prestar atendimento*, *satisfazer* ou *deferir*. Em qualquer desses casos, é considerado transitivo relativo (ou indireto), com a preposição *a* como elemento conector entre ele e seu complemento. Atente para as amostras a seguir.

Excerto 1

A unidade [Maternidade Nossa Senhora de Lourdes] é gerenciada pela Fundação Hospitalar de Saúde (FHS), referência em alta complexidade e **atende a gestantes de alto risco** portadoras de patologias diversas como: hipertensão, diabetes, cardiopatia e trabalho com parto prematuro.

A MNSL também se destaca no atendimento às vítimas de violência sexual.

Fonte: https://www.saude.se.gov.br/carnaval-maternidade-nossa-senhora-de-lourdes-atende-a-mais-200-pacientes/. Acesso em: 8 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

Mais da metade dos gestores brasileiros não **atende às expectativas** dos seus liderados. A conclusão é de uma pesquisa realizada pela Michael Page com mais de 1500 profissionais de diversos setores e níveis hierárquicos no país, que avalia a percepção dos entrevistados com relação às suas próprias expectativas frente aos líderes ou liderados.

Fonte: https://meulugaraosol-pe.blogspot.com/2011/10/mais-da-metade-dos-gestores-nao-atende.html. Acesso em: 8 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 3

O presidente da Associação de Pescadores Z-23 em São Gonçalo, Galego do Peixe, sensibilizado pela falta de água que enfrenta a comunidade, solicitou ao Prefeito André Gadelha (PMDB) perfurações de Poços Artesianos para atenuar a sede da população.

O prefeito André Gadelha, **atendendo ao pedido** de Galego do Peixe, determinou as perfurações de poços na Rua da Cooperativa, Estádio "O Paulão", e Praça Central de São Gonçalo.

Fonte: http://www.folhadosertao.com.br/portal/abrir.noticia/id/31497/titulo/prefeito-atende-aos-pedidos-de-galego-do-peixe-e-inicia-perfuracao-de-pocos-em-sao-goncalo--imagens. Acesso em: 11 mar. 2016. Grifo nosso.

Na primeira amostra, *atender* significa *prestar atendimento*, tendo como complemento o termo *gestantes*; na segunda, esse verbo tem acepção de *satisfazer*, cujo complemento é *expectativas*; na terceira, o mesmo verbo, que tem o sentido de *deferir*, é complementado pelo termo *pedido*. Veja que, nos três casos, os respectivos complementos são ligados ao verbo pela preposição *a*: *atender* ***a*** *gestantes de alto riso; atende* ***às*** *expectativas; atendendo* ***ao*** *pedido*.

(4) Custar

Esse verbo pode ser empregado em, pelo menos, três acepções:

i) *ser difícil, custoso*: nesse caso, o verbo é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração;
ii) *ser adquirido pelo preço de*: nessa situação, esse verbo é transitivo direto e tem como complemento um elemento circunstancial que indica preço, podendo este ser seguido de objeto indireto;
iii) *causar, acarretar/ter como consequência*: é transitivo direto e indireto.

Consideremos o uso desse verbo nas amostras que seguem.

Excerto 1

"**Custa**-me acreditar que o caminho leve a algum lugar. Então sorrio, pois desconfio que o importante mesmo seja o caminhar." (Aroldo Arantes)

Fonte: http://pensador.uol.com.br/frase/MTI3NjU2MQ/. Acesso em: 18 mar. 2016. Grifo nosso.

Excerto 2

Como funciona e quanto custa o JusBrasil PRO?

O JusBrasil PRO é o serviço oferecido pelo maior Portal de Informação Jurídica do país que permite ao Advogado fortalecer a sua presença online.

Quais são as vantagens de ser um Advogado PRO?

- Responda casos jurídicos e solicitações de diligências;
- Apareça com prioridade em até 3 áreas na Lista de Advogados;
- Destaque seus dados de contato no JusBrasil.

A assinatura do plano básico inicial JusBrasil PRO **custa** apenas R$ 49,00. E, claro, é exclusiva para advogados.

A cobrança é recorrente e feita unicamente através de cartão de crédito (assinatura mensal). Aceitamos os cartões Visa, Mastercard, Elo e American Express.

Fonte: http://ajuda.jusbrasil.com.br/knowledgebase/articles/466313-como-funciona-e-quanto-custa-o-jusbrasil-pro. Acesso em: 18 mar. 2016. Grifo nosso.

Excerto 3

Espiral descendente da Fiorentina
***custou**-lhe a liderança em Itália*

Foi seguramente difícil de digerir, para os adeptos da Fiorentina, a derrota deste domingo frente à Roma (1-2). Não só porque a equipa orientada por Paulo Sousa perdeu a liderança da Liga italiana mas também porque um dos carrascos foi Mohamed Salah, um jogador que deixou saudades no Estádio Artemio Franchi, onde actuou, por empréstimo, no primeiro semestre deste ano.

Fonte: https://www.publico.pt/desporto/noticia/espiral-descendente--da-fiorentina-custoulhe--a-lideranca-em-italia-1712344. Acesso em: 11 mar. 2016. Grifo nosso.

Perceba que, na primeira amostra, o verbo *custar* equivale a *ser difícil/custoso*; é transitivo indireto (*me* funciona como objeto indireto) e tem como sujeito a oração *acreditar que o caminho leve a algum lugar*. Na segunda, esse mesmo verbo é empregado no sentido de *ser adquirido pelo preço de*, sendo acompanhado de complemento (objeto direto) que indica valor (*R$ 49,00*). Na terceira amostra, *custar* significa *ter como consequência* e requer dois complementos: um objeto direto (*a liderança*) e um objeto indireto (*lhe*); daí ser transitivo direto e indireto.

(5) Esquecer

Essa mesma regência também se aplica ao verbo *lembrar*.

Quando utilizado com pronome reflexivo (*me, te, se, nos* ou *vos*), *esquecer* é transitivo relativo (indireto); quando se omite o pronome, é empregado como transitivo direto. Cabe assinalar que, independentemente da diferença de regime, esse verbo tem o mesmo significado. Passemos aos casos ilustrativos dessa diferença.

> De vez em quando, dá até pra **esquecer o tamanho do amor**, no meio de uma briguinha ou de uma raiva. Mas acho que não há nada que prove mais o tamanho do meu amor por ti, do que o fato de às vezes eu ter saudade de estar contigo logo depois de ir embora. (J. Galvão)
>
> [...]
>
> Não pense que **me esqueci do seu aniversário**... Queria poder ter passado esse dia tão especial com ao seu lado, contemplando cada segundo desse dia abençoado em que Deus escolheu para ser o dia do seu aniversário. Mas essa distância boba não colaborou conosco. (R. A. da Silva)
>
> **Fonte:** https://www.pensador.com/aniversario_com_os_anjos/. Acesso em: 8 fev. 2022. Grifo nosso.

Perceba que, na primeira amostra, o verbo *esquecer*, usado sem pronome, é transitivo direto, tendo como complemento (objeto direto) *o tamanho do amor*. Na segunda, esse verbo, acompanhado de pronome (no caso, *me*), é transitivo relativo (indireto, para a NGB) e tem *o seu aniversário* como complemento, mediado pela preposição *de*.

(6) Informar e comunicar

Na acepção de *dar notícia/conhecimento a*, esses verbos são usados com dois complementos: um objeto direto (pessoa ou coisa) e um complemento relativo (coisa) ou objeto indireto (pessoa). Vejamos as ocorrências a seguir.



Os verbos *avisar*, *notificar*, *cientificar* apresentam a mesma regência de *informar* e *comunicar*, quando não são pronominais.

Excerto 1

Informamos a todos que nosso Sistema já está funcionando. Os acessos ao back office já estão liberados, e as funcionalidades do sistema estão sendo ativadas uma a uma. Estaremos com o Sistema 100% funcional até segunda feira. O desconforto é temporário, mas os benefícios serão duradouros. Preparem-se, esta semana será um divisor de águas em nossa empresa. Lançamento das campanhas publicitarias na internet e na TV em Rede Nacional.

Fonte: https://www.facebook.com/newuplife/posts/1600844316838646. Texto adaptado. Acesso em: 18 mar. 2016. Grifo nosso.

Excerto 2

NSA **informou autoridades francesas sobre treinamento dos irmãos Kouachi no Iêmen**

Velhos conhecidos – Alvo de duras críticas na esteira das revelações de Edward Snowden, a Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos (NSA, na sigla em inglês) voltou a ser considerada como órgão indispensável no combate ao terrorismo. A defesa da NSA é feita por especialistas norte-americanos que, após o atentado terrorista ao jornal parisiense Charlie Hebdo, na última semana, retomaram as apostas na interação dos serviços de inteligência dos Estados Unidos e da Europa.

Fonte: http://ucho.info/nsa-informou-autoridades-francesas-sobre-treinamento-dos-irmaos-kouachi-no-iemen. Acesso em: 18 mar. 2016. Grifo nosso.

Na primeira ocorrência, o verbo *informar* possui dois complementos: um objeto direto oracional de coisa (*que nosso Sistema já está funcionando*) e um objeto indireto de pessoa (*a todos*, um SP). Na segunda, também há dois complementos desse mesmo verbo, sendo que o objeto direto designa pessoa (*autoridades francesas*) e o complemento relativo representa coisa (*sobre treinamento dos irmãos Kouachi no Iêmen*).

Informar e *comunicar* também podem ser usados pronominalmente, ou seja, *informar-se* e *comunicar-se*. Nesse caso, significam, respectivamente, *inteirar-se* e *pôr-se em comunicação/relação com alguém*, sendo acompanhados por um complemento introduzido por preposição (complemento relativo em nosso entendimento ou objeto indireto para a NGB). É o que ocorre no dado a seguir.

Secretária de Educação pede às pessoas
que **se informem sobre OSs**

Raquel Teixeira ressalta que escolas
continuarão públicas e inclusivas.
Manifestante questiona "venda das salas de aula"

Para a secretária Raquel Teixeira, titular da Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte (Seduce) a falta de informação é uma das justificativas para as ocupações de nove escolas em Goiás. Estudantes secundaristas, professores e representantes de partidos de esquerda coordenam o movimento como forma de protestar contra o projeto de administração escolar por Organizações Sociais (OSs).

Fonte: https://opopular.com.br/noticias/cidades/secret%C3%A1ria-de-educa%C3%A7%C3%A3o-pede-%C3%A0s-pessoas-que-se-informem-sobre-oss-1.1006160. Acesso em: 8 fev. 2022. Grifo nosso.

Perceba que o verbo *informar*, destacado na amostra, foi empregado pronominalmente (*informar-se: se informem*), tendo a acepção de *inteirar-se*. Nesse caso, seu complemento (*Organizações Sociais – Oss*) vem introduzido pela preposição *sobre*.

(7) Implicar

Esse verbo também apresenta regência diversa, conforme o sentido com que é empregado: quando significa *acarretar/resultar*, é transitivo direto; com o significado de *ter implicância*, é transitivo relativo (indireto, conforme a NGB), cujo complemento é introduzido pela preposição *com*. Consideremos as seguintes ocorrências.

Excerto 1

A correlação, isto é, a ligação entre dois eventos, **não implica necessariamente uma relação de causalidade**, ou seja, que um dos eventos tenha causado a ocorrência do outro. A correlação pode no entanto indicar possíveis causas ou áreas para um estudo mais aprofundado, ou por outras palavras, a correlação pode ser uma pista.

http://comcept.org/cepticismo/correlacao-nao-implica-necessariamente-causalidade/. Acesso em: 18 mar. 2016. Grifo nosso.

Excerto 2

Eu estava lendo seu desabafo... e me vi nele, pois não posso ficar um dia sem brigar com o meu namorado, eu **implico com tudo o que ele faz ou fala**, tudo me irrita. Eu queria muito parar de ser assim, mas não consigo... Estou me esforçando muito para melhorar!

Fonte: http://mulheramademais.blogspot.com.br/2010/05/eu-tenho-um-vicio-brigar.html. Acesso em: 18 mar. 1016. Texto adaptado. Grifo nosso.

Note que, na primeira ocorrência, *implicar* está sendo empregado com o sentido de *acarretar/resultar*, daí ser transitivo direto. No caso em tela, esse verbo é complementado pelo objeto direto *uma relação de causalidade*. Na segunda ocorrência, *implicar* exprime o significado de *ter implicância* e vem seguido do complemento relativo *com tudo o que ele faz ou fala*, o qual é introduzido pela preposição *com*. Nessa acepção é, portanto, um verbo transitivo relativo (transitivo indireto para a NGB).

(8) Obedecer e desobedecer

Esses verbos são tradicionalmente considerados transitivos indiretos, tendo como complemento um termo regido pela preposição *a* ou o pronome oblíquo *lhe*, os quais são tidos como objetos indiretos. Consideremos as seguintes amostras:

Excerto 1

[...] Mais da metade dos municípios brasileiros não terá condição de **obedecer à legislação** que determina o fim dos lixões a partir de hoje em todo o território nacional. [...]

Fonte: http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/maioria-dos-municipios-nao-obedece-a-lei-que-determina-o-fim-dos-lixoes-ebm7s71q0uw3x6lcathijfo7i. Acesso em: 18 mar. 2016. Grifo nosso.

Excerto 2

"[...] os brasileiros **desobedecem às leis** porque, geralmente, elas não são aplicadas a todos. Dependendo da condição financeira e do cargo ocupado, as leis não fazem nem cócegas. As leis só servem para algumas pessoas e para alguns casos." [...]

Fonte: http://www.otempo.com.br/capa/brasil/maioria-dos-brasileiros-acredita-que-%C3%A9-f%C3%A1cil-desobedecer-%C3%A0s-leis-1.223373. Acesso em: 5 maio 2016. Grifo nosso.

Na primeira e na segunda amostra, os verbos destacados, *obedecer* e *desobedecer*, respectivamente, são seguidos dos complementos *à legislação* e *às leis*, ambos introduzidos pela preposição *a*. Nesses casos, note que o uso do acento grave (`) em *à legislação* e *às leis* indica que houve junção do *a* preposição, requerido por esses verbos, e o artigo definido (*a*, *as*) que acompanha os substantivos *legislação* e *leis*, respectivamente. Assim, em ambos os casos, o complemento do verbo é objeto indireto.

(9) Pagar e perdoar

Tradicionalmente, esses verbos são considerados transitivos diretos e indiretos, sendo acompanhados de dois complementos: um objeto direto (de coisa) e um objeto indireto (de pessoa ou elemento personificado). É possível que apenas um desses complementos apareça. Observemos estes casos:

Excerto 1

Que darei eu ao Senhor, por todos os benefícios que me tem feito?
Tomarei o cálice da salvação, e invocarei o nome do Senhor.
Pagarei os meus votos ao Senhor, agora, na presença de todo o seu povo.
Preciosa é à vista do Senhor a morte dos seus santos. (Salmos 116: 12-15)

Fonte: https://www.bibliaonline.com.br/acf/sl/116. Acesso em: 5 maio 2016. Grifo nosso.

Excerto 2

E **perdoa-nos as nossas dívidas**, assim como nós **perdoamos aos nossos devedores**; (Mateus 6:12)
Por que diz este assim blasfêmias? Quem pode **perdoar pecados**, senão Deus? (Marcos 2:7)
De maneira que pelo contrário deveis antes **perdoar-lhe** e consolá-lo, para que o tal não seja de modo algum devorado de demasiada tristeza. (2 Coríntios 2:7)

Fonte: https://www.bibliaonline.com.br/acf/sl/116. Acesso em: 5 maio 2016. Grifo nosso.

Perceba que, no primeiro caso, o verbo *pagar* é usado com dois complementos: um objeto direto de coisa (*os meus votos*) e objeto indireto de pessoa (*ao Senhor*). No segundo, o verbo *perdoar* ocorre quatro vezes: na primeira ocorrência, com dois complementos (*as nossas dívidas*, objeto direto de coisa; *nos,* objeto indireto de pessoa); nas demais, com um só complemento: *aos nossos devedores* e *lhe*, objeto indireto de pessoa (*perdoamos aos nossos devedores; perdoar-lhe*); *pecados*, objeto direto de coisa (*perdoar os pecados*).

(10) Preferir

Trata-se de um verbo com dupla transitividade. É, ao mesmo tempo, transitivo direto e transitivo relativo (transitivo direto e indireto, para a NGB), uma vez que prevê um complemento com função de objeto direto e um complemento relativo (objeto indireto para a NGB), o qual é introduzido pela preposição *a*. Vejamos o excerto textual que segue.

> [...]
> — E mantenho a palavra. **Prefiro compartilhar uma vida com você a encarar sozinha todas as Eras deste mundo**. Eu escolho uma vida mortal... É minha para eu dar a quem eu quiser. Como o meu coração [...]
>
> A sociedade do anel. Fonte: https://issoaquiconfusao.wordpress.com/2011/01/04/arwen-e-aragorn/. Acesso em: 18 mar. 2016. Grifo nosso.

Nesse excerto textual, o verbo *preferir* tem como complementos "*compartilhar uma vida com você*" e "*a encarar sozinha todas as Eras deste mundo*". O primeiro complemento é um objeto direto oracional; o segundo, também uma oração, é um complemento relativo regido pela preposição *a*. Portanto, conforme demonstra esse caso, *preferir* é um verbo duplamente transitivo.

(11) Responder

Conforme a tradição gramatical, *responder* é um verbo transitivo indireto. Assim, ele prevê um complemento mediado pela preposição *a*, funcionando como objeto indireto, o qual pode ser pessoa ou coisa. Casos há em que o complemento desse verbo pode ser preenchido pelo pronome oblíquo *lhe*, substituindo o SP.

Entretanto, é possível encontrar situações em que esse verbo é empregado como transitivo direto, tendo seu complemento (relacionado a coisa) semelhante a um objeto direto (sem preposição). As ocorrências em destaque a seguir comprovam esses casos.

Excerto 1

Para **responder a uma mensagem**, clique na caixa abaixo da mensagem e digite a resposta. Também é possível clicar no ícone de seta, no canto superior direito da mensagem recebida.

Se a mensagem tiver vários destinatários e você desejar **responder a todos eles**, clique em **Responder a todos**, na caixa abaixo da mensagem, e comece a digitar.

Fonte: https://support.google.com/mail/answer/6585?hl = pt-BR. Acesso em: 5 maio 2016. Grifo nosso.

Excerto 2

[…] Mas o outro **responder-lhe-á**: "Eu não posso remediar. Em minha casa não tenho comida nem roupa; não me façam chefe de ninguém." […]

Fonte: http://www.biblics.com/pt/biblia/a-biblia-para-todos/velho-testamento/isaias/3/7. Acesso em: 5 maio 2016. Grifo nosso.

Excerto 3

I: […] esse rapaz chegou pra Isabel pra pedir pra ela **responder as cartas** pra amiga... né... então ficou naquele negócio... ela fazia as cartas pra pessoa que ela gostava e ainda tinha que responder de novo pra amiga…
E: ela **respondia as próprias cartas**…
I: é... exatamente... as cartas dela mesmo […]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 8 fev. 2022. Grifo nosso.

Pelo que podemos identificar, em todas as ocorrências do Excerto 1, o verbo *responder* vem seguido de complementos introduzidos pela preposição *a*: *a uma mensagem*, *a todos eles* e *a todos*. Trata-se, pois, de um verbo transitivo indireto (para a NGB). Ainda em tal condição, esse verbo, no Excerto 2, tem como complemento o pronome oblíquo *lhe* (*responder-**lhe**-á*). Já no Excerto 3, *responder* é empregado à seme-

lhança de um verbo transitivo direto. Esse uso pode ser comprovado pelos complementos sem preposição (*as cartas* e *as próprias cartas*, ambos na função de objeto direto) nas duas ocorrências.

Atividade 1

1 Analise as ocorrências dos verbos em destaque, considerando a regência prescrita pela gramática normativa.

a) [...] toda aquela classe que trabalhava na escola... do meu lado... super... brigando... porque... olha... eu doente... como é que eu doente ia assistir um negócio desse no auditório [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 9 fev. 2022.

b) [...] eu acho que você já andou de avião e já deve ter visto essas coisa... já/ já deve ter visto esse fenômeno... a .. você vê a terra... é... o horizonte redondo... e todo o... como se todo o globo terrestre assim... aquele... aquela meia lua toda clareando assim... é um fenômeno bonito... eu nunca esquecerei daquele momento... me lembra de Saint-Exupéry... porque eu li muito Saint-Exupéry na minha adolescência e início da juventude ((riso)) e ele falava do amor que ele sentia pelas estrelas [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 9 fev. 2022.

c) O candomblé também é uma religião com todos os rituais falando em Deus, claro que se sabe que neste seguimento existe aqueles que o utiliza para mal, sabe-se muito bem que esse mal existe e que esse mal implica na não existência de Deus nessas pessoas.

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso: 9 fev. 2022.

d) […] a prova que eles não... não crêem realmente em Deus... é que eles não obedeceram o mandamento quando fala que nós devemos amar o nosso próximo... né [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 9 fev. 2022.

e) Fifa prefere modelo holandês ao brasileiro para o Árbitro de Vídeo.
O Brasil pode perder para a Holanda o modelo a ser utilizado pela Fifa para a implementação do Árbitro de Vídeo no futebol.
A Fifa, neste momento, tem preferido o modelo holandês, que interrompe o jogo mais vezes, inclusive em lances de interpretação.

Fonte: http://blogs.oglobo.globo.com/panorama-esportivo/post/fifa-prefere-modelo-holandes-ao-brasileiro-para-o-arbitro-de-video.html. Acesso em: 6 maio 2016.

2 Considerando a regência verbal, assinale a única opção aceita pela norma culta escrita nas ocorrências que seguem; depois explique por que as demais não atendem à prescrição normativa.

a) […] a religião católica... ela deixa muitos questionamentos... você chega na rua e vê uma pessoa deficiente e você se questiona... se Deus é tão bom... por que aquela criatura sofre tanto? se Deus é tão bom... por que essa divisão de classe […]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 6 maio 2016.

b) Eu quero viver essa paixão
Entregar o meu destino em suas mãos
Quem está certo não importa mais
Quem é que manda não importa mais
Quem entende a lei do coração
Eu prefiro ser feliz que ter razão

Fonte: http://www.vagalume.com.br/link/nao-importa-mais.html. Acesso em: 6 maio 2016.

c) Meu filho, obedece às minhas palavras, esconde dentro de ti os meus mandamentos. Obedece-me e viverás, guarda os meus preceitos como a coisa mais preciosa que possues. (Provérbios 7:9)

Fonte: https://novabiblia.com.br/biblia/ol/proverbios/7. Acesso em: 9 fev. 2022.

d) Custo a entender
Como pode o encanto do amor se perder
Custo a entender
Quem apanha inocente sem que nem porque
Custo a entender
Como o peito padece e ainda quer se entregar
Custo a entender
E é por isso que eu tenho receio de amar assim

Fonte: http://www.vagalume.com.br/pericles/custo-a-entender.html. Acesso em: 6 maio 2016.

3 Regência nominal

Nesta seção, abordamos a regência nominal, destacando o regime de substantivos, adjetivos, advérbios e preposições/locuções prepositivas. Para tanto, tomamos por base orientações da gramática normativa, segundo autores como Almeida (2009), Bechara (2009), Lima (2011) e Cunha e Cintra (2013). Não faremos, porém, uma descrição do comportamento desses nomes à semelhança do que fizemos com alguns verbos. Faremos tão somente uma discussão sobre relações de dependência entre nomes e seus complementos.

É preciso assinalar que esse tipo de regência se dá unicamente com nomes de natureza transitiva, ou seja, os que requerem complemento nominal. Além disso, vale registrar que a relação entre o termo subordinante (nome) e o subordinado (complemento nominal) é sempre mediada por preposição. Atentemos para os excertos textuais a seguir.

Excerto 1

[...] porque nós temos muitas barras aí... nós temos paralelas é... o... alguns garotos levam é... material de halteres... e então a gente faz é... um trabalho localizado e na... eu no meu caso... quando quero... eu corro... eu sinto **necessidade** de correr também... na... na... aí na orla marítima [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 9 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

Relato de opinião

Eu acredito que religião não é **capaz** de trazer alegria, amor e paz para as pessoas.

Ter religião não significa que você já tem o perdão de Deus pelos "pecados" (tudo o que desagrada a Deus), que você está livre.

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 9 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 3

Paralelamente ao desenvolvimento da arquitetura moderna no Brasil, outra tendência disputava o espaço da representação do que deveria ser a arquitetura nacional. O estilo neocolonial era visto pelos seus defensores como sendo a afirmação de nossas origens, mas não um saudosismo vazio. [...]

Fonte: http://brainly.com.br/tarefa/1261151. Acesso em: 9 mai. 2016. Grifo nosso.

Excerto 4

[…] é... aquela fotografia... que nós batizamo-na de tronco de São Sebastião... porque ali o tronco... parecia que ele tinha sido esculpido ali **sobre** a duna... o tronco na altura de dois metros ... dois e vinte... e ele tinha uma beleza... um assim... indescritível […]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 9 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 5

[...] aí passaram lá né... muitos dias aí... chegou esse velho lá na casa dele... chegou esse velho na casa deles... esse velho que morava **em frente** a eles... na outra casa do outro lado da pista... aí... como é... fez... é pra... chegou a eles […]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 9 fev. 2022. Grifo nosso.

Em todos esses excertos, encontramos termos de natureza transitiva, a saber: *necessidade* (substantivo), *capaz* (adjetivo), *paralelamente* (advérbio), *sobre* (preposição) e *em frente* (locução prepositiva). Significa que todos eles requerem complemento, ou seja, trata-se de termos regentes (subordinantes), os quais são acompanhados de termos regidos (subordinados). A ligação entre regente e regido, nesses casos, ocorre por meio de um elemento relacional: a preposição.

No primeiro e no segundo excertos, o substantivo *necessidade* e o adjetivo *capaz* regem, respectivamente, as orações reduzidas de infinitivo "*correr também... na... na... aí na orla marítima*" e "*trazer alegria, amor e paz para as pessoas*". Em ambos os casos, a relação entre termo regente (substantivo, adjetivo) e termo regido (as orações reduzidas) é mediada pela preposição *de*. No terceiro excerto, o termo regente é o advérbio *paralelamente* e o regido é o SN complexo *o desenvolvimento da arquitetura moderna no Brasil*, sendo a relação entre esses termos mediada pela preposição *a*. No quarto excerto, o termo regente é a própria preposição *sobre*, que, nessa situação, tem caráter lexical, sendo complementada pelo SN *a duna*. No último

excerto, a locução prepositiva *em frente* rege o pronome *eles*, tendo como elemento mediador a preposição *a*.

Via de regra, as gramáticas normativas apresentam uma lista com a regência de alguns nomes, indicando a(s) preposição(ões) que estabelece(m) ligação entre esses nomes e seus complementos. É o que acontece, por exemplo, com o substantivo *horror*, cujo complemento vincula-se a ele por meio da preposição *a*; com o adjetivo *acostumado*, que pode reger complemento precedido das preposições *a* ou *com*; ou, ainda, com o advérbio *favoravelmente*, que requer complemento mediado pela preposição *a*.

Além desses, há outros casos de regência nominal sobre os quais não nos deteremos neste estudo. Para (mais) conhecimento deles, remetemos à leitura de Almeida (2009, p. 455-465); Bechara (2009, p. 572-581), Lima (2011, p. 296-298 – no tópico sobre "Complemento Nominal") e Cunha e Cintra (2013, p. 533-551).

4 Variação no domínio da regência

Contemplamos, neste material, casos de regência verbal não abonados pela gramática normativa. Para esta aula, selecionamos os seguintes verbos: *assistir*, *custar*, *lembrar*, *obedecer* e *preferir*. Vejamos os fragmentos textuais a seguir.

Excerto 1

[...] a gente num dá valor o cinema brasileiro... a gente deixa que as pessoas nos... nos iluda realmente... a gente tem medo de **assistir** os cinemas brasileiros porque eles nos despertam o:: a verdade do Brasil... eles falam do que a gente é... da forma miserável que a gente vive [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 9 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

Custo a acreditar que haja quem defenda a réu e condene a atitude do juiz. Mas acredito que a única explicação para tal atitude dos brasileiros seja porque não temos o costume de ver réus sendo repreendidos e punidos rigorosa e exemplarmente no nosso judiciário.

Fonte: https://www.facebook.com/marcosdoval/posts/653125644821995. Acesso em: 13 maio 2016. Grifo nosso.

Excerto 3

[...] Mas no entanto, todos se calam ao ver a crise, se acomodam em frente a uma televisão sonhando um mundo melhor de fantasias e **esquece** do seu mísero salário mínimo. Por que se todos se conscientizassem como tem sido difícil a sua sobrevivência (já que se acostumou) e que ele pode mudar, com o seu voto e com sua voz, daria o brado do direito de ser um cidadão digno. [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 9 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 4

[...] se você realmente **obedece** a Deus... né ... então você num... você num sai por aí matando uma pessoa... porque você sabe que isso tá errado... né... se você realmente **obedece** Jesus... você num sai por aí tirando a vida de... de alguém [...]

Fonte: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/download/natal.pdf. Acesso em: 9 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 5

*Brasileiros **preferem** viajar de carro em vez de avião*

Procura por voos domésticos caiu 7,9%, enquanto o uso do carro para viajar cresceu 33% em novembro, em comparação com o ano passado

Fonte: http://noticias.band.uol.com.br/cidades/noticia/100000787077/brasileiros-preferem-viajar-de-carro-em-vez-de-avi%C3%A3o.html. Acesso em: 13 maio 2016. Grifo nosso.

Observando atentamente os verbos em negrito com seus respectivos complementos sublinhados e comparando com as orientações normativas quanto ao regime desses verbos, percebemos que, nos fragmentos textuais em foco, há variação quanto ao uso de *assistir*, *custar*, *esquecer*, *obedecer* e *preferir*. Segundo a gramática normativa, o verbo *assistir*, no sentido de *ver/presenciar*, é transitivo indireto e requer complemento (objeto) introduzido pela preposição *a*. Não é o que acontece no primeiro fragmento textual, pois o complemento desse verbo (*o cinema brasileiro*) veio sem preposição, similar a um objeto direto.

O verbo *custar*, na acepção em que foi empregado (*ser custoso*, *difícil*), é transitivo indireto e deve ter como sujeito uma oração, conforme a tradição prescritiva. No fragmento apresentado, porém, esse verbo tem como sujeito o ser para quem algo é difícil, custoso. Pela orientação normativa, esse elemento deveria ser o objeto indireto, ficando "Custa-me acreditar [...]".

Quanto a *esquecer*, de acordo com a norma culta escrita, quando usado sem pronome reflexivo, esse verbo é transitivo direto, sendo seu complemento objeto direto. No terceiro fragmento textual, contudo, o complemento desse verbo veio introduzido pela preposição *de*. Em consonância com a orientação normativa, *obedecer* é transitivo indireto e seu complemento (objeto indireto) é introduzido pela preposição *a*. No penúltimo fragmento textual apresentado, esse verbo aparece duas vezes: na primeira, seu complemento (*Deus*) veio com preposição; na segunda, o objeto (*Jesus*) não foi precedido por preposição.

Por fim, *preferir* requer, segundo prescrevem as gramáticas normativas, dois complementos: um objeto direto (a coisa preferida/escolhida) e um complemento relativo (a coisa preterida/rejeitada), introduzido pela preposição *a*. Ou seja: *preferir uma coisa a outra*. No último fragmento textual, entretanto, temos o seguinte comportamento: *preferir uma coisa* (*viajar de caro*) *em vez de outra* (*viajar de avião*).

Os casos ilustrados nos cinco fragmentos textuais tomados para análise são frequentes em situações informais de uso da língua, sejam de fala sejam de escrita. Ocorrem também em situações formais. Isso mostra que, a despeito do que registram os compêndios gramaticais normativos, as regras da língua (de ordenação de termos, de concordância, de regência etc.) estão sujeitas a mudanças e obedecem a uma dinâmica fincada em situações de uso efetivo.

5 Regência (verbal/nominal) e o fenômeno da crase

Na relação entre o termo regente – verbo ou nome – e o termo regido, pode haver fusão da preposição *a* (o elemento relacional) com um "a" posposto a ela. Esse "a" posposto pode ser um artigo definido feminino, um pronome (demonstrativo ou relativo) feminino ou o "a" inicial do termo posposto. Essa fusão é denominada "crase", a qual é, convencionalmente, assinalada na escrita por meio do acento grave (`). Vejamos as ocorrências a seguir.

Excerto 1

Eu fui fazer um samba em **homenagem**
À nata da malandragem, que conheço de outros carnavais
Eu **fui à Lapa** e perdi a viagem,
Que aquela tal malandragem não existe mais.

Fonte: https://www.vagalume.com.br/chico-buarque/homenagem-ao-malandro.html. Acesso em: 9 fev. 2022. Grifo nosso.

Excerto 2

Dados da campanha indicam que as famílias "gastam 2% do seu orçamento em bebidas alcoólicas, percentagem sensivelmente **igual à** que gastam com as despesas de saúde e que é cerca do dobro do que gastam com a educação".

Fonte: https://www.corpusdoportugues.org/now/. Acesso em: 30 dez. 2021. Grifo nosso.

Excerto 3

[...] aquele que pode aceitar sua verdadeira Identidade está salvo de verdade. E sua salvação é a dádiva que ele dá a todos, em **gratidão Àquele** Que indicou o caminho para a felicidade que mudou toda sua perspectiva do mundo. [...]

Fonte: https://onovocomecothenewbeginning-moises.blogspot.com.br/2011/07/pratica-que-nos-oferece-independencia.html. Acesso em: 3 ago. 2017. Grifo nosso.

Observe que, na primeira ocorrência do Excerto 1, o substantivo *homenagem* rege o SN *a nata da malandragem*, sendo mediado pela preposição *a*, que, ao se fundir com o artigo definido feminino *a* que antecede *nata*, provoca a crase. Essa fusão é marcada, graficamente, pelo uso do acento grave, ficando, pois, "**à**". Na segunda ocorrência constante desse mesmo excerto, o verbo *ir* (*fui*) tem como complemento o SN *a Lapa*, o qual, como no caso anterior, vem com o artigo definido feminino *a* mesclado com a preposição *a*, que liga o SN ao verbo regente. Essa mesclagem configura a crase, daí esta ser igualmente indicada pela forma escrita ***à***.

No Excerto 2, o adjetivo *igual* tem como complemento nominal o pronome demonstrativo *a* (substituto do SN *a percentagem*, mencionada anteriormente no texto). Esse pronome funde-se com a preposição *a*, que o conecta ao adjetivo que o rege. Tal fusão gera a crase, o que leva à sua codificação acentuada (**à**).

No caso do Excerto 3, o substantivo *gratidão* subordina o pronome *Aquele*, seu complemento, mediado pela preposição *a*. Como esse pronome tem como inicial a vogal "a", esta se une à proposição que antecede a palavra, razão pela qual *Àquele* vem com a marca da crase ocorrida.

Leituras complementares

Para complementar/reforçar o conteúdo estudado nesta aula, sugerimos que você consulte os textos indicados a seguir.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário prático de regência verbal**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2010.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário prático de regência nominal**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2010.

Trata-se de duas obras – do mesmo autor –, uma dedicada ao tema da *regência verbal* e a outra ao da *regência nominal*, relacionando lexicologia e transitividade. A primeira, além de apontar o significado dos verbos, esclarece seu regime bem como qual a preposição indicada no caso da complementação indireta. Isso ajuda a dirimir dúvidas sobre a transitividade verbal. A segunda explicita o uso da preposição após substantivos e adjetivos, explicando, ainda, os significados dessas palavras em cada relação de regência. Não

fornece, entretanto, informações sobre a regência de advérbios nem de preposições/locuções prepositivas.

SIMÕES, Sérgio Lourenço. **Regência nominal e verbal sem segredo**. São Paulo: UNINOVE, 2009. (Série Palavra Final, v. 2).

Texto bastante similar a um manual de estudo/consulta. Trata do regime de verbos e nomes (estes também limitados a substantivos e adjetivos). No que tange à regência verbal, o autor faz uma abordagem relativamente mais completa, fornecendo, além das formas de regência, os significados de alguns verbos e exemplificação. Quanto à regência nominal, há tão somente uma extensa lista de substantivos/adjetivos com suas respectivas preposições mediadoras. Em todo caso, o livro é igualmente importante no auxílio a questões/dúvidas sobre transitividade verbal e nominal.



Resumo

Nesta aula, abordamos o regime de verbos e nomes, que diz respeito à relação entre um termo regente (verbo ou nome) e um termo regido, sendo este complemento daquele em condição subordinada. A esse regime, denominamos *regência verbal* ou *regência nominal*, conforme o caso. Vimos que essa relação ocorre, em geral, de forma indireta, isto é, mediante o uso de preposições que conectam regente e regido. Na regência nominal, o termo regente pode ser substantivo, adjetivo, advérbio, preposição ou locução prepositiva que requeira complemento (nominal). Vimos, ainda, que pode haver variação na relação entre o subordinante e seu(s) complemento(s), o que implica a presença ou a ausência de preposição, ou mesmo distinções no uso desse elemento relacional, e diferentes rearranjos morfossintáticos. Essas variações decorrem de certas condições do contexto sociodiscursivo, o que leva os usuários da língua a recorrerem a uma ou outra forma de expressão disponível. Por fim, tratamos brevemente do fenômeno da crase. A esse respeito, vimos que esta se caracteriza, no caso em estudo, pela junção da preposição *a* com outro *a* seguinte (artigo definido feminino, pronome demonstrativo, inicial de *aquele/a*), sendo marcada, na escrita, pela forma "**à**".

Autoavaliação

1 Analise os casos de regência verbal sublinhados a seguir. Depois, assinale apenas os que estão de acordo com a norma culta escrita.

a) As parafilias podem ser classificadas como opcionais (uma maneira alternativa de obter excitação para o sexo convencional), preferidas (a pessoa prefere a parafilia ao sexo convencional) e exclusivas [...]

Fonte: http://ailtonamelio.blog.uol.com.br/arch2013-08-01_2013-08-31.html. Acesso: 31 jul. 2017.

b) Não se esquecem de nada, anotam tudo, conseguem ser pontuais e obedecer a rotina de uma maneira perfeita.

Fonte: https://100freskura.wordpress.com/2010/08/17/o-lado-mau-dos-signos/. Acesso em: 31 jul. 2017.

c) Custa-me ver certos "founding fathers" não repararem como os "eus" dependem das "circunstâncias", [...]

Fonte: http://tempoquepassa.blogspot.com.br/2010_07_01_archive.html. Acesso em: 31 jul. 2017.

d) A fraternidade não implica quebra do cumprimento dos deveres. Uma organização fraternal continua a ser uma organização, com liderança e distribuição de tarefas.

Fonte: https://a-partir-pedra.blogspot.com.br/2012_02_01_archive.html. Acesso em: 31 jul. 2017.

e) Aquele policial que chega na porta de sua casa e atende a necessidade de sua família, protege seu lar e seus filhos.

Fonte: http://abordagempolicial.com/2012/08/mudanca-na-politica-de-promocoes-da-pm-de-minas/. Acesso em: 31 jul. 2017.

2 Justifique os casos da questão anterior que são considerados desvios do padrão adotado pela norma culta.

3 Justifique o uso da preposição mediadora (em destaque) envolvida nos casos de regência nominal a seguir considerando o que foi abordado nesta aula.

a) Eu estava simplesmente ansioso <u>para</u> tê-la a meu lado, porque ela me fazia sentir melhor.

Fonte: http://aabr.com.br/ver.php?id = 236&secao = 20. Acesso em: 31 jul. 2017.

b) A capacidade quase infalível de Thalberg de combinar qualidade com o sucesso comercial, para sintonizar arte com as exigências do caixa, fez com que ele não ficasse satisfeito **<u>com</u>** o trabalho dos roteiristas de "Drums Along the Mohawk".

Fonte: http://acervo.revistabula.com/posts/ensaios/qual-a-relacao-entre-william-faulkner-e-john-ford. Acesso em: 31 jul. 2017.

c) Necessitamos fazer parte do plano de Deus para a redenção do mundo. O Criador está desejoso **<u>em</u>** devolver para o Planeta Terra Seu projeto original, de perfeição e glória.

Fonte: http://esperanca.com.br/2011/01/27/toda-criacao-geme-e-suporta-angustias/. Acesso em: 31 jul. 2017.

d) Não sei se outra leitora passou por situação parecida com a sua. O que te digo é: se você não está confiante **<u>n</u>**o especialista, vá a outro.

Fonte: http://aendometrioseeeu.blogspot.com.br/2012/02/o-seu-sangue-menstrual-e-saudavel.html. Acesso em: 31 jul. 2017.

e) Se você está embarcando numa nova rotina, e pretende de uma vez por todas ser assíduo **<u>a</u>**o programa de exercício físico, é importante que se comprometa a segui-lo durante seis meses.

Fonte: http://www.escolapsicologia.com/abandone-as-desculpas-que-o-impedem-de-fazer-exercicio-fisico/. Acesso em: 31 jul. 2017.

4 Analise os casos de regência (verbal ou nominal) a seguir e, depois, marque aqueles em que o "a" deveria ter marca da existência de crase segundo a norma culta.

a) […] cada um **obedece a todos** sem **obedecer a ninguém** […]

Fonte: https://abrancoalmeida.com/ciencias/politica/o-misterio-ingles-e-a-corrente-de-ouro/. Acesso em: 3 ago. 2017.

b) […] há muito tempo temos **assistido a subversão** de algumas dessas verdades.

Fonte: http://avaranda.blogspot.com.br/2013_09_04_archive.html. Acesso em: 3 ago. 2017.

c) Branka Silva usou o Instagram para **responder a assessoria** de imprensa [...]

Fonte: http://180graus.com/entretenimento/exmulher-de-naldo-diz-que-recebe-esmolas-e-revela-suposta-traicao. Acesso em: 3 ago.2017.

d) **Acostumado a ideia** de legitimidade da exploração dos animais e da natureza […]

Fonte: http://ambientes.ambientebrasil.com.br/fauna/artigos/. Acesso em: 3 ago. 2017.

e) […] pode estar muito mais **relacionado a uma obrigação** sociocultural [...]

Fonte: http://abrimus.blogspot.com.br/2010/09/tenha-amigos-eles-podem-prolongar-sua.html. Acesso em: 3 ago. 2017.

Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**: atualizada pelo novo Acordo ortográfico. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário prático de regência verbal**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2010a.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário prático de regência nominal**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2010b.

SIMÕES, Sérgio Lourenço. **Regência nominal e verbal sem segredo**. São Paulo: UNINOVE, 2009. (Série Palavra Final, v. 2).

Ensino de Sintaxe na Educação Básica

Aula

12



Apresentação

Prezado(a) aluno(a), nesta aula, vamos discutir questões atinentes ao ensino de Língua Portuguesa (LP) na Educação Básica (EB), com foco em aspectos da sintaxe do português. De modo mais específico, faremos uma breve explanação das diretrizes curriculares nacionais para o ensino de LP nessa etapa da escolaridade, do tratamento da sintaxe nos níveis fundamental e médio. Contemplaremos, ainda, a perspectiva funcionalista para o estudo da sintaxe, explicitando pontos de convergência entre essa abordagem e as orientações curriculares. Por fim, apresentaremos sugestões para o tratamento da sintaxe em sala de aula.

Objetivos

1. Caracterizar as diretrizes oficiais para o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica e, em particular, para o tratamento da sintaxe do português.

2. Comparar a perspectiva funcionalista de estudo da sintaxe com as orientações curriculares oficiais.

3. Elaborar uma proposta de intervenção pedagógica de um tópico de sintaxe do português para os anos finais do ensino fundamental ou para o Ensino Médio.



1 Ensino de Língua Portuguesa em documentos norteadores nacionais

As orientações curriculares nacionais estão consubstanciadas em recente documento que norteia o ensino na educação básica no país, levando em conta um currículo comum, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018). Trata-se de

> [...] um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2018, p. 7).

No que diz respeito particularmente ao ensino de Língua Portuguesa, a BNCC reforça/retoma as bases já delineadas em documentos anteriores, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998) e as Orientações Curriculares Nacionais (OCN) (BRASIL, 2006).

Os PCN do Ensino Fundamental (EF) registram que, no processo de ensino e aprendizagem de LP, "espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem" (BRASIL, 1998, p. 32), de modo a viabilizar sua inserção efetiva na cultura letrada, diversificando as possibilidades de sua participação social no exercício da cidadania.

No que diz respeito ao Ensino Médio (EM), essa etapa pode ser tomada, segundo as OCN e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (BRASIL, 1996), como a fase de consolidação e de aprofundamento de conhecimentos construídos durante o EF. Nessa direção, prevê-se, para esse nível de escolaridade, o desenvolvimento de capacidades que possibilitem ao aluno: i) o avanço em níveis mais complexos de estudos; ii) a inserção no mundo do trabalho, em condições de prosseguir em seu aprimoramento profissional; iii) a atuação nas diferentes esferas da vida social, com ética e responsabilidade.

Tanto os PCN quanto as OCN enfatizam a produção e a recepção de textos em suas diferentes formas e em múltiplos contextos. Nos PCN, os conteúdos de Língua Portuguesa organizam-se em torno de dois eixos básicos: o uso da língua oral e escrita, e a reflexão sobre a língua e a linguagem. Considerando esses eixos, os conteúdos devem ser trabalhos por meio da Prática de escuta e de leitura de

textos e da Prática de produção de textos orais e escritos, ambas ligadas no eixo "uso"; e da Prática de análise linguística, vinculada ao eixo "reflexão". As OCN referendam essas diretrizes, no sentido de que enfatizam, para o EM, a continuidade e o aprofundamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta. Isso envolve a ampliação de saberes referentes à configuração, ao funcionamento e à circulação de textos bem como ao desenvolvimento da habilidade de reflexão sistemática sobre a língua e a linguagem (BRASIL, 2006).

Na BNCC, o ensino de Língua Portuguesa é organizado em quatro grandes eixos, que contemplam as práticas de linguagem já consideradas em outros documentos curriculares da área. São eles: oralidade; leitura/escuta; produção escrita e multissemiótica; e análise linguística/semiótica, esta compreende conhecimentos linguísticos (sistema de escrita, sistema da língua e norma-padrão), conhecimentos textual-discursivos e conhecimentos dos elementos de outras semioses.

Dado que esses eixos se relacionam a práticas de linguagem situadas, a BNCC leva em conta outra categoria na organização do currículo, a saber: os Campos de atuação em que essas práticas se realizam. Para o EF, são considerados cinco campos: Campo da vida cotidiana (apenas para os anos iniciais), Campo artístico-literário, Campo das práticas de estudo e pesquisa, Campo jornalístico-midiático e Campo de atuação na vida pública. No EM, registra-se o Campo da vida pessoal em lugar do Campo da vida cotidiana; os demais campos são os mesmos indicados para o EF.

Conforme observam Bispo e Silva (2020), Bispo e Furtado da Cunha (2022), os documentos oficiais de orientação curricular (BRASIL, 1998, 2006, 2018) destacam que os conteúdos gramaticais devem ser estudados considerando a importância que têm para a produção e a recepção de textos em sua multiplicidade. Nessa direção, tais conteúdos são redimensionados em termos de relevância, com foco em um trabalho calcado em práticas de análise linguística nas quais se promova uma reflexão sobre os efeitos semântico-pragmáticos e textual-discursivos dos mecanismos linguísticos recrutados para a construção de textos autênticos. O texto assume, nessa perspectiva, a centralidade para o ensino de LP e é tomado como unidade de trabalho (BRASIL, 2018). Tais premissas se coadunam com a visão funcionalista de tratamento de fenômenos gramaticais.

2 Ensino de Língua Portuguesa em perspectiva funcionalista

Antes de apresentar a abordagem funcionalista para o ensino de língua, vamos situar você acerca do Funcionalismo linguístico, mais particularmente, a vertente norte-americana desse modelo teórico (apresentado brevemente no tópico 1 da Aula 7). O Funcionalismo linguístico caracteriza-se por estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos interacionais em que ela é usada. Assume o pressuposto básico de que os recursos linguísticos (fonético-fonológicos e morfossintáticos) são mobilizados para atender a necessidades comunicativas (semânticas e pragmáticas) e cognitivas (a conceitualização, o modo como se dá essa conceituação, a extensão de significado etc.). Desse modo, a relação forma-função é o fio condutor que norteia os trabalhos desenvolvidos sob essa perspectiva teórica.

Conforme exposto no início da Aula 7, o termo Linguística Funcional abarca um espectro variado de correntes de estudos linguísticos que têm em comum, entre outros, o fato de procurar descrever e explicar a estrutura linguística com base em motivações/aspectos estruturais (relativos à forma linguística) e funcionais (relacionados ao uso da língua). Dentre essas correntes, destacamos a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e a Linguística Funcional norte-americana. Consideramos, nesta aula, a vertente funcionalista norte-americana.

Embora o Funcionalismo norte-americano não tenha uma agenda voltada especificamente ao ensino de língua, alguns pesquisadores brasileiros, notadamente ligados ao grupo Discurso & Gramática (D&G), têm discutido a relação entre pressupostos funcionalistas e o ensino de Língua Portuguesa e/ou de gramática. Nessa direção, há trabalhos que tratam da compatibilidade entre premissas funcionalistas e as diretrizes curriculares nacionais, como Oliveira e Cezario (2007); outros que discutem a natureza, o alcance e as implicações da Linguística Funcional para a prática pedagógica, a exemplo de Bispo (2007), Bispo e Silva (2011), Furtado da Cunha e Bispo (2012), Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2014), Oliveira e Wilson (2015), Furtado da Cunha e Tavares (2016), entre outros. Quase todas essas publicações têm se ocupado em demonstrar interseções entre postulados funcionalistas e orientações curriculares oficiais norteadoras do ensino básico, além de possibilidades de fundamentar o tratamento de fatos gramaticais na sala de aula com base nesses postulados.

Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2014, p. 84) registram que "a proposta de ensino de língua numa vertente funcionalista objetiva trabalhar questões linguísticas com base em seus propósitos discursivo-pragmáticos, vinculados a práticas sociais situadas". Essa visão

dialoga com a proposta dos PCN e das OCN (BRASIL, 1998, 2006) para o ensino de LP, especialmente quanto ao preparo do aluno para que ele possa utilizar adequadamente a linguagem nas múltiplas demandas sociais. Também encontra eco na BNCC (BRASIL, 2018, p. 139), segundo a qual

> Os conhecimentos sobre a língua, as demais semioses e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas.

A visão funcionalista de ensino de língua materializa-se em atividades de análise e de reflexão linguísticas, por meio das quais se aprimoram as capacidades de compreensão e expressão dos alunos, isto é, sua competência comunicativa (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2014). O trabalho analítico e reflexivo sobre a língua, conforme explicam Oliveira e Wilson (2008), deve tomar como ponto de partida a observação das estruturas mais regulares verificadas nas situações efetivas de uso da língua. Assim, o que se propõe é um trabalho que parta da investigação das estratégias recorrentes de expressão linguística, de modo a explicitar os princípios que regulam tais estratégias e que permitem a adequada interação entre os falantes. Destacamos, mais uma vez, a correspondência da perspectiva funcionalista com as orientações curriculares, nas quais encontramos

> Assume-se, na BNCC de Língua Portuguesa, uma perspectiva de progressão de conhecimentos que vai das regularidades às irregularidades e dos usos mais frequentes e simples aos menos habituais e mais complexos (BRASIL, 2018, p. 139).

Dessa forma, a orientação para o trabalho docente, diferentemente da abordagem tradicional, não seria calcada na prescrição normativa, mas deve tomar por base a observação das regularidades atestadas nas diversas interações comunicativas. Nesse sentido, algumas pesquisas funcionalistas mais recentes, no âmbito do D&G, têm avançado na interface Linguística Funcional e ensino de Língua Portuguesa. Amurim (2018), Bispo e Amurim (2019), Bispo e Silva (2020), por exemplo, discutem resultados de intervenções pedagógicas desenvolvidas em turmas do ensino fundamental, assentadas em pressupostos funcionalistas aliados às diretrizes e orientações curriculares nacionais. Trata-se de empreendimentos que conjugam descrição e análise linguística com a elaboração e a aplicação de proposta didática.

Atividade 1

1. Que continuidades podem ser identificadas entre a BNCC e as diretrizes anteriores (PCN e OCN) no tocante ao ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica?

2. Que alterações/incrementos podem ser observadas entre a BNCC e os documentos anteriores nesse âmbito?

3. Em que sentido/de que modo a perspectiva da Linguística Funcional é compatível com a proposta da BNCC relativamente ao ensino de Português?

3 Ensino de sintaxe na BNCC e no Livro Didático

Os conteúdos de Língua Portuguesa contemplados na BNCC decorrem das competências e habilidades definidas para os níveis fundamental e médio, as quais, por sua vez, estão vinculadas aos Campos de atuação (citados no penúltimo parágrafo do item 1 desta aula). As habilidades relativas aos conteúdos de sintaxe abrigam-se, mais especificamente, no eixo da análise linguística/semiótica.

Em relação à abordagem da sintaxe no EF, os tópicos referidos contemplam: sintagmas como constituintes imediatos da oração; a estrutura da oração (sujeito, predicados nominal e verbal, complementos verbais, adjuntos adnominal e adverbial, agente da passiva); transitividade verbal; período composto por coordenação (orações aditiva e adversativa); orações adjetivas (restritivas e explicativas); orações adverbiais; concordâncias nominal e verbal; regências nominal e verbal; colocação pronominal; estruturas sintagmáticas e oracionais utilizadas para expressar modalização; pontuação.

Esses tópicos encontram-se relativamente distribuídos ao longo dos quatro anos do EF. Em alguns casos, propõe-se a retomada/revisão de tópicos em um ano posterior, a exemplo das concordâncias nominal e verbal, propostas primeiramente no 6º ano (EF06LP06) e, depois, no 8º (EF08LP04). Há casos, entretanto, em que se ignora o grau de complexidade entre tópicos de um ano para o outro. Um exemplo disso é o estudo do período composto por coordenação no

6º ano (EF06LP07), que é um tópico mais avançado em relação ao da estrutura básica da oração, proposto no 7º ano (EF07LP07).

No que respeita às habilidades requeridas para essa etapa escolar no âmbito da sintaxe, podem ser citadas, por exemplo: emprego adequado das regras de concordância nominal e verbal (EF06LP06); classificação do período simples e dos períodos compostos (EF06LP09); identificação, em textos lidos ou de produção própria, dos constituintes que integram a estrutura básica da oração (EF07LP07); utilização dos conhecimentos linguísticos e gramaticais referentes à concordância, à regência e à pontuação na produção textual (EF07LP10 e EF08LP04); diferenciação, em textos lidos ou de produção própria, dos complementos direto e indireto de verbos transitivos (EF08LP07); interpretação dos efeitos de sentido de modificadores do substantivo, estando este em função de sujeito e/ou de complemento (EF08LP09); comparação da colocação pronominal na norma-padrão com seu uso no português coloquial (EF09LP10); inferência dos efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos (articuladores textuais) de coesão sequencial (EF09LP11).

No EM, os tópicos de sintaxe, do mesmo modo que no EF, também são contemplados em relação aos Campos de atuação. Quanto às habilidades às quais os conteúdos se vinculam, embora estejam relacionadas indistintamente aos quatro eixos, por suas especificidades, pode-se depreender que se situam, em especial, no da análise linguística/semiótica.

Entre os tópicos, listam-se, por exemplo: recursos coesivos diversos responsáveis pelas relações lógico-discursivas, que contribuem para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática (EM13LP02); diferentes recursos gramaticais (como locuções ou orações adjetivas e locuções ou orações adverbiais) que operam como modalizadores (EM13LP07); a ordem dos constituintes da sentença (e os efeitos de sentido envolvidos em sua inversão), a estrutura dos sintagmas e as categorias sintáticas, os processos de coordenação e subordinação (e os efeitos de seus usos), a sintaxe de concordância e a de regência (EM13LP08).

As habilidades previstas para esse nível escolar no domínio da sintaxe são, a título de exemplo, as que seguem: estabelecimento de relações entre as partes do texto, usando/reconhecendo elementos e recursos coesivos diversos que contribuem para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática, tendo em vista as relações lógico-discursivas envolvidas (EM13LP02); análise de recursos sintáticos (expressões/ orações adjetivas ou adverbiais) que expressam modalização, das estratégias de impessoalização bem como de elementos e aspectos da sintaxe do português (a ordem dos consti-

tuintes da sentença, os efeitos que causam sua inversão, a estrutura dos sintagmas, as categorias sintáticas, os processos de coordenação e subordinação) e, ainda, da sintaxe de concordância e de regência (EM13LP07 e EM13LP08); comparação do tratamento dado pela gramática tradicional e pelas gramáticas de uso contemporâneas em relação a certos tópicos gramaticais, a fim de se perceberem as diferenças de abordagem e o fenômeno da variação linguística (EM13LP09).

Em linhas gerais, o que podemos observar em relação às diretrizes da BNCC para o ensino de LP é a manutenção de competências e habilidades já previstas em documentos oficiais anteriores, aliadas a outras próprias do atual contexto sociocultural, caracterizado por maior diversidade das mídias sociais e por novas demandas relativas e seus usos. A principal diferença entre a BNCC e as normatizações curriculares precedentes consiste, basicamente, na vinculação das competências e habilidades (bem como dos conteúdos a elas atrelados) aos Campos de atuação nos quais as práticas de linguagem ocorrem.

No que diz respeito à abordagem da sintaxe, particularmente, a proposta da BNCC pouco difere do tratamento tradicional. Contudo, pode ser vista como relativo avanço, por exemplo, a consideração aos efeitos de sentido e implicações discursivas decorrentes da inversão sintática de constituintes oracionais e a estratégias e recursos morfossintáticos de modalização, o que parece coerente com a perspectiva teórico-metodológica adotada pela proposta.

Com relação ao Livro Didático de Língua Portuguesa (LDLP) adotado em turmas dos anos finais do EF e nas séries do EM, é possível observar que esse material busca atender às demandas da BNCC. Via de regra, o LDLP reproduz, na parte atinente ao manual do professor, as orientações constantes da Base, em termos de objetivos para o ensino de LP nessas etapas da escolaridade, de competências e habilidades a ser desenvolvidas.

Tomemos a coleção *Se liga na língua* – leitura, produção de texto e linguagem (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018) para os anos finais do EF como ilustração. O exemplar do professor traz, na parte inicial, a apresentação da obra seguida de um conjunto de informações atinentes:

i) à relação da coletânea com a BNCC;
ii) à concepção de linguagem assumida pelos autores;
iii) aos princípios teórico-metodológicos gerais;
iv) às práticas de linguagem e à organização da coleção, contemplando os eixos de leitura/escuta, produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica;
v) aos gêneros digitais;
vi) à interdisciplinaridade;

vii) à explanação de seções e boxes da coleção;
viii) às orientações gerais e específicas para o trabalho didático;
ix) às competências gerais para a Educação Básica;
x) às competências específicas à área de linguagens e às de Língua Portuguesa para o EF por campo de atuação e prática de linguagem;
xi) ao processo de avaliação.

No que tange ao eixo da análise linguística/semiótica, em particular, o manual do professor destaca que (i) é complementar aos eixos de leitura/escuta e de produção de textos, (ii) a metalinguagem e a aquisição da nomenclatura são recursos úteis para a organização e a exposição do pensamento sobre os fenômenos em estudo; (iii) na coleção, a descrição gramatical está "inserida em um contexto de produção global de sentido, e não em frases soltas, criadas artificialmente para a simples classificação dos fenômenos" (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. XVIII); (iv) a coleção busca relacionar os estudos da tradição a pesquisas mais recentes, levando em conta o nível de maturidade esperado para os alunos dos anos finais do EF.

Ao analisar os quatro volumes que integram a obra *Se liga na língua*, Bispo (2022) verifica que a abordagem aos fatos gramaticais

i) parte de textos diversos (não necessariamente do gênero foco do capítulo) nos quais há instâncias do fenômeno sob estudo;
ii) considera o contexto em que os fatos/fenômenos linguísticos ocorrem; para a subclassificação das entidades estudadas, contudo, são tomadas, com frequência, frases descontextualizadas;
iii) destaca, ainda que de forma pontual, o papel dos tópicos/fenômenos gramaticais em relação ao cotexto linguístico imediato e, mais raramente, em relação ao sentido global do trecho que integra;
iv) contempla atividades de análise e reflexão sobre o fenômeno linguístico em estudo, seguidas da conceituação e (sub)classificação;
v) leva em conta, pontualmente, nos exercícios propostos, aspectos semânticos e/ou pragmáticos implicados nos usos desses tópicos/fenômenos;
vi) busca relacionar, em alguma medida, o fenômeno linguístico focalizado ao conteúdo dos textos dos exercícios;
vii) dissocia, com certa frequência, nesses exercícios, as questões sobre o conteúdo do texto daquelas relativas ao tópico gramatical em estudo.

No que diz respeito ao estudo da sintaxe, a coleção contempla os objetos de conhecimento previstos na BNCC. Segue a taxonomia da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) e privilegia, conforme anunciado na seção atinente ao manual do professor, as variedades urbanas de prestígio social. Contudo, na abordagem a determinados fatos sintáticos, como *regência verbal*, por exemplo, pontua usos variáveis de alguns verbos em termos dos complementos de que são acompanhados (com ou sem preposição), a exemplo de *assistir* na acepção de *ver*; e de usos alternados, como ocorre com *lembrar-se/esquecer-se de* ou *lembrar/esquecer de*. Também há referência a achados de pesquisas recentes no campo da linguística, remetendo o docente para algumas obras, como Bechara (2010) e Bagno (2012), relativamente à dicotomia coordenação/subordinação nos processos de combinação oracional.



Atividade 2

1. Em que aspectos as orientações da BNCC para o ensino de sintaxe do português podem ou não ser consideradas inovadoras?

2. Considerando os livros didáticos examinados no item 3 desta aula, em que pontos podem ser vistos como coerentes ou não com a proposta da BNCC no que se refere à abordagem da sintaxe?

4 Ensino de sintaxe na Educação Básica: pensando possibilidades

Apresentamos, nesta seção, possibilidades de tratamento de tópicos de sintaxe da LP na EB em consonância com as diretrizes da BNCC e em conformidade com a perspectiva funcionalista de estudo de fatos linguísticos. Para tanto, consideramos dois aspectos atinentes ao EF (adjunto adnominal e adjunto adverbial) e dois relativos ao EM (coordenação adversativa e subordinação concessiva).

Relativamente aos objetos de conhecimento escolhidos para o EF, consta da BNCC a habilidade de interpretação de efeitos de sentido decorrentes de modificadores de substantivos, em função de sujeito ou complemento verbal (EF08LP09), e de modificadores

do verbo (EF08LP09). Exemplificamos, a seguir, como esses tópicos podem ser trabalhados em sala, visando ao desenvolvimento das habilidades referidas.

SAÚDE

"Doses de reforço contra covid-19 salvam vidas", diz especialista

Publicado 23/07/2022 - 13:10
Da Redação

Tomar a dose de reforço e manter o esquema de vacinação completo e atualizado ajuda a salvar vidas. A afirmação é de Mônica Levi, diretora da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIm).

"Todos os lugares tiveram uma queda da imunidade com o decorrer do tempo após a imunização. E eles viram que essa queda era ainda mais acentuada quando se considerava as variantes aparecendo", afirmou.

"Isso nos obrigou a instituir as doses de reforço que salvam vidas. As pessoas que estão adequadamente vacinadas, com duas doses e mais o reforço, e que estão pegando covid-19, estão tendo formas leves. No máximo, moderadas. Mas não estão internadas, entubadas ou morrendo. Isso é indiscutível. Isso ocorre no mundo inteiro", acrescentou.

Em entrevista à **Agência Brasil**, Mônica lembrou que as vacinas atuais não foram desenvolvidas para as variantes do novo coronavírus, mas para aquele vírus original, o primeiro identificado em Wuhan, na China. Apesar disso, essas vacinas continuam apresentando uma boa proteção contra a doença. "São vacinas que têm mantido seu papel principal que é evitar formas graves e óbitos, independente das variantes", observou.

Para ela, as pessoas precisam lembrar que o mundo enfrentou momentos bem difíceis na pandemia, com a internação e morte de milhões de pessoas. E que isso ainda não acabou. Por isso, os cuidados e a vacinação devem continuar sendo uma constante. "As pessoas têm memória curta. Há muito pouco tempo a gente estava disputando leitos, correndo atrás de oxigênio para usar em quem estava

precisando e agonizando. A gente estava num colapso de saúde pública, vivendo uma situação horrível. E as pessoas já não lembram mais disso por quê? A pandemia ainda não acabou. Estamos com a circulação dessas variantes, principalmente da BA.4 e BA.5. Há um ligeiro aumento de casos, estamos tendo um novo pico", destacou a diretora da SBIm.

Para ela, faltam campanhas para estimular as pessoas para que ampliem os esquemas vacinais. E não somente contra a covid-19.

"Eu acho que primeiro faltou uma campanha de comunicação mais efetiva. Essa dificuldade logística também. Você não sabe que posto vai estar aberto, qual vacina que vão te dar lá. Tem acontecido falta de comunicação com a população desde o começo da covid-19", alertou. "Agora, é um momento para a gente aumentar essa cobertura para a terceira e quarta doses, quer dizer, o primeiro e o segundo reforço, e as pessoas têm que ser motivadas", reforçou.

[...]

Disponível em: https://odocumento.com.br/doses-de-reforco-contra-covid-19-salvam-vidas-diz-especialista/. Acesso em: 23 jul. 2022. Texto adaptado.

O recorte textual reproduzido é parte de uma reportagem. Publicada na seção "Saúde" da versão digital do jornal *O documento*, trata da importância das doses de reforço para o combate a formas graves da covid-19 e, em decorrência, para evitar óbitos. O primeiro período do parágrafo inicial traz, de forma resumida, a essência da ideia tratada no texto.

O trabalho com o gênero *reportagem* está previsto na BNCC para os anos finais do EF. Integra as práticas de leitura, escuta e produção de textos e se situa no campo jornalístico-midiático. Nessa direção, constam da BNCC as seguintes habilidades associadas ao estudo desse gênero na sala de aula: EF69LP03, relativa à identificação do fato ou da temática retratada e a perspectiva de abordagem; EF69LP08, atinente à edição/revisão de reportagem; EF89LP08, referente à produção desse gênero textual.

A reportagem consiste em um gênero da esfera jornalística, veiculado normalmente em jornais e revistas, seja na versão impressa seja na digital. Para além de veicular informação sobre dado assunto/tema, a reportagem analisa esse tema de modo mais detido e lida com posicionamentos sobre ele, o que possibilita a presença de argumentação.

Conforme Bispo e Furtado da Cunha (2022, p. 54), lidar com o texto no espaço escolar em uma perspectiva sociointeracionista, em que se fundamenta a BNCC, envolve uma série de questões, das quais os autores destacam:

i) gênero textual em que se configura o texto, o que implica conteúdo temático, propósito comunicativo, estrutura composicional, estilo, suporte;
ii) interlocutores: quem produziu o texto e a quem ele se destina;
iii) espaço/tempo: lugar da produção e meio de circulação do texto; momento sócio-histórico de sua produção/recepção;
iv) linguagem utilizada: verbal, não verbal, verbo-visual, auditiva etc.;
v) intertextualidade: com que outro(s) texto(s) dialoga.

No caso da reportagem utilizada neste estudo, sua escolha se deveu à pertinência e à atualidade da temática abordada. Nessa direção, cabe destacar alguns fatos: i) o país vivenciou a pandemia da covid-19, a qual vitimou letalmente centenas de milhares de pessoas e infectou mais de três milhões de brasileiros; ii) foram desenvolvidas vacinas que se mostraram eficazes no combate à pandemia, em termos de redução de casos de infecção e de casos mais graves da covid-19; iii) muitas pessoas questionaram a eficácia dessas vacinas e passaram a divulgar informações falsas a respeito, desestimulando a imunização da população, em uma espécie de movimento negacionista; iv) esse negacionismo comprometeu a aplicação de doses de reforço, necessárias à imunização completa; v) em decorrência, parte da população deixou de atender a campanhas regulares de vacinação, sobretudo para o público infantil, levando à queda da taxa de imunização de crianças contra doenças há muito erradicadas no Brasil. Todas essas questões, além de outras pertinentes, claro, devem ser consideradas quando da leitura do texto selecionado para fins de detecção do fato/temática tratado, da perspectiva da abordagem feita e da identificação de seu(s) propósito(s) comunicativo(s).

Nesse contexto, o conteúdo da reportagem incide sobre a relevância do esquema vacinal completo para evitar as formas graves da covid-19 e o recrudescimento da pandemia. Para tanto, são mobilizados diversos expedientes, a exemplo de estratégias de natureza argumentativa, como a citação de autoridade, no caso, falas de uma especialista no assunto, a então diretora da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIm) Mônica Levi. Também são recrutados recursos linguísticos vários, a exemplo de elementos modificadores, adjuntos adnominais e adjuntos adverbiais, foco da discussão proposta nesta aula.

Tomemos como exemplo os seguintes trechos, com atenção especial aos elementos destacados:

i) "Tomar a dose **de reforço** e manter o esquema de vacinação **completo** e **atualizado** ajuda a salvar vidas".
ii) "As pessoas que estão **adequadamente** vacinadas, com duas doses e mais o reforço, e que estão pegando covid-19, estão tendo formas **leves**".

Os elementos em negrito atuam como modificadores do núcleo dos sintagmas em que ocorrem. O sintagma preposicional (SP) **de reforço**, morfologicamente uma locução adjetiva, figura no sintagma nominal (SN) **a dose de reforço** e especifica o substantivo **dose**: indica de que dose se trata. Os sintagmas adjetivais (SA) **completo** e **atualizado** determinam o bloco **esquema de vacinação**, com o qual integram o SN **o esquema de vacinação completo e atualizado**, delimitando sua significação (refere-se a um esquema de vacinação particular, no caso, com a inclusão de todas as doses previstas no calendário vacinal). O sintagma adverbial (SAdv) **adequadamente** incide sobre o conteúdo do adjetivo **vacinadas**, com ele compondo o SA **adequadamente vacinadas**, predicativo do sujeito. O adjetivo **leves** restringe semanticamente o referente de **formas** (no caso, da covid-19) e com ele integra o SN **formas leves**.

Esses elementos destacados em (i) e (ii) são considerados adjuntos dos núcleos dos sintagmas de que fazem parte. Os que modificam substantivos são adjuntos adnominais (**de reforço**; **completo**; **atualizado**; **leves**); o que modifica o adjetivo **vacinadas** funciona como adjunto adverbial (**adequadamente**).

É oportuno registrar que a abordagem desses tópicos em sala de aula deve partir da leitura do texto selecionado, considerando a temática tratada e a perspectiva sob a qual ela é abordada. É nesse contexto que entra a análise de elementos linguísticos (no caso em particular, os adjuntos adnominais e adverbiais), os quais concorrem para a construção do sentido do texto e para o alcance de seus propósitos comunicativos.

No trabalho em sala de aula, cabe destacar que esses adjuntos desempenham um relevante papel para o sentido local ou global do texto em que figuram. No caso analisado, os trechos (i) e (ii) veiculam conteúdo diretamente relacionado à temática do texto e, para tanto, os elementos destacados têm papel crucial. Os adjuntos adnominais **de reforço**, **completo** e **atualizado** atuam na delimitação do tipo de dose/esquema vacinal referido: trata-se da aplicação de reforço da vacina contra a covid-19 para que se complete e atualize o

ciclo (esquema) de vacinação, o qual, segundo se sustenta no texto, pode salvar vidas. Essa ideia é reiterada no período em (ii) por meio do uso do adjunto adverbial **adequadamente** e do adjunto adnominal **leves**. Destaca-se, com o uso desses elementos, que a adequada imunização (duas doses mais reforço) evita casos graves da doença e, assim, a possibilidade de internações e de óbitos dela decorrentes.

Outros modificadores (adjuntos adnominais e adverbiais) utilizados no texto também contribuem para o desenvolvimento da temática tratada e, em particular, para o que se defende relativamente à importância da vacinação. Assim, por exemplo, os adjuntos destacados no período "**Apesar disso** [de as vacinas atuais não terem sido desenvolvidas para as variantes do novo coronavírus], essas vacinas continuam apresentando uma **boa** proteção contra a doença" concorrem para mostrar a efetividade dos imunizantes disponíveis no combate a formas graves da covid-19. O adjunto adverbial **apesar disso** contrasta, por meio da concessão, o fato de as vacinas atuais terem sido desenvolvidas para o vírus original, o primeiro identificado em Wuhan, na China, com a informação de que elas apresentam efetividade na proteção ao novo coronavírus. Essa efetividade, aliás, é marcada pelo uso do adjunto adnominal **boa** em "uma boa proteção contra a doença". Esses elementos atuam, sobretudo, no propósito comunicativo do texto no sentido de confrontar o discurso negacionista acerca da eficácia da vacinação no enfrentamento da pandemia. A reportagem em foco, aliás, funciona como uma contrapalavra ao negacionismo então instaurado.

Em parágrafos subsequentes, são mobilizados outros adjuntos adnominais e adverbiais que também concorrem para esse propósito comunicativo, ao caracterizar a situação pandêmica vivida no país (e no mundo). Nessa direção, no quinto parágrafo, os adjuntos **bem** e **difíceis** (*momentos bem difíceis*, 1ª linha) e **horrível** (*situação horrível*, 6ª linha) relembram e avaliam os momentos enfrentados durante a pandemia; o bloco adverbial **ainda não**, incidindo sobre o verbo **acabar** (2ª e 7ª linhas), destaca a continuidade dessa situação. No último período do mesmo parágrafo, os adjuntos adnominais **ligeiro** (*ligeiro aumento de casos*) e **novo** (*novo pico*) demarcam o (possível) recrudescimento da pandemia. O emprego desses elementos, ao mesmo tempo que contradiz o discurso que questionava – entre outros fatores, a existência e/ou a gravidade da pandemia, as recomendações baseadas na ciência –, serve para a defesa da manutenção de cuidados e, sobretudo, para destacar a importância da vacinação.

Como podemos observar, o uso de adjuntos adnominais e adverbiais cumpre relevante papel na construção de sentidos do texto e no alcance de seus propósitos comunicativos. Desse modo, é salutar

que o professor, ao lidar com esses tópicos (e, naturalmente, com quaisquer outros) em sala de aula, analise, com os alunos, os aspectos semântico-pragmáticos a eles relacionados.

Quanto ao EM, uma das habilidades no plano da sintaxe – já prevista para o EF (EF06LP07 e EF06LP09) – é a análise dos processos de coordenação e subordinação, atentando-se para os efeitos de seus usos (EM13LP08). A título de ilustração de como entendemos a exploração de tal habilidade em relação a esses conteúdos, apresentamos uma amostra disso referente à coordenação adversativa e à subordinação concessiva (lembremo-nos de que a coordenação e a subordinação adverbial são tratadas neste manual como casos de parataxe e hipotaxe, respectivamente, conforme se encontram nas aulas 7 e 8).

Vejamos o seguinte recorte textual:

Fake news: uma verdade inquietante

Publicado em 06/08/2020
Por Luis Gustavo de Azevedo

[...]

A praga da desinformação é brutal e causa prejuízos incalculáveis. Não há, porém, vacina para esse mal. A tentativa de legislar, CPIs pirotécnicas ou de simplesmente usar o sistema judiciário para conter essa disseminação são caminhos sem saída. O projeto que está em tramitação no Congresso Nacional, aprovado no Senado e em discussão na Câmara, tem pontos positivos, pois joga luz num assunto extremamente importante. Porém, a proposta se torna inócua ao tentar colocar uma manada de elefantes dentro de uma caixa de sapato. Parece que os parlamentares não debateram de fato o assunto. Ou apenas usam o cenário atual para empurrar uma lei polêmica, que oferece soluções até simplistas, e outras extremamente complexas, como o "conselhão" da transparência. A possibilidade de dar errado ou de se tornar sem efeito é praticamente certa.

Estudos de universidades como Oxford (Reino Unido) e o MIT (EUA) já comprovaram que os usuários se engajam, promovem e viralizam mais *fake news* do que temas reais. E o pior é que boa parte das pessoas sabe que são fal-

sas; mesmo assim compartilha. As notícias falsificadas ou deslocadas estão cada vez mais sofisticadas, revestidas de um "rosto" amigável e bem produzidas, tendo como base conteúdos explosivos e polêmicos. Utilizam-se das disputas ideológicas e das assimetrias culturais, sociais e econômicas para se propagar. A pós-verdade impera. Transformam a opinião em verdade. E se alguém discordar, invoca-se a liberdade de expressão.

[...]

Todavia, há uma porta que se abre lá no fundo, pouco falada, mas fundamental: a educação. Cidadania não é trabalhada dentro das salas de aula. A compreensão dos cidadãos de seus direitos e deveres é muito rasa. A interpretação de texto é outra falha grave no ensino brasileiro. Os alunos saem da escola sem entender redação básica, o que facilita a difusão de notícias enganosas. Barreiras sociais e econômicas impedem a população de acessar informações, mesmo dentro das escolas. Não há incentivo à leitura. Apesar de estar inserida na Base Nacional Comum Curricular Brasileira, a educação midiática ainda é pouco adotada, mas seria o melhor caminho para deter o vírus da desinformação no seu estágio inicial.

[...]

AZEVEDO, Luis Gustavo de. **Fake news:** uma verdade inquietante. Disponível em: https://www.clp.org.br/fake-news-o-caminho-da-educacao-na-desinformacao/?utm_source=Google%20Grants&utm_medium=cpc&utm_campaign=MLG%2023.02.20%20ARTIGOS&gclid=EAIaIQobChMIwKqnma2P-QIVempvBB0UhAvXEAAYASAAEgLb1vD_BwE. Acesso: 25 jul. 2022. Com adaptações. Grifo nosso.

O recorte textual dado é parte do artigo de opinião "Fake news: uma verdade inquietante", de autoria de Luis Gustavo de Azevedo, jornalista formado pela PUC-RS e líder Master em Liderança e Gestão Pública (MLG). O artigo foi publicado no site *Centro de Liderança Pública* (CLP), cujo endereço eletrônico se encontra explicitado anteriormente.

O artigo de opinião é um gênero discursivo-textual de natureza eminentemente argumentativa. Nele, o autor expõe seu ponto de vista sobre uma questão polêmica e tenta fundamentá-la com razões que julga plausíveis. Esse gênero é, em geral, produzido por alguém que dispõe de certa gama de conhecimentos acerca do assunto sob discussão (normalmente uma pessoa com alguma formação na área).

Presume-se, portanto, que seu autor reúne um conjunto de saberes que o autoriza a expor publicamente seu parecer sobre a polêmica em debate, representando, desse modo, determinado grupo social que compartilha da mesma visão de mundo. Um aspecto relevante sobre esse gênero é que ele pertence exclusivamente à modalidade escrita da língua, sendo divulgado em suportes midiáticos diversos, entre eles, jornais, revistas e *blogs*, principalmente.

Conforme já sinaliza o título do texto, no artigo selecionado, o autor discute o problema das *fake news* (*notícias falsas*), hoje amplamente divulgadas, sobretudo na *web*. No recorte em tela, mais especificamente, o articulista apresenta os seguintes argumentos: as iniciativas políticas e os dispositivos legais mostram-se ineficazes no enfrentamento desse problema, pois não o tratam adequadamente; usuários da mídia virtual propagam *fake news* de forma consciente e irresponsável, por meio de recursos cada vez mais sofisticados e atrativos, aproveitando-se da ingenuidade e do despreparo de muitos leitores; a formação educacional no Brasil é deficiente, o que favorece o consumo e o compartilhamento desse tipo de informação de modo irrefletido. Em razão disso, o autor defende a tese de que a educação midiática, formadora de um leitor-cidadão mais maduro e criterioso, seria a melhor maneira de combater/neutralizar a desinformação gerada pelas *fake news*. Vemos, desse modo, que o autor organiza seu artigo conforme o percurso argumentos → tese.

Convém assinalar que, nas atividades didáticas com e sobre o texto – envolvendo seus aspectos enunciativos e linguísticos –, é de fundamental importância considerar fatores vários. Entre esses fatores, elencamos: identificação e apreciação preliminares de questões atinentes a gênero discursivo-textual, autoria, destinatário(s), esfera social de circulação, estrutura e organização textuais, temática, ideia central, objetivo(s), além de outros pontos necessários a uma visão/compreensão panorâmica do texto. Em se tratando do gênero *artigo de opinião*, incluem-se, nos aspectos apontados, considerações sobre a tese e os argumentos, julgando-se a plausibilidade/consistência dos raciocínios desenvolvidos.

Segundo a perspectiva funcionalista, em consonância com a BNCC, os recursos linguísticos (lexicais e gramaticais) são mobilizados pelos usuários de acordo com as contingências da própria interlocução: perfil social do autor e de seu público-alvo, interesses e propósitos discursivos em jogo, bem como condições e demandas do contexto sociocomunicativo. No caso do *artigo de opinião*, a organização morfossintática do texto configura-se de modo a favorecer a construção dos argumentos responsáveis pela sustentação da tese assumida pelo articulista.

Chamamos a atenção para o fato de que a língua tem sua razão de ser no uso, ou seja, nas situações reais em que se engajam diariamente falantes/escreventes e ouvintes/ leitores. Daí a importância de, no estudo de tópicos linguísticos em sala de aula, ser utilizados textos que circula(ra)m em contextos efetivos de interação discursiva e que, de preferência, vinculam-se à realidade sociocultural (imediata ou mais ampla) em que os alunos estão inseridos.

A esse respeito, concentrando-nos particularmente no tópico escolhido para ilustração – coordenação (parataxe) adversativa e subordinação adverbial (hipotaxe) concessiva –, vejamos como esses processos sintáticos colaboram para a estruturação da tese assumida por Luis Gustavo e em um ponto específico da cadeia argumentativa que a sustenta. A seguir, reproduzimos o último período do artigo, que corresponde à tese sob defesa.

Apesar de estar inserida na Base Nacional Comum Curricular Brasileira, a educação midiática ainda é pouco adotada, mas seria o melhor caminho para deter o vírus da desinformação no seu estágio inicial.

Esse período organiza-se em quatro orações, quais sejam: *Apesar de estar inserida na Base Nacional Comum Curricular Brasileira*, oração hipotática adverbial concessiva; *a educação midiática ainda é pouco adotada*, oração nuclear em relação à precedente; *mas seria o melhor caminho*, oração paratática sindética adversativa em relação à anterior; e *para deter o vírus da desinformação no seu estágio inicial*, oração hipotática adverbial final, que tem como núcleo a oração *seria o melhor caminho*.

Como já apontamos, tal período consiste na tese defendida pelo autor, a qual se compõe de três blocos conteudísticos assim distribuídos: o primeiro (*Apesar de estar inserida na Base Nacional Curricular Comum Brasileira*) e o segundo (*a educação midiática ainda é pouco adotada*) são de natureza factual; o terceiro (*mas seria o melhor caminho para deter o vírus da desinformação no seu estágio inicial*) é de caráter ao mesmo tempo hipotético, identificado pelo verbo *seria* no futuro do pretérito do indicativo, e propositivo, sinalizado pelo trecho *seria o melhor caminho*. Os dois primeiros blocos constituem uma espécie de base informativa preparatória para o desfecho do raciocínio opinativo do articulista, o que é representado pelo terceiro bloco, ponto central da tese.

Esses blocos conteudísticos diferenciam-se, entretanto, nos seguintes aspectos: enquanto o primeiro constitui uma informação dada (velha) – marcada pela hipotaxe concessiva topicalizada/anteposta –, o segundo e o terceiro expressam informações novas focais. Estas,

por seu turno, representam igualmente quebra de expectativa quanto ao conteúdo do primeiro bloco. Vejamos: uma vez que, estando a educação midiática já consignada na BNCC (fato mencionado na oração concessiva), é de se esperar que ela estivesse sendo amplamente praticada na educação nacional (contudo, ela é pouco adotada, segundo a afirmação contida na oração nuclear), a fim de preparar o alunado/a população para saber lidar com o problema das *fake news* de forma mais consciente e ética. Se assim fosse, poderia ser um meio de conter/inibir a disseminação de informações falsas/distorcidas no país (suposição opinativa do autor, expressa no bloco encabeçado pela oração adversativa).

Portanto, considerando-se especialmente a oração adversativa, vemos que ela, em geral, situa-se de forma paratática à direita da anterior, funcionando prototipicamente como contraponto informativo (contrajunção) e quebra de expectativa em relação a essa oração anterior. É comum, ainda, essa oração ser utilizada como argumento superior se comparado ao contido na que a antecede, o que atesta seu valor na construção do raciocínio pretendido para marcar posicionamento.

Voltando nossa atenção para a oração hipotática adverbial concessiva (*Apesar de estar inserida na Base Nacional Curricular Comum Brasileira*) no enunciado em análise, ressaltamos que, embora esteja em posição secundária, por não representar o núcleo focal da tese, tem participação considerável na construção desta. Primeiramente, essa oração encabeça o período, sendo seu constituinte topicalizado e, com isso, introduz o cenário para a afirmação posterior; segundo, em razão dessa posição no enunciado e de sua natureza semântica – não ser força suficiente para que algo (não) se realize –, ela cria expectativa no leitor em relação à afirmação subsequente, a qual se impõe como conteúdo de peso mais acentuado: o fato de a educação midiática ainda ser pouco adotada na educação brasileira. Conforme já frisamos, ambas as informações (a oração hipotática concessiva e a matriz a que se vincula) servem de apoio para a construção da tese. A oração concessiva, particularmente, tem sua importância no enunciado como um todo na medida em que atua como seu ponto de partida basilar, ensejando uma conclusão de conteúdo novo e de valor discursivo superior, no caso, a oração adversativa.

Convém observarmos, ainda, a contribuição das noções adversativa e concessiva na formulação de um dos argumentos do artigo em tela. Reproduzimos a seguir o período em que essas noções figuram.

E o pior é que boa parte das pessoas sabe que são falsas; mesmo assim compartilha.

Conforme podemos constatar no período anterior a esse trecho, o articulista nos informa que universidades renomadas no Reino Unido e nos EUA comprovaram, por meio de estudos, que usuários da mídia digital se interessam mais por informações falsas do que pelas verdadeiras. Nesse período selecionado, o autor explicita – em tom avaliativo, marcado pelo modalizador *o pior* – que uma parcela dos divulgadores desses conteúdos inverídicos age de modo consciente e voluntário; ou seja, sabem perfeitamente que estão praticando um ilícito ao disseminarem tais conteúdos. Do modo como está formulado, o período enfatiza o caráter intencional e fraudulento da ação de tais pessoas, servindo assim como um valioso suporte à opinião defendida por Azevedo, qual seja, a necessidade da educação midiática para uma atitude responsável.

Esse período compõe-se de quatro orações: a primeira (*E o pior é*), oração matriz da que lhe sucede; a segunda (*que boa parte das pessoas sabe*), subordinada substantiva predicativa em relação à sua regente anterior; a terceira (*que são falsas*), subordinada substantiva objetiva direta, oração complemento de *sabe*; a quarta (*mesmo assim compartilha*), paratática assindética adversativa, que contrasta com o conteúdo de *boa parte das pessoas sabe que são falsas*. Essa oração adversativa, em sua estrutura sindética mais comum, seria algo como: *mas/porém/contudo/todavia, mesmo assim, compartilha*. Na estrutura justaposta como se encontra (sem o conectivo adversativo explícito), destaca-se a locução conjuntiva *mesmo assim*, a qual, segundo Lima (2011), atua como elemento de realce concessivo, o que reforça o teor argumentativo do enunciado.

Considerando-se os blocos informacionais do período, articulados parataticamente, temos a seguinte divisão: o primeiro é formado pelas três primeiras orações, a saber, *E o pior é que boa parte das pessoas sabe que são falsas*; e o segundo, pela adversativa justaposta (assindética), isto é, *mesmo assim compartilha*. Esse período contribui para a formulação do argumento, uma vez que dá saliência a uma informação com viés apreciativo: o gravíssimo fato de que certos internautas sabem que o conteúdo que têm em mãos é distorcido/mentiroso, mas isso não os impede de repassá-lo desonestamente a outros. Essa constatação confere apoio ao ponto de vista do autor, conforme assinalamos anteriormente.

Examinando especialmente o segundo bloco (*mesmo assim compartilha*), vemos que a oração assindética adversativa representa o conteúdo central do período, com particular destaque para o predicado *compartilha*. É assim em razão de tal predicado conter a informação mais significativa para o argumento, visto que põe em maior

relevo a atitude desonesta e inconsequente dos que veiculam *fake news* mesmo sabendo tratar-se de conteúdo enganoso.

Quanto à locução conjuntiva *mesmo assim*, esta se constitui de duas partes com funções discursivo-textuais importantes: *mesmo* expressa a ideia de concessão, preparando o interlocutor para o desfecho do enunciado; *assim* retoma, de modo anafórico e sintético, a informação do trecho anterior (*boa parte das pessoas sabe que são falsas*). Esses dois elementos juntos, compondo a noção concessiva, jogam luz tanto na declaração antecedente quanto na seguinte (*compartilha*), com maior foco nesta, a qual engloba ao mesmo tempo a conclusão e o ponto alto do argumento. A presença de tal locução no enunciado faz jus ao seu valor de realce inserido na oração de conteúdo adversativo, segundo já assinalado por Lima (2011). Conforme verificamos, na oração que integra o segundo bloco do período sob análise, articulam-se as noções adversativa e concessiva para a construção do argumento.

Pela breve análise que fizemos dos dois períodos compostos, pudemos constatar o valioso papel que a parataxe adversativa e/ou a hipotaxe concessiva podem exercer na formulação de dado raciocínio de viés opinativo, tanto no que se refere à tese quanto no que diz respeito ao argumento. Considerando a função que desempenham, seu estudo em sala de aula vincula-se não apenas ao Campo da vida pessoal mas também ao da vida pública (previstos na BNCC), posto que a argumentação é um recurso discursivo-interacional imprescindível nas diversas esferas do cotidiano social para a defesa de ideias/causas e a reivindicação de direitos/medidas.

Essas duas subclasses de período composto possuem em comum o fato de pertencerem ao âmbito semântico da contraposição, designando contrariedade (adversativa ou concessiva) quanto a uma asserção/ideia com a qual se associam. Entretanto, distinguem-se no que respeita à sua organização sintática e à orientação argumentativa que expressam.

A parataxe adversativa apresenta posição sintática mais fixa, colocando-se sempre após a oração com que se relaciona semanticamente. Nessa condição, a adversativa carreia a informação nova, atraindo maior saliência focal sobre si. Ademais, com seu valor contrastivo, sobrepuja a ideia contida na oração precedente, desfazendo uma expectativa criada e se mostrando como argumento mais forte.

Já a hipotaxe concessiva tem estrutura mais maleável, uma vez que a oração que a exprime pode vir anteposta (à esquerda) ou posposta (à direita) em relação à sua dominante (oração nuclear/matriz/principal). Tal maleabilidade estrutural tem reflexos na formulação do raciocínio pretendido e na força argumentativa que essa

oração pode expressar. Estando anteposta – posição mais comum –, contém a informação introdutória que serve como ponto de partida/apoio à ideia principal/focal (de maior peso discursivo) contida na oração matriz subsequente; vindo posposta à principal, a concessiva adquire certa proeminência, uma vez que atua como uma espécie de comentário/esclarecimento contrastivo adicional em relação à declaração precedente.

Fica demonstrado, portanto, que a abordagem da sintaxe nas aulas de LP da educação básica, no nível da oração ou do período, deve ancorar-se nas demandas sociointeracionais dos falantes/escreventes, no contexto em que se dão, buscando compreender/elucidar intenções comunicativas subjacentes. Significa que tal abordagem não pode limitar-se à mera identificação/classificação sintático-semântica de categorias linguísticas. Para além disso, deve encaminhar-se no sentido de se identificarem/agenciarem os recursos sintáticos disponíveis, considerando suas possibilidades expressivas para o engendramento de raciocínios/ideias plausíveis e consistentes. As habilidades desenvolvidas pelos alunos nesse plano linguístico, segundo recomendam a BNCC (BRASIL, 2018) e a perspectiva funcionalista (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2014), precisam estar em sintonia com as necessidades e exigências dos variados ambientes de interação de que participam a fim de que tenham desempenho exitoso.

Orientando-se por esse viés teórico-metodológico para o tratamento da sintaxe, o professor pode, por exemplo, partir de uma atividade de leitura na qual se analise/discuta com os alunos um tema de interesse/relevância mais imediato(a) para eles e/ou para o entorno social em que vivem, refletindo sobre a configuração de certos encadeamentos e arranjos sintáticos (oracionais e de períodos compostos), suas inter-relações semânticas e em que medida cumprem determinados propósitos discursivo-pragmáticos. O docente pode, ainda, valer-se de uma prática situada de produção textual, a fim de atender a dada necessidade de participação/intervenção dos alunos na vida social (escolar ou em um contexto extraescolar), chamando a atenção para decisões quanto à estruturação intra e intersentencial do que eles textualizam e a pertinência/validade disso para os efeitos de sentido almejados.

Leituras complementares

Para que você complemente/reforce os conhecimentos adquiridos e/ou (re)lembrados nesta aula, indicamos a leitura dos seguintes textos:

BISPO, E. B.; CORDEIRO, F. da S.; LUCENA, N. L. de. Funcionalismo linguístico e ensino de português: convergências, possibilidades e prática docente. **Revista do GELNE**, v. 24, n. 1, p. 192–207, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/29367. Acesso em: 1 fev. 2023.

Neste artigo, os autores analisam a convergência entre postulados da Linguística Funcional de vertente norte-americana e o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica. Registram que, embora essa perspectiva teórica não esteja essencialmente voltada ao ensino de línguas, há um movimento de pesquisadores funcionalistas brasileiros nessa direção a partir de três fases distintas. A primeira diz respeito ao estabelecimento de um diálogo teórico entre as premissas, os objetivos e os procedimentos de análise da Linguística Funcional e as diretrizes educacionais que embasam o ensino de Língua Portuguesa no Brasil. A segunda corresponde à aproximação, por meio de sugestões, de encaminhamentos metodológicos voltados ao ensino de Língua Portuguesa, mas sem intervenção no ambiente escolar. A terceira e última fase refere-se à elaboração e à aplicação de propostas intervencionistas em salas de aula da Educação Básica.

BISPO, E. B.; FURTADO DA CUNHA, M. A. "Não tomar partido é tomar partido": chunks e ensino de língua portuguesa. *In*: OLIVEIRA, M. R.; WILSON, V. (org.). **Discurso e gramática**: entrelaces e perspectivas. Curitiba: CRV, 2022. p. 137-158. (Coleção PPLIN Presente, v. 1). Disponível em: https://www.editoracrv.com.br/produtos/detalhes/36774-discurso-e-gramaticabr-entrelaces-e-perspectivas-brcolecao-pplin-presente-brvolume-1. Acesso em: 1 fev. 2023.

Neste capítulo, os autores discutem a possibilidade de tratamento de um fenômeno linguístico em sala de aula da Educação Básica com base na perspectiva funcionalista. Tomam como objeto o uso de verbos leves, a exemplo de *tomar*, *dar* e *fazer*, seguidos de SN, constituindo um todo de forma e sentido (*tomar partido, dar cabimento, fazer parte*). Inicialmente, Bispo e Furtado da Cunha caracterizam esses agrupamentos, denominados *chunks*, em termos de sua constituição

formal e de seus valores semânticos à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Em seguida, apresentam uma proposta de tratamento desses *chunks* em uma turma do 8º ano, fundamentando-a na correlação entre Linguística Funcional e orientações curriculares oficiais para o ensino de Língua Portuguesa.



Resumo

Nesta aula, fizemos uma sucinta e panorâmica explanação das diretrizes curriculares nacionais para o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica (níveis fundamental e médio), com atenção específica à sintaxe do português. Primeiramente, apresentamos as orientações curriculares mais gerais para o ensino de LP consubstanciadas na BNCC. Nesse ponto, foram assinaladas convergências e distinções entre esse novo documento e seus predecessores – os PCN, para o nível fundamental; e as OCN, para o médio. Depois, traçamos um breve perfil da Linguística Funcional, em suas três principais vertentes. Dando prosseguimento, enfatizamos a existência de diálogo entre a proposta desse modelo teórico-metodológico para o ensino de português e a da BNCC. Continuando, explicitamos resumidamente os encaminhamentos da BNCC para o ensino de sintaxe do português na EB e o tratamento desse plano de estudos em livros didáticos de LP, procurando identificar coerências e discrepâncias entre ambos. Por último, procedemos a uma pequena demonstração de possibilidades de abordagem da sintaxe em sala de aula, tomando como exemplificação alguns tópicos desse domínio linguístico.

Autoavaliação

Considerando o que foi apresentado e sugerido nesta aula a respeito do ensino de sintaxe do português na Educação Básica, **selecione um tópico específico** relacionado a esse plano de estudo linguístico, a ser trabalhado com alunos de um ano do EF (anos finais) ou do EM. Em seguida, **desenvolva uma breve proposta de abordagem** (intervenção pedagógica) em sala de aula, associando-a a um dos Campos de atuação previstos na BNCC. Sua proposta deve pautar-se pelas seguintes orientações:

1. apresentação do tópico, do ano e do nível de ensino, acompanhada de uma breve justificativa para a escolha;
2. definição dos objetivos da proposta interventiva;
3. explicitação da ancoragem do tópico (se com base em uma atividade de leitura ou de produção textual), indicando o tempo (número de aulas) destinado para isso;
4. definição do gênero discursivo-textual e da temática que servirão de suporte e fio condutor do trabalho;
5. esclarecimentos quanto à metodologia (etapas, procedimentos e recursos didáticos) da abordagem do tópico;
6. indicação dos mecanismos de avaliação para verificar o alcance dos objetivos propostos;
7. referências bibliográficas.

Referências

AMURIM, Maria Estela Lima da Costa. **Pronome relativo**: articulação oracional e produção escrita. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, Natal, 2018.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. 2. ed. Ampliada e atualizada pelo novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BISPO, Edvaldo Balduino. Oração adjetiva cortadora: análise de ocorrências e implicações para o ensino de português. **Linguagem & Ensino**, v. 10, n. 1, p. 163-186, 2007.

BISPO, Edvaldo Balduino Bispo; SILVA, José Romerito. Análise linguística na educação básica: entre o real e o possível. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA (SIMELP). 1., 2011, Uberlândia-MG. **Anais**[...]. Uberlândia-MG: EDUFU, 2011. v. 1. p. 1-12.

BISPO, Edvaldo Balduíno; AMURIM, Maria Estela Lima da Costa. Articulação oracional e produção escrita: um trabalho com o pronome relativo. **Investigações**, Recife, v. 32, p. 275-304, 2019.

BISPO, Edvaldo Balduíno; SILVA, Lígia Maria da. Abordagem funcionalista da oração adjetiva: uma intervenção pedagógica no ensino fundamental. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 10, p. 1-21, 2020.

BISPO, Edvaldo Balduino; CORDEIRO, Fernando da Silva. Um olhar funcionalista sobre a abordagem de tópicos gramaticais no livro didático de Língua Portuguesa. Comunicação oral. *In*: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA (SIMELP). 8., 2022, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: *[s.n.]*, 2022.Disponível em: https://simelp.com/?fs = e&s = cl. Acesso em: 1 fev. 2023.

BISPO, Edvaldo Balduino; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Não tomar partido é tomar partido: chunks e ensino de língua portuguesa. *In*: OLIVEIRA, Mariangela Rios de; WILSON, Victoria. (org.). **Discurso e gramática**: entrelaces e perspectivas. Curitiba: CRV, 2022. p. 137-158.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. Parte II – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **PCN + Ensino Médio**: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002. v. 2.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília/DF: MEC/SEB, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 1 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Orientações curriculares para o ensino médio. Brasília: MEC/SEB, 2006. v. 1.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Relações sintático-semânticas da oração. *In*: PALOMANES, Roza; BRAVIN, Ângela M. (org.). **Práticas de ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 143-164.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; TAVARES, Maria Alice. **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2016.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso e ensino de português. **Gragoatá**, Niterói-RJ, v. 19, n. 40, p. 80-104, 2014.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; CEZARIO, Maria Maura. PCN à luz do funcionalismo linguístico. **Linguagem & Ensino**, n. 10, p. 87-108, 2007.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; WILSON, Victoria. Linguística e ensino. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 235-242.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; WILSON, Victoria. Linguística funcional aplicada ao ensino de português. *In*: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola, 2015. p. 79-110.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua**: leitura, produção de texto e linguagem. São Paulo: Moderna, 2018. (Obra em 4 volumes: 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental).

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, [1958] 2014.

PEZATTI, Erotilde Goreti. Ordenação de constituintes em construções categorial, tética e apresentativa. **D.E.L.T.A.**, v. 28, n. 2, p. 353-385, 2012.

Perfil dos autores

Edvaldo Balduino Bispo

Graduado em Letras – Português/Inglês, mestre e doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Realizou pós-doutorado Sênior pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com apoio da FAPERJ. Professor Associado da UFRN e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), do qual foi coordenador nos biênios 2015-2017 e 2017-2019. Docente permanente do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), unidade Natal. Foi professor de Língua Portuguesa da Educação Básica durante 17 anos, tendo atuado em redes municipal, estadual, particular e federal. Docente do curso de Letras EaD da UFRN desde 2014. Membro do GT Descrição do Português da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), do qual foi coordenador no biênio 2016-2018. Editor-chefe da Revista do GELNE e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Líder do grupo Discurso & Gramática (D&G)/UFRN, seus temas de interesse voltam-se à morfossintaxe do português e ao ensino de língua portuguesa sob a perspectiva da Linguística Funcional de vertente norte-americana e da Linguística Funcional Centrada no Uso. É coorganizador de livros e autor de vários capítulos e artigos científicos relacionados a esses temas.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/8914149462152107
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5607-3407
E-mail: edbbispo@gmail.com

José Romerito Silva

Possui graduação em Letras, graduação em Pedagogia, mestrado e doutorado em Estudos da Linguagem, todos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor Associado (aposentado) da UFRN, onde atuou na Escola de Ciências e Tecnologia (ECT), no curso de Letras EaD e no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL). Atuou, ainda, como docente de ensino superior (graduação e pós-graduação *lato sensu*) na Universidade Potiguar (UnP). Foi professor de Língua Portuguesa dos níveis fundamental e médio nas redes pública e privada durante 30 anos, tendo também atuado como Supervisor escolar. É membro do grupo de estudos *Discurso e Gramática* (D&G), seção UFRN. Desenvolve pesquisas e orienta trabalhos de mestrado e de doutorado na perspectiva teórica da Linguística Cognitivo-Funcional, com especial interesse em morfossintaxe do português, articulando Linguística Funcional norte-americana e Gramática de Construções. É autor e organizador de livros bem como autor de capítulos e artigos científicos sobre essa temática.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/3019853017228573
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2507-9742
E-mail: jromerito@ect.ufrn.br

A Coleção Material Didático – Série EaD – faz parte da linha editorial didático-pedagógica da Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EDUFRN) e foi produzida pela Secretaria de Educação a Distância (SEDIS/UFRN) no mês de abril de 2023 no Rio Grande do Norte, em papéis Offset 90 g/m² (miolo) e Cartão Duo Design 300 g/m² (capa).

SEDIS – Secretaria de Educação a Distância da UFRN | Campus Universitário
Praça Cívica | Natal/RN | CEP 59.078-970 | sedis@sedis.ufrn.br | www.sedis.ufrn.br

UFRN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

sedis
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

UAB UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

ABEU
Associação Brasileira das Editoras Universitárias

